"O Marxismo não é um dogma,
mas um guia para a acção."

Engels

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS

QUESTÕES DA DOUTRINA MARXISTA-LENINISTA

ÍNDICE

Segunda secção — SOCIALISMO CIENTÍFICO

Terceira secção — ECONOMIA POLÍTICA

NOTA PRÉVIA

O presente livro é uma compilação de apontamentos de um curso e por esse facto tem algumas limitações que convém referir. A primeira limitação é a **forma** como está redigido, pois tendo sido feito a partir de notas pessoais do referido curso, seria necessário reescrevê-lo tõtalmente, mudando-lhe a forma e corrigindo-o nalguns sítios, o que atrasaria a sua publicação. A segunda limitação é devida às citações nele contidas; uma boa parte delas não são exactas; apenas as que estão entre aspas são exactas.

Apesar disso a sua publicação é considerada de importância para a preparação ideológica do Partido, pois o seu **conteúdo** é correcto e por isso se resolveu editar este livro.

A necessidade de uma formação ideológica sistematizada faz-se sentir para a maioria dos quadros pois muitos daqueles que têm conhecimentos do marxismo-leninismo, obtiveram-nos nos livros de uma forma dispersa e não os têm por conseguinte de forma sistematizada; ao mesmo tempo, muitos camaradas há que não possuem sequer esses conhecimentos dispersos.

Coloca-se muitas vezes, no entanto, uma questão: "eu queria estudar, mas não sei como é que hei-de estudar".

Qual é pois o melhor método que se deve empregar para estudar este livro?

É evidente que para os camaradas que abordam pela primeira vez os temas deste livro, o método de estudo deve ser diferente do que para os camaradas que já possuem conhecimentos sobre os mesmos.

Por isso, para um melhor aproveitamento do conteúdo deste livro, indicamos os três métodos que podem ser seguidos para o seu estudo.

O **primeiro método** destina-se aos camaradas que abordam estes temas pela primeira vez e pode-se formular do seguinte modo:

1. estudar **apenas** o texto do livro, **sublinhando** as partes que acham mais importantes, **tomando** notas tanto quanto possível num caderno à parte;
2. começar por ler os capítulos mais simples, tais como: AS CLASSES E A LUTA DE CLASSES, A ESTRATÉGIA E A TÁCTICA, A NECESSIDADE DA VIOLÊNCIA, A DITADURA DO PROLETARIADO, depois passar aos capítulos referentes ao OPORTUNISMO E REVISIONISMO e em seguida aos capítulos acerca de "O PARTIDO"; só depois passar ao estudo dos capítulos da ECONOMIA POLÍTICA e finalmente os da FILOSOFIA;
3. ligar sempre o que se estuda à prática que se tem; comparar a teoria que vem no livro com a prática que cada um conhece e na qual participa.

Os camaradas que já possuem conhecimentos sobre os temas expostos neste livro devem seguir métodos diferentes que a seguir indicamos.

Assim, o **segundo método** é o do estudo integral do presente livro. Para isso os camaradas devem seguir os seguintes caminhos:

1. Estudar capítulo a capítulo;
2. Ler a bibliografia indicada para cada capítulo;
3. Relacionar o capítulo com a bibliografia estudada, tomando notas das questões mais salientes e das dúvidas que por ventura apareçam, fazendo tanto quanto possível chegar essas dúvidas à Comissão do CC encarregada da formação ideológica para esta poder dar as respostas;
4. Ligar o estudo com a prática que se conhece.

O **terceiro método** é o do estudo segundo os problemas que surgem na prática.

Muitas vezes na prática surgem problemas aos quais nós não sabemos dar respostas imediatas, seja na fábrica, seja numa região, seja até simplesmente na discussão com um militante do partido revisionista. Acontece porém que em muitos casos os clássicos já deram respostas a problemas semelhantes. Assim, o método de estudo deve ser também diferente.

Deve-se procurar estudar essas questões tanto no presente livro como na bibliografia indicada para cada tema.

Tendo em conta as diferenças das situações, isto é, a diferença entre a situação a que se refere o livro ou os clássicos e a situação na qual actuam os camaradas, estes devem estudar para estarem à altura de darem uma resposta clara e esclarecedora sobre o assunto.

Este método é o que permite uma melhor assimilação pois neste caso estuda-se para se aplicar e segue-se assim o conselho de Engels: *"o marxismo não é um dogma mas um guia para a acção"*.

I

A importância da teoria materialista dialética do conhecimento para a actividade prática revolucionária

1. O QUE É A FILOSOFIA MARXISTA-LENINISTA E OS SEUS OBJECTIVOS

A teoria marxista-leninista que se denomina o materialismo dialéctico e o materialismo histórico, é a concepção revolucionária do mundo, é a concepção do proletariado.

As 3 partes integrantes do marxismo-leninismo

O marxismo-leninismo tem três partes integrantes: 1) a filosofia marxista-leninista; 2) a economia política; 3) o socialismo científico. Para explicar o que é a filosofia marxista, a sua importância e o que estuda, é necessário saber em primeiro lugar o que é a filosofia em geral.

A filosofia é a concepção do mundo, isto é, é um sistema de opiniões, de noções e de representações sobre o mundo ambiente no seu conjunto e sobre o lugar e o papel do homem no mundo. Em sentido geral, é o conjunto de pontos de vista sobre o mundo, sobre os factos da natureza e da sociedade: ideias filosóficas, sociais e políticas, éticas, estéticas, científicas, etc.

A filosofia é uma ciência muito antiga. Surgiu há cerca de 2 500 anos na sociedade esclavagista.

As primeiras opiniões filosóficas encontrámo-las na antiga Índia e na antiga China. Mas é na antiga Grécia, em especial, que ela aparece de forma mais sistematizada.

Compreende-se perfeitamente que os escravos, devido às próprias condições de vida e de trabalho duro e difícil, não tinham condições para elaborarem as suas próprias concepções do mundo.

Desde que surgiu a filosofia, vemos cristalizadas duas correntes filosóficas principais, contrárias uma à outra, em luta uma com a outra, luta essa que continua ainda nos nossos dias.

Qual é o principal problema que divide as duas correntes?

O principal problema que divide as correntes filosóficas é o de saber qual é a relação entre a matéria e a consciência.

Engels dizia na sua obra "Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã" que **este problema tem duas faces.**

A primeira face do problema principal da filosofia é: **Qual é primário, a matéria ou a consciência?**

Como resolvem as duas correntes filosóficas esta questão? Qual é primário e qual é secundário?

Os filósofos que afirmavam "a matéria é primário" constituíam o terreno da filosofia materialista.

Os que afirmavam "a consciência é primário e a matéria é secundário" constituíam o terreno da filosofia idealista ou a corrente idealista.

Para a filosofia materialista a matéria é primário, quer dizer, não foi criada por nenhuma força externa; a matéria está em constante movimento, em desenvolvimento, em constante mudança; a matéria não tem princípio nem fim.

Na compreensão filosófica materialista, percebemos que tudo existe independentemente da consciência do homem.

A matéria é a base, a fonte de tudo o que existe. A definição mais completa da matéria, deu-a Lénine:

"A matéria é uma categoria filosófica que serve para designar a realidade objectiva que aparece ao homem nas suas sensações, que a copiam, fotografam, que a reflectem, e que existe independentemente dessas sensações."

(Lénine: "Materialismo e Empiriocriticismo")

Assim, podemos afirmar que a característica fundamental que faz com que o materialismo dialéctico tenha uma compreensão materialista sobre a matéria é que esta existe objectivamente, quer dizer, existe independentemente da consciência.

Por exemplo, na filosofia materialista dizemos: o mundo existe objectivamente, fora da consciência, quer dizer, não depende da consciência. Assim resolve a filosofia materialista o problema de saber qual é primário.

A matéria é primário e a consciência é secundário. A matéria surge primeiro e a consciência surge depois. É esta a posição da filosofia materialista.

Ao contrário do materialismo, como resolve a filosofia idealista este problema? O idealismo considera a consciência primário e a matéria secundário, quer dizer, primeiro surge a consciência e só depois surge a matéria. A filosofia idealista considera a matéria como um produto da consciência.

O que é a consciência na filosofia? A consciência é a forma superior do reflexo da realidade objectiva: é uma forma especificamente humana. A consciência é também uma forma de matéria organizada numa escala mais elevada pois é uma função, como dizia Lénine:

"desta parcela particularmente complexa da matéria que tem o nome de cérebro humano" (idem)

Esta era pois a primeira face do problema principal da filosofia.

Qual é a segunda face?

A segunda face do problema principal da filosofia, como disse Engels, é a seguinte: **É possível ou não conhecer o mundo?**

O materialismo e o idealismo dão igualmente respostas contrárias a esta questão.

O materialismo dá uma resposta afirmativa. Segundo a filosofia materialista é possível conhecer o mundo. O cérebro humano é capaz de desvendar os segredos da natureza, de descobrir as leis da natureza, de descobrir as leis do desenvolvimento da sociedade.

É o próprio desenvolvimento da sociedade humana e o desenvolvimento das ciências naturais e sociais que demonstram que o mundo pode ser conhecido.

A filosofia idealista dá, em geral, uma resposta negativa a esta questão. Os filósofos idealistas quando falam do conhecimento do mundo que nos rodeia ou dizem que só se pode conhecer as ideias sobre o mundo, ou dizem como a religião que para conhecer o mundo é preciso ler a Bíblia ou os textos sagrados, ou dizem pura e simplesmente que o mundo não pode ser conhecido; no fundo, os idealistas negam a possibilidade de se conhecer o mundo.

Por isso, as duas correntes filosóficas – a materialista e a idealista – estão em luta uma contra a outra e reflectem de forma diferente a realidade do mundo.

A filosofia materialista é uma filosofia correcta, científica, porque explica correctamente o mundo e os seus fenômenos, enquanto a filosofia idealista é uma filosofia incorrecta porque explica-os de forma deturpada.

Na essência, o idealismo e a religião dão a mesma explicação do mundo. A tese atrás mencionada que é o fundamento do idealismo (que a consciência é primário e a matéria é secundário) não é outra coisa senão uma tese com forma diferente das teses da religião, de que o mundo foi criado por Deus.

A filosofia teve e tem um carácter de classe.

A filosofia idealista representa os interesses das classes reaccionárias, a concepção do mundo das classes reaccionárias, enquanto que a filosofia materialista representa os interesses das classes progressistas da sociedade.

A filosofia materialista, tanto no passado como no presente, baseia-se

nas ciências e na prática, enquanto a filosofia idealista teve sempre como aliado a religião.

A característica da filosofia idealista foi e é a separação entre a teoria e a prática.

A filosofia marxista

O surgimento da filosofia marxista é uma verdadeira revolução no terreno do pensamento filosófico.

A filosofia marxista surgiu quando as condições objectivas estavam criadas para o seu aparecimento, nomeadamente quando o proletariado se torna numa classe autónoma, com exigências políticas próprias. O aparecimento da filosofia marxista tornou-se uma necessidade para o proletariado dirigir a sua luta contra a burguesia.

A filosofia marxista surgiu também após se terem criado outras condições objectivas:

– o desenvolvimento das forças produtivas;
– o desenvolvimento a um nível muito mais elevado das diversas ciências.

Marx e Engels, generalizando a experiência histórica da luta do proletariado, elaboraram a ciência marxista, pela qual se guia o proletariado na sua luta para derrubar o sistema burguês e para construir a nova sociedade socialista e comunista.

O camarada Enver Hoxha, ao tratar deste problema da teoria marxista, disse:

"A ciência de Marx, Engels, Lénine e Stáline, encontra-se fortemente gravada no pensamento e no coração de todo o proletariado mundial, ela é sempre a inequívoca bússola da revolução e do socialismo, a arma vitoriosa nas batalhas de classe do proletariado e das massas trabalhadoras".

A teoria marxista é invencível. Onde reside a sua força? A isto Lénine respondia: "A doutrina de Marx é plenipotente porque é verdadeira".

A filosofia marxista tem o nome de materialismo dialéctico e histórico. O que quer dizer, por um lado, que a filosofia marxista explica o mundo de uma forma materialista, que aceita a tese de que a matéria é primário e a consciência é secundário; por outro lado, quer dizer que o caminho, a forma e o método pelo qual estuda o mundo, as coisas e os fenómenos é a dialéctica.

Uma das mais importantes características da filosofia marxista é que ela tem um carácter criador.

Em oposição ao idealismo que considera as teses e conclusões como estáveis e sem mudanças, a filosofia marxista considera pelo contrário que as suas teses não são coisas mortas, vendo-as em constante desenvolvimento e transformação, ligando-as estreitamente com as condições concretas.

A pretexto deste carácter criador do marxismo, os revisionistas modernos especulam, procurando enganar o proletariado.

Partindo do facto de que a filosofia marxista tem esse carácter, eles negam totalmente as suas leis e princípios fundamentais, absolutizando as condições concretas e específicas. Mas a correcta compreensão do carácter criador da filosofia marxista quer dizer o seguinte: partir dos princípios fundamentais e das leis gerais do marxismo-leninismo e aplicá-los às condições concretas.

A este respeito o camarada Enver Hoxha disse o seguinte:

"Divulgando a opinião de que supostamente o marxismo envelheceu, que o marxismo foi ultrapassado, de que as suas teses e princípios básicos se devem 'reinterpretar' nas novas condições do século XX, os ideólogos burgueses e revisionistas têm por objectivo atacar o marxismo-leninismo e causar confusão nos seus princípios fundamentais".

(VII Congresso do PTA)

Uma outra característica importante da filosofia marxista é a estreita ligação da teoria e da prática.

A filosofia marxista-leninista como concepção revolucionária do mundo, como concepção proletária, serve para iluminar o caminho à classe operária na transformação revolucionária da sociedade.

Esta estreita ligação da filosofia com as tarefas do proletariado, Marx expressou-a do seguinte modo:

"Assim como a filosofia encontra no proletariado a sua arma material, também o proletariado encontra na filosofia a sua arma espiritual."

Ainda uma outra característica importante da filosofia marxista é o seu carácter partidário.

O que é que se deve compreender com isto? Devemos compreender que, na apreciação de qualquer fenómeno ou de qualquer acontecimento, a filosofia marxista expressa sempre aberta e directamente o ponto de vista de um determinado grupo social. Assim, a filosofia marxista é de espírito partidário porque expressa abertamente e defende os pontos de vista e os interesses do proletariado.

Qual é o objectivo da filosofia marxista e o que estuda?

A filosofia marxista é a ciência que, na base da correcta solução do problema fundamental da filosofia, descobre as leis mais gerais do desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento humano.

Marx e Engels demonstraram que a filosofia, as suas verdades, as suas leis e princípios, não se conseguem de maneira arbitrária, separados da vida, dos factos, da prática, antes pelo contrário, está estreitamente ligada com a vida, com os factos e com a prática.

Os seus princípios e as suas leis são a generalização a um grau mais elevado dos êxitos e dos dados de todas as ciências e da experiência do desenvolvimento histórico da sociedade. Simultaneamente a filosofia marxista está estreitamente ligada com as ciências particulares, sejam da natureza ou da sociedade.

O próprio desenvolvimento da filosofia marxista apoia-se nos argu-

mentos e nas descobertas das diversas ciências. Por outro lado, a ligação da filosofia com as diversas ciências vê-se também no facto de que a filosofia marxista dá aos cientistas uma correcta compreensão do mundo, dá-lhes um correcto método científico para a sua interpretação, que é o método dialéctico.

2. O MATERIALISMO DIALÉCTICO SOBRE A POSSIBILIDADE DO CONHECIMENTO E DA TRANSFORMAÇÃO REVOLUCIONÁRIA DO MUNDO. OS PRINCÍPIOS MATERIALISTAS DIALÉCTICOS DO CONHECIMENTO

A teoria do conhecimento do materialismo dialéctico é parte integrante da filosofia marxista-leninista.

O que é o conhecimento?

O conhecimento é o saber acumulado sobre o mundo, sobre as coisas e os fenómenos do mundo, isto é, o saber sobre a natureza e a sociedade, pois são estas as duas partes em que se compõe o mundo.

A teoria materialista dialéctica do conhecimento está pois relacionada com a segunda face do problema fundamental da filosofia, quer dizer, com a possibilidade ou não de se conhecer o mundo.

Como vimos, o idealismo e a religião respondem de forma negativa a esta questão.

Uma das correntes idealistas que nega o conhecimento é o **agnosticismo.** Segundo esta corrente não é possível conhecer o mundo, e a razão humana está limitada e só é capaz de conhecer as sensações, quer dizer, o lado exterior das coisas que aparece aos sentidos do homem. Tudo o que vá além disto o homem não é capaz de conhecer, não é capaz de descobrir a essência dos fenómenos.

Um dos representantes mais conhecidos do agnosticismo foi Kant, filósofo idealista alemão.

O materialismo pré-marxista sublinhava a força da razão humana para o conhecimento do mundo; sublinhava o papel do pensamento humano e da ciência; sublinhava a ideia de conhecer, isto é, conhecer as coisas e os fenómenos do mundo.

Isto foi positivo. No entanto, relacionado com o problema do conhecimento do mundo, o materialismo pré-marxista tinha algumas deficiências sérias, tais como:

1. Não aceitava que a base da fonte dos conhecimentos humanos é a prática.
2. Não compreendia o papel activo do sujeito. O processo do conhecimento era considerado como uma observação simples.

3. Não tomava as duas escalas do conhecimento mediante as quais se realiza o conhecimento do mundo, em estreita ligação uma com a outra.

O materialismo pré-marxista, relativamente ao problema do conhecimento do mundo, tinha posições metafísicas, por tomar as duas escalas do conhecimento separadas uma da outra. Alguns filósofos materialistas pré-marxistas pensavam que a única fonte do conhecimento era a dos sentidos.

Na filosofia pré-marxista, este facto era chamado de **direcção empírica,** por se apoiar no facto de que todo o conhecimento se baseia apenas nos órgãos dos sentidos, subestimando a razão.

Uma outra corrente era a da chamada **direcção racionalista.** Esta absolutizava a razão, o pensamento abstracto, subestimando o papel que desempenha no processo do conhecimento, o conhecimento realizado pelos sentidos.

A filosofia marxista fez uma completa revolução no terreno do conhecimento.

Em primeiro lugar, colocou a teoria do conhecimento em bases científicas. Colocou a prática como suporte da teoria do conhecimento. Considerou a prática como a base da fonte do conhecimento e como critério de avaliação do saber.

Em segundo lugar, descobriu a ligação dialéctica entre as duas escalas do conhecimento, a escala empírica ou dos sentidos e a escala racional ou do pensamento abstracto, ultrapassando assim o carácter unilateral do pensamento pré-marxista.

Em terceiro lugar, a filosofia marxista definiu claramente qual é o objecto do conhecimento e qual é o papel do sujeito.

Qual é o objecto e o sujeito do conhecimento?

O objecto do conhecimento é a realidade objectiva do mundo. Naturalmente, o homem numa determinada etapa não pode conhecer o mundo de uma só vez, porque o mundo é infinito, conhecendo apenas o mundo parcialmente de acordo com os interesses e as necessidades da sociedade humana. Assim, objecto do conhecimento são todos aqueles fenómenos, processos e coisas do mundo que nos rodeia, ou seja da natureza e da sociedade humana, os quais se introduzem ou entram na esfera do nosso conhecimento.

Simultaneamente, o marxismo definiu também claramente qual é o sujeito do conhecimento. Entende-se por **sujeito** um ser dotado de consciência e de vontade, e oposto a um **objecto** exterior que ele procura conhecer e sobre o qual ele actua. Para o marxismo, o sujeito do conhecimento é a sociedade humana no seu conjunto e numa determinada etapa; o sujeito do conhecimento não são as pessoas particulares, mas a sociedade humana na sua totalidade. Compreende-se que uma pessoa só não pode conhecer o mundo por muito genial que seja.

A teoria materialista dialéctica do conhecimento estuda problemas tais como:

– O que é o conhecimento do mundo?
– Como se realiza?
– Quais são as escalas do conhecimento no processo do conhecimento?
– O que é a verdade?
– O que é a prática?
– Onde está a importância da ligação da teoria e da prática?

O estudo da teoria materialista dialéctica do conhecimento ajuda-nos a compreender como conhecer os fenómenos e os acontecimentos, para não ficarmos na superfície mas conseguirmos atingir o fundo dos fenómenos, dos acontecimentos, nos nossos estudos; ajuda-nos a valorizar correctamente os factos, os acontecimentos.

Ajuda-nos ainda a analisá-los com cuidado de modo a estarmos em condições de fazer generalizações e tirarmos conclusões justas; ajuda-nos a estarmos em condições de conhecer bem as tarefas, as orientações e as directivas do Partido e a que actuemos de acordo com elas.

Por exemplo, os partidos marxistas-leninistas nos países capitalistas têm por tarefa conhecer bem a situação interna e externa, o desenvolvimento da luta de classes no seu próprio país e a nível internacional e conhecer os fenómenos que estão ligados com esta luta. Em seguida, na base deste conhecimento profundo, é possível definir correctamente a estratégia e a táctica, e as tarefas em determinada etapa.

Quais são os princípios fundamentais da teoria materialista dialéctica do conhecimento

Assimilar a teoria materialista dialéctica do conhecimento é, antes de tudo, assimilar os seus princípios fundamentais. Estes princípios fundamentais foram elaborados duma maneira mais completa por Lénine na sua obra "O materialismo e o empiriocriticismo". E quais são esses princípios?

1. As coisas, os fenómenos, existem fora da nossa consciência e independentemente dela. Isto quer dizer que o objecto do conhecimento humano é o mundo material que nos rodeia.

2. O lado exterior das coisas, isto é, as aparências externas, não estão separadas por um abismo intransponível da sua essência, não estão separadas do conteúdo interno das mesmas.

O homem, por meio da razão abstracta, consegue descobrir a essência das coisas e fenómenos a partir da sua aparência.

Por exemplo, as crises, o desemprego, a concorrência, a subida dos preços e dos impostos, tudo isto são fenómenos que se vêem na sociedade capitalista pelo seu lado externo. Mas a partir da análise desta aparência

externa consegue-se descobrir a essência do sistema capitalista que é a exploração do proletariado pela burguesia.

Existem naturalmente diferenças entre aquilo que nós já conhecemos e aquilo que nós ainda não conhecemos. No entanto, sabemos que é possível vir a conhecer, vir a preencher essa lacuna do nosso conhecimento, através do desenvolvimento posterior da ciência e da prática.

3. Lénine escreveu:

"Na teoria do conhecimento, como em todos os terrenos da ciência, deve-se raciocinar de forma dialéctica".

Não podemos julgar que o nosso conhecimento se obtém duma só vez; devemos perceber, antes pelo contrário, como da ignorância se alcança o saber e como o saber incompleto e inexacto se torna mais completo e exacto.

Assim, verificamos que o conhecimento do mundo não é resultado de um único acto, que o conhecimento não é invariável. Com o desenvolvimento da ciência e da prática, desenvolve-se também o nosso conhecimento do mundo.

Resumindo e concluindo: o processo do conhecimento é um processo que se desenvolve gradualmente, etapa por etapa. Este conhecimento é um processo que se realiza por gerações completas, que se substituem umas às outras, em que a nova geração começa o trabalho onde a anterior geração o deixou. Por isso Marx dizia:

"as novas gerações estão aos ombros das gerações anteriores."

Os caminhos para a realização do conhecimento

Para se obter o conhecimento acerca do mundo, utilizam-se dois caminhos. Um destes caminhos por meio do qual se obtém o conhecimento, é a **experiência directa**. Este caminho obtém-se quando o homem, para conseguir o saber sobre uma coisa ou um fenómeno, o estuda directamente.

O exemplo deste caminho, é o do trabalho de um cientista para aprofundar o saber no terreno da sua ciência. Outro exemplo, é o de estudarmos directamente numa determinada cidade ou região o problema do desenvolvimento da luta de classes nesse momento, quer dizer, a experiência directa.

O outro caminho por meio do qual se obtém o conhecimento acerca do mundo é o da **experiência indirecta.**

Os conhecimentos que estudaram os outros (as gerações passadas) são para nós os conhecimentos indirectos, assim como os nossos conhecimentos actuais, os conhecimentos da nossa geração, serão conhecimentos indirectos para as gerações futuras.

Assim, por exemplo, todo o saber acumulado realizado por outros antes de nós, quando o estudamos para nos servirmos dele, trata-se duma experiência indirecta.

3. OS NÍVEIS E AS FORMAS PRINCIPAIS MEDIANTE OS QUAIS SE REALIZA O CONHECIMENTO

Para conhecer as coisas e os fenómenos temos de conhecer em primeiro lugar o seu lado externo, a sua aparência.

Do lado externo, da aparência, o homem por meio da razão, por meio do pensamento abstracto, penetra no lado interno das coisas e dos fenómenos ou, o que é a mesma coisa, descobre a sua essência.

Como se realiza o conhecimento das coisas e dos fenómenos?

Em primeiro lugar, o homem para conhecer o mundo que o rodeia, as coisas e os fenómenos da natureza e da sociedade, emprega os órgãos dos sentidos.

Com o desenvolvimento das ciências, o homem emprega outros meios em auxílio dos sentidos, tais como o microscópio, o telescópio e outros.

O conhecimento tem origem na prática e aprofunda-se na prática.

O processo do conhecimento realiza-se em duas escalas as quais se ligam entre si e se apoiam na prática.

A primeira escala do conhecimento

A primeira escala do conhecimento é o conhecimento que se obtém através dos sentidos, é o **conhecimento empírico** O homem por meio dos órgãos dos sentidos liga-se com o mundo exterior que está à sua volta. Os órgãos dos sentidos são as janelas que unem o homem ao mundo exterior.

Quais são as formas do conhecimento dos sentidos?

A primeira forma do conhecimento é a **sensação**. A sensação é uma cópia figurada das coisas, é o reflexo na consciência do homem das características e das propriedades dos fenómenos e dos objectos que o rodeiam.

A segunda forma do conhecimento dos sentidos é a **percepção**. A percepção é o reflexo na consciência do homem dos objectos do mundo real, que actuam sobre os órgãos dos sentidos. Comparada com a sensação que reflecte esta ou aquela propriedade, qualidade ou característica do objecto, a percepção tem a particularidade de reflectir o objecto inteiro, a totalidade das suas características.

A terceira forma do conhecimento dos sentidos é a **aparência**. A aparência é a manifestação na consciência do homem de certas características da própria essência dos fenómenos ou objectos; é a manifestação daquelas características que são directamente perceptíveis pelos sentidos.

Na base da aparência surge a imaginação e também a fantasia que desempenham um importante papel no domínio da arte, da literatura, da técnica e em toda a criação.

Este tipo de fantasia apoia-se na realidade; mas também há imaginação e fantasia que não se apoiam na realidade.

É por exemplo o caso dos dogmas religiosos que criam uma imaginação e uma fantasia fora da realidade.

Assim, o conhecimento dos sentidos, tem uma grande importância nos processos do conhecimento.

Não pode haver conhecimento, sem o conhecimento dos sentidos, mas os conhecimentos dos sentidos são deficientes pois que o saber que o homem assimila através deles não é profundo mas superficial e por isso mesmo insuficiente.

A segunda escala do conhecimento

A segunda escala do conhecimento é uma escala mais elevada, é o **conhecimento racional**. O conhecimento racional é o que se realiza através do pensamento abstracto do homem. O homem por meio do pensamento abstracto penetra na essência e no interior dos fenómenos e dos objectos, penetra no fundo das coisas. A este respeito disse Marx:

"... para analisar as formas económicas não se pode utilizar o microscópio nem os reactivos químicos. A capacidade de abstracção *tem de os superar a ambos."*

(Karl Marx, in "Prefácio à primeira edição de 'O Capital')

O homem só pode descobrir as relações sociais através do pensamento abstracto.

Por exemplo, a velocidade da luz que é de 300.000 kms/segundo não se pode captar por meio dos sentidos. Só através do pensamento abstracto foi possível descobrir.

Quais são as formas principais do conhecimento racional?

A primeira forma é o **conceito**. O conceito é a forma de pensamento humano que permite descobrir as características gerais, essenciais das coisas e dos fenómenos da realidade objectiva.

Por exemplo há conceitos comuns: casa, animal, vegetação, homem, livro, etc...

Há também conceitos científicos. Por exemplo: matéria, consciência, movimento e outros.

Cada ciência actua mediante os seus conceitos.

A segunda forma é o **raciocínio**. O raciocínio é a forma do conhecimento racional pela qual se afirma ou se nega qualquer coisa.

Assim, um exemplo de raciocínio é: nós afirmamos que o capitalismo é um sistema opressor e explorador.

Ou então: o capitalismo não mudou a sua natureza agressiva.

Na base das ligações no julgamento que o homem faz sobre os fenómenos e os objectos, o homem no processo do conhecimento tira conclusões mediante a forma de raciocínio.

Assim o conhecimento racional tem importância porque através dele o homem descobre a essência dos objectos e dos fenómenos, as suas causas e

ligações: é por isso que o conhecimento racional é um conhecimento profundo.

Temos de compreender entretanto que as duas escalas do conhecimento estão inseparavelmente ligadas entre si e que uma separada da outra não valem nada.

4. O MARXISMO-LENINISMO SOBRE A VERDADE

Na luta pela transformação da natureza e da sociedade, o homem tem necessidade do saber, mas do verdadeiro, o qual lhe serve para ter êxito na sua actividade.

Um saber, um conhecimento é verdadeiro quando reflecte exactamente a realidade objectiva.

Na prática, sucede que, paralelamente aos conhecimentos verdadeiros surgem também conhecimentos errados.

Os conhecimentos errados são o reflexo deturpado da realidade objectiva.

Por exemplo: os marxistas-leninistas dizem que o imperialismo é agressivo, não mudou de natureza. Este conhecimento é verdadeiro pois reflecte a realidade objectiva.

Os revisionistas pretendem que o imperialismo mudou de natureza, já não é agressivo. Este é um conhecimento falso pois não reflecte correctamente a realidade antes pelo contrário deturpa a realidade objectiva.

A verdade, na compreensão filosófica, é um conhecimento exacto, que reflecte a realidade objectiva na consciência do homem.

Há verdades absolutas, isto é, verdades que não se modificam com o desenvolvimento do saber e da prática.

Assim, por exemplo, dizemos que a matéria é primário e a consciência é secundário. Esta é uma verdade absoluta que se confirma na prática.

Outra verdade absoluta: o capitalismo é um sistema de opressão e de exploração, ou ainda, a lei da necessidade da ditadura do proletariado.

Estas são verdades absolutas porque se confirmaram totalmente pela prática.

Mas a verdade tem também carácter relativo, isto é, há conhecimentos que não são completamente exactos mas que, com o desenvolvimento das ciências, completam-se, aprofundam-se e tornam-se exactos.

Qual é o critério que comprova se os conhecimentos são verdadeiros ou não?

O único critério que comprova a exactidão dos conhecimentos é a prática social.

Marx, nas Teses sobre Feuerbach, escreveu:

"O problema do pensamento humano conseguir a verdade objectiva, não é um problema teórico mas sim prático."

5. A TEORIA E A PRÁTICA. A IMPORTÂNCIA DA LIGAÇÃO DIALÉCTICA ENTRE ELAS PARA O CONHECIMENTO E A TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO.

O que é a prática?

A prática é a actividade objectiva do homem para o conhecimento e a transformação da realidade objectiva.

A prática tem três elementos constitutivos: 1) a actividade produtiva dos homens; 2) a actividade revolucionária das classes, a luta de classes; 3) a investigação científica.

O que é a teoria?

A teoria nasce da prática, é o resultado duma generalização da experiência das massas, dos resultados do conhecimento.

A teoria e a prática devem estar em estreita ligação. Onde se vê esta ligação? Vê-se no facto da prática pôr problemas que a teoria generaliza.

A teoria serve como guia para a prática, abre os horizontes à prática.

A prática, por sua vez, serve como critério de verdade dos conhecimentos da própria teoria.

A prática, na sua relação com a teoria, é o dado primário, pois os conhecimentos surgem da prática e por isso dizemos que a prática é a base e a fonte da teoria.

Do ponto de vista histórico, a prática existiu antes da teoria. Todas as ciências surgiram da prática.

Engels acentuou que os homens, antes de argumentarem, actuaram. No início foi a acção. Assim, os homens no início actuaram na prática, produziram bens materiais, mudaram a natureza, realizaram revoluções e desenvolveram a luta de classes; fizeram experiências nos diversos campos e nesta base puderam argumentar e explicar.

A prática não fica sempre no mesmo sítio, está em constante mudança, transforma-se e desenvolve-se; de acordo com esta transformação e desenvolvimento da prática, desenvolve-se também a teoria.

A prática é o objectivo do conhecimento. Isto é, o homem aprofunda os seus conhecimentos, desenvolve as ciências, não para desenvolver simplesmente os seus conhecimentos mas sobretudo para que estes sirvam a prática.

Daqui resulta que a ciência, a teoria, tomam o seu verdadeiro valor quando passam dos livros à prática, do laboratório à produção.

Os conhecimentos do homem não são todos conhecimentos teóricos. Os conhecimentos fazem-se teoria, quando descobrem as causas dos fenómenos e dos objectos, as suas ligações e contradições, porque os conhecimentos são apenas empíricos enquanto o homem os assimila mediante somente a observação.

Daqui se conclui que a teoria e a prática devem ser vistos em estreita ligação; caso contrário absolutizamos uma ou outra, caindo em manifestações de subjectivismo.

O que é o subjectivismo? O subjectivismo é uma manifestação do idealismo na actividade prática. As principais manifestações do subjectivismo são o praticismo e o dogmatismo.

O que é o praticismo?

É uma das principais manifestações do subjectivismo, que sobrevaloriza a actividade diária prática e subestima a teoria.

Todos aqueles que se fecham na sua concha e não se interessam pelos outros problemas, caem invariavelmente no praticismo.

Quais são os perigos do praticismo?

Todos aqueles que caem no praticismo, têm um horizonte estreito, não estudando, não estão em condições de compreender e de aplicar a linha do Partido, as suas directivas, não estão em condições de fazer generalizações da prática revolucionária, não estão em condições de prever o futuro.

Todos os que caem no praticismo, não podem permanecer à cabeça das massas, ficando na rectaguarda, na cauda. Por outro lado, correm o perigo de cair no oportunismo e mesmo no revisionismo.

Enver Hoxha disse a este respeito: "com o praticismo não podemos avançar".

Uma outra manifestação do subjectivismo é o dogmatismo.

O dogmatismo separa a teoria da prática, sobrevalorizando a teoria e subestimando a prática.

O dogmatismo é também muito perigoso. Todos os que enfermam do dogmatismo permanecem em fórmulas rígidas, ficando atrás da prática da própria vida que está em constante mudança e que avança.

Todos os que enfermam de dogmatismo não estão em condições de enriquecer e de desenvolver as directivas do Partido e de as aplicar de forma criadora e revolucionária, de acordo com as condições concretas.

Os ensinamentos do marxismo-leninismo, as directivas e orientações do Partido, indicam aos comunistas e revolucionários que actuam nas condições do capitalismo, o dever de ligar estreitamente a teoria à prática revolucionária.

Separada da vida, das condições concretas e das tarefas do Partido e da classe operária, a teoria não tem qualquer valor.

Enver Hoxha disse a este respeito:

"Sem prática, o saber, os belos conselhos académicos, não valem nada, são adornos sem valor."

Daqui concluímos que os princípios do marxismo-leninismo, os ensinamentos dos clássicos do marxismo-leninismo devem ser estudados com seriedade, profunda e não superficialmente, pois eles dão-nos o ponto de partida, a chave, para explicar os fenómenos e, ao mesmo tempo, o método científico correcto para nos orientarmos na prática e nas diversas situações. Precisamente, por isso, o marxismo-leninismo deve ser estudado e assimilado em estreita ligação com a prática revolucionária para a servir, para resolver os diversos problemas que lhe surgem.

II

O materialismo histórico sobre as formas de consciência social

1. A POLÍTICA E A CONSCIÊNCIA POLÍTICA

Das formas de consciência social fazem parte a filosofia, a política, a moral, a ciência, a arte, a religião, etc.

Vamos tratar de duas: a política e a moral.

A política e a consciência política

O camarada Enver Hoxha assinalou que a política de partido é um problema capital, isto é, que a correcta compreensão da política é um problema de primeira ordem.

Mas o que é uma correcta compreensão da política?

É compreender o lugar e o papel da política na vida social; a relação entre a política e a economia; pôr a política no posto de comando.

O que é a política?

A política é uma das formas de consciência social, é a parte principal da super-estrutura que surgiu com o aparecimento das classes e do Estado, e que desaparecerá quando forem eliminadas as classes e se extinguir o Estado.

A política é o elemento inseparável das relações sociais; é a relação entre as classes, o Estado e entre grupos sociais, etc.

O significado científico da política só se encontra quando a relacionamos com a análise das classes e das relações entre as mesmas.

As classes são o sujeito da política.

A política expressa os interesses radicais das classes.

A política de todos os partidos marxistas-leninistas baseia-se nos princípios marxistas-leninistas e nas decisões que tomam os partidos nos Congressos, nos plenários do CC, etc.

O Partido, na sua política, tem em conta os interesses da classe operária e de todas as massas trabalhadoras.

No conceito de política entram as relações entre as classes, a consciência política, a psicologia política, as instituições e organizações políticas.

Por fim, por política entendemos o sistema político da sociedade.

O núcleo central do sistema político é constituído pelo Estado.

Por isso se diz que a política constitui a direcção principal da actividade do Estado.

Lénine escreveu que a política é a participação nos assuntos do Estado, na direcção do Estado, na definição das formas, das tarefas e do conteúdo da actividade do Estado.

É importante assinalar que a política tem carácter de classe, está ligada às relações entre as classes, entre os partidos e outras instituições políticas.

A política tem duas partes: a política externa e a política interna, esta última determina a política externa, ou seja a política externa é a continuidade da política interna.

O que é a consciência política?

Como resultado da actividade do Estado e das relações entre as classes, na consciência das pessoas surgem pontos de vista e ideias determinadas que constituem a consciência política ou, o que é a mesma coisa, a ideologia política.

A ideologia política é elaborada pelo partido e expressa-se nos seus programas e estatutos e na Constituição do Estado.

Exemplo: a Constituição da Albânia e o programa do partido expressam a política do partido. A ideologia política expressa as direcções, os objectivos da classe e do seu partido e alcança-se mediante toda a actividade das instituições políticas e de propaganda.

A política, como fenómeno social específico, relaciona-se com as outras esferas da vida social, quer dizer, vincula-se com a economia e com a ideologia. É aqui que aparece o carácter de classe da ideologia.

A política tem uma grande influência sobre a superestrutura, a ideologia, a arte, a economia, etc.

A relação entre a política e a economia

A política é inseparável da economia. Se se abandona a política cai-se no economicismo, se se abandona a economia cai-se no politicismo. Há uma unidade dialéctica entre ambas.

Nesta unidade, a política depende da economia, reflecte a base económica directamente e de forma mais completa que as outras formas da consciência social.

A política define-se pelos interesses radicais económicos das classes, pelo sistema económico e pela posição das classes.

A política disse Lénine: "é a expressão concentrada da economia".

Disto resulta que uma classe que domina economicamente, domina também politicamente.

Assim, no capitalismo, a propriedade privada sobre os meios de produção determina a política interna e externa dos países capitalistas.

A política fascista e social-imperialista determina-se pela propriedade privada.

No socialismo, a propriedade social, realizada sob formas estatais e cooperativistas, conduz a uma política interna e externa que é diametralmente oposta à dos países capitalistas e imperialistas.

Assim chegamos à conclusão que a economia é primária e determina a política; mas a política, como parte importante da vida social, não é o reflexo passivo da economia; a política dirige a economia, desempenha um papel activo sobre ela, determina a direcção e o caminho do desenvolvimento social e a forma da luta histórica.

Por isso, a política, baseando-se no desenvolvimento económico, influi consideravelmente sobre a base económica e toda a vida da sociedade.

Não há tarefas simplesmente económicas sem política; todas elas são marcadas pela política.

O que é que determina este papel da política?

São três os factores que determinam esse papel:

1. Os interesses económicos expressam-se mediante a política que segue o Estado.
2. Sem actividade política das classes progressistas, não há desenvolvimento económico.
3. Sem luta de classes nenhum interesse económico pode ser defendido.

Por isso, Lénine disse: a política tem que ter a supremacia sobre a economia. Esta supremacia, segundo Lénine, é o ABC do marxismo.

A importância da política

A política desempenhando um papel activo no desenvolvimento da sociedade, influi em todos os aspectos da vida material e espiritual das pessoas; influi em todas as formas da consciência social, penetra em todas elas e dirige-as em benefício de uma determinada classe.

Os problemas da jurisprudência, da ciência, da moral, da arte, e outros, são em primeiro lugar problemas políticos.

Enver Hoxha afirmou: "Alguns dizem que tudo depende da economia" e responde a isto dizendo, "A economia tem a sua própria importância, mas a política ocupa sempre o primeiro lugar."

Dizemos que a política desempenha um papel activo na sociedade mas este papel pode ser progressista ou reaccionário.

A política progressista é a política da ditadura do proletariado e do proletariado internacional.

A política reaccionária é a política do imperialismo e do social-imperialismo, do revisionismo e daqueles que propagam a divisão do mundo em três.

Porque é progressista a primeira?

Porque a política proletária tem no seu fundamento a ideologia marxista-leninista.

A política imperialista, fascista e social-imperialista baseia-se na ideologia burguesa e revisionista.

Não há política fora da ideologia de classe; a política está dependente da ideologia.

Foi precisamente ao abandonar a ideologia marxista-leninista, que os revisionistas, tanto os contemporâneos como os actuais, passaram a uma política social-chauvinista, hegemónica, etc...

A política do PTA é a política da teoria do proletariado porque se baseia nos princípios marxistas-leninistas.

Na Albânia a ideologia é marxista-leninista, está consagrada na Constituição.

O PTA não fez nunca comércio com os princípios revolucionários, políticos e ideológicos.

O PTA tem a opinião de que no socialismo a política deve estar sempre em primeiro lugar.

A este respeito Enver Hoxha disse:

"Em todo o lado, em todos os trabalhos, acima das pessoas, acima das opiniões e actividades deve-se colocar a linha e a política do partido em primeiro lugar."

O princípio do Partido para pôr a política em primeiro lugar exige:

1. Que cada pessoa pergunte a si mesma, se aquilo que faz e como actua concorda com a linha e a política do Partido.
2. Lutar contra o indiferentismo, que é uma posição política estranha.
3. Pôr o interesse geral acima de tudo.
4. Desenvolver a luta de classes consequentemente.

Assim o PTA relacionando a política com a profissão, com a técnica, com o comando e outros problemas, coloca sempre a política acima de tudo.

O que exige a arte da direcção política?

Exige que se tome em conta:

a) A experiência da luta revolucionária;
b) A relação das forças de classe;
c) O tratamento dos problemas de forma concreta e histórica;
d) A previsão científica.

2. A MORAL COMO FORMA DE CONSCIÊNCIA SOCIAL

A moral surgiu com a comunidade primitiva. Mas a ciência sobre a moral – pode-se dizer – a doutrina da moral, surgiu posteriormente no período do esclavagismo.

O conceito de ética foi introduzido, pela primeira vez, por Aristóteles.

Assim, a ética é uma das mais antigas disciplinas e surgiu como parte integrante da filosofia.

A ética foi considerada desde a antiguidade como uma ciência prática enquanto que a filosofia é considerada como uma ciência teórica.

Tal divisão conserva-se ainda hoje no capitalismo, na ética burguesa.

Também os revisionistas, sem o dizer abertamente, reduzem a ética à prática.

Na realidade o marxismo-leninismo repudia esta divisão, porque a ética, como todas as ciências sociais, tem carácter prático e teórico.

O objectivo, tanto dos ideólogos burgueses como dos revisionistas ao fazerem uma tal divisão é negar o caracter científico da ética, ou para colocar a moral contra a ciência. Na antiguidade uma tal divisão poderia aceitar-se porque as ciências não estavam desenvolvidas.

Hoje, esta divisão expressa a crise moral da sociedade burguesa e revisionista e é precisamente esta divisão que torna incapaz a ética burguesa de resolver cientificamente os problemas da moral.

A ética marxista-leninista baseia-se no facto de que os princípios morais não são estabelecidos pelos filósofos, mas são elaborados no próprio processo da prática social da luta de classes.

Nestes princípios reflete-se a grande experiência humana de muitas gerações.

Durante toda a história da humanidade a imagem moral das pessoas formou-se espontaneamente e as pessoas não sabiam quem os havia formulado. Alguns diziam que foi Deus, outros diziam que eram sobrenaturais. Com o aparecimento da teoria científica do desenvolvimento social, quer dizer do materialismo histórico, descobriram-se também as leis do desenvolvimento da moral.

A ética tornou-se capaz de argumentar cientificamente os princípios da moral.

Quais são os elementos componentes da moral?

São:

1. **As relações morais;**
2. **As actividades ou comportamentos morais;**
3. **A consciência moral.**

Estes são os 3 elementos que constituem a moral.

O que são as relações morais?

As relações morais, numa determinada sociedade, são os elementos da superestrutura (relações jurídicas, políticas e outras), são formas particulares das relações ideológicas.

As relações morais não podem existir sem a consciência moral.

Que papel desempenham as relações morais na sociedade?

Participam no tipo de relações sociais reguladoras; quer dizer, as relações morais complementam uma função social reguladora da vida e da sociedade, da comunicação entre as pessoas, das ligações recíprocas das mesmas numa determinada sociedade.

Como se definem as relações morais?

Definem-se pela base material da sociedade, pela estrutura social da classe que dirige a sociedade.

Na realidade, fora das relações sociais e da consciência social não poderá haver noções do bem e do mal do qual trata a moral, das virtudes e dos vícios e em geral das imagens morais.

As actividades ou comportamento moral.

O que é que se pode considerar por actividades ou comportamento moral? Considera-se os actos, as actividades morais das pessoas, numa determinada sociedade; ou melhor, podemos dizer, a totalidade dos actos e actividades das pessoas, as quais são guiadas por determinados interesses sociais. A esfera da moral, regista somente um lado das actividades e comportamentos das pessoas; aqui manifesta-se uma forma mais completa dos interesses sociais, os quais por este motivo, regulam, dirigem, controlam e valorizam-se pela moral.

Quando dizemos interesses sociais partimos do princípio que o significado é diferente segundo as sociedades.

Todas as classes dominantes nas antigas sociedades apresentaram os seus interesses como interesses sociais.

Exemplo: os materialistas franceses do século XVIII diziam que os interesses pessoais deviam submeter-se aos interesses sociais. Para eles, os interesses sociais eram os interesses da burguesia.

Há dois tipos fundamentais de comportamento moral:

1. O comportamento colectivista;
2. O comportamento individualista, egoísta.

O comportamento colectivista existiu também nas sociedades anteriores nas classes oprimidas e exploradas, especialmente o comportamento colectivista do proletariado na sociedade capitalista (a solidariedade combativa do proletariado).

Mas, em todas as sociedades pré-socialistas domina o comportamento individualista enquanto que no socialismo domina o comportamento colec-

tivista. Apesar disso ficam resíduos do comportamento individualista, predominando no entanto o comportamento colectivista.

Os traços mais característicos da regulação do comportamento das pessoas mediante a moral são:

1. Cada sociedade determinada exige de todas as pessoas que assimilem a sua moral e que tenham as actividades e comportamento de acordo com as normas e regras morais estabelecidas pela sociedade.
2. Toda a sociedade está interessada que a pessoa não só assimile a sua moral mas que a defenda e a desenvolva ainda mais e seja fiel às regras e normas da moral em qualquer circunstância.

Nas actividades e comportamento das pessoas existem dois lados.

Um é o interno, que reflecte o objectivo pelo qual se faz a actividade.

Outro é o externo, que é o resultado da actividade. O motivo do comportamento é aquele que impulsiona as pessoas a actuar desta ou daquela maneira.

A análise do motivo tem particular importância.

Exemplo: há que analisar o que é que impulsiona as massas trabalhadoras a lançar-se nesta ou naquela batalha. Isto tem de se analisar pois se as massas são guiadas por elevados ideais na batalha, ela será coroada de êxito. No caso de esse objectivo ser prematuro as massas não o seguem até ao fim; naturalmente não é suficiente que o motivo seja correcto, também o resultado deve ser correcto para que haja unidade entre o motivo e o resultado.

Exemplo: sucede na Albânia que os directores de empresas partem dos fins a atingir para realizar o plano; estes são motivos correctos; mas obtêm resultados menos bons, a qualidade do produto não sai boa ou gasta-se maior quantidade de material que foi importado; neste caso não há unidade entre o motivo e o resultado.

Assim há exemplos também em países capitalistas que partem de bons motivos e não alcançam resultados positivos.

Por isso, durante todo o comportamento, deve-se proceder a uma análise para que se mantenha a unidade entre o motivo e o resultado. Não será completa a unidade se não tivermos em conta os meios que se devem empregar, e nem todos os meios podem cumprir o objectivo.

MAQUIAVEL dizia que todos os meios justificam os objectivos.

Quais são os caminhos para a educação do comportamento moral?

A moral não tem instituições particulares para conservar as normas morais, como tem a justiça para consolidar e defender as normas jurídicas. Para conservar e defender as normas morais existe a opinião social.

Por outro lado, a própria consciência leva a actuar desta ou daquela maneira. Por isso, deve-se educar a consciência para que se desenvolvam actividades correctas nos interesses do proletariado.

A consciência moral

A consciência moral expressa as relações do sujeito com a realidade e

a valorização dos diversos fenómenos morais.

Quais são as relações da moral com as outras formas de consciência social?

A ética, ou seja, a ciência da moral, tem ligações com a filosofia; estas ligações estão no facto de que a filosofia constitui a base teórica e metodológica da ética.

A ética dirige-se à filosofia para resolver o problema fundamental da moral.

As ligações da moral com a política e a justiça

A política prepara a consciência moral, dá direcção ao desenvolvimento dos pontos de vista morais; mas a ética e a moral influem também sobre a política.

Os actos políticos são valorizados pela moral; os actos políticos dos imperialistas e dos social-imperialistas são condenados do ponto de vista moral.

Os ideólogos burgueses fazem demagogia neste sentido, dizendo que a política se submete à moral. Isto é só demagogia, porque na realidade a burguesia, devido aos seus interesses, não se detem perante os actos criminosos para alcançar o seu objectivo. Assim, a moral submete-se à política em todas as sociedades, e na realidade as normas morais que não servem a política não servem para nada.

A moral tem ligação também com a justiça porque a justiça e a moral são constituídas por regras e normas do comportamento das pessoas.

Ambas têm como objectivo fortalecer as relações materiais e espirituais da sociedade.

Ambas acompanham a mudança das relações sociais.

Onde está a diferença entre ambas?

– A moral surgiu na comunidade primitiva; a justiça surgiu no período da escravatura, com a formação do Estado e das classes. Assim, a moral existirá enquanto existir a sociedade, ao passo que a justiça não.
– A moral não tem instituições, enquanto a justiça tem polícias, leis, tribunais, prisões, etc...
– A moral ajuda o fortalecimento da legislação, assim como a justiça ajuda a educação das pessoas pela moral.

Lénine disse que os tribunais têm também uma função educativa; educam tanto aqueles que estão na prisão como os que estão fora.

As ligações da moral com outros domínios

A moral tem uma ligação com a arte. Esta exerce uma influência no fortalecimento das normas morais.

Assim, a arte tem também importância para o conhecimento dos fenómenos morais.

Exemplo: conhecemos as normas morais da antiga sociedade grega, na "Ilíada" e na "Odisseia" de Homero. A moral antiga, burguesa, conhecêmo-la através das obras de Balzac.

A arte serve para a educação moral.

Se a arte não tratasse dos problemas morais, não seria necessária para a sociedade.

A moral tem ainda ligações com a ciência, com a religião e com a pedagogia.

A moral, por tudo o que dissemos, tem carácter de classe. Na comunidade primitiva defendia os interesses de toda a sociedade, na sociedade de classes a moral serve os interesses das classes dominantes, mas no comunismo a moral servirá toda a sociedade porque não há classes.

Em toda a sociedade existem dois tipos de moral:

A moral principal – a das classes dominantes.

Na sociedade capitalista, paralelamente à moral burguesa, surgiu uma segunda moral, a moral proletária. Esta apareceu durante o trabalho e a luta do proletariado.

Marx e Engels e posteriormente Lénine e Stáline elaboraram os princípios da moral proletária.

Durante a luta, nas batalhas do proletariado, surgiu a solidariedade proletária, surgiu o espírito de sacrifício do proletariado, a valentia, a audácia e outras virtudes morais do proletariado, as quais se forjaram contra a moral burguesa.

A moral socialista ou comunista surge após o derrube da burguesia, após a instauração da ditadura do proletariado e é a continuação da moral proletária.

A moral também tem relações com a revolução. A preparação das massas para a revolução exige ao mesmo tempo a preparação educacional e moral das massas.

A revolução influi no desenvolvimento moral das massas e a moral no desenvolvimento da revolução.

As categorias, princípios e normas da moral

As categorias são noções fundamentais que facilitam a orientação no terreno dos fenómenos morais.

As categorias morais são as seguintes:

1. O objectivo moral
2. A compreensão da vida
3. Os valores morais
4. As obrigações morais
5. As qualidades morais
6. As responsabilidades morais, etc...

Por sua vez, os princípios morais são vários.

O princípio mais elevado da moral comunista é dedicar tudo à vitória da revolução e do socialismo.

Num discurso no III Congresso do KONSOMOL, Lénine afirmou:

"Nós dizemos que a nossa moral está inteiramente subordinada aos interesses da luta de classe do proletariado. A nossa ética tem por ponto de partida os interesses da luta de classe do proletariado.

"...nós dizemos: a moralidade considerada fora da sociedade humana não existe para nós; é uma mentira.

"Nós dizemos: é moral tudo o que contribui para a destruição da antiga sociedade de exploradores e para o agrupamento de todos os trabalhadores em torno do proletariado na criação da nova sociedade comunista."

(Lénine, OC, t. 31)

Na sociedade socialista, existem também alguns princípios que não existem na moral proletária, tais como: a atitude socialista face ao trabalho e a atitude socialista face à propriedade social.

Assim, desenvolve-se o princípio colectivista que se torna dominante no socialismo.

Para além destes princípios, existem também o humanismo socialista, o patriotismo socialista e o internacionalismo proletário.

Os princípios da moral fixam: as relações face à realidade que nos cerca; as relações face às pessoas ou em geral face ao colectivo e à sociedade e as relações face a si próprio.

O primeiro relaciona-se com as mudanças sociais, mas para o segundo deve-se ter em conta as diferenças entre os grupos sociais, as classes, etc.

As normas morais. Cada princípio moral tem as suas normas morais.

As normas são regras e exigências que devem ser aplicadas por todos.

Também a antiga ética burguesa teve as suas normas morais, mas a diferença é que ela as tinha somente para os fenómenos negativos.

Exemplo: em todas as anteriores éticas existia esta norma: "Não roubes, não mates", etc.; enquanto que a ética marxista-leninista tem também as normas para os fenómenos positivos.

Exemplo: uma norma moral na Albânia é: pensar, trabalhar, lutar e viver como revolucionários; trabalhar onde a pátria tem mais necessidade.

As funções da moral. A moral tem três funções.

1. **Conhecer;** quer dizer, a moral trata do conhecimento dos fenómenos morais.
2. **Educativa;** quer dizer, educar com as normas da moral para reger o comportamento das relações morais.
3. **Ideológica;** quer dizer, a moral é uma ciência que forma a concepção do mundo das pessoas. Ela relaciona-se também com o lado emocional. Quer

dizer, a educação das pessoas faz-se por um lado, pela concepção do mundo, e por outro lado com o coração, com os sentimentos e emoções. Dum lado o cérebro, do outro o coração.

O principal é a educação da concepção do mundo. Mas também é importante a educação por meio dos sentimentos.

Se tomarmos por exemplo a juventude hitleriana antes da II guerra mundial, naturalmente ela não era educada com uma concepção do mundo, mas só através dos sentimentos. Hitler introduziu na juventude os sentimentos de superioridade da raça, etc. Aqui desempenham um grande papel os sentimentos subjectivos ou seja o lado emocional.

Exemplo: na Albânia o povo não tinha uma concepção do mundo e apesar disso o povo acreditava em Deus.

III

As contradições

1. A IMPORTÂNCIA DA CORRECTA COMPREENSÃO DA LEI GERAL DA DIALÉCTICA, DA UNIDADE E LUTA DOS CONTRÁRIOS

A importância da correcta definição das contradições nas condições do capitalismo e do socialismo é um dos problemas centrais da teoria marxista--leninista. A lei da unidade e luta dos contrários foi designada por Lénine como o espírito da dialéctica ou núcleo da dialéctica.

Porque a considerou Lénine como espírito ou núcleo da dialéctica?

A dialéctica é a ciência das leis mais gerais do desenvolvimento da natureza e da sociedade, pelo que para compreender o desenvolvimento, antes de mais é importante descobrir qual é a fonte mais profunda do desenvolvimento. É precisamente esta lei que demonstra porque é que sucedem mudanças, porque é que tudo está em movimento e desenvolvimento, porque é que na sociedade de classes se desenvolve a luta de classes, a revolução.

Toda uma série de acontecimentos, que nós vemos têm como causa principal a **contradição interna**. Compreende-se que só indo à fonte do desenvolvimento, só compreendendo as profundas causas que põem tudo em movimento, será possível estudar correctamente os acontecimentos, prever correctamente os acontecimentos posteriores.

Por estes motivos, o estudo da teoria das contradições não é somente um problema teórico, relacionado com a concepção do mundo, mas é também um problema prático de particular importância.

Segundo o materialismo dialéctico tudo o que existe no mundo encontra-se em mudança, em movimento, tudo está em co-acção. No processo destas mudanças, desta co-acção entre as coisas e fenómenos, nos seus lados componentes surgem diferenças; algumas partes podem mudar mais depressa do que outras, umas coisas mudam numa direcção, outras noutra, mas todas estão ligadas; não por uma ligação qualquer mas uma ligação entre as coisas e fenómenos que se distinguem entre eles. Estas partes ligam-se e destacam-se uma da outra o que quer dizer que a ligação entre elas tem um carácter contraditório.

O que é a contradição?

A contradição é uma das leis da dialéctica. A contradição é a relação entre os contrários, é a lei da unidade e luta dos contrários.

Encontramos contradições na natureza, na sociedade e no pensamento.

Exemplo: na natureza o sistema solar; entre os planetas conserva-se uma situação que vemos actualmente como resultado do processo contraditório, da contradição – atracção e repulsão; **o fenómeno do magnetismo**. O magneto tem dois polos Norte e Sul; se tirarmos um destes não há mais magnetismo; **a electricidade** tem sinal positivo e negativo; **a vida** é possível devido à comida que recebe e depois estraga, etc.

Exemplo: na sociedade com classes – no capitalismo a burguesia e o proletariado; a relação de inter-acção entre elas é a contradição.

Exemplo: no pensamento, há muitos lados contrários e contradições resultantes das contradições que existem na realidade tais como: a ideologia burguesa e a ideologia marxista; a concepção do mundo materialista e a concepção religiosa; entre o marxismo-leninismo e o revisionismo.

Em todos estes casos tratamos de relações entre contrários; precisamente a relação entre contrários é a contradição.

A contradição tem dois lados permanentemente, quer dizer a contradição é sempre a relação dos lados contrários

Que carácter têm as contradições?

As contradições dialécticas são fonte de desenvolvimento, são objectivas, existem fora da consciência e dos desejos do homem. A nossa tarefa é descobri-las, conhecê-las. Para analisar o processo de desenvolvimento do movimento, nós partimos da teoria das contradições. Exemplo: se fazemos a análise das classes da sociedade capitalista, dos fenómenos e problemas que surgem, procuramos saber que contradições existem; se queremos saber em que fase se encontra o movimento revolucionário num país, tem de se analisar que contradições existem e quais as suas tendências; se queremos analisar a época ou a situação internacional, para que não fiquemos na superfície dos acontecimentos temos de descobrir as contradições para irmos à essência das coisas.

Tudo isto demonstra que o problema das contradições tem particular importância para os Partidos marxistas-leninistas.

A contradição é a relação entre os contrários. Que carácter tem esta relação e como se manifesta? Por duas formas:

1. A unidade dos contrários
2. A luta dos contrários

A unidade dos contrários

Quando dizemos unidade dos contrários temos em vista dois momentos:

primeiro – os contrários estão ligados um com o outro, não podendo existir um sem o outro (ex: burguesia e proletariado, no magnetismo o Norte e o Sul)

segundo – os contrários em determinadas condições mudam de lugar, passam de um lugar a outro.

A unidade dos contrários quer dizer uma determinada ligação dos contrários. Que importância tem isto para a actividade prática?

Os contrários estão unidos, por isso na actividade prática deve-se ter em conta sempre os dois lados.

Exemplo: na actividade prática há êxitos e fracassos, estes devem-se ver vinculados, ligados e não separados.

Ver só o êxito leva à auto-satisfação, ao triunfalismo.

Ver só fracassos leva ao pessimismo, ao derrotismo.

Uma correcta análise deve ver sempre as coisas unidas e nunca uma separada da outra.

Exemplo: as duas superpotências são um perigo para a paz, elas preparam-se para a guerra com exércitos, bases militares, etc.; mas não devemos ver só este lado, devemos ver também o proletariado mundial, os povos do mundo, e a sua força.

A unidade dos contrários é relativa, não pode ser absoluta, é temporária. Se absolutizarmos esta unidade que existe entre os contrários, no terreno teórico caímos na metafísica enquanto que em política caímos no oportunismo, porque se absolutizamos a unidade dos contrários conservamos o "statu quo", quer dizer conservamos a situação existente das coisas e estamos contra qualquer movimento que o possa mudar; quer dizer estamos pela conservação da situação existente.

A luta dos contrários

Quando existem ligações dos contrários estes não existem sem lutar um com o outro. Marx exemplificava este fenómeno do seguinte modo: os contrários agarram-se aos cabelos um do outro.

É uma luta permanente; exemplo: o vínculo da burguesia com o proletariado determina a luta permanente entre eles.

A burguesia esforça-se por manter a situação que lhe permite explorar o proletariado; por sua vez este não pode suportar a exploração da burguesia, por isso lança-se contra ela. A luta dos contrários é a fonte do desenvolvimento, soluciona as contradições e tudo quanto se lhe opõe no caminho das mudanças. Neste sentido a luta dos contrários é absoluta e em todas as partes e é sempre fonte de desenvolvimento; por isso na actividade prática tem muita importância a compreensão desta questão.

2. A IMPORTÂNCIA DA CORRECTA COMPREENSÃO E APLICAÇÃO DA TESE DIALÉCTICA ACERCA DO PAPEL DAS CONTRADIÇÕES INTERNAS COMO MOTOR DO DESENVOLVIMENTO.

As contradições são variadas, internas, externas, principais e não principais, fundamentais e não fundamentais, antagónicas e não antagónicas.

A dialéctica não estuda todos os casos concretos e não tem soluções já feitas, mas dá as orientações teóricas na base das quais se deve fazer a análise concreta da situação concreta, para encontrar a contradição com a qual teremos de nos enfrentar.

Como orientações a dialéctica dá-nos alguns critérios na base dos quais podemos classificar e agrupar as contradições.

– Um critério do seu agrupamento é o papel que desempenham no processo de desenvolvimento. Neste processo dividem-se em: internas e externas, principais e secundárias
– outro critério é o do carácter que têm as contradições, neste caso dividem-se em:
antagónicas e não antagónicas

Contradições internas e contradições externas

1. Contradições internas:
são aquelas que actuam dentro das coisas e dos fenómenos.
exemplo: no sistema capitalista

BURGUESIA (+ −) PROLETARIADO

2. Contradições externas:
são aquelas que manifestam a relação entre os contrários que existem entre as coisas e os fenómenos diferentes.
exemplo: na sociedade

(+) CAPITALISMO (−) SOCIALISMO

O que é mais importante, as contradições internas ou as externas?

Deve-se prestar atenção em primeiro lugar às contradições internas pois estas são as mais importantes, são a fonte do desenvolvimento.

Exemplo: no sistema capitalista, o processo do desenvolvimento define a contradição interna entre o proletariado e a burguesia.

Esta contradição não a podemos subestimar ao contrário do que fazem actualmente alguns oportunistas que dizem que esta contradição não tem importância; pelo contrário dizem eles, devemos colaborar com a burguesia para enfrentar algum perigo do exterior.

Os oportunistas também dizem sem fundamentos que os países atrasados só se desenvolverão com a ajuda dos países desenvolvidos e em especial com a ajuda das duas super-potências; ou ainda que a liberdade e a independência desses países será defendida colocando-se sob a influência de uma das super-potências.

Ou tomemos o ponto de vista castrista; segundo ele não têm importância as contradições internas e a preparação interna para a revolução, basta um grupo de guerrilheiros que vêm de fora para que se desencadeie a revolução.

Em todos estes casos subestima-se o papel das contradições internas e objectivamente sabota-se o movimento revolucionário.

Uma questão de primeira importância é a de analisar as contradições internas, descobri-las e elaborar a estratégia e a táctica para as solucionar.

Um ponto de vista oportunista que circula actualmente diz-nos que o único perigo que ameaça os povos é o social-imperialismo.

Se tomarmos este exemplo e o aplicarmos a Portugal, teríamos que o PCP(R) devia-se unir com o imperialismo, com todos os oportunistas, com a burguesia portuguesa e com Cunhal; devia deixar de lado as contradições internas; quer dizer, se repudiamos as contradições internas, repudiamos a revolução.

Ainda segundo esta concepção não se deve fazer luta de classes, não se deve preparar a revolução, mas esperar que os problemas internos sejam solucionados mediante a ajuda das super-potências.

O marxismo-leninismo repudia estas teorias e defende a tese de que a atenção se deve concentrar nas contradições internas e resolvê-las com as próprias forças. **O papel que desempenham as contradições internas tem como base teórica o princípio de apoio nas próprias forças** para a vitória da revolução e a construção do socialismo.

O problema das contradições internas e externas não é apenas um problema teórico mas também um problema político, quer dizer, é um problema teórico e prático.

Será que as contradições externas desempenham algum papel?

Sem dúvida, elas desempenham um papel importante no processo de desenvolvimento, mas em relação às contradições internas elas desempenham um papel de segunda ordem.

Por exemplo em Portugal para analisar a contradição interna deve-se ter em conta a intervenção do imperialismo americano por possuir as suas bases militares, os monopólios.Como vimos na resolução do II Congresso do

PCP(R), na análise que se fez teve-se em conta ambos os lados, tiveram-se em conta as contradições internas e as externas, como se entrelaçam e de acordo com esta análise determinaram-se as tarefas para a Revolução.

Poderá suceder que as contradições externas apareçam em primeiro lugar?

Isso é possível nos casos de ocupação. Por exemplo na Albânia, quando foi ocupada pela Itália, a contradição externa (entre o povo e o invasor fascista) passou a principal. A contradição interna (entre a burguesia e o proletariado) passou para segundo plano, na medida em que naquela época devia-se solucionar antes de mais a contradição com o ocupante. Simultaneamente, resolvendo a contradição com o ocupante foi possível diferenciar e solucionar também a contradição interna.

Pode pois acontecer que a contradição externa se torne principal em determinado momento. No entanto, por regra a contradição interna é sempre a principal.

3. AS CONTRADIÇÕES PRINCIPAIS E FUNDAMENTAIS: A IMPORTÂNCIA QUE TEM A CORRECTA DEFINIÇÃO DA CONTRADIÇÃO PRINCIPAL PARA A DEFINIÇÃO DA ESTRATÉGIA DO PARTIDO COMUNISTA MARXISTA-LENINISTA

Pelo papel que desempenham, as contradições podem ser principais e secundárias, fundamentais e não fundamentais.

Quando consideramos uma contradição principal?

Quando esta, numa série de contradições, desempenha o papel principal **num determinado momento**. Todas as outras em relação a esta consideram-se secundárias.

Por exemplo: no sistema capitalista há contradições entre a grande e a média burguesia, entre uma província e a outra, etc. Mas a principal é a contradição entre a burguesia e o proletariado, por isso deve-se colocar o acento na principal.

A correcta definição da contradição principal é uma questão importante para a definição da estratégia e táctica do Partido Comunista pois demonstra-nos onde devemos concentrar a atenção principal e a força principal.

Naturalmente que determinando a principal não se pode deixar de lado as outras, devem-se analisar todas e definir qual a principal. Por outro lado deve-se analisar continuamente a situação porque hoje a que é principal pode não o ser amanhã.

Por exemplo na Albânia durante a guerra de libertação nacional havia um grupo oportunista, que se chamava "Zjarre", o qual se fazia passar por o mais revolucionário, dizendo que não se devia pôr a contradição externa

como principal mas antes de mais a contradição interna, punha a tarefa do estabelecimento imediato da ditadura do proletariado.

Mas neste caso desempenhava o papel do fascismo, apesar de se fazer passar por revolucionário e a prática demonstrou que mais tarde eles colaboraram com o fascismo.

Isto quer dizer que é importante a contínua análise das contradições para definir a todo o momento qual delas surge como contradição principal num tempo dado.

O que consideramos como contradição fundamental?

Contradição fundamental é a contradição principal que se mantém como tal durante todo o desenvolvimento dum processo. Também esta definição tem grande importância para a elaboração da estratégia e táctica revolucionárias. Por isso os clássicos do marxismo-leninismo deram uma grande importância à definição da contradição principal que actua por um largo período.

Por exemplo: a passagem do capitalismo ao socialismo é um completo período histórico; esta época começou com a revolução de Outubro de 1917, continua e tem no seu fundamento contradições fundamentais que permanecem durante toda a época.

Lenine disse que permanecem no fundamento desta época quatro contradições fundamentais:

1. a contradição entre a burguesia e o proletariado
2. a contradição entre o capitalismo e o socialismo
3. a contradição entre os países capitalistas, hoje entre as duas super-potências e seus satélites.
4. a contradição entre o imperialismo por um lado e os povos oprimidos por outro

Estas contradições permanecem no fundamento de todo este período histórico. Estas, podem tomar formas e características diferentes, mas em todo o tempo permanecem no seu fundamento. Enquanto estas contradições permanecem no fundamento desta época, a conclusão que os marxistas-leninistas retiram é de que a época de hoje é a época das revoluções proletárias.

O camarada Enver Hoxha no VII Congresso do PTA disse: a revolução hoje não é apenas um desejo e aspiração de larga perspectiva, mas um problema que está de pé e exige ser resolvido.

Nas actuais condições surgiram teorias como a teoria dos 3 mundos que defende pontos de vista oportunistas, e anti-marxistas. Segundo esta teoria as 3 primeiras contradições já não têm valor apenas a última tem validade. No entanto, mesmo esta é interpretada de forma deturpada. Segundo esta teoria, a força motriz do desenvolvimento histórico é o terceiro mundo, ou seja a força motriz deixou de ser o proletariado, a época actual já não é a época das revoluções proletárias. Os Partidos Comunistas não devem definir na estraté-

gia da revolução o proletariado como força motriz. Estas concepções têm raízes na negação das contradições fundamentais da época, no repúdio da análise leninista da época, no repúdio do critério de classe das contradições dos diversos países, Estados e das políticas que seguem, as quais se devem ver segundo uma perspectiva de classe.

Por isto este problema não é um problema simplesmente teórico mas tem uma importância directamente prática. Estudamos as contradições não para termos uma cultura iluminada mas para as compreendermos na nossa actividade prática.

4. DOIS TIPOS DE CONTRADIÇÕES: ANTAGÓNICAS E NÃO-ANTAGÓNICAS; A IMPORTÂNCIA DA SUA CORRECTA DEFINIÇÃO NAS CONDIÇÕES DO CAPITALISMO E DO SOCIALISMO

Pelo seu carácter, as contradições dividem-se em antagónicas e não-antagónicas.

Contradições antagónicas. São definidas pela relação entre contrários cujos interesses políticos e económicos são diametralmente opostos.

Por consequência entre estes dois contrários existe a hostilidade e a luta; quer dizer os lados que constituem estas contradições estão em hostilidade permanente uma com a outra.

Exemplo: a contradição antagónica proletariado/burguesia
a contradição antagónica socialismo/capitalismo
a contradição antagónica imperialismo/povos
a contradição antagónica entre os países capitalistas
a contradição antagónica entre ideologia marxista-leninista/ideologia burguesa e revisionista

1. Que características têm estas contradições antagónicas?

As contradições antagónicas têm como tendência a contínua agudização, e não se pode esperar que se suavizem.

Que importância tem conhecer esta característica?

Tem importância especialmente para prever os acontecimentos que se vinculam com estas contradições.

Exemplo: entre as duas superpotências há colaboração e rivalidade, em primeiro lugar elas parecem que não têm contradições e colaboram, mas entre elas existem contradições que se agudizam cada vez mais.

Exemplo: dentro dos países capitalistas o aprofundamento da crise, traz também o aprofundamento das contradições.

Estudando esta característica das contradições, Marx no Capital chegou à conclusão que o capitalismo está de tal maneira embrulhado nas suas próprias contradições que estas o conduzem à sua própria morte. Assim a própria agudização das contradições conduz à preparação das condições para a revolução.

2. As contradições antagónicas não se podem solucionar na base do sistema que as contém.

Exemplo: o capitalismo como sistema que contém uma série de contradições antagónicas não as pode solucionar na sua própria base; quer dizer não se pode solucionar o capitalismo permanecendo como capitalismo, ou fazendo algumas modificações, porque estas contradições estão no fundamento do sistema e a sua solução leva à liquidação do capitalismo.

Por exemplo será possível solucionar a contradição entre a burguesia e o proletariado na base do capitalismo?

Uma tal coisa é impossível pois o capitalismo não existe sem a burguesia explorar o proletariado.

Que importância tem conhecer esta característica?

Tem importância para repudiar as teorias que divulgam os ideólogos burgueses, reformistas, oportunistas e revisionistas que propagam que o capitalismo tem possibilidade de solucionar os seus problemas, que a revolução técnica e científica, o modo de vida, as reformas parciais e estruturais, a política prudente que poderá seguir este ou aquele governo burguês nas condições de democracia burguesa poderão solucionar as contradições da burguesia. Na realidade estes tipos de contradições poderão ser solucionados somente liquidando o sistema que as contém.

3. Como regra as contradições antagónicas solucionam-se com a violência. De onde surge isto?

As contradições antagónicas existem nos problemas fundamentais, económicos e políticos, por isso compreende-se que hajam forças que querem conservar a sua situação mediante a força. Assim como dizia Marx: a força material só se poderá derrubar com a força material. Concretamente para defesa dos interesses da burguesia existe o Estado burguês com todo o seu aparato, exército, polícia, etc. Para solucionar a contradição entre a burguesia e o proletariado este deve usar a violência, fazendo a revolução violenta, pois a burguesia não larga o poder voluntariamente.

Que importância tem conhecer esta característica?

A sua importância é devida à necessidade de argumentar a indispensabilidade da revolução violenta.

Há contradições antagónicas que continuam a existir no socialismo, mas tomam outras formas e características; apesar disso, é de grande importância

que nas condições do socialismo se valorizem e se resolvam correctamente as contradições, caso contrário o socialismo corria grandes perigos. No socialismo, com os inimigos que estão em contradição antagónica, não nos podemos comportar como um sentimental, é preciso tomar medidas severas para com os inimigos, caso contrário grandes danos sofreria o socialismo.

Contradições não antagónicas

Consideram-se aquelas que expressam a relação entre contrários cujos interesses fundamentais políticos e económicos são comuns.

Por consequência entre estes contrários não há hostilidade mas base de colaboração e ajuda recíproca.

Paralelamente há também contradições deste tipo que se devem resolver como por exemplo:

- as contradições que existem entre o proletariado e o campesinato nos países capitalistas.
- contradições que existem nas diversas camadas que constituem o proletariado.
- contradições que possam surgir em determinadas condições no seio do povo.

Os principais aliados do proletariado na revolução devem-se procurar entre estas forças que não têm contradições antagónicas. Todas elas são aliados do proletariado e em primeiro lugar o campesinato, aliado mais fiel e numeroso.

Nas condições do capitalismo dominam as contradições antagónicas.

As contradições não antagónicas fazem-se dominantes, típicas na sociedade socialista.

As características das contradições não antagónicas são opostas às contradições antagónicas porque:

1. as contradições não antagónicas como regra não passam pela agudização, não levam a conflitos abertos porque os seus interesses fundamentais são comuns.
2. as contradições não antagónicas não exigem a liquidação do fenómeno que as contém; exemplo: a aliança proletariado/campesinato. A solução das contradições que podem surgir entre elas não exige a liquidação da aliança mas sim o seu fortalecimento; o sistema socialista contém muitas contradições não antagónicas mas para a solução destas não se deve procurar a liquidação do socialismo, mas sim o seu fortalecimento.
3. estas contradições como regra solucionam-se mediante a persuação, quer dizer que elas não são problemas fundamentais, mas sim secundários; mediante o método da persuação evidenciam-se os interesses comuns e a necessidade de solucionar estas contradições.

Na actividade prática revolucionária é necessário conhecer as caracte-

rísticas destes dois tipos de contradições e colocar correctamente o limite entre elas para as não misturar.

A mistura das características destes dois tipos de contradições, tem as suas raízes nas atitudes oportunistas e sectárias.

Exemplo: **cai-se em posições oportunistas** quando se consideram os inimigos como amigos, existe uma contradição antagónica entre eles e trata-se como não antagónica.

Exemplo: **cai-se no sectarismo** quando os possíveis aliados são tratados como se existisse uma contradição antagónica com eles.

Tanto o oportunismo como o sectarismo, apesar de partirem de caminhos diferentes levam ao mesmo resultado; tanto um de direita, como outro de "esquerda" minam a causa da revolução; por isso na actividade prática tem importância esclarecer correctamente os dois tipos de contradições e lutar tanto contra o oportunismo, como contra o sectarismo.

IV

As classes e a luta de classes

INTRODUÇÃO

A sociedade é um fenómeno complicado onde actuam diversos factores, factores materiais e factores espirituais, tais como a produção dos bens materiais ou a ideologia e a cultura espiritual.

Na sociedade actuam diversas forças: umas querem fazer andar a sociedade para a frente; outras querem impedir o progresso.

Na sociedade acontecem fenómenos tais como: um sistema social que se substitui a outro, a guerra, a paz, a revolução, a contra-revolução, etc.

Na sociedade existem também interesses, vontade e objectivos diversos.

Os pensadores pré-marxistas tinham o ponto de vista de que a sociedade era um caos.

Segundo eles, não se podia dar uma explicação científica aos problemas e fenómenos sociais.

É de acentuar que todos os filósofos, sábios, e historiadores pré-marxistas, estavam em posições idealistas. Também os materialistas pré-marxistas na explicação dos fenómenos sociais estavam nas posições dos idealistas.

Na explicação dos fenómenos sociais devemos também partir da solução do problema fundamental da filosofia.

O problema fundamental da filosofia, nesta explicação dos fenómenos sociais, está em saber o que é primário: o ser social ou a consciência social?

O materialismo histórico aceita que **"o ser social" é primário** e a "consciência social" **é secundário.** Por sua vez a compreensão idealista sobre a

sociedade aceita as teses que "a consciência social" é primário e o "ser social" é secundário.

Na concepção materialista histórica o que é que se entende por "ser social"?

"Ser social" é o conjunto das condições da vida material da sociedade, quer dizer antes de tudo o modo de produção dos bens materiais e o regime económico da sociedade.

Exemplo: No capitalismo o "ser social", é o conjunto das condições da vida material do proletariado e da burguesia. Essas condições de vida são diferentes para cada uma dessas classes.

O materialismo histórico demonstra que o factor decisivo do desenvolvimento da sociedade é a forma de produção dos bens materiais.

A forma de produção tem duas componentes:

1. As forças produtivas das quais fazem parte os utensílios de produção, os meios de produção e as pessoas que empregam estes meios de produção.
2. Relações de produção

   Os elementos das relações de produção são:
   - as formas de propriedade
   - as formas de troca entre a cidade e o campo
   - as formas de distribuição

A compreensão materialista da história conduz-nos à verificação de que existem leis objectivas na sociedade que estão na base do seu desenvolvimento.

Essas leis são:

- a lei sobre o papel determinante da forma de produção no desenvolvimento da sociedade
- a lei sobre a concordância das relações de produção com o nível das forças produtivas
- a lei sobre a luta de classes e da revolução social e outras leis.

Outra das questões ligadas à compreensão materialista da história é a questão do papel decisivo das massas populares no desenvolvimento da sociedade.

Em oposição a esta compreensão, os idealistas atribuem o papel decisivo do desenvolvimento da sociedade, a pessoas destacadas como: aos reis, aos políticos, subestimando o papel das massas.

Engels, pondo em destaque a descoberta da compreensão materialista da história por Marx, escreve que assim como Darwin descobriu a lei do desenvolvimento do mundo orgânico, Marx descobriu a lei do desenvolvimento da sociedade humana, descobriu o facto simples de que as pessoas em primeiro lugar devem comer, beber, ter habitação e vestir-se antes de se relacionarem com a política, a ciência, a arte e a religião. Isto quer dizer que a produção dos bens materiais constitui a base decisiva do desenvolvimento da sociedade.

1. O MARXISMO-LENINISMO SOBRE AS CLASSES

Uma definição científica das classes sociais, que é uma síntese das ideias de Marx e Engels, deu-a Lénine do seguinte modo:

"Chama-se classes, a vastos grupos de homens que se distinguem 1) pelo lugar que eles ocupam num sistema historicamente definido de produção social, 2) pela sua relação (na maior parte do tempo fixada e consagrada pelas leis) com os meios de produção, 3) pelo seu papel na organização social do trabalho, portanto, 4) pelos modos de obtenção e a importância da parte das riquezas sociais de que eles dispõem."

(Lénine, in "A Grande Iniciativa, O.C. t.29)

Destas características sobre as classes, a **mais importante é a segunda característica.**

Daqui surge que a classe que tem nas suas mãos os meios de produção é a classe dominante na economia, é a classe dominante na política, é a classe que tem nas suas mãos o poder.

Esta classe desempenha também **o papel decisivo na organização e direcção da produção, ao mesmo tempo que recebe a grande maioria das riquezas sociais.**

Assim por exemplo, a burguesia no capitalismo tem em suas mãos os meios de produção, o poder, o Estado, dirige e organiza a produção e recebe a grande maioria das riquezas sociais.

Lénine, na base destas características fundamentais, põe a nu a essência do antagonismo que existe entre as classes exploradoras e exploradas.

Em ligação com este problema Lénine disse ainda:

"As classes são grupos de homens em que um pode se apropriar do trabalho do outro, devido ao lugar diferente que ele ocupa numa estrutura determinada da economia social."

(Lénine, idem)

Esta definição tem a ver com as classes sociais nas sociedades antagónicas.

Entre as classes há também outras diferenças.

Exemplo: há diversas classes num sistema capitalista que se distinguem também pela concepção do mundo, pela forma de vida, pelos costumes, pelos gostos estéticos, pelo nível educacional e outros, mas estas distinções são diferenças de segunda ordem.

Como explica o materialismo histórico o aparecimento das classes?

Do ponto de vista marxista, as classes não existiram sempre e não são eternas, as classes surgiram em determinadas condições do desenvolvimento da sociedade.

Na Comunidade primitiva, a sociedade humana não estava dividida em classes.

Como se explica isto?

Isto explica-se pelo nível muito baixo do desenvolvimento das forças

produtivas. Nestas condições, todas as pessoas tinham que trabalhar para poderem assegurar as exigências mínimas da vida.

Com o desenvolvimento dos utensílios de produção, com o emprego dos utensílios metálicos, tornou-se possível aumentar a produção.

Isso tornou possível também que alguns pudessem alimentar-se sem trabalhar.

Com o desenvolvimento dos utensílios de produção não só se aumentou a produção como também se criou uma sobreprodução, que permitiu esse fenómeno.

O aparecimento das classes está relacionado com o surgimento da propriedade privada sobre os meios de produção.

Engels acerca deste problema disse que este processo se realizou por meio de dois caminhos entrelaçados um no outro.

O primeiro caminho — foi o da diferenciação que se fez dentro do clã; as pessoas que tinham posições dirigentes dentro do clã, os dirigentes do clã, os dirigentes militares, os dirigentes do culto religioso, apoderaram-se dos meios de produção; no entanto a maior parte não tinham meios de produção e assim **surgiram as primeiras classes exploradoras — os esclavagistas, e a primeira classe explorada — os escravos.**

O segundo caminho — é a transformação dos prisioneiros de guerra em escravos.

Na sociedade, as classes mudaram de um sistema social para outro.

A divisão da sociedade em classes, levou ao aparecimento do Estado, da contradição cidade-campo e da contradição trabalho manual-trabalho intelectual.

Uma determinada forma de produção tem as suas determinadas classes que lhe correspondem. Em cada sistema social antagónico conforme o tipo de propriedade privada que domina a sociedade, existiam e existem duas classes principais, sem as quais não poderia existir um determinado sistema social. Assim, **no sistema esclavagista as classes principais foram os escravos e os esclavagistas.**

No sistema feudal, as classes principais foram os feudais e os servos.

No sistema capitalista, as classes principais são a burguesia e o proletariado.

Mas em cada sistema antagónico, paralelamente às duas principais classes, há também classes e camadas não principais, as quais têm a ver com a existência dos demais sectores da economia.

Assim no sistema esclavagista existiam também os agricultores e artesãos livres.

No feudalismo, com o desenvolvimento das cidades, cresceu a camada de artesãos e dos pequenos comerciantes.

No capitalismo existe o campesinato pobre, os artesãos e os pequenos comerciantes.

Estas camadas têm um duplo carácter, são os proprietários dos meios de

produção e isto aproxima-os da burguesia, mas ao mesmo tempo são trabalhadores porque não exploram o trabalho de outros, **por isso a sua posição é vacilante**, entre o proletariado e a burguesia.

A concorrência diferencia-os, uma pequena parte enriquece e fazem-se capitalistas mas a maioria arruina-se e empobrece e vêm para as fileiras do proletariado.

Uma outra camada do capitalismo é ainda a **intelectualidade**. Esta camada é formada por pessoas que provêm de diversas classes, principalmente das classes ricas.

Outra camada que existe ainda no capitalismo é a dos empregados.

A análise da estrutura das classes da sociedade tem uma particular importância para os partidos marxistas-leninistas, pois ajuda-os a elaborar uma táctica e uma correcta estratégia. Ajuda a definir com que classes e camadas poderão fazer alianças, quais devem ser neutralizadas e contra quais devem dirigir a luta.

2. A LUTA DE CLASSES, LEI OBJECTIVA E FORÇA MOTRIZ DAS SOCIEDADES DIVIDIDAS EM CLASSES

A luta de classes surgiu com o aparecimento das classes antagónicas.

Este carácter da luta de classes, Marx e Engels expressaram-no desde o início no Manifesto Comunista onde se diz:

"A história de toda a sociedade até aos nossos dias é a história da luta de classes.

Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, artesão e companheiro — numa palavra, opressores e oprimidos em perpétua oposição, levaram a cabo uma luta ininterrupta, umas vezes secreta, outras vezes aberta e que acabava sempre seja numa transformação revolucionária de toda a sociedade, seja pela ruína comum das classes em luta".

(Marx e Engels, in "Manifesto do Partido Comunista")

Mais tarde Engles acrescentaria:

"Toda a história anterior, com excepção da sociedade primitiva, *foi a história da luta de classes."*

O marxismo-leninismo assinala que a luta de classes é uma lei objectiva, porque têm causas profundas objectivas que não dependem da vontade e do desejo das pessoas.

Quais são as causas objectivas da luta de classes?

As causas objectivas da luta de classes são os interesses contrários e antagónicos das classes, em primeiro lugar os interesses contrários económicos. Estes constituem a causa fundamental da luta de classes.

Na base dos interesses contrários económicos, surgem também os inte-

resses contrários políticos, ideológicos, entre as classes; mas o fundamental são os interesses contrários económicos.

Estes interesses económicos são inconciliáveis, não se podem solucionar por meio de acordos ou compromissos entre as classes, pois nenhuma das classes antagónicas renuncia de livre vontade aos seus interesses fundamentais. Por exemplo, os interesses económicos, os interesses políticos e ideológicos antagónicos do proletariado e da burguesia não se podem solucionar por meio do caminho dos acordos pelo facto de que a burguesia não renuncia voluntariamente à dominação dos meios de produção e do próprio poder; por outro lado também o proletariado não renuncia ao objectivo da revolução para acabar com a exploração capitalista.

Assim sucedeu também nos sistemas pré-capitalistas.

Os ideólogos burgueses e revisionistas negam o carácter objectivo da luta de classes, eles propagam que a luta de classes é o resultado das incompreensões entre as pessoas; que supostamente a luta de classes é consequência dos erros na política que seguem os círculos dominantes ou que a luta de classes nos países capitalistas é impulsionada artificialmente do exterior.

Ora a prática demonstra bem que a luta de classes, pelas causas que dissemos, **actua como uma lei objectiva na sociedade de classes antagónicas. A luta de classes serve também como uma força motriz do desenvolvimento da sociedade.**

Por isso Marx dizia que **as revoluções são as locomotivas da história.**

Na realidade, se olharmos as transformações que foram feitas na sociedade humana, vemos que a passagem de um sistema social de classes antagónicas a um outro sistema, faz-se mediante a luta de classes.

Assim se passou do sistema esclavagista ao sistema feudal, do sistema feudal ao sistema capitalista, como também do sistema capitalista ao sistema socialista.

Os ideólogos burgueses, oportunistas e os diversos reformistas **escondem o verdadeiro papel que desempenha a luta de classes como o motor da história.**

Eles declaram que a luta de classes é um grande mal que divide a sociedade e que impede o seu desenvolvimento.

Segundo eles, o progresso da sociedade consegue-se não pelo desenvolvimento da luta de classes, mas pela colaboração de classe, pelo bom entendimento entre as classes.

Percebemos perfeitamente que o objectivo destes pontos de vista é sabotar a luta de classes, a luta do proletariado contra a burguesia.

Lénine, desmascarando estes pontos de vista, dizia que segundo a doutrina do socialismo (marxismo) a força motriz verdadeira da história é a luta revolucionária das classes.

Segundo a doutrina dos filósofos burgueses, dizia Lénine, a força motriz

do progresso é a solidariedade de todos os elementos da sociedade, os quais compreenderam que esta ou aquela instituição não é perfeita.

A primeira doutrina é materialista, a segunda é idealista.

A primeira argumenta a táctica do proletariado nos actuais países capitalistas.

A segunda argumenta a táctica da burguesia.

Pelo que dissemos ressalta claramente porque é que a luta de classes é uma lei objectiva e uma força motriz da sociedade.

Qual é o papel do proletariado na luta de classes

A luta de classes nos sistemas pré-capitalistas tinha um carácter espontâneo e local. O nível de organização desta luta era baixo.

Porquê?

Porque na luta que faziam as classes oprimidas e exploradas contra as classes exploradoras, não era bem claro o objectivo e os fins desta luta; porque elas não tinham uma teoria própria e revolucionária, não tinham uma direcção organizada e um centro único de direcção.

Assim, como consequência, a sua luta sofria derrotas. Os frutos da sua luta eram aproveitados sempre pelas classes dominantes.

De forma diferente desenvolveu-se a luta de classes do proletariado nas condições do capitalismo.

O proletariado é a classe mais revolucionaria, à qual a história encarregou a elevada missão do derrubamento do capitalismo, de instaurar a ditadura do proletariado e edificar o socialismo e o comunismo.

Porque é que o proletariado é a classe mais revolucionária?

1. **Porque** o proletariado não tem nada mais que a sua força de trabalho, a qual está obrigado a vender ao capitalismo para poder sobreviver.

   Por isso Marx e Engels diziam:

   "Os comunistas não se rebaixam a dissimular as suas opiniões e os seus projectos. Eles proclamam abertamente que os seus fins só podem ser atingidos pelo derrubamento violento de toda a ordem social passada. Possam as classes dirigentes tremer só com a ideia duma revolução comunista. Os proletários não têm nada a perder senão as suas cadeias. Eles têm um mundo a ganhar".

   (Marx e Engels, in "Manifesto do Partido Comunista")

2. **Porque** o proletariado está ligado à forma mais avançada da produção, à grande produção industrial.

   As condições de trabalho na grande produção industrial são tais que criam grandes possibilidades para que o proletariado se una, se organize e se eduque mais facilmente. O proletariado cresce, desenvolve-se com o desenvolvimento e o crescimento da produção industrial.

O proletariado é portador das novas relações de produção que se estabelecem no socialismo.

3. **O proletariado** tem uma teoria própria, científica, o marxismo-leninismo, que lhe ilumina o caminho, assim como o seu partido m-l que o dirige na luta de classes.

A atitude para com a classe operária, para com o seu papel dirigente no movimento revolucionário, foi e é um dos problemas mais agudos da luta ideológica entre o marxismo-leninismo e a ideologia burguesa e revisionista.

Os ideólogos burgueses e revisionistas divulgam diversas teorias. Uma destas teorias é a da desproletarização da sociedade capitalista.

Segundo esta teoria, nos países capitalistas, como resultado da revolução técnica e científica, o proletariado desaparece, integra-se e funde-se na sociedade capitalista e transforma-se em co-dirigente e co-proprietário dos meios de produção.

O revisionista Marchais no XXII Congresso do Partido "Comunista" Francês-revisionista, colocou o problema de que na sociedade francesa não há proletariado mas sim classe operária e que esta é diferente do proletariado.

Destes pontos de vista tira-se a conclusão de que o proletariado, fundindo-se na sociedade capitalista, não está interessado na transformação revolucionária da sociedade. Por essa razão o proletariado não estaria interessado na revolução.

Para alguns destes ideólogos, a força revolucionária nos países capitalistas está no Lumpen-proletariado, nos emigrantes, nos estudantes, na intelectualidade e não no proletariado.

A vida e a prática recusam esta teoria.

De facto o proletariado cresce.

As fileiras do proletariado aumentam; especialmente a ruína do campesinato pobre, a ruína da pequena burguesia, pequenos comerciantes e artesãos, levam ao aumento das fileiras do proletariado.

Para reforçarem as suas teses de que supostamente o proletariado se integrou no capitalismo, estes ideólogos empregam como argumento o aburguezamento de uma minoria de operários que compõem **a chamada aristocracia operária**, a qual foi corrompida pela burguesia monopolista e revisionista, mediante elevados salários e remunerações e a colaboração ideológica.

É evidente que o sistema capitalista não podia existir sem estas duas classes fundamentais, que são a burguesia e o proletariado. Enquanto existir o capitalismo haverá proletariado e burguesia.

Na sua luta contra a burguesia, o proletariado como classe mais revolucionária, está em situação de unir em torno de si, todas as classes e camadas que sofrem com o sistema capitalista.

3. AS PRINCIPAIS FORMAS DE LUTA DE CLASSES DO PROLETARIADO NO MUNDO CAPITALISTA E REVISIONISTA NAS ACTUAIS CONDIÇÕES

Na sua luta contra a burguesia, o proletariado emprega três formas de luta: a luta económica, a luta política e a luta ideológica.

A luta económica

Uma das principais formas de luta de classe do proletariado é a luta económica. Ela é a primeira forma de luta da classe operária, visto que historicamente o movimento operário começou a sua luta através das exigências económicas.

Onde reside a importância da luta económica?

A importância da luta económica reside no facto de que durante o desenvolvimento desta luta, surge e fortalece-se entre os operários o sentimento de solidariedade de classe. Surgem os elementos essenciais da consciência socialista.

No processo desta luta, criam-se também as primeiras organizações da classe operária — os sindicatos.

O objectivo da luta económica é conseguir algumas reivindicações económicas dentro do quadro do sistema capitalista, tal como a luta pela redução das horas de trabalho, tal como a luta que a classe operária desenvolve por aumentos salariais e para melhorar as condições de trabalho.

A luta económica apesar da importância que tem é uma luta limitada.

Desenvolvendo só esta luta, o proletariado não se poderá salvar da opressão e exploração capitalista.

Os reformistas e os diversos revisionistas esforçaram-se e esforçam-se para que a luta do proletariado se reduza só à luta económica.

A luta política

A segunda forma de luta que o proletariado desenvolve contra a burguesia é a luta política. Esta é a forma principal da luta entre o proletariado e a burguesia.

Uma outra forma que desenvolve o proletariado contra a burguesia é também a luta política, sendo esta a forma principal da luta do proletariado contra a burguesia.

O objectivo desta luta é derrubar a burguesia como classe.

Na luta política, o proletariado opõe-se como classe à classe burguesa.

A luta política desenvolve-se a nível nacional.

A essência da luta política é o poder de Estado.

A luta política tem diversas formas, tais como:

- Greves políticas
- Manifestações

— Campanhas eleitorais
— Emprego das tribunas parlamentares
— A luta contra a militarização, contra as bases estrangeiras
— E outras...

Mas todas estas não constituem a essência da luta política.

Os antigos e actuais oportunistas e revisionistas esforçam-se por deturpar a compreensão marxista-leninista da luta de classes.

A este respeito Lénine disse que todos os oportunistas e liberais aceitam a luta de classes também no terreno político até ao momento em que não afecte os interesses da burguesia.

Do facto, de que os interesses económicos desempenham o papel decisivo Lénine assinalava que não resulta em nada que a luta económica ocupe o primeiro lugar.

Todos os oportunistas e revisionistas estão dispostos a aceitar a luta de classes também no terreno político, excluindo o problema do poder de Estado.

Lénine assinalava ainda que:
"Marxista é aquele que estende a luta de classes à aceitação da ditadura do proletariado".
(Lénine, in "O Estado e a Revolução", OC. t. 25)

A luta ideológica

A terceira forma de luta entre o proletariado e a burguesia é a luta ideológica. O seu objectivo é a libertação do proletariado da influência da ideologia burguesa e revisionista de modo a que o proletariado se torne consciente sobre a importância que tem a luta económica e a luta política e compreenda claramente a necessidade da revolução socialista e da instauração da ditadura do proletariado.

No terreno da ideologia há uma aguda luta de classes.

Lénine escreveu que o problema só se põe assim: ou ideologia burguesa ou ideologia proletária (socialista). Caminho intermédio não há.

Por isso qualquer subestimação da ideologia socialista, qualquer afastamento desta é ao mesmo tempo o fortalecimento da ideologia burguesa.

Nas actuais condições, como resultado da traição dos revisionistas modernos kruchovistas e outros, adquire uma importância particular a luta ideológica.

Os revisionistas kruchovistas estenderam a compreensão da coexistência pacífica entre Estados à coexistência pacífica entre o proletariado e a burguesia, e também entre os povos oprimidos e o imperialismo.

Os outros revisionistas (italianos, franceses, etc...) propagam a fraternidade em divergências.

Quer dizer, fraternidade e unidade para ir ao socialismo com as reformas, todos juntos: burgueses, operários, polícias e exército burguês.

No VII Congresso do PTA, Enver Hoxha disse:
"Hoje o proletariado não é um bloco único, está dividido pelas ideologias burguesas, revisionistas, social-democratas, "socialista", que têm o único objectivo de dividir o proletariado e não deixar que se organize e se una. Quer dizer, afastar o proletariado da revolução".
(Enver Hoxha, in Informe ao VII Congresso do PTA)

Características da luta de classes nos países capitalistas e revisionistas

Quais são as características fundamentais da luta de classes actualmente nos países capitalistas e revisionistas? Uma dessas características foi apontada pelo camarada Enver Hoxha no VII Congresso do PTA ao dizer que nas actuais condições, a luta de classes do proletariado e das outras camadas sociais exploradas, tomou tais proporções, que esta luta **se estendeu e se agudizou** bastante. Pode-se dizer que hoje é o período mais crítico que a burguesia passou nos países capitalistas.

Nos anos de 1966 a 1970, em greves e manifestações, participaram 270 000 000 de pessoas.

Enquanto nos anos de 1971/1975 esta cifra aumentou para 315 000 000 de pessoas.

Uma outra característica é a ampliação do círculo das reivindicações dos trabalhadores, as quais ultrapassam o quadro económico.

Outra característica é o facto de que diariamente se eleva a um nível mais alto, o movimento de libertação dos povos.

Uma outra característica, é o facto de que, apesar da traição revisionista, apesar da demagogia e propaganda que eles empregam, amplia-se e estende-se cada vez mais a tendência para a saída das massas das influências oportunistas e minadoras da social-democracia e dos revisionistas, os quais todavia manipulam ainda uma importante parte da classe operária.

Outra característica da luta de classes no momento actual é o considerável incremento dos partidos m-l,, o qual é uma flagrante demonstração que o proletariado não perdeu a confiança no marxismo-leninismo.

O camarada Enver Hoxha no VII Congresso do PTA disse que o proletariado vê no marxismo-leninismo a arma mais poderosa na luta contra a burguesia para o triunfo da Revolução.

Ainda uma outra característica da luta de classes é o incremento do movimento revolucionário da juventude e dos estudantes.

Estes são uma grande reserva da revolução nos países capitalistas e revisionistas.

Aqui aparece o problema que o movimento da juventude e dos estudantes deve ser canalizado e entrelaçado com o movimento da classe operária e sob a sua direcção.

O papel do Partido na luta de classes

O proletariado para desenvolver com êxito a sua luta, cria o seu partido — o partido comunista marxista-leninista, sem o qual não pode fazer a revolução nem edificar o socialismo.

O partido comunista **é o destacamento consciente da classe operária, armado com a teoria marxista-leninista,** com a sua actividade política, ideológica e organizativa; o partido torna a classe operária consciente da sua missão histórica. O partido elabora o programa, a táctica e a estratégia da luta e leva a consciência revolucionária à classe operária.

Actualmente surgiram diversas teorias que propagam a espontaneidade do movimento operário, que subestimam o papel do factor consciente, que negam o papel da teoria marxista-leninista, que negam o papel do partido. Tais são as teorias, os pontos de vista e as teses antimarxistas dos revisionistas soviéticos, italianos e outros, que dizem que o **capitalismo se está integrando no socialismo de uma forma consciente ou radical ou ainda gradual.**

Eles propagam ainda teses do tipo: os portadores dos ideais do socialismo, os dirigentes da luta para a sua realização, poderão ser também partidos e outras organizações não proletárias; ou ainda que até ao socialismo vão também alguns países onde no poder está a burguesia nacional.

Tais teses são a base para a divulgação dos pontos de vista que negam totalmente o papel da teoria marxista-leninista e do partido da classe operária.

Outros ideólogos divulgam o ponto de vista de que o papel do partido poderia ser o de uma "minoria activa que se mistura como fermento no movimento expontâneo; que da própria acção revolucionária surgirá a consciência e a organização.

O objectivo destes pontos de vista é desorientar a classe operária, deixá-la desarmada na luta contra a burguesia.

Enver Hoxha disse no VI Congresso do PTA que agora foi provado historicamente que sem o seu partido, a classe operária, em qualquer condição que actue e viva não poderá por si só tornar-se consciente.

Naturalmente não se nega o facto de que as acções revolucionárias fortalecem e temperam a classe operária e as outras massas e lhes ensinem muitas coisas, **mas o partido é o factor subjectivo número um que torna consciente a classe operária, organiza-a e educa-a e dirige-a na luta e na revolução.**

4. A LUTA DE CLASSES NA SOCIEDADE SOCIALISTA

A teoria marxista-leninista ensina-nos que a luta de classes na sociedade socialista é uma lei objectiva e a principal força motora da sociedade socialista. A prática tem demonstrado esta verdade.

No VII Congresso do PTA o camarada Enver acentuou que a luta de

classes no socialismo também **é um fenómeno objectivo que leva por diante a revolução, defende o partido, o Estado e todo o país da degeneração burguesa e revisionista, forma a consciência dos trabalhadores e fortalece o seu espírito proletário.**

A luta de classes, lei objectiva e força motriz no socialismo

Existem várias causas objectivas que fazem com que a luta de classes também seja uma lei objectiva e a força motriz da sociedade socialista.

Essas causas são:

1. A **existência do oportunismo de direita** (revisionismo) como um perigo principal no movimento comunista mundial e para qualquer partido e país que edifica o socialismo.

A experiência do PTA demonstra que o perigo do revisonismo e oportunismo de direita foi e é o principal perigo para o PTA e a Albânia.

2. A **segunda causa** é o facto de até à construção da base económica do socialismo **existirem as classes derrubadas** as quais lutam para derrubar a ditadura do proletariado.

Enquanto que depois da construção da base económica do socialismo existem resíduos destas classes, que são os portadores e divulgadores principais da ideologia burguesa e revisionista e que actuam com todas as possibilidades que têm para derrubarem a ditadura do proletariado.

3. A **terceira causa** é que no processo de edificação do socialismo, **surgem novos elementos burgueses e revisionistas** no seio do partido e no seio do povo.

São em geral pessoas carreiristas, individualistas, pessoas com resíduos acentuados burgueses e pequeno-burugeses.

Estes elementos, sob a pressão ideológica, política, económica e militar do imperialismo e do revisionismo capitulam e transformam-se em colaboradores e agentes do imperialismo e revisionismo.

Estes elementos, como demonstra a experiência da Albânia e de outros países, constituem um grande perigo para os destinos do socialismo.

No VII Congresso do PTA o camarada Enver disse a este respeito que nas suas esperanças, os inimigos do exterior, apoiam especialmente os nossos inimigos do socialismo que surgem no próprio seio da sociedade socialista.

Da experiência do PTA resulta que o PTA tem enfrentado continuamente tais elementos tanto no seio do Partido como no seio do povo, desenvolvendo contra eles uma luta verdadeiramente aguda.

O aparecimento destes elementos burgueses e revisionistas no socialismo, tem também alguns factores objectivos.

No VII Congresso do PTA o camarada Enver Hoxha disse que assim como nos ensina o marxismo-leninismo, **no socialismo existem alguns factores**

objectivos que ajudam ao aparecimento dos fenómenos negativos, tal como é também o aparecimento dos novos elementos burgueses e revisionistas.

Isto devido ao socialismo conservar ainda as tradições, a maneira de comportamento, as concepções do modo de vida, da sociedade burguesa, da qual saiu.

Existem também algumas condições económicas tais como, por exemplo, as forças produtivas e as relações de produção e a forma de distribuição que depende delas que estão ainda longe de ser comunistas; as contradições entre a cidade e o campo, entre o trabalho manual e o trabalho intelectual.

4. **A quarta causa** é devida ao **cerco imperialista e revisionista.**
5. **A quinta causa** que faz com que a luta de classes actue como lei objectiva é o facto de que na consciência das pessoas existam ainda os **resíduos da antiga ideologia,** assim como influências do mundo capitalista e revisionista dos quais não estão emunizados, nem os comunistas nem os trabalhadores.

Por todas estas causas a luta de classes actua também na sociedade socialista. **A luta de classes no socialismo actua como força motriz no sentido de que quando esta luta se desenvolve correctamente dirigida pelo partido, incluindo as massas trabalhadoras nesta luta de classes,** esta luta fortalece o partido, a ditadura do proletariado, assegura a edificação da sociedade socialista.

Os revisionistas modernos negam a luta de classes no socialismo

Os revisionistas modernos, com os soviéticos à cabeça, pretendem que, com o desaparecimento das classes exploradoras termina também a luta de classes.

O objectivo destes pontos de vista é o de abrir o caminho ao reaparecimento dos elementos burgueses e revisionistas para que tomem o poder e derrubem a ditadura do proletariado.

A experiência dos acontecimentos que sucederam na União Soviética e nos outros países ex-socialistas demonstra **que aí a luta de classes não se desenvolveu segundo os ensinamentos do marxismo-leninismo;** na luta de classes não se incluiu a classe operária e as outras massas trabalhadoras e assim se deixou livre caminho aos elementos degenerados burgueses e revisionistas para que tomassem o poder.

É sabido que a contra-revolução pacífica na União Soviética não foi feita pelas ex-classes derrotadas mas sim pelos maus quadros degenerados pela ideologia burguesa e revisionista.

Na União Soviética e nos demais países ex-socialistas desenvolve-se a luta de classes. No entanto, esta luta de classes desenvolve-a a nova burguesia contra a classe operária e demais massas trabalhadoras, desenvolve-a também a classe operária e outras massas trabalhadoras contra a nova burguesia.

A luta de classes na sociedade socialista desenvolve-se de forma aguda

no campo económico, político e ideológico, que são as três frentes principais da luta de classes.

O desenvolvimento da luta de classes na frente económica tem como objectivo a defesa e consolidação da propriedade socialista que é a base do sistema socialista, tem por objectivo defendê-la dos ladrões, da sabotagem, dos que desperdiçam e danificam a propriedade socialista.

A luta de classes nessa frente tem por objectivo a realização de todas as tarefas do plano para a edificação do socialismo.

A luta de classes na frente política tem como objectivo a defesa e o fortalecimento do partido, a defesa e o fortalecimento do Estado de ditadura do proletariado, dos inimigos externos e internos, assim como também das manifestações do burocratismo e liberalismo.

A luta de classes na frente ideológica tem por objectivo desarreigar da consciência das massas e dos comunistas os resíduos das antigas ideologias, religiosas, conservadoras, patriarcais e das influências da actual ideologia burguesa e revisionista.

No VII Congresso do PTA, o camarada Enver disse que a luta de classes deve-se desenvolver continuamente nestas três frentes principais sem subestimar nenhuma delas.

A luta de classes desenvolve-se também dentro do partido.

A luta de classes no partido tem carácter ideológico.

Mas a luta de classes no partido distingue-se da luta de classes fora do partido pelo motivo de que no Partido os comunistas não representam as classes ou camadas de onde provêm.

Aos comunistas no Partido une-os o ideal comum do comunismo.

Tem uma grande importância o correcto desenvolvimento da luta de classes no Partido. Esta luta tem desenvolvido a educação dos comunistas para desenraizar os resíduos que podem ter, assim como para limpar o partido dos inimigos que, como nos demonstra a experiência, surgem no seu seio.

No partido não se pode permitir a existência de duas linhas.

Permitir a existência de duas linhas no partido quer dizer permitir a linha burguesa no partido **a qual levará indispensavelmente à cisão da unidade do partido.**

A actividade dos inimigos externos

Na luta de classes a actividade dos inimigos externos está sempre ligada à actividade dos inimigos internos. É o que nos demonstra a experiência da Albânia e dos demais países.

Os inimigos do exterior, para lograrem os seus fins, empregam a actividade dos inimigos internos, apoiando-se nos inimigos que surgem no seio do partido com o objectivo de liquidar o partido e a ditadura do proletariado.

Os inimigos do interior depositam as esperanças nos inimigos externos.

Aos inimigos do exterior e interior une-os a ideologia anticomunista, tendo como objectivo derrubar o sistema socialista.

Da experiência da luta de classes na Albânia resulta sempre que os inimigos externos e internos actuam conjuntamente. Desde os anos de 1944/1960 as classes derrubadas em colaboração com os inimigos externos fizeram desesperados esforços para derrubar a ditadura do proletariado na Albânia.

Durante este período liquidaram-se mais de 4 000 bandidos e elementos subversivos.

Foram descobertas e golpearam-se mais de 300 organizações e grupos contra-revolucionários e enfrentaram-se milhares de provocações militares nas fronteiras.

A ligação da actividade dos inimigos externos e internos foi comprovada também nos últimos anos, no exército, no sector da arte e cultura, no sector da economia e do comércio, onde actuaram grupos hostis antipartido, os quais ligados aos inimigos revisionistas tentaram organizar golpes de Estado, sabotar e desorganizar a economia e ao mesmo tempo degenerar a arte e a cultura.

Como conclusão resulta que a luta de classes na sociedade socialista **continua e continuará prolongadamente enquanto existam classes e a ditadura do proletariado ao nível nacional e internacional.**

V

A revolução violenta lei geral para a passagem do capitalismo ao socialismo

INTRODUÇÃO

Antes de passarmos ao estudo da revolução socialista vamos tratar um pouco da revolução social, como lei geral para passar de um sistema social mais baixo a um mais elevado, quer dizer, a revolução social como lei geral do desenvolvimento da sociedade. As revoluções na sociedade desenvolvem-se em diversos terrenos da vida.

Por isso as revoluções são diversas:

- Temos a revolução política social
- Temos a revolução ideológica e cultural
- Temos a revolução técnica e científica.

Todas estas revoluções têm pontos comuns e pontos diferentes.

O comum é que todas estas revoluções **são fenómenos sociais** e nestas revoluções participam as pessoas, as massas. Estas destacam-se pelo conteúdo, pelas tarefas que resolvem em determinadas épocas.

O materialismo histórico tem como **objecto de estudo** a lei da revolução social e política porque só por meio desta se passa do inferior ao superior na sociedade.

A revolução social e política é característica para as sociedades com classes antagónicas e é acompanhada com o derrube da base e da superestrutura.

Qual é o conteúdo da revolução social e política?

A causa principal de cada revolução social política é o conflito entre as novas forças produtivas e as antigas relações de produção.

As novas forças produtivas, como regra, ligam-se à nova classe, enquanto que as antigas relações de produção se ligam às antigas classes.

Assim, o conflito entre as novas forças produtivas e as antigas relações de produção manifesta-se no conflito entre as classes progressistas e reaccionárias; por isso, segundo o materialismo histórico, a revolução social tem carácter objectivo, não depende dos desejos do homem.

Assim dissemos que **o conflito económico apresenta-se como uma luta de classes;** todas as lutas de classes quando tomam carácter nacional e internacional **são lutas políticas,** porque, como objectivo final, têm a destruição de tudo o que conserva as antigas relações de produção e particularmente o poder político. Daqui se conclui o que dizia Lénine, "que a causa fundamental de toda a revolução é o problema do poder de Estado". Resumindo e concluindo, as novas forças produtivas e as antigas relações de produção tomam o carácter de conflito político. Por isso dizemos **que a característica fundamental da revolução social e política é a passagem do poder político das mãos das antigas classes reaccionárias para as mãos das novas classes progressistas.**

A revolução é diferente do golpe de Estado. Essa diferença está em que a revolução **destroi a base e a superestrutura,** enquanto que o golpe de Estado **é uma mudança do poder sem destruir a base e a superestrutura.**

A característica de todos os golpes de Estado que se fazem actualmente é que, por detrás deles está o imperialismo ou o social-imperialismo. A revolução diferencia-se também da contra-revolução. A contra-revolução é o regresso temporário. A contra-revolução é feita pelas classes derrubadas. A contra-revolução pode-se fazer com as classes derrubadas internas ou com a ajuda da intervenção estrangeira.

Depois da II guerra mundial, surgiu um outro tipo de contra-revolução por meio da degeneração gradual burguesa, da superestrutura socialista, em primeiro lugar, e depois da base económica, assim como aconteceu na URSS e nos demais países ex-socialistas.

A particularidade desta contra-revolução está em:

1. faz-se de cima;
2. faz-se por uma nova classe burguesa;
3. faz-se sem o emprego das armas, quer dizer, como uma contra-revolução pacífica.

As contra-revoluções pacíficas dependem totalmente dos factores subjectivos, quer dizer, que não são uma fatalidade e como consequência não são necessariamente lei.

Também temos de estudar a **diferença entre a revolução e as reformas. A revolução,** como vimos mais atrás, constitui **uma transformação radical da sociedade** enquanto que as **reformas são mudanças parciais dentro do sistema**

existente. Por isso os marxistas-leninistas repudiam a identidade que fazem os revisionistas da revolução com as reformas.

Assim, os marxistas-leninistas dizem que a passagem ao socialismo não se faz com as reformas mas sim com a revolução.

Naturalmente, os marxistas-leninistas não estão à priori contra as reformas como parte da luta de classes.

Após a revolução fazem-se também reformas. Os reformistas têm como objectivo final as reformas, abandonando a revolução. Por isso devemos compreender que há reformas e reformas.

Os marxistas-leninistas estão sempre a favor daquelas reformas feitas em benefício dos interesses das massas trabalhadoras.

1. AS CONDIÇÕES OBJECTIVAS E SUBJECTIVAS DA REVOLUÇÃO SOCIAL E POLÍTICA

A revolução é uma lei. Para que estale a revolução, são precisas as **condições objectivas e as subjectivas.**

Como se compreende o factor objectivo na revolução social e política?

Compreende-se pelo conflito entre as novas forças produtivas progressistas e as relações atrasadas na produção.

Como resultado deste conflito em determinadas circunstâncias cria-se a situação revolucionária.

O que é uma situação revolucionária?

A definição de situação revolucionária foi inteiramente elaborada por Lénine que, ao aprofundar esse conceito de Marx e Engels, nos deixou a seguinte definição precisa e científica:

"Para um marxista é indubitável que a revolução é impossível sem uma situação revolucionária; além disso, nem toda a situação revolucionária desemboca numa revolução. Quais são, em termos gerais, os sinais que podem distinguir uma situação revolucionária? Seguramente não cometeremos um erro se assinalarmos estes três sinais principais:

1. *A impossibilidade para as classes dominantes de manterem imutável o seu domínio; tal é a crise nas "alturas", uma crise política da classe dominante, que dá origem a uma brecha pela qual irrompem o descontentamento e a indignação das classes oprimidas. Para que estale a revolução não basta que "os de baixo" não queiram viver como dantes, é preciso também que "os de cima" não possam governar como dantes.*
2. *Um agravamento, superior ao habitual, da miséria e do sofrimento das classes oprimidas.*
3. *Uma intensificação considerável, por estas causas, da actividade das*

massas, que em tempos de "paz" se deixam explorar tranquilamente, mas que em épocas turbulentas são empurradas, tanto pela situação de crise, como pelos próprios "de cima", *a uma acção histórica independente.*

Sem estas mudanças objectivas não só independentes da vontade dos diversos grupos e partidos, como também da vontade das diferentes classes, a revolução é, regra geral, impossível. O conjunto destas mudanças objectivas é precisamente o que se denomina situação revolucionária."

(Lénine, in "A bancarrota da II Internacional, OC. t. 21)

A situação revolucionária é a condição objectiva mais próxima e mais necessária para o estalar da revolução. A situação revolucionária é a expressão mais concentrada do conflito económico, político e social que leva à revolução. Em diversas obras escritas em diversos períodos onde Lénine fala sobre a crise geral nacional, esta compreende-se como a situação revolucionária e a crise revolucionária ao nível mais elevado, o que denominou Lénine "a crise amadurecida".

Assim se destaca que a situação revolucionária representa em si a totalidade das mudanças causadas pelos factores objectivos.

A crise geral nacional é diferente da situação revolucionária; é a unidade das mudanças causadas debaixo da influência recíproca dos factores objectivos e subjectivos, quer dizer que ingressam agora os factores subjectivos nas crises gerais nacionais.

Foi também Lénine quem nos legou uma definição precisa e científica da crise geral nacional. Dizia Lénine:

"A lei fundamental da revolução, confirmada por todas as revoluções e nomeadamente pelas três revoluções russas do século XX, é esta: para que a revolução tenha lugar, não basta que as massas exploradas e oprimidas tomem consciência da impossibilidade de viverem como dantes e reclamem transformações. Para que a revolução tenha lugar, é preciso que os exploradores não possam viver e governar como dantes. É somente quando "os de baixo" já não querem *e "os de cima"* já não podem continuar a viver à moda antiga, *é então somente que a revolução pode triunfar. Esta verdade exprime-se doutra maneira nestes termos: a revolução é impossível sem uma* crise nacional *(afectando explorados e exploradores). Assim portanto, para que uma revolução tenha lugar, é preciso: primeiro, obter que* a maioria dos operários *(ou, em todo o caso, a maioria dos operários conscientes, reflectidos, politicamente activos)* tenha compreendido *perfeitamente* a necessidade da revolução e esteja prestes a morrer por ela; *é preciso em seguida que as classes dirigentes atravessem uma* crise governamental *que arraste para a vida política até as mais retardatárias (o indício de toda a verdadeira revolução é o rápido aumento de dez vezes mais, ou mesmo cem vezes mais, do número de homens aptos à luta política, entre a massa*

trabalhadora e oprimida, até aí apática), que enfraquece o governo e torna possível para os revolucionários o seu pronto derrubamento".

(Lénine, in "Doença Infantil do Comunismo", OC. T. 31)

A característica das crises gerais nacionais amadurece as disposições das massas trabalhadoras para lutar e liquidar o velho regime.

A crise amadurecida é um dos momentos mais importantes. Dizia Lénine que a revolução amadureceu; este é o momento do completo amadurecimento das condições objectivas e subjectivas, é o momento onde coincidem a desagregação e a vacilação máxima das camadas superiores (classe dominante); coincidindo com a disposição máxima das massas trabalhadoras.

Por isso a ligação e a diferença entre estas três noções têm grande importância teórica e prática.

Se não analisarmos e virmos estas três faces, pode ser que fracasse a revolução ou se caia no aventureirismo; ou se a revolução estiver amadurecida e não tomarmos as medidas necessárias para fazer a revolução, caímos no oportunismo e neste caso a revolução fracassa.

Exemplo: existe um artigo de Lénine de 6 de Novembro de 1917 que diz: "Ou se toma hoje o poder ou a revolução fracassa".

Assim, tiramos a seguinte conclusão: a situação revolucionária é objectiva, quer dizer, que não depende da vontade das pessoas. Os ideólogos burgueses, os diversos oportunistas, dizem que a crise revolucionária cria-se pelos erros das pessoas.

O marxismo-leninismo diz que a situação revolucionária surge primeiro que tudo como resultado da política das classes dominantes, a qual em última análise se define por todo o sistema económico e social e todo o desenvolvimento da luta de classes. É bem claro que a situação revolucionária não se pode compreender sem uma crise geral política que é causada por factores políticos e económicos.

A situação revolucionária não poderá surgir artificialmente, pelo impulso das forças revolucionárias. Por fim podemos afirmar que sem situação revolucionária não há revolução.

Em resumo: **podemos dizer que a situação revolucionária é uma situação que surge no período da agudização** que lança as massas ao ataque e causa a crise das camadas superiores das classes dominantes.

O que é que entra nas condições subjectivas?

1. O elevado nível de consciência revolucionária das classes que fazem a revolução, o elevado nível de organização e da unidade das massas e a capacidade das massas para a actividade revolucionária.
2. A correcta direcção política. Para as nossas revoluções de hoje, a correcta direcção do partido marxista-leninista.

Naturalmente, nas actuais condições, se analisarmos a nível interna-

cional, a classe operária está dividida, apesar dos factores objectivos estarem maduros.

Daqui surge que **a unidade da classe operária sob a direcção do partido autêntico marxista-leninista, cria o factor subjectivo para a revolução.**

As diversas correntes oportunistas de direita e de esquerda, propagam pontos de vista deturpados sobre os factores objectivos e subjectivos.

Uma parte absolutiza o factor objectivo e nega o papel do factor subjectivo, quer dizer, que deixa a revolução ao espontaneísmo.

Os trotsquistas propagam que em todas as partes há situação revolucionária e a partir daí negam o factor subjectivo.

Há correntes de esquerda que absolutizam o factor subjectivo e negam o factor objectivo o que leva ao aventureirismo político.

Os revisionistas afirmam que a situação revolucionária perdeu a sua importância hoje, quer dizer que não é necessária para a própria revolução.

2. O CARÁCTER, AS FORÇAS MOTRIZES, OS TIPOS DE REVOLUÇÃO

As revoluções destacam-se pelo seu carácter, pelo seu tipo e pelas forças motrizes.

O carácter social e político é definido por uma série de factores e condições que se criam em determinadas situações históricas.

Quais são essas condições?

Em primeiro lugar, as **condições** específicas **objectivas** do país onde se faz a revolução, condições estas que são definidas pelo nível de desenvolvimento económico e social; pelas tarefas políticas e económicas que levem por diante este desenvolvimento e que se devem resolver.

Em segundo lugar, os factores subjectivos que são:

A situação das classes que fazem a revolução, o nível da sua organização e consciência, etc.

Mas o carácter da revolução define-se sobretudo pela classe que é hegemónica na revolução, pelo Estado-maior dirigente — o partido político. Comparando com a **política dos três mundos**, esta está em total oposição com a teoria marxista-leninista da direcção hegemónica da classe operária na revolução, não somente na revolução socialista como também na revolução democrática anti-imperialista, na revolução de libertação nacional.

As forças motrizes são aquelas classes, grupos ou camadas sociais que participam na revolução e a levam por diante. Entre as forças motrizes e o carácter da revolução há uma estreita ligação.

Exemplo: a ampla participação das massas trabalhadoras na revolução da Albânia, deu a esta um carácter popular, assim como a direcção do partido marxista-leninista lhe dá um carácter popular, mesmo sendo democrática. Há

também diferença entre as forças motrizes e a revolução, porque as forças motrizes nem sempre dependem do carácter da revolução.

Exemplo: nas revoluções democráticas burguesas no Ocidente a força motriz principal hegemónica foi a burguesia, enquanto que na Rússia em 1905 a burguesia não foi nem força motriz nem hegemónica, mas sim o proletariado.

Na URSS o proletariado na revolução tinha como aliado o campesinato pobre, enquanto que na Revolução Albanesa foram também os camponeses médios. Isto quer dizer que as forças motrizes dependem do carácter da revolução.

Tipos de revolução social e política

Na sociedade humana conhecem-se três tipos de revoluções sociais e políticas, a saber:

1. A revolução dos escravos
2. A revolução da burguesia
3. A revolução socialista, que é o tipo superior de revolução.

Qual é o papel histórico das revoluções sociais e políticas?

As revoluções sociais e políticas desempenham um grande papel progressista no desenvolvimento da sociedade, constituem um salto qualitativo na sociedade.

Marx considerou-as "como a locomotiva da história", quer dizer, que estas revoluções aumentam os ritmos do desenvolvimento social, aumentam a actividade consciente das massas.

Por isso Lénine considerou-as como a festa dos oprimidos e explorados. Melhor do que em qualquer outra parte, o papel decisivo das massas vê-se na revolução. Simultaneamente, o grande papel transformador das ideias vê-se na revolução.

Os inimigos do marxismo-leninismo, os ideólogos burgueses, revisionistas, oportunistas e outros, propagam a revolução como uma força destrutiva.

3. TEORIA MARXISTA-LENINISTA DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA, COMO UM NOVO TIPO DE REVOLUÇÃO

A revolução socialista é uma lei objectiva para a passagem do capitalismo ao socialismo, isto quer dizer que é uma necessidade histórica.

Em que é que se distingue a revolução socialista das anteriores?

As outras revoluções começam quando já existem novas formas económicas no seio da antiga sociedade. A revolução socialista começa sem que as novas formas da economia socialista existam no seio da antiga sociedade.

Estas leis do materialismo histórico estão em oposição com os revisionistas italianos, franceses, etc..., pois estes dizem que no seio da sociedade capitalista já existem as formas da economia socialista. É nesta tese que se apoia a teoria revisionista das reformas estruturais.

As outras revoluções têm como tarefa tomar o poder e adequá-lo à economia que foi criada no seio da antiga sociedade.

Enquanto que a **revolução proletária mal toma o poder constrói uma nova economia, socialista, porque a economia socialista não se constrói sem tomar o poder.**

Esta é a lei do materialismo histórico. O proletariado toma o poder e depois constrói a economia socialista; os revisionistas dizem o contrário, que a classe operária toma a economia nas suas mãos e.depois toma o poder.

Isto não pode acontecer, é o que querem os revisionistas.

As outras revoluções **terminavam** com a tomada do poder, enquanto a revolução socialista **inicia-se** com a tomada do poder.

Assim as outras revoluções substituem uma classe exploradora por uma outra. A revolução socialista faz desaparecer as classes exploradoras e a exploração.

As anteriores revoluções não podiam unir e ganhar por um prolongado tempo todas as massas trabalhadoras, enquanto que a revolução socialista cria a aliança da classe operária com o campesinato que, como considerou Lénine, é a ideia mais elevada da ditadura do proletariado.

A causa principal da revolução socialista é a contradição entre as novas forças produtivas e as antigas relações de produção, contradição esta que se manifesta entre o carácter social da produção e a forma privada de apropriação. Esta é a contradição fundamental da sociedade capitalista de onde surgem as outras contradições. A agudização destas contradições chega ao seu ponto máximo no período do imperialismo, quando surgem os monopólios.

Lénine considerava o capitalismo monopolista de Estado como a preparação mais completa, material, para a revolução socialista; considerava a véspera da revolução socialista.

Lénine com isto realçava as premissas materiais do socialismo. Mas para chegar ao socialismo, é preciso a revolução.

Em que é que os revisionistas deturpam esta questão? Actualmente, eles falam numa nova etapa, na época do imperialismo, a qual permitiria passar ao socialismo sem necessidade da revolução violenta.

4. A TEORIA LENINISTA DA REVOLUÇÃO NAS NOVAS CONDIÇÕES HISTÓRICAS

Ao analisar o imperialismo, Lénine descobriu a lei do desenvolvimento económico desigual nesta época.

Partindo daqui, Lénine elaborou a teoria da possibilidade da vitória da revolução socialista num só país ou em vários, onde o elo é mais fraco; Lénine considerava que os elos da cadeia do imperialismo são desiguais, e por isso onde as contradições eram mais agudas o elo era mais fraco.

Isto quer dizer que não é obrigatório fazer a revolução ao mesmo tempo em todos os países capitalistas, mas que se pode começar onde os elos são mais fracos.

Por isso a revolução realiza-se onde as contradições se agudizam e entrelaçam e naturalmente hoje o tempo trabalha a favor da revolução.

A crise geral agudiza estas contradições.

Enver Hoxha no VII Congresso do PTA disse que a **revolução hoje não é só uma aspiração mas sim um problema posto para ser resolvido.**

A análise científica que fez o camarada Enver Hoxha sobre as contradições da nossa época demonstra bem que o factor objectivo da revolução existe completamente e que se deve trabalhar para conseguir o factor subjectivo.

A revisão desta teoria

Os revisionistas modernos espalham que a solução das contradições se faz sem revolução, quer dizer, por meio da coexistência pacífica ou técnica e científica. O período actual é considerado pelos revisionistas como período do entendimento.

Todos os ideólogos revisionistas, burgueses, social-democratas e outros fazem esforços para contrapor a teoria de Marx à de Lénine. Dizem que esta teoria foi inventada por Lénine para a Rússia, para os países atrasados, enquanto que Marx não falou acerca destas questões para o Ocidente.

Todas estas correntes esforçam-se por negar a importância internacional da teoria da revolução violenta de Lénine.

Todas estas correntes esforçam-se por negar a existência das contradições objectivas e subjectivas da revolução socialista nos países capitalistas e o papel dirigente do proletariado na transformação da sociedade capitalista em sociedade socialista.

Assim, todos eles se opõem à teoria leninista sobre o partido, dizendo que isto foi inventado por Lénine e que Marx não tinha tido uma tal opinião sobre o partido.

Outros dizem que Lénine quando elaborou essa teoria tinha em conta a Alemanha e não a Rússia; eles apresentam Lénine como não tendo confiança que a revolução pudesse triunfar na Rússia.

E porque é que não triunfou na Alemanha?

Eles respondem dizendo que a culpa se deve à guerra, dizendo que a Rússia não podia sustentar a guerra e por isso a revolução triunfou na Rússia.

Acerca da teoria leninista da revolução, certos ideólogos apresentam os mais variados argumentos, tais como o "dos insucessos das revoluções nos diversos países", dando os mais diversos exemplos. Mas são exemplos que

nada têm a ver com a revolução. Falam de golpes de Estado, de assassinatos de alguns imperadores e chefes de governo (Kennedy) etc..., quer dizer, todos os movimentos diversos que aconteceram depois da Revolução de Outubro, independentemente do que eram, independentemente das suas características, apresentam-nos como revoluções fracassadas. Com isto eles esforçam-se por demonstrar que a revolução vai fracassar com a reinstauração do capitalismo na URSS. /

Há pouco tempo, Carter, (presidente dos EUA) declarou num discurso que agora não tem medo do comunismo, mas que antigamente sim, tinha medo do comunismo. Era isso que tinha obrigado os americanos a apoiar as ditaduras fascistas. Naturalmente, do "comunismo" soviético e do "eurocomunismo" não têm medo,mas do autêntico comunismo eles têm certamente medo.

Os trotskistas e os anarquistas actualmente ligam a revolução com a guerra, lançando palavras de ordem trotskistas tais como "desde 1940 que a guerra é a mãe da revolução".

Numa revista inglesa que se chama "Anarquia" há pouco tempo foi publicado um artigo que dizia "a humanidade actual vê com nostalgia a II guerra mundial e com satisfação a próxima guerra".

A tese dos actuais trotskistas é de que sem triunfarem as revoluções nos países desenvolvidos não poderão triunfar nos outros países.

A missão historico-universal do proletariado

Um problema sobre o qual existem divergências entre os marxistas--leninistas e os revisionistas e outras correntes é o da missão histórico--universal do proletariado.

Lénine, no artigo "os destinos históricos da doutrina de Marx", disse que o principal na doutrina de Marx é a sua argumentação sobre a missão histórico-universal do proletariado.

Desde o "Manifesto do Partido Comunista" Marx e Engels mostraram o proletariado como a classe mais revolucionária e a mais progressista da sociedade capitalista, que dirige a transformação do capitalismo no socialismo; como classe mais consciente, como classe que se guia por uma teoria progressista revolucionária e é dirigida por um partido revolucionário.

Marx, Engels, Lénine e Stáline sempre viram o proletariado como a classe mais revolucionária, portadora de um novo mundo, do mundo socialista e comunista.

Todas as correntes que mencionamos atrás atacam da direita e da "esquerda" a missão histórico-universal do proletariado.

Uma das teorias dessas correntes é a da "desproletarização na sociedade capitalista".

Quer dizer, o proletariado está desaparecendo como classe oprimida e a burguesia está desaparecendo como classe exploradora; daqui saía a conclusão

de que na sociedade capitalista de hoje já não há classes antagónicas. Assim apresentaram a sociedade burguesa como sociedade de consumo, industrial ou pós-industrial.

Quer dizer, uma sociedade que evita as contradições das quais surge a revolução.

Assim se propaga a teoria do aburguesamento do proletariado, que o proletariado se está integrando na sociedade capitalista e se está convertendo em co-proprietário dos meios de produção. Por isso dizem que agora o proletariado perdeu o espírito revolucionário, o que quer dizer que não existe a teoria da missão histórico-universal do proletariado.

Assim, este ponto de vista é oportunista pois apresenta o proletariado como uma classe que já não é uma classe revolucionária.

Os anarquistas como mais "revolucionários" apresentam o lumpen-proletariado, os estudantes, a juventude, os emigrantes, os pobres, excepto o proletariado, como as classes revolucionárias.

Cohn-Bendit diz: "Um fantasma paira pelo mundo, o fantasma da juventude".

Aqui, tanto os de direita como os de "esquerda" dizem que agora já não há mais classe operária. Baseiam-se na intelectualidade, porque hoje é o século da automatização, da energia nuclear e já não é preciso mais proletariado.

Os revisionistas modernos, especialmente os soviéticos, vêem a missão histórico-universal do proletariado, apenas como a transformação económica na base económica do capitalismo; esta transformação seria feita sem revolução, sem destruição da máquina estatal e sem ditadura do proletariado.

Um outro ponto de vista dos revisionistas relacionado com o proletariado, essencialmente os revisionistas do Ocidente, é que o proletariado integra todos os assalariados.

Marchais, partindo deste princípio, acabou com a terminologia proletariado porque teme essa noção.

O marxismo-leninismo repudia todos estes pontos de vista, tanto os de direita como os de "esquerda". A prática demonstra que a sociedade capitalista não se vai desproletarizando, mais sim proletarizando.

Um dos resultados da revolução técnico-científica é a proletarização da sociedade.

Exemplo: Após a segunda guerra mundial a centralização e concentração da produção capitalista levou à destruição em massa da pequena burguesia da cidade e do campo, a maior parte da qual foi engrossar as fileiras do proletariado.

Exemplo: Na Alemanha 4°/o da população trabalha no campo. Sucede o mesmo nos USA; enquanto que na Inglaterra é menos de 3°/o.

Como número, o proletariado aumentou. Se tomarmos alguns países desenvolvidos do Ocidente, de trinta milhões de operários que existiam no início deste século a classe operária aumentou para duzentos milhões.

Os revisionistas modernos esforçam-se por demonstrar que a revolução

técnico-científica desenvolve o nível educacional, cultural e técnico do proletariado. É claro que desenvolve o nível técnico e educacional-cultural do proletariado — mas isto tem tido por consequência uma intensificação da exploração do proletariado. A elevação do nível técnico, educacional e cultural do proletariado não faz mudar em nada o seu papel, o que mudam são as relações do proletariado com os meios de produção. A realidade de hoje continua a demonstrar-nos que o proletariado não tem nada e que continua a ser explorado.

Também a tese de que o proletariado se integrou na sociedade capitalista é uma demagogia.

O antagonismo proletariado/burguesia vai-se tornando cada vez mais agudo. Hoje alcançou o seu ponto culminante. No capitalismo integrou-se a aristocracia operária e não o proletariado.

As condições que fazem da classe operária a força principal motriz e hegemónica não mudaram.

Assim:

1. O proletariado hoje como ontem continua desprovido dos meios de produção, quer dizer que quem detém os meios de produção é a burguesia, e que o proletariado só tem a sua força de trabalho para vender.
2. O proletariado é a classe mais revolucionária, devido às condições do seu trabalho, relacionado com a grande produção industrial.
3. O proletariado é portador das novas relações de produção que se estabelecem no socialismo, quer dizer, relações socialistas.
4. O proletariado tem a sua teoria marxista-leninista, o seu partido revolucionário.

Precisamente, partindo de tudo isto, o PTA considera também **a teoria dos três mundos** como uma teoria oportunista e revisionista, antimarxista, pois nega a missão histórico-universal do proletariado e o papel hegemónico do proletariado ao apontar o terceiro mundo como força motriz.

Quer dizer, por tudo isto a classe proletária é a classe mais revolucionária, a única que tem uma missão histórico-universal que consiste em destruir as velhas relações sociais capitalistas e edificar as novas relações sociais socialistas.

5. A HEGEMONIA DO PROLETARIADO

No actual movimento revolucionário mundial, a revolução não é feita apenas pelo proletariado.

O problema da hegemonia do proletariado está relacionado com quem vai ser o dirigente da revolução social e nacional?

Nas condições do imperialismo só o proletariado poderá desempenhar o papel hegemónico em todo o movimento revolucionário progressista, isto é, cumprir o seu papel histórico-universal.

O PTA tem sido rigoroso acerca deste ponto de vista marxista-leninista para desenvolver a revolução de forma consequente.

A hegemonia do proletariado está relacionada com a direcção do partido do proletariado. No entanto o ponto de vista dos revisionistas é que a hegemonia do proletariado pode ser exercida através dos sindicatos. A teoria do espontaneísmo que vê o papel dirigente do partido como um papel de travão do movimento operário, tem as mesmas consequências.

Para que o proletariado assegure o papel hegemónico é condição indispensável a sua aliança com o campesinato.

O revisionismo contemporâneo contrapõe um novo bloco histórico e indefinido à aliança do proletariado com o campesinato.

A aliança da classe operária com o campesinato é a lei geral da revolução socialista e da edificação do socialismo.

Os revisionistas, em geral, e os oportunistas negam a aliança do proletariado com o campesinato.

Nos países desenvolvidos dizem que o campesinato não tem nenhum peso, por isso não é necessário alianças, enquanto que para os países não desenvolvidos não há proletariado.

Por isso, dizem eles, que se tem necessidade do papel da intelectualidade. Ela poderá desempenhar o papel dirigente.

A intelectualidade, segundo Marx, é uma camada que não pode desempenhar o papel dirigente hegemónico da sociedade.

A intelectualidade poderá desempenhar um papel sob a direcção da burguesia ou do proletariado.

Assim, os estudantes, a juventude, poderão desempenhar um papel só sob a direcção do proletariado.

O movimento revolucionário do proletariado é o principal movimento do nosso tempo.

O caminho do desenvolvimento do proletariado faz-se sem dúvida em zig-zag, com subidas e descidas.

A restauração do capitalismo na URSS é uma descida, mas é provisória.

A revolução representa o novo, por isso é invencível.

A própria opressão do capitalismo leva o proletariado à revolução.

Como dissemos atrás, o capitalismo atravessa uma situação crítica.

Na luta contra a burguesia levantam-se milhões de proletários, mesmo nos países considerados pacíficos (Áustria, Suíça, países escandinavos). A agudização das contradições, actualmente, tem lugar nos centros mais desenvolvidos como nos próprios USA, URSS e outros.

Algumas das particularidades do movimento revolucionário do proletariado na época actual são:

1. A característica mais essencial é que surgem em primeiro lugar as reivindicações políticas nas lutas do proletariado.
2. O incremento a um nível mais elevado da consciência revolucionária do proletariado.

3. A libertação cada vez maior do proletariado da influência social-democrata e oportunista.
4. O carácter massivo do proletariado, do movimento operário.

Como conclusão, podemos dizer que a passagem do capitalismo ao socialismo faz-se só com a direcção do partido autêntico do proletariado.

A direcção do partido é uma lei geral da revolução e da edificação do socialismo.

6. O MARXISMO-LENINISMO ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE A REVOLUÇÃO SOCIALISTA E AS OUTRAS REVOLUÇÕES DA NOSSA ÉPOCA

Actualmente, o mundo caracteriza-se por uma variedade de revoluções sociais e políticas que correspondem à variedade de contradições que corroem o sistema capitalista mundial.

Alguns países encontram-se perante a revolução socialista; outros perante a revolução de libertação e anti-imperialista; outros perante a revolução democrática, anti-feudal e anti-imperialista. Em alguns países encontramos amplos movimentos camponeses. Outros estão perante revoluções para a democratização do sistema político.

Os países revisionistas encontram-se perante revoluções proletárias anti--revisionistas.

Tudo o que dissemos são consequências dos seguintes factos:
1. Os diversos destacamentos do movimento revolucionário mundial lutam e actuam em diversas condições.
2. Os países onde se encontram estes movimentos encontram-se em diferentes etapas do desenvolvimento social.
3. Os diversos países têm também as suas particularidades.

Mas, independentemente dessas diferenças todas, as revoluções têm uma direcção comum: a destruição do imperialismo e do seu produto, o revisionismo.

Relação entre a luta pelo socialismo e a luta pela liberdade e a independência nacional

Algumas palavras sobre a relação entre a luta pelo socialismo e a luta pela liberdade e independência. Um importante papel na luta contra o imperialismo é desempenhado pela luta de libertação nacional. As revoluções de libertação nacional desferem um golpe no imperialismo na sua retaguarda, por isso assume importância particular a aliança do proletariado com os movimentos de libertação nacional.

No VII Congresso do PTA o camarada Enver Hoxha assinalou que

assume importância o apoio e a ajuda aos movimentos de libertação nacional pelo proletariado internacional.

Em que sentido se manifesta a ligação destes dois movimentos?
1. A hegemonia deve ser assegurada pelo movimento revolucionário do proletariado, porque o movimento de libertação nacional é um aliado e uma reserva da revolução proletária mundial.
2. O movimento revolucionário do proletariado exerce uma grande influência no desenvolvimento e fortalecimento do movimento de libertação nacional.
3. O movimento de libertação nacional e a desagregação do colonialismo, influem no aceleramento da revolução socialista. Porquê? Porque limitam e reduzem a esfera da dominação imperialista e debilitam as suas posições; ao mesmo tempo, agudizam as contradições internas e externas do imperialismo.
4. A luta de libertação nacional pode-se transformar em revolução socialista, quando é dirigida pelo proletariado e o seu partido; se é dirigida pela burguesia, fica a metade do caminho.

7. RELAÇÃO ENTRE A LUTA PELO SOCIALISMO E A LUTA PELA DEMOCRACIA

Actualmente ampliou-se também a luta pela democracia nos diversos países capitalistas.

Nos diversos países essa luta apresenta-se com diversas formas, contra os resíduos feudais pela reforma agrária, contra o domínio dos monopólios pelas liberdades e direitos democráticos, contra o imperialismo norte-americano e o social-imperialismo soviético. Esta luta está em íntima ligação com a luta que travam as massas contra a política de agressão e de guerra do imperialismo e social-imperialismo, contra as ditaduras militares fascistas e contra a discriminação racial.

Mas todas estas lutas não saem do quadro do sistema capitalista. Esta luta pela democracia poderá limitar a dominação dos monopólios, poderá levar ao isolamento e ao desmascaramento das forças reaccionárias; esta luta pela democracia poderá aumentar a autoridade da classe operária e do seu partido, poderá criar condições mais favoráveis para a luta da classe operária pelo socialismo.

Como se deve ver a relação da luta pela democracia com a luta pelo socialismo?

Deve-se ver como a relação da parte com o todo, ou seja, a parte é a luta pela democracia, o todo é a luta pelo socialismo; por isso a luta pela democracia deve-se submeter à luta pelo socialismo.

Os revisionistas não fazem outra coisa senão absolutizar a luta pela democracia e renunciam à luta pelo socialismo.

Este é o caminho da liberdade burguesa.

Os esquerdistas absolutizam a luta pelo socialismo e negam a luta pela democracia.

Os esquerdistas estão contra a luta pela democracia porque, dizem eles, esta afasta as massas da luta pelo socialismo. Isto leva os esquerdistas ao aventureirismo político.

8. OS CAMINHOS E AS FORMAS DO DESENVOLVIMENTO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

As teses de Marx, Engels, Lénine e Stáline sobre a revolução violenta, lei geral da revolução proletária, não envelhecem nunca.

Marx disse que a violência é a parteira de toda a sociedade velha que engendra a nova sociedade.

Foi por meio da violência que se passou do feudalismo ao capitalismo e não há dúvida que para passar de uma sociedade exploradora a uma nova sociedade, tem de se empregar a violência.

Os revisionistas inventaram toda uma teoria sobre a via pacífica, o caminho do compromisso histórico, da democracia até ao fim, etc... Eles especulam com o que disse Marx nos fins do século XIX que na Inglaterra e nos Estados Unidos podia-se tomar conta do poder sem passar pela violência. Mas Marx explicou o porquê. Tomemos a Inglaterra: nesse tempo, quando Marx fazia esta excepção, a Inglaterra só tinha 19 300 homens no exército, à milícia os homens eram chamados de vez em quando e só serviam um dia, considerando-a como um corpo de voluntários; o aparelho estatal na Inglaterra contava com 64 200 pessoas e era composto desde as pessoas que varriam as ruas, até ao funcionário mais alto.

Nos Estados Unidos, no ano de 1870 havia apenas algumas dezenas de milhares de soldados não ultrapassando os 100 000; em 1899 nos Estados Unidos havia 60 000 funcionários do Estado dos postos mais baixos aos mais altos.

Nestas condições, se a classe operária estivesse organizada e tivesse o seu partido, podia chegar ao poder em condições pacíficas. Todavia deve-se ter em conta que só nestas condições isso seria possível pois posteriormente tanto os USA como a Inglaterra, ao converterem-se em Estados imperialistas, transformaram-se em Estados opressores, formaram o exército, polícias, etc.

Estes exemplos eram para determinados períodos. Os revisionistas esforçam-se por absolutizá-los e apresentá-los como regra.

Os marxistas-leninistas defendem a tese da revolução violenta. À priori não repudiam o caminho da revolução pacífica, mas vêem-na como uma rara excepção.

Os marxistas-leninistas acerca das revoluções pacíficas têm pontos de vista diametralmente opostos aos dos revisionistas; os marxistas-leninistas estão contra todos os caminhos parlamentares; os marxistas-leninistas não aceitam que por meio do parlamento se possa tomar o poder, a participação dos comunistas no parlamento serve para desmascarar a burguesia e não para tomar o poder.

Assim os marxistas-leninistas estão contra o caminho dos revisionistas italianos, franceses e outros.

Qual é a compreensão marxista-leninista acerca da revolução pacífica?

Para além de outros factores, para que se realize a revolução pacífica, são necessárias duas condições:

1. Armar o proletariado e as massas trabalhadoras porque se o proletariado vai fazer a revolução contra a burguesia estando desarmado e por sua vez a burguesia estiver armada até aos dentes, o proletariado não pode enfrentá-la; por isso deve estar armado.
2. É a destruição da antiga máquina de Estado burguesa.

A luta armada poderá apresentar-se sob duas formas:

a) Sob a forma de insurreição armada, como por exemplo insurreição de Outubro, quer dizer que se desenvolve a insurreição num breve espaço de tempo.

b) Como guerra prolongada de guerrilha, quer dizer, começar a luta armada por grupos guerrilheiros até à insurreição geral.

Mas a luta de rua, de barricadas, está antiquada, está ultrapassada, esta pertence ao passado. Engels no seu tempo dizia que essa forma não dá resultado.

VI

A ditadura do proletariado

1. O QUE É A DITADURA DO PROLETARIADO

A noção de ditadura do proletariado é uma noção política, de classe, que expressa a organização do proletariado como classe dominante.

As definições que os clássicos deram de ditadura do proletariado são várias, mas a sua essência é a mesma. Por exemplo, Marx define-a como "a organização do proletariado como classe dominante"; Lénine define-a como "a direcção estatal da sociedade por parte da classe operária". Lénine, quando falava da ditadura do proletariado, assinalava que o termo ditadura do proletariado traduzido do latim para um idioma estrangeiro não quer dizer outra coisa senão a dominação do proletariado; porque só o proletariado está em situação de dirigir todos os demais trabalhadores para construir a sociedade sem classes.

Há também outras definições: se tomarmos algumas delas e as observármos, verificamos que destas definições resulta que a ditadura do proletariado não nos mostra simplesmente uma forma de governo, mas mostra-nos na essência qual a classe que domina, qual a classe que está em situação de dirigir as transformações revolucionárias da sociedade. A ditadura do proletariado é um problema fundamental da teoria e da prática revolucionária do proletariado. Marxista é o que estende a luta de classes até à ditadura do proletariado. A ditadura do proletariado é o primeiro passo para o proletariado começar a transformação da sociedade. A ditadura do proletariado é o problema chave da prática revolucionária. O proletariado frente à burguesia

que está organizada económica, política e ideologicamente, não poderá triunfar senão derrotando a dominação da burguesia e se não se organizar ele próprio como classe dominante. Sem isto o proletariado não pode dar nenhum passo no caminho das transformações socialistas, porque a burguesia não larga voluntariamente o poder, não renuncia voluntariamente aos privilégios que lhe dá esta dominação; por isso o proletariado na luta de classes tem de ter sempre em conta que **a luta de classes deve levar à instauração da ditadura do proletariado.**

Será esta uma simples tese teórica? A experiência histórica até hoje demonstra completamente estas conclusões. Tomemos alguns destes momentos da experiência histórica até hoje. A comuna de Paris em 1871 foi o primeiro confronto do proletariado para derrubar a dominação da burguesia e de facto este domínio foi derrubado. Mas o proletariado francês não pôde criar uma ditadura firme do proletariado; quer dizer não se pôde organizar completamente como classe dominante; por consequência, apesar das vitórias que alcançou, a revolução não teve vida longa. Desta experiência, Marx e Engels que a seguiram com atenção, retiraram valiosos ensinamentos para o proletariado.

Tomemos períodos posteriores, em 1917 na URSS onde sob a direcção de Lénine, de Stáline e do Partido bolchevique, foi derrotado o domínio da burguesia. Tendo em conta os ensinamentos que Marx e Engels retiraram da Comuna de Paris, dedicaram a máxima atenção à organização do proletariado, à ditadura do proletariado, e isto converteu-se no factor decisivo para levar a URSS pelo caminho da edificação do socialismo.

Nessa altura, estalaram outras revoluções do proletariado na Hungria e na Baviera (Alemanha) e instaurou-se a República Soviética, que era a forma de ditadura do proletariado. Mas aquelas não tiveram vida longa porque nos partidos proletários destes países infiltraram-se elementos oportunistas que minaram e destruiram por dentro a ditadura do proletariado. Mais recentemente na URSS e numa série de países ex-socialistas como resultado da traição revisionista de ter renunciado à luta de classes, degenerou a ditadura do proletariado e com a degeneração desta terminaram também as vitórias alcançadas pelo socialismo e instaurou-se o poder da burguesia.

Que conclusões tiramos destas questões, destas experiências?

Toda esta experiência histórica comprova que a ditadura do proletariado é o problema chave da luta de classes do proletariado. Por consequência, não é um problema de "se querer aceitar, ou de não se querer aceitar". Sendo um problema essencial da prática revolucionária, a ditadura do proletariado é também um problema essencial da teoria revolucionária, pois sabemos que a teoria é fruto da prática, resulta dela. A doutrina marxista-leninista acerca da ditadura do proletariado, vista como teoria, constitui o espírito revolucionário do marxismo-leninismo. Por isso a atitude face à ditadura do proletariado sempre serviu e continua a servir como pedra de toque, como linha de demarcação que diferencia os marxistas-leninistas dos revisionistas ou da-

queles que se fazem passar por marxistas. Aqueles que negam a ditadura do proletariado afastam-se da raiz do marxismo-leninismo. Isto é importante sublinhá-lo porque na actualidade todos os revisionistas negam a ditadura do proletariado. Mas todos se esforçam de uma forma ou de outra por se considerar marxistas, pois segundo a sua concepção pode-se negar a ditadura do proletariado, pode-se negar algumas outras questões do marxismo e apesar disto continuar a ser marxista. Mas tal é impossível. Não pode ser marxista-leninista quem nega a ditadura do proletariado, porque negando-a, nega-se a missão histórica do proletariado, nega-se a revolução proletária como lei objectiva e quando se fala acerca da luta de classes tem-se uma compreensão idêntica à de um liberal ou à de um reformista. Aqui está a razão porque o problema da ditadura do proletariado é o indício mais claro para diferenciar aqueles que se mantêm na verdade na defesa da ditadura do proletariado, dos que a abandonaram; quer dizer aqueles que estão pelos interesses do proletariado e os que estão contra. Por isso, é característico que todos os revisionistas, quer seja em silêncio quer seja abertamente, neguem a ditadura do proletariado.

2. A NEGAÇÃO REVISIONISTA DA DITADURA DO PROLETARIADO

Porque é que os revisionistas atacam a ditadura do proletariado?

Em primeiro lugar, porque ao reverem o marxismo eles querem atacar o que constitui a essência, o espírito revolucionário do marxismo. Tirando-lhe este espírito revolucionário, dizia Lénine, o marxismo torna-se inofensivo para a burguesia. Não é por acaso que a burguesia sempre saudou os revisionistas quando estes apareceram contra a ditadura do proletariado. Por outro lado, os próprios revisionistas repudiando a ditadura do proletariado esforçam-se por demonstrar à burguesia que com eles se pode colaborar, fazer alianças e concessões sem ter medo de serem derrubados.

Em segundo lugar, porque o problema do poder afecta directamente os interesses radicais das classes. A ditadura do proletariado golpeia directamente os interesses políticos, económicos e ideológicos da burguesia. É por este motivo que a burguesia sempre caluniou a ditadura do proletariado e teme-a muito. Os revisionistas, como não são pelo derrube da burguesia, inevitavelmente vão-se unir a ela na luta contra a ditadura do proletariado, prestando-lhe deste modo um bom serviço.

Quais são os pontos de vista dos revisionistas (antigos e modernos) sobre a ditadura do proletariado?

O primeiro grupo de revisionistas

Alguns revisionistas consideram a ditadura do proletariado como algo casual na teoria marxista-leninista. Segundo eles não há nenhuma doutrina teórica sobre a ditadura do proletariado, esta seria uma palavra que escapou a Marx e Engels. **Onde está a raiz desta concepção?** Estes revisionistas intencionalmente falsificam a história do próprio desenvolvimento do marxismo-leninismo e reduzem desta forma o valor da teoria da ditadura do proletariado. Para repudiar este ponto de vista, basta referirmo-nos a alguns momentos que demonstram o grande cuidado que tiveram os clássicos do marxismo-leninismo na elaboração teórica do problema da ditadura do proletariado. No Manifesto Comunista, Marx e Engels colocavam a ideia da ditadura do proletariado como a organização do proletariado em classe dominante; assim, desde 1848 eles avançaram com a essência da ditadura do proletariado, apesar de não empregarem o termo. Quatro anos mais tarde, em 1852, na carta dirigida a Weydemeyer, Marx coloca a questão segundo a qual a luta de classes deve levar à instauração da ditadura do proletariado. Em 1871 generalizaram a experiência da Comuna de Paris como forma estatal da ditadura do proletariado. Em 1875, na Crítica ao Programa de Gotha, Marx demonstra que para a passagem do capitalismo ao comunismo é necessário um completo período e que o Estado deste período deve ser a ditadura do proletariado. Todos estes momentos demonstram a grande atenção que Marx e Engels dedicaram à ditadura do proletariado. Não tem pois nenhuma base a tese revisionista que considera a ditadura do proletariado como uma palavra casual. Se a estes momentos juntarmos o estudo feito por Lénine e Stáline, e o posterior desenvolvimento revolucionário levado a cabo pelos partidos marxistas-leninistas, torna-se claro o lugar que ocupa a ditadura do proletariado na teoria marxista-leninista.

O segundo grupo de revisionistas

Estes revisionistas, à primeira vista, aceitam a ditadura do proletariado e dizem que ela é necessária, mas fazem-lhe um acrescento que é o mas. Dizem eles: ela é necessária somente para os países atrasados. Isto significa apagar a ditadura do proletariado, pois nas actuais condições, os revisionistas cada um no seu país, consideram-no país desenvolvido.

Qual é a origem deste ponto de vista?

Este ponto de vista foi abordado pela primeira vez por Kautsky, quando no seu folheto "A Ditadura do Proletariado" colocou o problema que para os países da Europa ocidental não se pode empregar a ditadura do proletariado, porque isto seria a destruição da democracia para esses países desenvolvidos. A passagem ao socialismo far-se-ia mediante a democracia e o desenvolvimento das forças produtivas. É neste ponto de vista que se apoiam muitos dos actuais revisionistas, especialmente os que se incluem no grupo do

chamado "eurocomunismo". Concretamente, tomemos Georges Marchais. No XXII Congresso do partido revisionista francês, na maior parte do seu Informe, esforçou-se por argumentar que nas actuais condições a ditadura do proletariado é inadequada, e o único caminho é o desenvolvimento da democracia até ao fim. É bem entendido que com esta democracia até ao fim eles falam da democracia burguesa. Tomemos o livro de Carrillo "O Eurocomunismo e o Estado", publicado recentemente. A essência deste livro expressa-a ele próprio com estas palavras:

"Libertemo-nos das fórmulas estabelecidas pelos nossos teóricos tal como a fórmula da ditadura do proletariado".

Segundo ele, esta fórmula está totalmente ultrapassada. Segundo Carrillo, nas actuais condições, pode-se passar ao socialismo, apenas através do desenvolvimento da democracia, sem empregar a violência revolucionária e sem instaurar a ditadura do proletariado.

Quais são as raízes destas concepções?

Estes revisionistas identificam a ditadura do proletariado com a falta de democracia. Para eles a ditadura do proletariado é a destruição da democracia e de facto a ditadura do proletariado destrói a democracia mas é a democracia burguesa, em nome de uma autêntica democracia proletária. É isto precisamente que eles apagam, fazendo-se esquecidos desta questão.

Inclusivamente, há revisionistas que vão mais longe, como aconteceu em 1960, na Conferência de Moscovo, em que o chefe da delegação do Partido "Comunista" da Suécia declarou que "o proletariado sueco considera como uma grande ofensa que se lhe fale da ditadura do proletariado porque nós já possuímos uma democracia desenvolvida".

Em que é que nos devemos basear para repudiar estas concepções?

Em primeiro lugar, demonstrando que a ditadura do proletariado, destruindo a dominação da burguesia, trás consigo a democracia para a grande maioria da população.

Em segundo lugar, demonstando que a ditadura do proletariado é necessária para todos os países, independentemente do nível alcançado no desenvolvimento das forças produtivas. O problema que o proletariado deve solucionar é o problema de quem vai continuar a ter nas mãos os meios de produção, quem vai dominar. **Será que o desenvolvimento das forças produtivas liquida automaticamente a dominação da burguesia, quer dizer o desenvolvimento das forças produtivas acaba com o domínio burguês?** Não. Os países capitalistas, na época do imperialismo, têm um desenvolvimento desigual, o qual está relacionado com as forças produtivas, mas tanto os países que têm um desenvolvimento mais elevado, como os que têm um desenvolvimento menos elevado, continuam no quadro do mesmo sistema, capitalista. Em todas as partes domina a burguesia. Por exemplo, tanto nos EUA onde as forças produtivas têm um desenvolvimento mais elevado, como em Itália ou Portugal, que o não têm, o poder está nas mãos da burguesia, tal como os

meios de produção. Por isso o problema da ditadura do proletariado é uma lei geral. Naturalmente que o nível de desenvolvimento das forças produtivas, as particularidades nacionais deste ou daquele país poderão influir na forma da ditadura do proletariado, mas na essência o processo deve ser igual.

O terceiro grupo de revisionistas

Segundo outros revisionistas, a ditadura do proletariado é uma coisa temporária. Este ponto de vista é muito refinado, pois cria a impressão de que aceita a ditadura do proletariado, mas é uma aceitação que a nega totalmente.

Nalgumas ocasiões esta concepção serviu como ponto de partida para a passagem à completa negação da ditadura do proletariado. Por exemplo, os revisionistas italianos começaram com a tese de que o problema da ditadura do proletariado é um problema para discussão. De problema de discussão passaram à completa negação. Os revisionistas franceses, no seu XVII Congresso, declararam que eram pela ditadura temporária do proletariado. No XVIII Congresso retiraram esta questão mas sem declarar abertamente que negavam a ditadura do proletariado. No XXII Congresso declaram que retiravam definitivamente do programa a ditadura do proletariado.

As concepções mais elaboradas sobre a ditadura temporária do proletariado são as dos revisionistas jugoslavos e soviéticos.

Quais são os seus argumentos?

Os titistas apagam o papel do Estado, deixando a ditadura do proletariado e dizendo que é a mesma coisa que a autogestão. **Os kruchovistas** apagam a ditadura do proletariado, deixando o Estado e chamam-lhe Estado de todo o povo.

Em que é que eles se baseiam para defender estes pontos de vista?

Esforçam-se por especular à volta de uma correcta tese dos clássicos do marxismo-leninismo, e declaram que a liquidação da ditadura do proletariado é a aplicação do marxismo-leninismo. Os clássicos do marxismo-leninismo realçaram que o proletariado estabelece a sua própria dominação, não para toda a vida, mas apenas durante um certo tempo. O problema agora é o de saber durante quanto tempo. **Será que os clássicos do marxismo-leninismo deixaram em aberto este problema?** Não. Para eles, um certo tempo correspondia a todo o período da passagem do capitalismo ao comunismo. Por isso, os marxistas-leninistas nas actuais condições, descobrindo as raízes destas concepções revisionistas, defendem a tese de que o problema da ditadura do proletariado mantém-se como problema fundamental da revolução durante todo o tempo de passagem do capitalismo ao comunismo. Uma condição fundamental para descobrir as concepções dos revisionistas é o estudo e a assimilação dos ensinamentos e das ideias do marxismo-leninismo sobre a ditadura do proletariado, assim como o conhecimento de toda a experiência histórica positiva e negativa da ditadura do proletariado. Neste problema

como noutros problemas de princípio, os marxistas-leninistas não podem fazer nenhuma concessão.

3. A DESTRUIÇÃO DO ESTADO BURGUÊS, CONDIÇÃO PARA A INSTAURAÇÃO DA DITADURA DO PROLETARIADO

O problema da destruição do Estado burguês é parte integrante e importante da doutrina marxista-leninista sobre a ditadura do proletariado. Lénine considera-o como o problema mais importante na teoria marxista sobre o Estado.

A necessidade da destruição do Estado burguês

Porque é que o Estado burguês tem de ser destruído? Em primeiro lugar o proletariado, para realizar a sua própria missão, vai ter que se confrontar com o Estado burguês que permanece em defesa dos interesses da burguesia. O Estado burguês está construído de forma a defender os interesses da burguesia e por isto ela o defende com fanatismo, com um cuidado especial. Em tais circunstâncias coloca-se o problema: **poderá o proletariado tomar este Estado e empregá-lo ao serviço dos seus próprios interesses?** De modo algum tal Estado, construído pela burguesia, poderá servir os interesses do proletariado. **Então qual é o caminho que resta ao proletariado? O que é preciso fazer com esta máquina estatal construída não para o servir, mas para o oprimir?**

Os clássicos do marxismo-leninismo deram uma resposta clara e precisa a esta pergunta. O proletariado, acentuaram eles, deve destruir este Estado e construir o seu próprio Estado proletário. Segundo o marxismo-leninismo, destruir o Estado burguês quer dizer destruir antes de tudo o poder público, os aparelhos de violência, polícia, exército, etc., e em seu lugar criar o exército popular, a milícia popular, etc. É preciso que os princípios da construção do novo Estado e os seus quadros sejam representantes do povo e sirvam os seus interesses. Por exemplo, quais foram as ilusões de Allende no Chile? Ele dizia que o exército era neutral, não se metia na política, logo não vinha nenhum perigo do exército, pois no Chile havia essa tradição. Não era necessário destruir o aparelho estatal; podia-se transformá-lo gradualmente. Os acontecimentos posteriores demonstraram o que significa uma tal ilusão sobre o chamado caminho democrático pacífico.

Destruir o Estado burguês quer dizer destruir os tribunais, a procuradoria, o parlamentarismo burguês e em seu lugar estabelecer os tribunais populares, a procuradoria popular, os representantes do povo na Assembleia Popular; quer dizer, destruir o velho e construir o novo. A destruição do

Estado burguês não é simplesmente uma mudança de gabinetes. Naturalmente este processo de destruição do Estado burguês pode tomar diversas formas segundo as condições concretas de cada país; mas a destruição é indispensável para todos os países, para instaurar a ditadura do proletariado. O problema da destruição do Estado burguês é um problema agudo da luta entre o marxismo-leninismo e o revisionismo.

Os revisionistas sempre consideraram esta tese como blanquista, anarquista, etc. Vejamos algumas teses de Carrillo: diz ele, no livro mencionado atrás, que nas actuais condições se poderá mudar e transformar a natureza do Estado burguês por caminhos democráticos. Carrillo coloca abertamente o problema declarando: **"será por acaso realista pôr o problema da destruição por meio da violência dos aparelhos opressores do Estado burguês, nos países capitalistas desenvolvidos?"** Carrillo responde que é preciso seguir outros caminhos. E quais são esses caminhos? São a democratização do aparelho estatal, a transformação gradual democrática do exército e da polícia. Carrillo diz que na Itália, há pouco quando se fizeram as eleições, alguns polícias votaram no P"C", logo poderá suceder que no futuro a maioria deles votem no P"C". Por isso, devemos trabalhar com eles para que votem em nós. Carrillo vai para o socialismo com a polícia burguesa. O mesmo apelo foi feito por Marchais em França. Carrillo diz ainda que se trabalharmos com os funcionários do Estado burguês eles poderão converter-se em bons, pacientes, podendo conversar com os operários nos escritórios do Estado; poderão entender-se com os operários, e gradualmente colocar-se ao seu lado. Carrillo diz não haver outro caminho, pois o levantamento popular para destruir o Estado burguês desencadeia a guerra e ela destrói-nos a todos. Fazendo uma destruição total, depois não se pode falar mais de socialismo. Ao ameaçar com a destruição ele diz não haver outra alternativa.

À primeira vista, para o proletariado não formado e desorientado pela propaganda burguesa e revisionista, parece que o problema da destruição do Estado burguês não se poderá realizar porque a burguesia está armada, está ligada aos outros Estados capitalistas por alianças, tem um aparelho estatal muito grande que tem vindo a aumentar e que está construído sob a forma de uma pirâmide que se aperfeiçoa continuamente. Perante esta situação, cria-se a impressão de que o proletariado não poderá enfrentar esta grande força. No entanto, uma análise detalhada do problema põe em destaque que a destruição do Estado burguês não se torna mais difícil, bem pelo contrário.

Em primeiro lugar, porque este grande aparelho, esta majestosa pirâmide, começa a apodrecer por dentro, pois também as camadas dos empregados se tornam objecto de exploração.

Em segundo lugar, porque este Estado pode ser paralisado com mais facilidade do que antes, pois a produção e as funções estão muito concentradas. Por exemplo: em 1968 em França, 10 milhões de operários levantaram-se em greve geral; a França paralisou totalmente; o Estado burguês ficou totalmente paralisado, o que trouxe posteriormente o derrube de De Gaulle; criou-se uma situação revolucionária. Também em Portugal o 25 de Abril de 1974: o próprio movimento de 25 de Abril levou à paralisação e ao derrube do fascismo que estava podre por dentro. Em ambos os casos se o factor subjectivo estivesse à altura, poder-se-ia instaurar a ditadura do proletariado. Outro exemplo: há alguns anos, 300 000 mineiros fizeram uma greve geral em Inglaterra, que levou à paralisação da economia inglesa. Em ajuda da burguesia inglesa, veio a burguesia europeia, enviando barcos com carvão de pedra, petróleo, etc., mas os estivadores ingleses uniram-se aos mineiros. Se se tivesse unido todo o proletariado inglês e em seu apoio se levantasse também o proletariado europeu, então tinha havido uma completa paralisação do Estado burguês, criando ao proletariado, em tais condições, facilidades para derrubar o poder burguês e instaurar a ditadura do proletariado. Esta é a razão porque a burguesia tem um grande medo da união das forças do proletariado e não economiza nada para destruir essa união, e para manter dividido o proletariado.

4. PORQUE É QUE A DITADURA DO PROLETARIADO É UMA NECESSIDADE ATÉ À CONSTRUÇÃO DO COMUNISMO?

Após o seu estabelecimento num dado país, a ditadura do proletariado realiza várias tarefas importantes.

Em primeiro lugar, só mediante a ditadura do proletariado se torna possível organizar e dirigir a transformação da sociedade, sobre as bases do socialismo e do comunismo (podemos dizer que esta é a própria missão histórica do proletariado).

Para isso, o Estado proletário dirige, mediante a planificação, o desenvolvimento económico e cultural da sociedade, exerce controlo sobre as medidas do trabalho e distribuição, assegura o desenvolvimento proporcional de todas as regiões e de todos os ramos indispensáveis, tendo por objectivo a satisfação cada vez maior das necessidades materiais e espirituais das massas trabalhadoras.

Em segundo lugar, a ditadura do proletariado realiza um completo processo revolucionário para fazer desaparecer todas as marcas da antiga sociedade, para fazer a educação comunista dos indivíduos com o espírito do socialismo e do comunismo, tornando-os conscientes para participar activamente na construção da sociedade socialista e comunista, sob a direcção da classe operária e do seu Partido Comunista M-L, para fazer uma revolução ideológica.

Em terceiro lugar, a ditadura do proletariado é necessária para esmagar a resistência das classes derrubadas e posteriormente dos elementos que restam dessas classes, assim como dos novos elementos que surgem no processo de edificação socialista. No plano externo a ditadura do proletariado

deve desenvolver o internacionalismo proletário e apoiar a revolução do proletariado mundial.

Desta ordem de tarefas da ditadura do proletariado resulta que se trata de um estado ditatorial sob uma nova forma: é ditatorial só para oprimir a minoria enquanto que para a maioria, para as amplas massas trabalhadoras é democrático. É democrático não só em palavras mas também nos factos: liberta as pessoas da exploração e da opressão, assegura-lhes direitos e liberdades reais, garantidos do ponto de vista político e material. Politicamente através do Estado, materialmente através dos meios de produção que estão nas mãos do proletariado. Como consequência a ditadura do proletariado não é só violência. A ditadura do proletariado pressupõe a violência mas só em relação às classes exploradoras, aos inimigos do socialismo, para com os quais não se deve ter benevolência, assim como o demonstra a experiência histórica. O exercício da violência contra os inimigos é um dos aspectos da ditadura do proletariado; as massas trabalhadoras não têm que temer uma tal ditadura porque elas próprias exercem esta ditadura não contra si mas contra os seus inimigos.

Estas tarefas que se colocam à ditadura do proletariado acabam com a edificação do socialismo?

Segundo os clássicos do marxismo-leninismo, cujas teses já foram confirmadas pela prática, para a realização de todas estas tarefas é necessário um completo período histórico. Só quando se tiver construído o comunismo cessa a ditadura do proletariado, não sendo mais necessária a sua existência.

Depois de instaurada a ditadura do proletariado que perigos a ameaçam?

A experiência histórica comprovou o que dizia Lénine: "é mais fácil instaurar a ditadura do proletariado do que mantê-la"; o que quer dizer que a defesa da ditadura do proletariado é um problema complexo e difícil, exige que o Partido Comunista marxista-leninista o trate como problema chave, como problema capital durante todo o período transitório. O perigo de degeneração da ditadura do proletariado é real; este perigo pode vir das agressões possíveis, mas pode vir também da degeneração interna: nos últimos anos, o perigo da degeneração interna é o que mais preocupa na experiência histórica da ditadura do proletariado. Na URSS e nos demais países ex-socialistas, a ditadura do proletariado degenerou por dentro. O PTA perante este fenómeno e partindo do objectivo de cortar o caminho a tal processo na Albânia, desde há anos que se tem preocupado com a sua análise e o seu estudo.

A que conclusões chegou o PTA?

A primeira conclusão é que o perigo de degeneração interna é real enquanto continuar a luta entre os dois caminhos de desenvolvimento, o

caminho socialista e o capitalista, enquanto existirem as contradições entre o campo e a cidade, entre o trabalho manual e o intelectual, enquanto existirem na consciência das pessoas os resíduos do passado e as possíveis influências das ideologias estranhas que podem levar à degeneração de pessoas individualmente, enquanto se exerce do exterior uma pressão multilateral contra os países socialistas.

A segunda conclusão é que a degeneração pode começar por alguns factores tais como: quando o Partido se atrofia, quando a educação das pessoas se faz formalmente e separada da prática, quando se lhes abre o caminho da burocratização dos aparelhos estatais, quando no terreno ideológico e cultural se abre o caminho à penetração da ideologia burguesa e revisionista, quando os quadros perdem o espírito revolucionário e se isolam das massas. Tudo isto pode levar ao aparecimento do revisionismo e este é a arma principal para a degeneração da ditadura do proletariado. Foi assim que sucedeu na URSS, começando pela degeneração da superestrutura, e depois da base do socialismo.

A terceira conclusão é que a degeneração da ditadura do proletariado num país socialista não é fatal, pode-se evitar. É importante sublinhar esta questão pois como se sabe, os ideólogos burgueses partindo do facto da degeneração da URSS e demais países, apresentam a ditadura do proletariado como uma alternativa fracassada. É um facto que o socialismo nestes países degenerou, mas isto não é o fim do socialismo em geral. O socialismo e as ideias do socialismo vivem e viverão, sendo a defesa do socialismo e da ditadura do proletariado nestas condições uma tarefa de importância histórica. Nestas condições o PTA, de acordo com as condições concretas do país e retirando ensinamentos do que aconteceu, realizou uma experiência única, apoiada nos ensinamentos do marxismo-leninismo, para a defesa e o ininterrupto fortalecimento da ditadura do proletariado. Esta experiência é a revolucionarização ininterrupta da vida, do Partido e de todo o país.

Quais as tarefas desta revolucionarização?

1. O ininterrupto incremento do papel dirigente do Partido no sistema da ditadura do proletariado.
2. O desenvolvimento consequente da luta de classes em todos os terrenos, vendo-a como a principal força motriz.
3. A educação marxista-leninista das pessas (comunistas, quadros e massas) e o enraizar na sua consciência de correctas concepções em relação à ditadura do proletariado: a relação ditadura/democracia, centralismo/democracia, direito/dever, liberdade/disciplina. Estas relações têm uma importância decisiva para o fortalecimento e a defesa da ditadura do proletariado.
4. A luta para que continuem correctas as relações entre os quadros e as massas. Para que se conservem estas relações tem particular importância a luta contra as manifestações de burocratismo, liberalismo, tecnocratismo e

intelectualismo. Mesmo assim é importante tomar outras medidas para colocar os quadros em condições de não degenerarem, tais como: pôr os quadros sob dupla dependência, de cima e de baixo; rodar os quadros; não permitir grandes diferenças de salários; pôr os quadros no trabalho produtivo junto dos operários e camponeses.

5. O controlo operário que é o desenvolvimento da democracia socialista. O controlo operário realiza-se pelo Partido, pelo Estado e directamente pelos operários e camponeses sob a direcção do Partido. O PTA considera-o como princípio básico e como uma das importantes condições da luta pela defesa e fortalecimento da ditadura do proletariado.
6. Para a defesa e fortalecimento da ditadura do proletariado, é importante a defesa do país, não somente com o exército regular, mas também com o povo armado e preparado para a defesa da pátria e da ditadura do proletariado.

VII

A estratégia e a táctica

1. O MARXISMO-LENINISMO E A ESTRATÉGIA E A TÁCTICA DO PROLETARIADO NA REVOLUÇÃO. A ESTRATÉGIA DO PTA NA LUTA ANTIFASCISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

Os clássicos do marxismo-leninismo ensinam que a estratégia e a táctica são a ciência dirigente da luta do proletariado para derrotar a burguesia, para a instauração da ditadura do proletariado, para a edificação da sociedade socialista e comunista.

As ideias fundamentais da estratégia e da táctica do proletariado na revolução foram formuladas por Marx e Engels. Estas ideias foram traídas pelos oportunistas da II Internacional Kautsky, Bernstein, etc.

Na época das revoluções proletárias, quando o problema das revoluções se pôs na ordem do dia, Lénine não só defendeu as ideias de Marx e Engels sobre a estratégia e a táctica do proletariado contra os ataques dos revisionistas, mas ainda as desenvolveu, as enriqueceu com novas teses, com novas conclusões e ideias.

O que é a estratégia

A **estratégia** trata do objectivo principal numa determinada etapa da revolução e das forças motrizes da revolução. A definição da estratégia e das forcas motrizes é um problema de importância decisiva.

Para definir correctamente a sua estratégia o Partido Revolucionário Marxista-Leninista do Proletariado tem por obrigação apoiar-se com firmeza nos principais princípios do marxismo-leninismo. **A partir desta base devem-se fazer as análises científicas das condições económicas, sociais e políticas do seu próprio país e da situação internacional.**

Na cadeia de **contradições antagónicas** deve-se definir a **contradição principal, da solução** da qual depende também a solução das outras contradições. As contradições internas são, regra geral, **as contradições principais:** as contradições entre as forças produtivas e as relações de produção.

Quando as relações de produção se atrasam em relação ao desenvolvimento das forças produtivas é necessário que, mediante a revolução, se destruam as antigas relações e se construam novas relações que respondam às **exigências das forças produtivas.** No sistema capitalista esta contradição é fundamental. No entanto, **em determinadas condições económicas, sociais, históricas** e **políticas,** a contradição principal poderá ser a contradição externa. Isto sucede **quando um país está ocupado** ou **invadido por um país capitalista** como sucedeu na **Albânia** com a **ocupação pelo fascismo italiano.**

Na Albânia a contradição principal foi a contradição externa, a contradição entre os ocupantes italianos, os feudais e a grande burguesia que se uniram com ele e o povo albanês que lutava pela liberdade e independência. A contradição interna de classes passou para segundo lugar.

Na Albânia naquele tempo havia **um grupo, "Zjarri"** que **se dizia comunista,** no entanto, os cabecilhas deste grupo estavam de facto ao serviço do fascismo. Aproveitando a simpatia que o povo albanês tinha pelo poder **soviético e o comunismo,** lançaram a palavra de ordem de **revolução proletária e de ditadura do proletariado.** O seu objectivo era lançar o povo albanês na luta fraticida, tentando com isto trazer um grande proveito ao fascismo.

O camarada Enver desmascarou desde o início a actividade e as palavras de ordem deste grupo, argumentou que nas condições de ocupação em que a Albânia se encontrava naquele tempo a contradição principal era com os ocupantes e os traidores, portanto a tarefa imediata e principal dos comunistas, da classe operária e de todas as massas populares era a libertação do país dos ocupantes, a palavra de ordem era **"ataquem os ocupantes".** Só quando esta tarefa estivesse cumprida, o proletariado albanês, sob a direcção do partido, desenvolveria a revolução **pelo caminho do socialismo.**

Assim nas condições da Albânia, o camarada Enver defendia o princípio marxista-leninista do desenvolvimento da revolução de **forma ininterrupta** e **por etapas.**

Os **trotskistas** não aceitam **etapas.** Só defendem revoluções **"puras", "proletárias",** pois defendem que a única classe revolucionária na sociedade é o proletariado, sendo todas as outras reaccionárias, incluindo os camponeses. É por isso que dizem que é preciso que o proletariado seja maioritário para fazer a revolução.

Pode acontecer que a contradição fundamental **externa se entrelace**

com a contradição fundamental interna, isto é as **duas devem-se resolver simultaneamente.**

Os objectivos estratégicos, isto é a estratégia, não **mudam durante uma dada etapa da revolução,** quer dizer, até que seja resolvida a contradição fundamental da etapa. Depois desta resolução passa outra contradição para a primeira ordem.

Então, o partido elabora um novo plano estratégico para a nova etapa da revolução. O objectivo da estratégia define-se para uma etapa da revolução e não para todas as etapas da revolução. Para cada **uma das etapas da revolução** temos um objectivo estratégico.

A estratégia trata também da definição das principais forças motrizes, quer dizer, trata de quais são as principais forças que vão realizar a revolução, a atitude e o papel que desempenham cada uma das classes e determinadas camadas na etapa da revolução.

O que é a táctica

A táctica é definida pela estratégia. Depende da estratégia e serve a estratégia. A táctica trata das formas de organização e de luta do proletariado para a realização do objectivo estratégico. Apesar da táctica depender, ser definida e servir a estratégia ela desempenha um importante papel activo e influi positiva ou negativamente na realização da estratégia. Eis porque os partidos marxistas-leninistas do proletariado depois de terem definido uma estratégia correcta têm por obrigação definir uma táctica marxista-leninista correcta, lançar palavras de ordem tácticas as quais asseguram o avanço do proletariado e seus aliados na frente da revolução, mobilizando-os e lançando-os na revolução.

O partido marxista-leninista tem por obrigação conhecer e empregar correctamente todas as formas de organização e de luta do proletariado para estar de acordo com a situação de refluxo ou fluxo da revolução, para estar em situação de encontrar novas formas de luta ou de as combinar.

Na doutrina marxista-leninista ocupa um importante lugar a ideia do papel hegemónico do proletariado na revolução de libertação nacional, na revolução democrática e na revolução socialista.

Os clássicos do marxismo-leninismo afirmam que na sociedade capitalista o proletariado é a classe mais revolucionária e a ela pertence o papel dirigente da revolução, porque está desprovida dos meios de produção, porque é a classe mais oprimida e explorada, porque não tem nada a perder a não ser libertar-se das cadeias da exploração. Por isso o proletariado é consequente para levar a revolução até ao fim. O proletariado exige e está interessado que a revolução seja o mais profunda. O proletariado está ligado à forma mais avançada da produção capitalista, está ligado à produção industrial.

No entanto, as camadas médias com o desenvolvimento do capitalismo, correm o perigo de desaparecer enquanto o proletariado se desenvolve e

cresce. Com o desenvolvimento da indústria cresce o proletariado enquanto que o campesinato se reduz, transformando-se em proletariado. Como resultado da concorrência arruinam-se uma parte dos camponeses transformando-se em proletários.

As condições da produção industrial na qual trabalha o proletariado fazem com que ele esteja mais concentrado. Por exemplo, numa fábrica trabalham centenas ou milhares de operários, cria-se aí a possibilidade de se organizar e desenvolver a solidariedade proletária.

O proletariado é quem está mais interessado na sociedade socialista e comunista. O proletariado tem a sua própria ideologia. Tem a sua teoria de vanguarda, a ciência marxista-leninista. O marxismo-leninismo é a generalização da luta do proletariado contra a burguesia, representa e defende os interesses vitais do proletariado. Eis porque o proletariado abraça o marxismo-leninismo e luta com determinação para aplicar na prática os ensinamentos do marxismo-leninismo.

Por último, o proletariado cria o seu próprio Partido político, o seu estado maior, dirigente ideológico e político, o partido marxista-leninista, mediante o qual o proletariado realiza o seu papel hegemónico.

Lénine afirmou que o destino da revolução depende de em mãos de que classe estará a direcção da revolução. Isto é, a revolução terá êxito se a direcção estiver nas mãos do proletariado. Se a direcção estiver nas mãos de outras classes ou de outros partidos políticos a revolução democrática, de libertação nacional e a socialista fracassará ou ficará a meio caminho. Temos o exemplo da luta de libertação da Argélia que ficou a meio caminho, onde o proletariado e os camponeses continuam a ser explorados.

Na Albânia onde a direcção da revolução passou para as mãos do proletariado, conquistou-se a liberdade e a independência autêntica, construíu-se a base económica do socialismo e está-se caminhando para a completa edificação do socialismo.

A revolução em Cuba passou pelas mãos da pequena-burguesia anarquista e ficou a meio, na democracia burguesa.

O papel hegemónico do proletariado é um princípio fundamental do marxismo-leninismo e da revolução não só para os países desenvolvidos capitalistas, mas também para os países que não ingressaram no capitalismo desenvolvido, um país feudal burguês, onde a classe operária é relativamente pequena, onde não há uma classe operária consolidada. Porque, assim como disse Lénine, a força e o papel da classe operária não se definem pelo número, pelo lugar que ocupa a classe operária no número geral da população, mas pelas suas condições na produção, pela posição e papel que desempenha na sociedade.

O proletariado desempenha o seu papel dirigente mediante o seu partido político revolucionário marxista-leninista.

Na Albânia existiam poucos proletários industriais. Proletariado concentrado com as características de proletariado industrial só existiam em dois

centros: numa mina de asfalto natural, e num centro petrolífero localizado na actual Cidade Stalin onde existiam cerca de 200 proletários. Apesar disto o PTA apoiou-se no proletariado porque é a classe mais oprimida e explorada e a mais revolucionária.

Um outro problema fundamental do marxismo-leninismo sobre as forças motrizes da revolução é o da aliança operário-camponesa, ou seja, o da atitude perante o campesinato. Lénine dizia que a revolução triunfará se o proletariado conseguir passar o campesinato para o seu lado, ou seja se o campesinato se tornar aliado do proletariado. Na revolução democrática e na de libertação nacional todo o campesinato se pode converter em aliado do proletariado. No entanto, na revolução socialista o proletariado apoia-se no campesinato pobre e alia-se ao campesinato médio.

Lénine dizia "com o campesinato na revolução democrática, com o campesinato pobre na revolução socialista". Estas eram as palavras de ordem nas vésperas da revolução socialista. Mas no ano de 1918 quando se deu a intervenção na URSS a prática demonstrou que para se defender a revolução não só era precisa a aliança com o campesinato pobre mas também com o campesinato médio. Lénine dizia "com o apoio do campesinato pobre e a aliança do campesinato médio contra os kulaks".

No seio do campesinato uma grande parte são semi-proletários, camponeses pobres. O campesinato é contra os interesses feudais, tem interesses fundamentais em conjunto com o proletariado na base dos quais se pode fazer a aliança. No entanto, não está ao nível do proletariado, não é consequentemente revolucionário, pois no seu seio estão proprietários. Se o proletariado não fizer um bom trabalho, o campesinato pode passar para as mãos da burguesia. É preciso dizer ao proletariado que a média burguesia, aliada temporária, amanhã será uma inimiga.

Na Albânia este problema tinha um papel importante. O proletariado foi a direcção, mas o campo foi o centro principal da luta já que o campesinato era 85 por cento da população e era muito revolucionário. Do campesinato, mais de 85 por cento eram camponeses pobres e estavam interessados na reforma agrária.

Lénine disse que o trabalho com o campesinato não é fácil e os marxistas-leninistas não se devem ficar pelas dificuldades. Trabalhar com o campesinato não é impossível. Disse também Lénine que para se ligar ao campo são necessárias as seguintes condições:

- elaborar uma correcta estratégia que inclua os interesses dos camponeses;
- o campesinato não se convence com propaganda e agitação, convence-se quando vê com os próprios olhos.

Outras camadas que estão interessadas na revolução são a intelectualidade e os estudantes. Lénine dizia que a intelectualidade se pode levantar contra o obscurantismo. Camadas da intelectualidade são aliadas do proletariado.

Os partidos marxistas-leninistas têm por obrigação fazer com que o proletariado trabalhe com essas camadas para as libertar da confusão ideológica e para lhes demonstrar que só dirigidos pela ideologia marxista-leninista do proletariado podem assegurar as suas aspirações. Mas o proletariado deve ter em conta a natureza vacilante da intelectualidade.

Apesar do papel progressivo que a intelectualidade pode desempenhar, é preciso ter em conta que as condições de vida no capitalismo fazem com que a intelectualidade venda o seu espírito revolucionário à burguesia. A intelectualidade não poderá nunca desempenhar o papel hegemónico, porque ela não é uma classe homogénea como o proletariado. A intelectualidade provém de diversas classes da sociedade. No seu seio não pode haver unidade. Deve-se trabalhar com a intelectualidade oriunda das classes médias e pobres.

Estamos a falar de intelectualidade como camada social e não como indivíduos. Estas pessoas quando ingressam no partido devem deixar fora dele as concepções e a ideologia da camada de onde provêm e abraçar a ideologia proletária.

Tanto a intelectualidade como o campesinato não são representantes da camada de onde provêm quando entram no partido. O partido é monolítico e aí só se representa o proletariado.

Há outras camadas que também podem ser aliadas da revolução; é o caso dos artesãos.

Do ponto de vista do sexo uma grande força para a revolução é a mulher mas deve-se ter em conta as que provêm das massas trabalhadoras, exploradas e oprimidas. **A mulher é uma grande força revolucionária com a qual a classe operária deve trabalhar.**

2. AS TAREFAS TÁCTICAS QUE SOLUCIONOU O PCA NA LUTA ANTIFASCISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL. O CARÁCTER DA REVOLUÇÃO POPULAR

Em todos estes problemas o PTA guiou-se pelos ensinamentos do marxismo-leninismo, aplicando-os de acordo com as condições concretas da Albânia.

O marxismo-leninismo ensina que a revolução é um problema consciente das massas trabalhadoras. A revolução não se poderá realizar só pelo partido nem só pelo proletariado. É portanto uma tarefa importante do partido ligar-se às massas, para as educar, as organizar, mobilizar e dirigir para a revolução. Numa palavra, como dizia Stáline, para criar o exército político da revolução.

Para ligar o partido às massas são necessárias 3 condições:

1. O partido deve elaborar um programa revolucionário, apoiado nos princípios do marxismo-leninismo, apoiado nas condições económicas, sociais e políticas. Este programa deve reflectir em primeiro lugar os interesses fundamentais do proletariado e das demais massas trabalhadoras;
2. O partido deve desenvolver um trabalho intensivo e amplo em todos os sentidos, um trabalho de agitação e de propaganda, por escrito, verbal, por grupos, ou seja multilateral, para formar a convicção nas massas sobre a justeza do programa do partido;
3. O partido deve participar activamente na acção, na luta diária, que o proletariado desenvolve para obter as suas reivindicações; o camarada Enver dizia que sem acção não há partido comunista, o que fortalece e forja o partido é a acção; só mediante a acção nos podemos ligar às massas e lhes mostrar que somos capazes de as guiar e dirigir.

Assim actuou o PTA. Elaborou um programa revolucionário marxista-leninista, empregou variadas formas de agitação e de propaganda, trabalho de convicção das massas. E os comunistas lançaram-se na acção assim que se fundou o partido: manifestações, greves de protesto, até à luta armada.

a) A união do povo albanês na Frente de Libertação Nacional

A actividade revolucionária do partido é um dos factores decisivos da ligação do partido às massas. No entanto, esta ligação só tem força quando é organizada. A forma mais adequada que o PTA definiu para estabelecer as ligações organizadas com as massas foi a Frente Antifascista de Libertação Nacional.

A base política desta união foi o Programa Mínimo do partido que se converteu no programa da Frente. Os pontos deste programa eram: a luta contra o fascismo pela libertação do país; a destruição do antigo poder e a instauração do novo poder que foram os Conselhos Antifascistas de Libertação Nacional; a união do povo na Frente Antifascista de Libertação Nacional; a preparação do povo para a insurreição armada.

A base organizativa da Frente eram os Conselhos Antifascistas de Libertação Nacional, os quais foram criados a partir de Fevereiro de 1942. A Conferência de Peza considerou-os como órgãos da Frente, órgãos de luta e órgãos do novo poder. Os conselhos criaram-se tanto nas zonas ocupadas como nas zonas libertadas.

Nas zonas ocupadas os conselhos tinham apenas a função de órgãos de frente e de órgãos de luta, quer dizer, faziam agitação e propaganda, ajudavam a guerrilha informando os guerrilheiros dos movimentos do inimigo, enviavam ajuda para os acampamentos guerrilheiros, etc.

Nas zonas libertadas, para além destas tarefas, realizavam também a tarefa do governo, tratavam de problemas económicos, de cultura, ensino, agricultura, etc.

Segundo a estratégia do PTA, no programa da Frente deviam entrar todas as classes e camadas que estavam interessadas na libertação da Pátria e na luta contra o ocupante. Na Frente podia-se entrar sem distinção de religião, região e ideias. Em virtude da burguesia comerciante, dos latifun-

diários e dos caciques terem passado para o lado do ocupante, participaram na Frente a classe operária, os camponeses e outras camadas trabalhadoras.

Quais eram as características da Frente na Albânia?

A Frente na Albânia não se criou como uma coligação de partidos, mas como uma união directa das massas trabalhadoras a partir da base. Isto deve-se ao facto de que na Albânia, tanto no tempo do regime de Zog, como no tempo da ocupação, não havia outros partidos políticos.

O único partido político na Albânia foi o Partido Comunista que se fundou em 8 de Novembro de 1941.

As organizações que se criaram como o Balli Kombetar e Legalitet não participaram na Frente e passaram para o lado dos ocupantes.

O PCA não se opôs à criação de outras organizações ou partidos para realizar com eles a Frente unida. O PCA punha uma única condição: formando-se outras organizações ou partidos deveriam ter no seu programa, e desenvolver de facto, a luta contra o ocupante. Se não tivessem no seu programa a luta contra o ocupante consideravam-se organizações ou partidos traidores.

O fundamento da Frente albanesa era a aliança da classe operária com o campesinato pobre e médio, e a Frente teve como característica a direcção inseparável do PCA. O partido organizou a Frente, deu-lhe o seu programa, dirigiu-a, mas não se fundiu com ela.

A Frente na Albânia foi uma organização combativa que desempenhou um grande papel na educação das massas, na mobilização do povo, levando o povo albanês à luta armada.

Eis algumas conclusões que retirou o PCA da experiência da Frente na Albânia e das Frentes que se haviam criado nos outros países:

1. Um povo seja pequeno ou grande pode conquistar a liberdade, pode realizar com êxito a revolução democrática e a revolução socialista, sob a direcção do partido marxista-leninista;
2. É necessário fazer a união do povo na Frente única democrática antifascista e democrática, ou anti-imperialista e democrática, nos alicerces da qual deve estar a aliança da classe operária com o campesinato, sob a direcção da classe operária e da sua vanguarda o Partido Marxista-Leninista.

Nos países onde existem também outros partidos políticos progressistas, o partido comunista poderá criar a Frente única com esses partidos, mas concentrando a atenção em primeiro lugar na criação desta Frente desde a base, com a base desses partidos, mediante acções conjuntas. Sem renunciar às conversações e acordos com esses partidos, em todas as ocasiões o partido marxista-leninista deve lutar para ter a hegemonia na Frente, deve lutar para dirigir a Frente e não deixar a sua direcção aos outros partidos políticos que participam na Frente. O partido comunista deve conservar sempre a sua independência política e não deve fundir-se na Frente.

Paralelamente com a luta para a unidade na Frente, o partido marxista-leninista, tem por obrigação desenvolver a luta dentro da Frente contra as tendências e vacilações dos outros partidos políticos que se encontram na Frente.

O PTA tem a opinião de que não se deve criar uma Frente com os partidos sociais-democratas e revisionistas, porque são servidores do imperialismo e da burguesia e dentro da Frente desempenhariam o papel de cavalo de Tróia.

Após a instauração da ditadura do proletariado e especialmente depois da edificação da base económica do socialismo, não se deve permitir mais a existência dos outros partidos políticos. Permitir sob qualquer máscara ou pretexto outros partidos políticos é uma posição oportunista.

A Frente deve ser uma organização combativa, para levar as massas até à revolução e não deve ser uma organização pacifista com o pretexto de ganhar a maioria dos votos do parlamento, como fazem e dizem os revisionistas, ou para ir com outros partidos para o poder.

Sobre o problema da Frente há concepções revisionistas e trotskistas. Existem variantes revisionistas dizendo que agora as Frentes já passaram o seu tempo; outros olham para a Frente como acordos políticos entre os partidos burgueses na via do caminho pacífico para o socialismo, olham-na como uma organização pacifista. Os trotskistas são contra a formação da Frente. A qualquer união ou acordo do proletariado com os seus aliados, eles consideram-no como oportunismo. O partido marxista-leninista tem por obrigação lutar contra todas estas variantes.

b) Organização e direcção do PCA da insurreição armada

Os clássicos do marxismo-leninismo argumentam cientificamente que a revolução violenta é uma lei geral para o derrube da burguesia e a construção da sociedade socialista.

A burguesia para a defesa dos seus interesses políticos e económicos emprega a sua máquina estatal, emprega sem piedade a violência contra-revolucionária. Ela emprega as armas da violência: o exército, a polícia, as prisões. Oprime sem piedade todo o movimento de libertação social.

A burguesia nunca renuncia voluntariamente aos seus privilégios económicos e à sua dominação política. Em tais condições, quando a burguesia está armada até aos dentes, não há outro caminho para o proletariado e as restantes massas trabalhadoras, para a sua libertação, a não ser mediante a utilização da violência revolucionária.

A história comprovou completamente que nenhuma classe assumiu o poder, nenhum povo conquistou a liberdade a não ser através da luta armada sangrenta.

A revolução violenta pode tomar a forma de uma insurreição geral armada rápida, imediata, que poderá começar e terminar num tempo curto como foi a revolução socialista de Outubro na Rússia, a qual começou e acabou em cerca de dois meses.

A revolução violenta pode também tomar a forma de uma guerra armada prolongada, como foi o caso da Albânia, onde a luta popular armada durou 3 a 4 anos.

A forma da revolução violenta depende da correlação de forças. No país onde a reacção tem a superioridade de forças poderá ser combatida e destruída por meio de uma guerra prolongada popular armada. Independentemente das formas que tome a revolução violenta, a presença das armas, ou seja a sua utilização, é condição indispensável, pois não há revolução violenta sem o emprego das armas.

Lénine disse que uma classe operária que não se esforce por conhecer as armas, por ter as armas, isto é, armar-se, merece ser tratada como uma escrava, e afirmou ainda que não nos devemos desarmar, mas sim armar o proletariado para derrubar a burguesia, para a desarmar.

Os revisionistas actuais, assim como os antigos revisionistas, negam estes ensinamentos. Propagam a via pacífica de passagem do capitalismo para o socialismo, da integração do capitalismo no socialismo por via parlamentar, através do desenvolvimento da democracia burguesa, através de reformas económicas dentro do quadro do capitalismo.

A prática repudiou estas teses traidoras dos revisionistas e mostrou a justeza dos ensinamentos do marxismo-leninismo sobre a luta armada. Os acontecimentos do Chile, da Indonésia, etc., constituem, entre outras coisas, o exemplo do fracasso dos pontos de vista revisionistas sobre a via pacífica para a passagem do capitalismo ao socialismo.

A atitude para com a revolução violenta é um ponto de demarcação entre o marxismo-leninismo e o revisionismo e o oportunismo. No problema da insurreição armada os marxistas-leninistas também se separam dos anarquistas. Estes vêem-na como um complot, como um golpe militar separado das massas trabalhadoras.

Vêem a insurreição armada como uma atitude espontânea que não se pode organizar, que não pode ser guiada e dirigida, negam o papel dirigente da classe operária e do Partido Comunista.

Os marxistas-leninistas vêem a insurreição armada como uma ciência que tem as suas regras próprias. Marx ensina-nos que as regras da insurreição armada são:

- deve-se ter grande confiança na insurreição armada; apenas ela comece deve ser levada até ao fim e não se deve ficar a meio do caminho;
- deve-se concentrar as principais forças da insurreição no ponto mais débil do inimigo, porque o inimigo, tendo mais experiência, pode causar danos ao proletariado;
- apenas comece a insurreição deve-se lançar a ofensiva; a defesa é mortal para a insurreição armada;
- os insurrectos devem esforçar-se para atacar o inimigo de surpresa, quer dizer, encontrar o momento próprio do início da insurreição;
- a revolução deve começar quando se tiver criado a situação revolucionária, isto é, quando o proletariado e as restantes massas trabalhadoras estão dispostas a lançar-se na insurreição e segui-la com consequência, quando no seio do inimigo se agudizam muito as contradições, quando as forças do inimigo estão dispersas;
- os insurrectos devem lutar para conservar nas suas mãos a iniciativa, devem lutar para obter vitórias, quando se trata da luta na cidade, mesmo que estas vitórias sejam pequenas, elas levantam a moral dos insurrectos; audácia, audácia e mais audácia, disse Danton.

Lénine disse que o proletariado deve trabalhar para decompor o exército inimigo, para que as armas passem da burguesia para o proletariado.

Os interesses dos soldados são contrários aos dos burgueses e dos oficiais seus filhos. Lénine ensina que o partido deve criar no seio do exército organizações revolucionárias e do partido. No exército também existe uma casta, mas deve-se trabalhar com os quadros inferiores, mantendo-se sempre a vigilância.

O apoio fundamental do Partido deve ser o proletariado e o campesinato armado, sem abandonar o trabalho no seio do exército. Seria uma derrota se o Partido pensasse apoiar-se apenas nos oficiais. Na Rússia aconteceu que o exército passou para o lado da revolução devido ao trabalho do Partido Bolchevique. Contaram para isso as condições concretas já que o exército estava cansado das guerras imperialistas.

Para criar o exército revolucionário devem-se resolver três tarefas:

1. Solucionar o problema de armar o povo. Sob o poder dos monopólios as armas são da burguesia. Armar o povo é um problema difícil e complicado, mas não impossível, as formas e os modos de o resolver são diversos e definem-se de acordo com as condições concretas de cada país. O povo albanês tinha tradições seculares de usar as armas, não compreendia a vida sem as armas. Isto resulta do povo albanês ter sido escravizado durante séculos e ter de defender a sua liberdade com as armas.
2. Solucionar o problema dos quadros. Nas condições do capitalismo o proletariado não tem as suas escolas para preparar os seus quadros, pois as escolas militares são da burguesia. O PTA resolveu este problema de forma revolucionária, formando os quadros com as melhores pessoas, os mais aptos, os mais valentes, que se destacavam na luta. Estes quadros que sairam da luta puderam vencer os generais nazis que tinham terminado os seus estudos superiores em Academias Militares.
3. Solucionar o problema da alimentação, vestuário, calçado, alojamento, etc., necessário ao exército revolucionário. Tudo isto o PTA assegurou, baseando-se no povo; foi o povo quem abasteceu o exército com alimentação e vestuário. As casas dos camponeses foram as casas dos guerrilheiros.

c) A destruição do antigo poder e a construção dos conselhos de libertação nacional

O problema do poder, dizem os clássicos do marxismo-leninismo, é o

problema fundamental da revolução verdadeiramente popular. O proletariado na revolução tem por obrigação destruir o antigo poder estatal e sobre as suas ruínas construir o novo estado. O proletariado não pode tomar nas suas mãos o estado da burguesia e empregá-lo em seu benefício, pois o estado da burguesia é estranho ao proletariado, não pode servir os interesses do proletariado. Por isso Marx disse que se tem de destruir o antigo estado e sobre os seus escombros construir o novo estado.

Esta destruição só se pode fazer por meio da revolução violenta, pois o poder do proletariado sai da boca da espingarda, da insurreição popular armada.

Que quer dizer destruir o antigo estado?

Apoiando-se na experiência da Comuna de Paris, Marx e Lénine assinalaram que destruir o antigo estado da burguesia, destruir o poder público, as principais armas da sua violência, como é o exército permanente e substituí-lo pelo povo em armas, destruir a polícia e substituí-la pela milícia popular, destruir os antigos tribunais e substituí-los por novos tribunais populares, destruir as antigas leis e substituí-las por novas leis.

Em segundo lugar é preciso destruir a burocracia, os antigos funcionários que estão acima do povo e o oprimem, substituindo-os por funcionários populares que não gozam de nenhum privilégio, que são eleitos pelo povo e que estão sob o controlo do povo e que o povo tem o direito de substituir quando eles não cumprem o seu dever.

Em terceiro lugar é preciso destruir os antigos organismos representativos, ou seja, o parlamento burguês que não é outra coisa senão uma tribuna de palavreado e substituí-lo por órgãos verdadeiramente representativos do povo nas mãos dos quais se concentra o poder executivo e legislativo.

A experiência da revolução proletária, deu vários tipos de ditadura do proletariado, como foram a Comuna de Paris, apesar das suas deficiências; o poder dos sovietes na revolução proletária da Rússia; a forma de democracia popular que surgiu na Albânia. A experiência poderá dar-nos outras formas. Mas o poder da classe operária na sua essência é a ditadura do proletariado.

Na Albânia o PTA resolveu o problema do poder de forma criadora. O poder das classes exploradoras fundiu-se com o do ocupante e servia tanto a estas como à burguesia imperialista italiana que tinha ocupado o país. Por isso o PTA relacionou o problema do poder e a edificação do novo poder com o problema da libertação nacional. A expulsão do ocupante, a destruição do antigo poder e a construção do novo, foram dois problemas que se resolveram ao mesmo tempo.

O PTA ligou o problema do poder com a insurreição armada. O objectivo da insurreição armada não era só a expulsão do ocupante e a libertação do país, mas também a destruição do Estado, a construção do novo Estado e a sua defesa.

A forma mais adequada que o PTA escolheu, de acordo com as

condições, para substituir o antigo Estado foi a criação dos Conselhos Antifascistas de Libertação Nacional que tinham três funções: eram organismos de guerra; eram organismos de frente; eram organismos do poder.

A criação do novo poder na Albânia passou por quatro fases:

1ª FASE – desde a Conferência de Peza em Setembro de 1942 até à 2ª Conferência de Libertação Nacional em Setembro de 1943 em Lobinot. A Conferência de Peza criou as bases do novo poder, reconheceu os Conselhos Antifascistas de Libertação Nacional como núcleos de novo poder popular e definiu as suas tarefas, as que se deviam cumprir nas zonas libertadas e nas zonas não libertadas.

2ª FASE – desde a Conferência de Lobinot até 24 de Maio de 1944, onde se celebrou o I Congresso Antifascista de Libertação Nacional, Congresso de Permet. A Conferência de Lobinot consolidou, fortaleceu e centralizou o poder, elegeu um novo conselho, o Conselho Geral Antifascista de Libertação Nacional, aprovou os estatutos da actividade dos CALN, colocou a tarefa das ligações do Conselho Geral com os Conselhos provinciais e destes com a base. Foi eleita a Direcção do Conselho que realizou algumas tarefas iniciais de governo. Junto ao Conselho Geral criaram-se algumas comissões, como a comissão para a educação, a comissão económica, a comissão para a reconstrução, etc. Isto é, já tínhamos os primeiros elementos do aparelho estatal.

A Conferência de Lobinot declarou que o único poder que representa os interesses do povo é o poder dos conselhos antifascistas de libertação nacional, pois nas zonas libertadas não deveria existir outro poder para além deste.

3ª FASE – desde a Conferência de Permet até 20 de Outubro de 1944 onde se celebrou a 2ª Reunião do Conselho Geral. O Congresso de Permet elegeu o Conselho Geral ALN como órgão legislativo e executivo mais elevado. O Conselho Geral na primeira reunião elegeu o Comité ALN com as atribuições de um governo democrático provisório. O Congresso de Permet declarou que se proibia o regresso ao regime de Zog e que se reexaminava todos os acordos feitos nesse regime com o estrangeiro, anulando todos os acordos que fossem contra os interesses do povo albanês. Assim o Congresso de Permet declarou não reconhecer nenhum governo formado, fora ou dentro do país. Em linhas gerais o Congresso de Permet resolveu o problema do poder no interesse das massas e colocou os fundamentos do novo poder, do novo estado albanês. Aqui criaram-se já os ministérios.

4ª FASE – Outubro-Novembro de 1944. A 2ª Reunião do Conselho Geral ALN decidiu que o comité ALN que tinha até agora as atribuições de um governo provisório se transformasse em "governo democrático". Em segundo lugar decidiu que os Conselhos ALN realizassem somente as funções do poder. Por último o Governo proclamou os direitos democráticos, o direito de organização, de palavra, de trabalho, de igualdade entre a mulher e o homem, etc.

O PTA lutou duramente contra as manifestações e atitudes oportunistas relacionadas com o poder. O PTA conservou sobretudo o seu papel como dirigente do poder. Não dividiu a direcção do poder com nenhuma outra organização política.

O PTA condenou e repudiou a actividade de Inner Dishorica, ex--membro do Bureau Político, o qual nas conversações que se fizeram em Mukje em Agosto de 1943 violando a directiva do CC aceitou a plataforma de Balli Kombetar para criar um chamado Comité de Salvação da Albânia o qual se deveria compor de 5 representantes da Frente e 5 representantes do Balli Kombetar. Um tal acordo levava à liquidação do poder dos Conselhos ALN, levava à divisão do poder entre o PTA e o Balli Kombetar que até essa altura não tinha disparado nem uma bala contra o ocupante, pelo contrário tinha sabotado e trabalhava de todas as formas para criar obstáculos e sabotar a luta de Libertação Nacional.

Uma outra atitude oportunista contra o poder popular foi a de Bedri Sapahiu que era secretário político do Comité provincial de Gjirokaster e Gin Marco de Berat. Quando capitulou a Itália fascista estes em vez de aplicar as decisões da 2ª Conferência ALN de Lobinot para estabelecer nas zonas libertadas os Conselhos ALN, permitiram que nestas duas províncias paralelamente aos Conselhos ALN se criassem também os conselhos do Balli Kombetar.

Mal soube disso, o camarada Enver Hoxha enviou uma carta a todos os comités provinciais condenando severamente esta atitude e assinalando que na questão do poder não se admite dualismo. Não se pode permitir no mesmo lugar dois poderes que estão em luta de morte entre eles.

No problema do poder, dizia o camarada Enver Hoxha, não pode haver concessões, ou seja atitudes oportunistas. O camarada Enver Hoxha dizia que o poder ninguém o dava voluntariamente, nem mesmo o Balli Kombetar. Eis a razão da vontade do povo tomar o poder por meio das armas.

3. A ESTRATÉGIA E A TÁCTICA DO MCI NO PERÍODO ACTUAL

A estratégia do proletariado está relacionada com o inimigo principal a nível internacional e dentro do próprio país. O PTA pensa que o imperialismo americano e o social-imperialismo russo são os dois maiores inimigos dos povos de todo o mundo e por isso se deve lutar ao mesmo tempo contra ambos. Existe outro ponto de vista, segundo o qual o imperialismo mais perigoso e agressivo é o social-imperialismo, enquanto que o imperialismo americano estaria em decadência, seria passivo, procurando manter as suas zonas de influência, não estando pois em situação de empreeender mais agressões e prejudicar os povos. O PTA criticou este ponto de vista tanto no VII Congresso como no artigo "A teoria e a prática da revolução". O PTA, à luz da realidade, perfilha a ideia de que tanto o imperialismo americano como o social-imperialismo soviético são igualmente perigosos. A tese que diz que o inimigo do meu inimigo é meu amigo não é correcta no que diz respeito à atitude que se deve tomar face às duas superpotências.

Da definição do inimigo principal nas actuais condições depende também a definição de uma estratégia revolucionária. Ao pretender que o social--imperialismo soviético é o inimigo principal no período actual, os novos oportunistas retiram a conclusão errada de que se pode colaborar com o imperialismo norte-americano e com outras potências imperialistas formando uma frente única contra o social-imperialismo, a pretexto do aproveitamento das contradições inter-imperialistas. Com este pretexto, os novos oportunistas propõem a aliança do proletariado e dos povos com a burguesia dos seus países, contra o social-imperialismo, para, segundo eles, defender a liberdade e a independência desses países.

Partindo da concepção de que o social-imperialismo é o inimigo principal e dividindo o mundo em 3, os novos oportunistas propõem a aliança do terceiro mundo com o segundo (formado por portências imperialistas) contra o social-imperialismo.

Os marxistas-leninistas defendem que se deve aproveitar as contradições inter-imperialistas e que se devem fazer alianças. Mas surge a pergunta: **com quem se deve fazer alianças e ao serviço de quem?**

Nós devemos aproveitar as contradições a favor da revolução e contra a contra-revolução. Nós devemos fazer alianças com as forças revolucionárias e anti-imperialistas contra o imperialismo norte-americano e o social-imperialismo soviético.

O PTA pensa que se deve desenvolver uma luta frontal tanto contra o imperialismo norte-americano, como contra o social-imperialismo soviético.

Por exemplo: em Espanha e Portugal o imperialismo norte-americano apresenta-se como o inimigo directo do povo espanhol e português, pois tem lá as suas bases militares, domina economicamente, etc.

Os marxistas-leninistas, à cabeça dos seus povos, devem lutar contra o imperialismo, pela saída dos americanos das bases militares, contra o domínio e infiltração económica, lutando ao mesmo tempo contra a burguesia que colabora com ele. No entanto, os marxistas-leninistas e os povos devem lutar simultaneamente contra o social-imperialismo soviético que se esforça por exercer a sua influência nos países onde se cria um vazio resultante da expulsão deste ou daquele imperialismo. O mesmo poder-se-á dizer para os povos da Europa oriental, Bulgária, Hungria, Alemanha oriental, etc; os povos destes países devem lutar contra a ocupação militar do social-imperialismo soviético e contra a burguesia que colabora com ele, ao mesmo tempo que devem impedir a entrada do imperialismo norte-americano. Só assim, assegurarão a sua autêntica liberdade e independência.

As duas superpotências têm a mesma estratégia comum: dominar com-

pletamente o mundo. Com este fim criaram os seus instrumentos políticos, económicos e militares.

O imperialismo norte-americano criou a NATO e o Mercado Comum, o social-imperialimo criou o Tratado de Varsóvia e o COMECON. Estes são os instrumentos de base das duas superpotências para realizar a sua política hegemónica e expansionista. Para este fim colaboram uma com a outra.

Tanto a colaboração como a rivalidade das superpotências são perigosas para os povos do mundo.

O PTA opõe-se aos pontos de vista dos novos oportunistas que preconizam a aliança com o Mercado Comum e que apoiam o rearmamento de países como a Alemanha com o pretexto de que isso iria reforçar a oposição ao social-imperialismo soviético.

O PTA está contra o ponto de vista dos novos oportunistas segundo o qual uma nova guerra mundial é inevitável, mantendo-se por isso fiel aos ensinamentos de Lénine e Stáline sobre a questão. A fonte da guerra no período actual é o capitalismo e em primeiro lugar as duas superpotências, e o seu perigo aumentou como resultado do aumento da agressividade das duas superpotências.

Como dizia Stáline, se os povos tomarem nas suas mãos a causa da defesa da paz, então poder-se-á evitar uma nova guerra mundial; mas se ela não se puder evitar e for desencadeada, então o PTA seguirá os ensinamentos de Lénine segundo os quais o proletariado e os povos dos diversos países deverão transformar a guerra imperialista em guerra civil, sob a direcção dos partidos marxistas-leninistas. O PTA está contra o ponto de vista que afirma que o proletariado e o povo se devem unir com a burguesia do seu país para defender a pátria contra o perigo do social-imperialismo soviético. Tal como disse Lénine, trata-se de um ponto de vista social-chauvinista.

VIII

O que é o capitalismo ?

1. INTRODUÇÃO. O QUE É A ECONOMIA POLÍTICA?

A economia política faz parte das ciências sociais. A economia política estuda as leis da produção social e da repartição dos bens materiais, nos diferentes estádios do desenvolvimento da sociedade humana.

A economia política marxista-leninista tem como objectivo de estudo, as relações de produção.

Lénine dizia que:

"A economia política não se ocupa de modo algum da 'produção', mas sim das relações sociais dos indivíduos na produção, da estrutura social da produção."

(Lénine, in "O desenvolvimento do capitalismo na Rússia", O.C. T. 3)

A economia política, dizia Engels:

"estuda em primeiro lugar as leis particulares de cada fase da evolução da produção e da troca, e não é senão ao fim deste estudo que ela poderá estabelecer algumas leis gerais que são válidas em todo o caso para a produção e a troca."

(Engels, in "Anti-Duhring")

Quando se diz que a economia política estuda as relações de produção, tem-se em conta que a **economia política estuda:**

1. As relações de propriedade; quer dizer, de quem são os meios de produção;
2. As relações de distribuição dos bens materiais; quer dizer, como se distribuem os bens materiais entre as classes e os diversos grupos sociais;

3. As relações de troca de intercâmbio da actividade produtiva.

O determinante nas relações de produção são as relações de propriedade. Na base das relações de propriedade define-se também o tipo de relações de produção.

Assim por exemplo: se a propriedade é privada as relações de produção são relações de exploração.

As relações de distribuição são relações de exploração.

E as relações de troca também são relações de exploração.

Se é uma propriedade social, as relações são de colaboração e ajuda recíproca, ou seja, são relações socialistas.

A economia política apesar de ter como objecto de estudo as relações de produção, indirectamente estuda também as forças produtivas, isto pelo facto de que as relações de produção se estudam e se analizam nas diversas etapas do desenvolvimento social.

O modo de produção.

As relações de produção juntamente com as forças produtivas (forças produtivas=aos meios de produção + mão de obra), constituem o modo de produção.

Na história, segundo a análise de Marx **conhecem-se cinco modos de produção.**

1. A comunidade primitiva
2. O sistema esclavagista
3. O sistema feudal
4. O sistema capitalista
5. O sistema comunista

Os modos de produção juntamente com a superstrutura, formam o sistema ou a formação económico-social.

No modo de produção **são determinantes** as relações de produção. Nas relações de produção o que é determinante são as relações de propriedade.

Exemplo: Diz-se que a Argélia está a construir o socialismo. Nós dizemos que o determinante são as relações de propriedade. Na Argélia fez-se a nacionalização burguesa, porque a classe que fez a nacionalização foi a burguesia nacional.

Acaso se constrói na Argélia o socialismo? Não! Quer dizer que o determinante são as relações de produção.

Marx na análise que fez descobriu uma lei geral **que é a lei da concordância das relações de produção com o carácter das forças produtivas.**

Esta lei, nas condições de dominação da propriedade privada, encontra a sua expressão nas contradições antagónicas.

As forças produtivas, assinalou Marx, têm tendência a se desenvolverem mais rápido que as relações de produção.

Dentro das forças produtivas desenvolvem-se mais rapidamente os utensílios de trabalho.

O desenvolvimento das forças produtivas em ritmos mais acelerados que as relações de produção e o atraso destas últimas, criam um conflito, o qual nas condições de propriedade privada se resolve apenas com uma revolução. Isto comprova-o e afirma-o a história do desenvolvimento da sociedade humana na passagem de um sistema inferior a outro superior.

Assim por exemplo: A revolução burguesa não fez outra coisa senão colocar em concordância o nível das forças produtivas com as relações de produção.

O mesmo se passa no seio do capitalismo em que as forças produtivas se desenvolvem enquanto as relações de produção se atrasam.

Porque é que se atrasam?

Porque os capitalistas não renunciam voluntariamente à propriedade capitalista privada.

O desenvolvimento das forças produtivas exige a propriedade social a qual permite o posterior desenvolvimento das forças produtivas; mas nas condições do capitalismo, isto não se pode realizar sem a revolução.

Esta lei geral expressa-se na contradição fundamental do capitalismo, a qual foi formulada por Engels no Anti-Dühring.

Na base do capitalismo está a contradição antagónica fundamental entre o carácter social da produção e as formas de apropriação privadas capitalistas.

A partir desta contradição emanam todas as outras contradições económicas e sociais do sistema capitalista.

A resolução desta contradição faz-se só com a revolução socialista.

Os ideólogos burgueses assinalam que a economia política não tem carácter de classe; isto foi dito por John Keynes.

Segundo este, a economia política estuda a produção e a circulação das mercadorias e desta forma a economia política não teria um carácter de classe.

John Keynes disse que há somente uma economia política para todas as classes pois, segundo ele, produção e circulação de mercadorias há em todos os sistemas.

O carácter de classe da economia política.

O marxismo-leninismo assinala que não há para todas as classes uma mesma economia política.

Existem três tipos de economia política.

1. A economia política **burguesa** que defende os interesses da burguesia como classe;
2. A economia política **pequeno-burguesa** que defende os interesses da pequena burguesia, da pequena propriedade privada;
3. A economia política **marxista-leninista** que expressa e defende os inte-

resses da classe operária e de todas as massas trabalhadoras que são exploradas pelo capital.

Destas 3 economias políticas só a **economia política marxista-leninista tem carácter científico.**

Porque é que só esta economia política tem carácter científico?

Porque defendendo os interesses da classe operária, que é a classe mais revolucionária, a economia política marxista-leninista está interessada em descobrir as leis do desenvolvimento da sociedade de um sistema inferior para um sistema superior.

Os interesses de classe do proletariado põem-se de acordo com a objectividade científica da economia política.

A classe operária procura a verdade, a burguesia procura conservar a exploração, não está interessada na descoberta das leis objectivas económicas do desenvolvimento da sociedade; por isso a propaganda burguesa não é científica, não pode ser científica, é anticientífica e defende sem bases e argumentações o sistema capitalista.

2. O QUE É O CAPITALISMO. CAPITAL E MAIS-VALIA.

Vamos estudar três problemas dentro deste tema:

1. A transformação do dinheiro em capital e da mão-de-obra em mercadoria;
2. A mais-valia, essência da exploração capitalista;
3. As duas formas de incremento do nível da exploração da classe operária pelo capital.

A transformação do dinheiro em capital e da mão-de-obra em mais-valia.

Marx, analisando a produção simples da mercadoria, assinalou que o simples produtor sai ao mercado com o seu produto com o objectivo de vendê-lo e comprar uma outra mercadoria para cumprir as necessidades próprias e da família.

Marx expressou "a simples circulação das mercadorias" com a seguinte fórmula:

Mercadoria-dinheiro-mercadoria (M-D-M).

O valor, diz Marx, da mercadoria no fim da circulação é igual ao valor da primeira mercadoria.

O capitalista, diz Marx, vai ao mercado com um intuito diferente do simples produtor, com uma determinada soma de dinheiro, com um pérfido objectivo de pôr o dinheiro na circulação, para que ele lhe seja devolvido com um aumento, que se traduz na seguinte fórmula:

Dinheiro-mercadoria-dinheiro^1 (D-M-D^1)

A última quantidade de dinheiro na circulação capitalista deve ser sem dúvida maior do que o dinheiro lançado inicialmente.

Assim a fórmula: ($D^1 = D + d$) $D^1 \rightarrow$ dinheiro c/incremento.

Como é que aparece o aumento equivalente a **d**? O capitalista diz-nos: "Com o meu capital comprei uma mercadoria; depois voltei ao mercado e vendi-a, recebendo em troca um novo capital, mais elevado." Assim há ideólogos burgueses que dizem que os capitalistas ganham porque compram barato e vendem caro; outros dizem que este aumento do capital resulta da existência de uma classe que só consome e desta forma os capitalistas recebem deles o dinheiro (pontos de vista burgueses).

Marx, analisando a fórmula geral do capital: $D \rightarrow M \rightarrow D^1$, assinalou que o aumento do capital só poderá vir ou do dinheiro ou da mercadoria. Acaso pode vir o aumento do capital do próprio dinheiro? Não, diz Marx, o dinheiro não cria nem um átomo de valor, o dinheiro serve somente como meio de circulação.

Na sua obra fundamental "O Capital", Marx diz: *"O aumento do valor, pelo qual o dinheiro se deve transformar em capital, não pode provir do próprio dinheiro."*

(Karl Marx, in "O Capital", Livro I, capítulo VI)

Então de onde vem o aumento do valor do dinheiro?

Marx diz que nesse caso fica como fonte a mercadoria. Mas as mercadorias são variadas (são artigos de consumo, e também meios de produção).

No capitalismo existe todavia uma mercadoria específica, ou seja: a mercadoria força de trabalho (mão-de-obra).

Das mercadorias comuns não pode vir o aumento do valor, não se pode assegurar o lucro; então fica a mercadoria específica força de trabalho (mão-de-obra).

Os capitalistas saem ao mercado com o seu dinheiro e compram meios de produção e mão-de-obra; organizam o processo de produção. No processo de produção, como resultado da exploração da mão-de-obra, dá-se o aumento do valor das mercadorias produzidas, as quais são vendidas pelos capitalistas no mercado, assegurando o valor e a mais-valia.

A mais-valia, essência da exploração capitalista.

Como é que aparece a mais-valia? Nas empresas capitalistas os operários trabalham 8 horas. O capitalista na sua empresa produz fio de algodão, por exemplo.

Suponhamos que ele gaste 10 dólares para a compra do algodão, mais 2 dólares para os fusos e aluga o operário por todo o dia por 3 dólares. Quanto gastou o capitalista? Gastou 15 dólares.

Os fusos gastam-se, o algodão transforma-se em fio e por último produz-se o fio. O fio custa 15 dólares. Até aqui não se pode acusar o capitalista. Mas nós sabemos que o capitalista organiza a produção com um

pérfido objectivo e actua desta forma: organiza novamente o processo de produção dentro das 8 horas, porque o fio de que falamos produz-se nas primeiras 4 horas do dia. Isto é, novamente o capitalista gasta 10 dólares para a compra do algodão mais 2 dólares para os fusos mas ao operário já não lhe paga porque alugou-o por todo o dia. No final das segundas 4 horas produz novamente fio, o qual na sociedade custa 15 dólares enquanto ao capitalista custa apenas 12 dólares.

No final do dia, o capitalista durante as 8 horas produziu mercadoria por um valor de 15 dólares em 4 horas + 15 dólares em 4 horas = 30 dólares. Destes 30 dólares o capitalista gastou 27 dólares.

Marx descobriu a lei fundamental económica do capitalismo que se chama "a lei da produção e da apropriação da mais-valia" e que Marx exprimiu da seguinte maneira: *"Fabricar mais-valia. Tal é a lei absoluta deste modo de produção." (Karl Marx, in "O Capital", Livro I).*

Porque é que esta é a lei económica fundamental do capitalismo?

Porque expressa o objectivo da produção capitalista e o meio para alcançar este objectivo; quer dizer, o objectivo é a produção da mais-valia, e o meio é a exploração da classe operária.

A essência do capital.

Os ideólogos burgueses dizem que "capital" é uma coisa útil para o seu dono e desta forma eles consideram "capital" o arco e a flecha dos homens da comunidade primitiva e mesmo os artigos de consumo. Isto não se faz sem qualquer objectivo.

Os ideólogos burgueses querem:

1. Apresentar o capital como sendo eterno; que existiu e existirá sempre. Querem eternizar o capitalismo, apresentando-o como um sistema natural;
2. Apresentando todas as coisas como "capital", para eles todos são capitalistas. O operário que consome artigos de consumo, também é capitalista, porque é dono de bens de consumo. Aqui temos a base da chamada teoria burguesa sobre o capitalismo popular.

Qual é a concepção de Marx?

a) **Capital, disse Marx,** não é qualquer coisa, capital são os meios de produção, os quais servem como objecto de exploração do trabalho assalariado;
b) Capital é um valor que contém em si mais-valia;
c) O capital está em movimento ininterrupto; quer dizer que o capital deve desenvolver-se, que o capital circula de forma ininterrupta. Marx divide o capital em capital constante e capital variável (c+v).

Na prática o capitalista gasta o seu capital em meios de produção, em edifícios, e isto chama-se capital fundamental; para além disto o capitalista gasta também em matéria-prima, em combustíveis e mão-de-obra e este chama-se capital circulante.

As duas formas de incremento do nível da exploração da classe operária pelo capital.

Qual é o novo elemento que Marx trouxe com a divisão que fez do capital, ou seja, capital constante (c) e capital variável(v)?

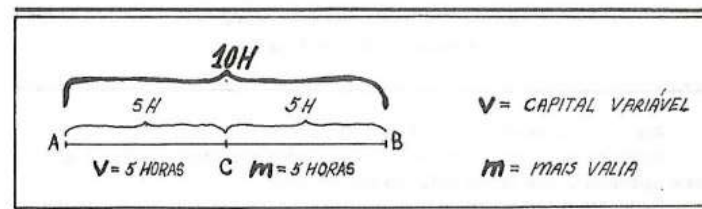
Marx, no capital constante inclui todos os elementos que nós mencionámos com excepção da mão-de-obra. Marx inclui a mercadoria mão-de-obra no capital variável, ou seja: capital variável igual a mercadoria específica ou mão-de-obra (força de trabalho).

Esta divisão do capital em capital constante (c) e capital variável(v), demonstra que a mais-valia não é criada por todas as partes do capital como nos pode parecer superficialmente, mas a mais-valia só é criada pelo capital variável.

Como conclusão: A mais-valia cria-se a partir do capital variável enquanto que o capital constante é indispensável para a produção das mercadorias mas não aumenta o seu valor. Isto quer dizer, no capital constante inclui-se as matérias-primas, edifícios, máquinas, etc... que se gastam gradual e progressivamente e se incorporam no produto.

O capital variável tem a particularidade não só de reproduzir o seu próprio valor mas também de criar um novo valor, quer dizer, de criar mais-valia.

Marx analisou também no "Capital" a forma de aumentar a exploração capitalista, e descobriu que esse aumento assegura-se mediante a mais-valia absoluta e a mais-valia relativa. Estas na aparência não se vêem.

O que é a mais-valia absoluta e como se assegura?

Este segmento A-B compreende o comprimento do dia de trabalho.

Suponhamos que o dia de trabalho é de 10 horas, e o operário para receber o seu salário trabalha 5 horas (capital variável). O tempo de sobra é de 5 horas e corresponde à mais-valia.

Surge a necessidade de medir o nível de exploração.

O nível de exploração, Marx assinala-o com a letra m'.

A taxa de exploração expressa a relação entre a mais-valia e o capital variável.

Taxa de exploração ou nível de exploração $= m/v \times 100$ ou seja $m' = m/v \times 100$

$m' \rightarrow$ nível de exploração; $m \rightarrow$ mais-valia; $v \rightarrow$ capital variável. 100 é para dar a percentagem que neste caso é igual a 100°/o.

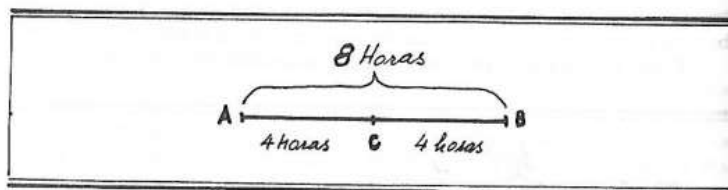
Mas nas condições do capitalismo, os capitalistas querem obter o máximo de mais-valia. Um dos caminhos que se empregou no capitalismo pré-imperialista e que se emprega actualmente para esse efeito é a mais-valia absoluta.

O que é a mais-valia absoluta? Como se obtém a mais-valia absoluta?

Os capitalistas nas condições em que existe o desemprego crónico massivo, obrigam os operários a que aceitem também as difíceis condições de trabalho como o prolongamento do dia de trabalho. No caso do dia de trabalho ser prolongado de 10 horas para 12 horas e o salário ficar invariável (constante) então aumenta a medida da mais-valia, aumenta o nível de exploração. Esta forma chama-se mais-valia absoluta. Para além disto, os capitalistas empregam também a mais-valia relativa.

A mais-valia relativa, está relacionada com o desenvolvimento do capitalismo na fase do imperialismo.

A mais-valia relativa está relacionada com o facto de que o dia de trabalho não se prolonga.

Exemplo: um dia de trabalho de 8 horas.

Aqui o nível de exploração é de 100°/o.

Actualmente o dia de trabalho não se pode prolongar devido à luta da classe operária. O que fazem então os capitalistas?

Reduzem o tempo que o operário trabalha para si, isto é, para assegurar o seu salário. Como é que os capitalistas o fazem?

Poderiamos pensar que os capitalistas reduzem o salário. Mas se assim fosse, onde chegaria o salário se o reduzissem constantemente? Iria dar a zero.

Este problema não pode ser resolvido por um só capitalista, isto resolve-se no quadro da sociedade capitalista e faz-se da seguinte maneira:

O rendimento do trabalho como resultado do desenvolvimento das forças produtivas torna possível reduzir o valor das mercadorias.

O aumento do rendimento do trabalho nos ramos que produzem os artigos de consumo indispensáveis para a classe operária, faz com que se reduza o seu valor.

Se tomarmos por exemplo um período de 50 anos, os artigos de consumo indispensáveis para a força de trabalho custam aos capitalistas cada vez menos. Isto ajuda os capitalistas, visto que os artigos indispensáveis aos operários são realizados num tempo mais curto.

Por exemplo, nos ramos da indústria pesada nos EUA o operário que assegurava os artigos indispensáveis à sua vida em 4 horas, hoje assegura-os em 20 minutos. O restante trabalho (7h 40m) são para o patrão; esta é a mais-valia relativa.

Existe ainda a mais-valia extra. Esta é assegurada por certos capitalistas que conseguem introduzir novas técnicas na produção, mais avançadas do que as dos seus concorrentes.

A conclusão política que podemos tirar é que os operários não só são explorados pelo seu patrão como também o são pelos outros capitalistas.

IX

Características económicas do imperialismo

INTRODUÇÃO

Lénine, no VII capítulo do "Imperialismo, Estádio Supremo do Capitalismo", formulou as características económicas fundamentais do imperialismo.

Quais são elas?

1. A concentração da produção e do capital, atingindo um grau de desenvolvimento superior que origina os monopólios cujo papel é decisivo na vida económica.
2. A fusão do capital bancário com o capital industrial que cria o capital financeiro e uma oligarquia financeira.
3. Ao contrário da época anterior que se baseava na exportação de mercadorias, agora há exportação de capitais o que assume uma importância muito particular.
4. Formação de uniões internacionais monopolistas de capitalistas que partilham o mundo entre si.
5. Termo da partilha territorial do globo entre as maiores potências capitalistas.

Estas 5 características económicas fundamentais conservam a sua força, também na actualidade. Os revisionistas modernos afirmam que a teoria leninista sobre o Imperialismo está caduca, e que as 5 características económicas do Imperialismo já não existiriam. Eles afirmam que:

— Os monopólios foram substituídos pelo capital monopolista de Estado. A exportação de capital já não se faz para os países atrasados e sub-desenvolvidos, mas entre os próprios países industrializados.

— O colonialismo desapareceu, já não se faz mais guerra para a divisão territorial do mundo, pois os países desenvolvidos dispõem e produzem todas as matérias primas e outras fontes energéticas.

Negando as 5 características económicas fundamentais os revisionistas esforçam-se por criar a convicção entre as massas trabalhadoras, entre a classe operária, de que o Imperialismo atingiu um novo estádio, não previsto por Lénine. Para que fazem isto os revisionistas?

Para negar a necessidade da passagem revolucionária do capitalismo ao socialismo. Negando a teoria leninista sobre o Imperialismo, nega-se as contradições fundamentais da época do imperialismo que são:

1. A contradição entre o trabalho e o capital, no plano social entre a burguesia e o proletariado.
2. A contradição entre as potências imperialistas.
3. A contradição entre os países dependentes e semi-dependentes e o imperialismo e o social-imperialismo.
4. A contradição entre o socialismo e o capitalismo.

Por isso deve-se defender o leninismo contra o revisionismo e o oportunismo e contra todas as manifestações contra-revolucionárias.

1. A CONCENTRAÇÃO DA PRODUÇÃO E O APARECIMENTO DOS MONOPÓLIOS

A passagem ao imperialismo foi preparada por todo o processo de desenvolvimento capitalista pré-monopolista, tendo os seus inícios nos últimos 25 anos do século XIX. O Imperialismo tornou-se dominante a nível mundial nas vésperas da I Guerra Mundial.

Como resultado da actividade das leis do capitalismo, em particular da lei económica fundamental da mais-valia, da lei da concorrência e da anarquia, da lei da concentração e da centralização do capital e da produção, deu-se a passagem ao Imperialismo; quer dizer que a passagem ao Imperialismo pressupõe a existência das relações capitalistas de produção e a propriedade privada sobre os meios de produção, assim como a actividade daquelas leis que actuavam no capitalismo pré-imperialista.

No Imperialismo disse Lénine, continuamos no capitalismo apesar de ser a sua fase superior.

Como se fez a passagem ao Imperialismo e como surgiram os monopólios? Onde está o carácter objectivo do aparecimento dos monopólios?

Como resultado do desenvolvimento das forças produtivas naquele período (fins do séc. XIX) o que serviu como base material para a criação das grandes empresas?

No capitalismo pré-monopolista desenvolvia-se a livre concorrência; como resultado desta começaram a eliminar-se as empresas menos importantes, pois só as grandes tinham a possibilidade económica e financeira de enfrentar a luta da concorrência. A produção começou a concentrar-se em grandes empresas. Só elas têm a possibilidade de assegurar as fontes de matérias primas a preços reduzidos, assim como de assegurar mercados para vender os seus produtos a preços mais elevados.

A luta da concorrência eliminou as empresas mais débeis, ficando em primeiro lugar um número de grandes empresas. Milhares e dezenas de milhar de empresas não conseguem entender-se, enquanto que dezenas de empresas podem entender-se entre elas. A concorrência prejudica os capitalistas, por isso eles entendem-se para assegurar os preços mais ou menos iguais para o mesmo produto, para comprar a força de trabalho ao mesmo preço, para dividir os mercados de venda, etc.

É precisamente nestes primeiros acordos que começa a história dos monopólios. Posteriormente, com o desenvolvimento do Imperialismo surgiram formas mais estáveis das uniões capitalistas.

Por monopólio entendemos uma aliança, um acordo ou uma união de capitais e capitalistas com o objectivo de assegurar lucros máximos; estes fazem-se estabelecendo preços mais baixos quando compram e mais altos quando vendem.

Os monopólios apresentam-se sob a seguinte forma:

1. O **cartel** — é um acordo, de preços iguais, entre os diversos capitalistas, durante a compra e venda dos seus produtos.
   No cartel conserva-se a independência produtiva e mais ou menos a venda dos produtos. Por isso o cartel é menos estável, porque os capitalistas rompem imediatamente os acordos mal assegurem lucros das vendas das suas mercadorias.
2. O **sindicato** — no sindicato conserva-se a independência produtiva, mas perde-se a independência da venda.
   Os capitalistas, segundo a quota do acordo, pagam nos escritórios do Sindicato com o seu produto; o sindicato compromete-se em assegurar mercados para a venda da produção.
3. O **trust** — é uma união de capitais; os capitalistas particulares conservam o direito sobre o capital mediante as acções. O trust está assente sobre as bases das sociedades accionistas. À cabeça do trust está o capitalista que, por vezes, domina o **pacote de controle** — percentagem que um único capitalista detém de uma determinada empresa e que é superior à dos outros capitalistas. Por exemplo, um capitalista com 30% das acções duma empresa pode estar à sua cabeça desde que os restantes individualmente possuam menos de 30%.
   O trust, como regra, produz um determinado produto. Por exemplo: trust do aço.
4. O **consórcio** — é a união de grandes capitais que actua nas diversas esferas

de produção. O consórcio exerce controlo sobre os bancos, sobre os caminhos de ferro, empresas industriais, etc. Apesar disto, também no consórcio sobre a base da sua organização existe um centro de direcção que pode ser um banco muito potente, ou ser uma empresa produtiva muito grande. ex: Chaise Bank, controlado pelo grupo Rockefeller, que exerce o controlo não só sobre o terreno financeiro mas também sobre a produção; General Motors Corporation tem os seus próprios bancos, frota comercial, grandes depósitos, associações filiais fora e dentro dos EUA.
Os consórcios são formados à base do sistema de pirâmides, tendo à cabeça a associação mãe que exerce controlo sobre algumas dezenas de associações (filhas) e estas sobre várias outras (netas).
Actualmente a grande concentração da produção e do capital atinge grandes proporções nos EUA que levam à criação de conglomerados.
As corporações são características nos EUA.

5. **Os conglomerados** — são monopólios gigantes, que não têm nenhum vínculo ao processo de produção. O conglomerado produz desde os jogos de brinquedos até aos aviões Boeings. Economicamente é um Estado dentro de outro Estado. O conglomerado não está organizado no processo de produção, participam nele vários grupos financeiros.

Conclusão: As formas de monopólios demonstram que se aprofundou o carácter social da produção; por outro lado aprofundou-se o carácter privado da apropriação.

A relação entre o monopólio e a concorrência.

Acaso desaparece a concorrência com o monopólio?

O monopólio surgiu da livre concorrência, quer dizer pelas empresas não monopolizadas. O monopólio quer dizer que domina, que dita. Nesta compreensão o monopólio nega a livre concorrência, mas o monopólio não faz desaparecer a concorrência em geral. A concorrência no imperialismo faz-se de modo mais feroz, com consequências mais destrutivas, ainda que de diferentes formas. No imperialismo desenvolve-se a concorrência entre os monopólios e as empresas não monopolizadas, entre os próprios monopólios, assim como dentro do próprio monopólio.

2. O CAPITAL FINANCEIRO E A OLIGARQUIA FINANCEIRA

A concentração da produção e do capital é a base objectiva de concentração no terreno dos bancos. As leis da forma capitalista de produção incluem também a esfera do capital bancário.

No período do capitalismo pré-monopolista, os bancos tinham principalmente como objectivo acumular o dinheiro livre, sobre o qual davam uma percentagem. Este dinheiro os bancos emprestavam-no aos capitalistas com

uma percentagem mais elevada. A diferença que se criava chama-se o interesse bancário.

A luta da concorrência fez eliminar os pequenos bancos. Estes foram tragados pelos grandes. Dentro dum país de vários milhares de pequenos bancos, ficam algumas centenas ou dezenas de bancos. Assim surge a possibilidade objectiva da aliança, dos acordos e uniões entre os bancos. Nesta base formam-se os monopólios bancários, apresentando-se estes também sob a forma de: cartel, trust, sindicato e consórcio.

O desenvolvimento do capitalismo na sua fase superior — o imperialismo, fundiu num único o capital bancário e o capital industrial. Esta fusão veio de duas direcções, sendo no entanto o concentrador o capital produtivo, porque o próprio incremento do capital dinheiro tem a base no capital produtivo.

Como se faz a fusão

A fusão processa-se de dois modos:

a) Os grandes bancos não poderiam ficar indiferentes perante o capital dinheiro que emprestavam aos industriais. Os próprios bancos querem saber o que fazem com o seu dinheiro e como o gastam. O banco também está interessado que os seus devedores não entrem em luta de concorrência entre eles, porque isso prejudicaria o Banco. Este envia os seus representantes para controlar os monopólios devedores; impulsiona os acordos entre os monopólios produtores, etc. Os bancos compram acções e infiltram-se no processo de produção — o banqueiro converte-se num industrial.

b) Os industriais mais potentes acumulam uma parte dos lucros; quanto maior seja a sociedade monopolista tanto maior é a quantidade de capital dinheiro que pode acumular pelos seus lucros. Antigamente os capitalistas emprestavam dinheiro aos outros capitalistas ou depositavam-no no banco. Actualmente a grande quantidade de dinheiro que acumulam depositam-no nos seus próprios bancos, empregando desta forma o auto-financiamento — **o industrial transforma-se em banqueiro.**

A fusão do capital industrial com o capital bancário constitui o capital financeiro. Os donos do capital financeiro são a oligarquia financeira.

Hilferding oportunista representante da II Internacional (antes marxista) assinala que o capital financeiro é capital dinheiro que é dominado pelos bancos e que se dá ao industrial para sua utilização. Lenine via o capital financeiro como uma fusão do capital industrial com o capital bancário e sobre esta base desmascarou os pontos de vista de Hilferding. Quais eram os objectivos oportunistas de Hilferding?

Ele tentava rever Marx que dizia que para mudar o capitalismo deve-se derrubar as relações de produção e em primeiro lugar a propriedade privada, acrescentando que só sobre esta base poderão desaparecer as contradições

antagónicas que caracterizam o sistema capitalista, isto quer dizer que em relação à circulação a produção é determinante.

O ponto de vista de Hilferding sobre o imperialismo é de que os bancos são determinantes na relação entre os bancos e os industriais. Caso assim fosse, ou seja a circulação fosse primária, então o capitalismo poderia regular-se a partir de cima. Diz ele que alguns bancos, muito poderosos podiam regular a economia de um país capitalista, fazendo desaparecer as suas contradições, quer dizer não é necessário que mude o capitalismo, pois este no seu próprio desenvolvimento elimina os seus erros. **A conclusão política que se retira é de que fica de lado a classe operária e a tomada do poder político, canalizando a luta para o reformismo.**

A oligarquia financeira é o dono do capital financeiro, exerce o controlo de toda a vida do país, económica e politicamente.

A oligarquia financeira põe sob seu controlo o aparelho estatal, para isso **emprega 2 formas:**

a) envia para o aparelho estatal os seus representantes, os seus defensores e apologistas que poderão ser social-democratas ou mesmo revisionistas.

b) no aparelho estatal, frequentemente é ela a designar os seus próprios representantes directamente. ex: Rockefeller era vice-presidente do governo dos EUA.

3. A EXPORTAÇÃO DE CAPITAL

No capitalismo pré-monopolista uma das características destacadas era a exportação de mercadorias; a exportação de capital manifestava-se como uma excepção. No imperialismo a exportação de mercadorias em comparação com o capitalismo pré-monopolista aumenta, no entanto a **característica fundamental do imperialismo é a exportação de capitais.**

A base objectiva da exportação do capital é o incremento, a um grande nível, da concentração da produção e do capital. O mercado interno torna-se estreito em relação ao nível do lucro, tendo como resultado a orientação dos monopólios para o investimento de capitais para fora do país.

A característica no primeiro período do desenvolvimento monopolista foi a exportação do capital, principalmente para os países coloniais, semi-coloniais e subdesenvolvidos. A causa foi devida a nesses países a mão-de-obra ser barata, a concorrência pequena, a matéria-prima barata e abundante e consequentemente a taxa de lucro grande. A exportação de capital é a base económica do colonialismo. A exportação de capital em linha geral faz-se mediante 2 caminhos:

a) na forma de capital produtivo
b) na forma de capital empréstimo

a) A exportação na forma de capital produtivo faz-se por sua vez mediante 2 caminhos:
primeiro — na forma de investimentos directos. ex: os EUA exportaram para a Europa Ocidental na forma de investimentos directos à volta de 45 mil milhões de dólares (em 1975)
segundo — os investimentos em carteira (indirectos). ex: estes investimentos apresentam-se sob a forma de acções, obrigações, etc. Os EUA têm à volta de 15 mil milhões de dólares na Europa Ocidental sob esta forma.

b) A exportação de capital empréstimo faz-se sob a forma de capital dinheiro. O exportador de capital assegura a mais valia mediante a percentagem. É uma forma camuflada, actualmente muito usada. Esta forma é muito utilizada pela URSS. Com a sua transformação em social-imperialista, surgiram as características do imperialismo. A URSS camufla-se sob a fraseologia marxista-leninista e utiliza esta forma. Na primeira fase, quando não tinha consolidado as suas posições, dava o capital empréstimo com uma percentagem mais baixa que os países capitalistas, aproximadamente 2,9 a 3°/o. Com estas formas penetraram em África e na Ásia e particularmente na Índia, onde a economia está sob o seu total controlo.

A URSS exporta capital para os países de África na forma de criação de empresas conjuntas com o capital dos Estados destes países. Estas empresas constroem-se tanto na produção como na circulação. Os revisionistas soviéticos pretendem demonstrar que isto é para ajudar os países em vias de desenvolvimento, para os libertar dos resíduos da dominação colonial, para impedir o desenvolvimento do capital privado, para desenvolver o **capitalismo de Estado.** Segundo eles, nos países libertados faltam os quadros dirigentes, a experiência da direcção económica, não conhecem o mercado mundial, etc., por isso a sua colaboração com a URSS é útil para esses países. A URSS converteu-se num grande exportador de capitais, em plena igualdade com o imperialismo dos EUA.

Os oportunistas da II Internacional assinalaram que: a exportação de capital é uma coisa boa para os países atrasados porque leva ao desenvolvimento das forças produtivas nestes países. Sob esta forma eles tentavam ocultar a contradição de princípios entre as Metrópoles e as colónias, justificando assim o Imperialismo.

Lénine disse que a exportação de capital sem dúvida leva a um desenvolvimento das forças produtivas, mas este desenvolvimento da economia destas zonas processa-se de forma unilateral. As metrópoles não exportam capitais com o objectivo de desenvolver esses países, mas sim para retirar o máximo de lucros. A exportação de capital é uma necessidade do Imperialismo e é sobre esta base que se agudizam as contradições.

4. A DIVISÃO DO MUNDO ENTRE OS MONOPÓLIOS INTERNACIONAIS

Depois de ocuparem o mercado interno, os monopólios desenvolvem uma aguda luta económica de concorrência no mercado internacional. As consequências da luta de concorrência obrigam os monopólios ou a falir ou a entrar em acordos, alianças e uniões, com os demais monopólios. Foi sobre esta base que se criaram os monopólios internacionais. Por exemplo: os carteis do petróleo que incluem vários monopólios internacionais, como o cartel internacional do petróleo que engloba cinco grandes monopólios, Standard Oil, Gulff Oil, etc., o cartel internacional do petróleo anglo-holandês, anglo-pérsico.

Como se vê os monopólios internacionais apresentam-se principalmente sob a forma de carteis. Além disto os monopólios internacionais criaram-se também pela grande extensão dos monopólios de um país no mercado internacional. Tais são os grandes monopólios dos EUA, quer dizer que estes não são uniões dos grandes monopólios. Por exemplo, a General Motors tem centenas de associações filhas e netas dentro e fora do país.

Lénine desmascarou os pontos de vista de Kautsky e outros oportunistas que declaravam que os monopólios internacionais têm um carácter pacífico, que tornam possível a colaboração entre os Estados e liquidam a guerra. Lénine desmascarou o caracter reaccionário dos monopólios internacionais, desmascarou os pontos de vista de Kautsky sobre o ultra-imperialismo considerando isto a teoria da ultra-tolice.

Kautsky dizia que como resultado da concentração da produção e do capital o mundo tornar-se-ia um único trust. Que conclusões oportunistas retirava Kautsky?

Se o mundo se transforma num único trust, então cria-se a possibilidade objectiva no terreno económico da planificação da economia, da liquidação das crises, do desaparecimento das contradições da base económica do capitalismo; nega a necessidade do socialismo como sistema económico-social, porque segundo ele o ultra-trust cria a possibilidade do desenvolvimento ilimitado. No plano político considerava o ultra-trust como meio para o estabelecimento da paz mundial.

Lénine desmascarou o conteúdo de classe do ultra-imperialismo assinalando que Kautsky não tem em conta o facto de que a concentração da produção e do capital não se faz de forma tranquila mas sim mediante contradições, que se vão aprofundando cada vez mais; antes do mundo passar a um único trust assinalava Lénine, as contradições já se terão agudizado ao máximo e o capitalismo rebentará, quer dizer que a revolução já se terá desencadeado antes que se forme um único trust. A esta teoria do ultra-trust de Kautsky, Lénine considerou-a como a fusão da social-democracia com a burguesia contra o proletariado.

5. A PARTILHA DO MUNDO ENTRE AS GRANDES POTÊNCIAS

O que caracteriza a época do imperialismo é a repartição definitiva do planeta. Quer dizer que a partir de agora só pode haver novas repartições, pois já terminou a conquista de novas terras.

A passagem do capitalismo à fase de capitalismo monopolista, está relacionada com o aumento da luta pela repartição do mundo.

O ano de 1876 é o ano onde acaba o desenvolvimento do capitalismo na Europa ocidental na sua fase pré-monopolista.

A desigualdade na expansão colonial é muito grande. A extensão das possessões coloniais não depende só das condições meramente económicas.

As condições estritamente económicas não são as únicas que influenciam o aumento das possessões coloniais, também as geográficas e outras desempenham o seu papel.

Apesar de todo o desenvolvimento e nivelação do mundo, continuam a existir diferenças respeitáveis nos distintos países.

Dois tipos de dominação imperialista:

- colonial (a mais preferida que implica a perca da independência política);
- semi-colonial (casos intermédios)

As colónias dependentes dos Estados pequenos são o objecto imediato da nova repartição.

A política colonial e imperialista de hoje é distinta dos imperialismos anteriores ao capitalismo (exemplo: império romano). O actual imperialismo baseia-se na dominação das associações monopolistas dos grandes patrões.

Quanto mais desenvolvido está o capitalismo, quanto mais sensível se torna a insuficiência de matérias primas, quanto mais dura é a concorrência e a procura de fontes de matérias-primas em todo o mundo, tanto mais encarniçada é a luta pela conquista de colónias.

Os burgueses (Kautsky) dizem que as matérias primas poderiam ser adquiridas no mercado livre e a sua oferta poderia ser melhorada com um simples melhoramento das condições da agricultura em geral. Esquecem a particularidade do capitalismo na nossa época — os monopólios!

O capital financeiro tem a tendência para aumentar o seu território económico e ainda o seu território em geral (terras que amanhã renderão).

O capital financeiro serve-se das colónias para a produção de determinada matéria-prima.

Os interesses da exportação de capitais levam à conquista de colónias pois o mercado colonial é mais fácil.

A super-estrutura extra-económica que se levanta sobre a base do capital financeiro, a política e a ideologia deste, reforçam a tendência para as conquistas coloniais.

O capital financeiro e a política internacional correspondente, a qual se

traduz na luta das grandes potências pela repartição económica e política do mundo, originaram abundantes formas transitórias de dependência estatal.

6. O IMPERIALISMO, ESTÁDIO SUPREMO DO CAPITALISMO

Kautsky declarava que o imperialismo é a tendência dos países industrializados e da sua política para ocupar os países agrários.

Lénine desmascarou o conteúdo anti-científico desta concepção anti-marxista do seguinte modo:

Em primeiro lugar — na formulação de Kautsky não se define a essência do imperialismo; ou seja o imperialismo no significado económico é identificado com o capital industrial. Lénine assinala que **no imperialismo não domina o capital industrial mas o capital financeiro.**

Em segundo lugar — Kautsky não faz a distinção e a ligação recíproca entre a política e a economia, não vê **a política como o concentrado da economia**; desta forma Kautsky cai em posições idealistas.

Em terceiro lugar — Não é verdade que o imperialismo tenha apenas a política de saquear os países agrários pois os países imperialistas têm a tendência de ocupar também os países industrializados capitalistas.

Em quarto lugar — Kautsky separa a política dos monopólios e segundo ele resulta que um país imperialista se poderia conciliar com uma política não imperialista.

Kautsky embeleza o imperialismo e esconde as suas contradições fundamentais.

X

O capitalismo monopolista de estado

1. A ESSÊNCIA DO CAPITALISMO MONOPOLISTA DE ESTADO

O capitalismo monopolista de Estado pressupõe a submissão do aparelho Estatal aos monopólios, com o objectivo de lhes assegurar lucros máximos, para manter sob a opressão e a exploração a classe operária e as amplas massas trabalhadoras, para oprimir e explorar os povos dos países coloniais dependentes e semi-dependentes.

Qual é a base objectiva do aparecimento do capitalismo monopolista de Estado?

É a de servir a actividade das leis do modo capitalista de produção, servir a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção capitalistas.

O desenvolvimento das forças produtivas entra em contradição com os estreitos limites da propriedade privada capitalista.

Surge a necessidade **objectiva de extensão do limite da propriedade privada capitalista e nesta base surge a propriedade de Estado.**

O capitalismo monopolista de Estado tem como significado político, a **luta organizada da oligarquia financeira, a qual submete o Estado ao imperialismo para oprimir a classe operária e as massas trabalhadoras.**

Em relação ao capitalismo monopolista de Estado, é **importante** termos em conta, o momento da submissão do Estado pelos monopólios.

Os revisionistas contemporâneos, com os soviéticos à cabeça, afirmam que **o capitalismo monopolista de Estado é a união da força do Estado com o poder dos monopólios;** esta afirmação era-lhes necessária para argumentar a via pacífica ao socialismo, para negar a necessidade da revolução socialista.

Na concepção revisionista sobre o capitalismo monopolista de Estado, este e os monopólios pressupõem-se como forças independentes, **daqui tiram a conclusão de que o Estado poderá colaborar com os monopólios e também contrapor-se a eles,** o que é **impossível pois o Estado, segundo Engels, é o comité executivo da classe no poder.**

Afirmar que o Estado no imperialismo se pode contrapor aos interesses dos monopólios da oligarquia financeira é tentar apresentar o Estado acima das classes. A essência é servir a burguesia, porque com estas afirmações **os revisionistas esforçam-se em convencer a classe operária que no quadro do sistema capitalista poderão realizar-se os interesses últimos do proletariado.**

Marx, desmascarando na sua obra "Crítica ao programa de Gotha" os pontos de vista oportunistas de Lassalle, rechaçava a concepção sobre o chamado Estado livre, quer dizer o Estado acima das classes.

Engels desmascarava as afirmações oportunistas segundo as quais qualquer nacionalização se apresentava com conteúdo socialista. Engels, declarava que no quadro do capitalismo não se pode fazer nacionalizações de carácter socialista, ironizava sobre os anti-marxistas e acentuava que em caso das nacionalizações terem carácter socialista então Metternik e Napoleão ao aplicarem o monopólio estatal sobre o tabaco, deviam-se considerar os fundadores do socialismo científico.

2. A FORMA DE SUBMISSÃO DO ESTADO AOS MONOPÓLIOS

A submissão do Estado pelos monopólios faz-se através dos seguintes caminhos:

a) **Pela criação da propriedade de Estado;**
b) **Pela chamada "regulamentação" e "programação" da economia capitalista;**
c) **Pela criação dos monopólios internacionais ou como se chama vulgarmente pela integração imperialista.**

A criação da propriedade de Estado

A propriedade de Estado existiu em todos os sistemas económicos sociais, onde houve Estado e classes.

A propriedade de Estado existiu no esclavagismo e no feudalismo, **mas no imperialismo a propriedade de Estado é condicionada por dois factores:**

— pela existência da propriedade monopolista privada;

— pela dominação do Estado, o qual se torna no instrumento da oligarquia financeira.

A propriedade de Estado **reflete** o nível mais elevado da concentração da produção e do capital no quadro do sistema capitalista da apropriação privada. A propriedade de **Estado monopolista surgiu** como fenómeno característico após a I Grande Guerra mundial mas a particularidade desta característica desenvolveu-se depois da II Guerra Mundial.

Conhecem-se três caminhos para a criação da propriedade estatal monopolista:

— mediante a estatização burguesa
— mediante a construção de empresas estatais pelo próprio Estado.
— um outro caminho **intermédio** é a criação das empresas conjuntas (mistas) entre o Estado e os monopólios.

Na Inglaterra, após a II Guerra Mundial o Estado estatizou as minas de hulha, que estavam em vésperas de falência. Os monopólios receberam em troca grandes indemnizações e depois investiram nos ramos mais importantes. Quer dizer, uma tal medida serviu os monopólios para o seu posterior enriquecimento.

Este processo foi seguido também na França, Itália e outros Estados.

Nos EUA principalmente, **foi seguido o caminho das construções de empresas estatais; na Alemanha Federal** seguiu-se o caminho da **criação das empresas mistas.**

Com a passagem do tempo, estes fenómenos encontram-se em todos os países, mesmo nos EUA. Faz-se a estatização, criam-se empresas mistas, etc...

A propriedade estatal ocupa cerca de 25 a 35°/o da produção social (isto refere-se aos países imperialistas) nos EUA, Inglaterra, França, Japão, Canadá, Itália, etc...

A URSS tem uma particularidade específica, é um capitalismo de tipo particular. Esta particularidade vem do facto de a URSS **antes ter sido um país socialista e assim que regressou ao capitalismo não o fez com base nos monopólios, mas sobre a base da degeneração da propriedade social socialista;** deve-se ter em conta esta particularidade.

No ano de 1964 **pôs-se em aplicação a reforma económica** a qual na **essência** colocou à disposição do novo poder político, da nova burguesia, a base económica.

Qual é a essência da reforma económica?

Nos artigos da reforma assinala-se que o lucro constitui o principal índice económico. Em lugar da lei da planificação proporcional da economia, existe o mercado da oferta e da procura. Em lugar da lei económica fundamental do socialismo que é a satisfação sempre em aumento das necessidades das massas trabalhadoras, existe a lei do lucro máximo.

A empresa transforma-se em unidade independente. A própria empresa deve encontrar a força de trabalho, a matéria prima, o mercado e após

consumir o capital fundamental dado inicialmente pelo Estado deve ela própria assegurar os meios de produção.

Na URSS vende-se e compra-se livremente os meios de produção o que não é característica do socialismo. Baseando-nos nas estatísticas soviéticas de 1977 resulta que a rentabilidade do nível da economia nacional tem a tendência para baixar.

Se tomarmos o ano de 1960 como 100°/o veremos que em 1961 caiu para 99°/o; em 1965 para 98°/o enquanto que em 1966 desceu para 96°/o. O rendimento por rublo investido também tem a tendência de baixar. Descentralizaram-se os fundos do Estado.

No tempo de Stáline (1940) o orçamento do Estado era de 17,4 mil milhões de rublos, que se dividia em:

1. Orçamento Federativo de todas as Repúblicas – 13,2 mil milhões de rublos;
2. Orçamento das Repúblicas – 4,2 mil milhões de rublos.

Em 1975 o orçamento foi aumentado, passando para 214,5 mil milhões de rublos.

O orçamento Federativo, que se emprega em despesas militares, ocupava 109 mil milhões, enquanto o orçamento das Repúblicas ocupava 104,8 mil milhões de rublos.

Os impostos sobre a população aumentam, alcançando cerca de 20 mil milhões de rublos em 1977, enquanto em 1975 era de 18,4 mil milhões. No tempo de Stáline (1940) eram apenas de 900 milhões de rublos.

Como resultado da degenerescência da economia na URSS ao transformar-se em economia capitalista, surgem os mesmos fenómenos que são característicos do capitalismo.

Exemplo: o desemprego, a inflação, a alta de preços e a crise económica.

A URSS luta pela expansão no plano internacional.

Sobre a base da degenerescência económica actuam também as características económicas fundamentais do imperialismo.

No imperialismo temos como base conómica os monopólios, assim a base económica na URSS serve o capitalismo de Estado.

A URSS exporta e importa capital.

A URSS luta pela divisão económica do mundo;

O COMECON serve como instrumento para isso.

A URSS participa nas sociedades multinacionais com os passes revisionistas, participa na divisão territorial do mundo e sobre isto há muitos exemplos: os acontecimentos no Egipto, em Angola, etc..., a frota soviética no mar Índico, no Atlântico, etc...

Isto demonstra que a URSS luta pela divisão do mundo.

Na África (Marrocos, Tunísia) a URSS abriu as suas próprias agências para venda de máquinas agrícolas.

Em Marrocos há uma sociedade soviética "Mari Export".

Na Etiópia outra sociedade da URSS "EFSO".

Como regra, participa o Estado desses países, não o capital privado. A URSS apresenta isto como ajuda internacionalista destinada a fortalecer a independência desses países.

Na Índia há dezenas dessas sociedades.

A chamada "regulamentação" e "programação" da economia capitalista

Neste ponto trata-se de desmascarar os pontos de vista revisionistas sobre a chamada "regulamentação" e "programação" estatal da economia.

O Estado intervém na economia a favor dos monopólios. Por meio das leis que o Estado promulga defende o poder económico e político da oligarquia financeira.

O Estado, em tempo de guerra, garante aos monopólios mão-de-obra barata, proibe as greves, congela salários. Há casos em que proibe os capitalistas individuais de elevar um pouco os salários dos operários; naturalmente quando estes lutam por esse direito obrigam os capitalistas a ceder.

O Estado aumenta o consumo estatal, gasta grandes somas de dinheiro para comprar aos monopólios os produtos excedentes, os quais não encontram mercado interno e nesta base cresce a expansão estatal.

O Estado faz grandes pedidos de armamento aos monopólios.

A percentagem de lucro dos ramos industriais de armamento é a mais elevada; isto faz crescer o lucro dos monopólios.

O Estado redistribui os fundos do Estado a favor dos monopólios.

Exemplo: em França foi estatizada a indústria energética (ramo hidro-eléctrica). Desta estatização aproveitaram os monopólios, porque o Estado vende a energia eléctrica aos monopólios por um preço muito baixo e a diferença é paga pelos simples consumidores.

A venda da energia eléctrica aos monopólios a preços baixos, reduz os gastos da produção, aumenta o lucro; é este o procedimento.

O Estado frequentemente vende as empresas estatais aos monopólios.

Exemplo: nos EUA para a construção dos reactores nucleares gastaram-se 13 mil milhões de dólares do Estado.

Após vários anos, quando estes entraram em completa função, o Estado vendeu-os aos monopólios a preços baixos.

Depois de terminar a luta imperialista, o Estado vende aos monopólios empresas inteiras que produzem armamentos e estas vendas fazem-se a preços muito baixos.

Assim sucedeu nos EUA após a guerra da Coreia e da guerra do Vietname.

Como o capitalismo se caracteriza pela anarquia e pela concorrência, e isto prejudica os monopólios, o Estado faz sucessivas tentativas, naturalmente

sem nenhuma esperança, para enfrentar as consequências das crises económicas.

Nos países capitalistas desenvolvidos após a II guerra mundial e especialmente após os anos 50 a estatística, os inquéritos, a programação e as previsões tomaram uma grande expansão.

Como se realizam estas previsões?

Na França há um comissariado estatal que se chama "a programação"; esta instituição divulga inquéritos aos capitalistas e recebe alguns dados aproximados sobre a quantidade de produção. Na base destes inquéritos acumulados, o Estado faz as previsões.

O que é que sucede de facto?

Os monopólios não tomam em conta as previsões estatais quando eles verificam que essas previsões afectam os seus interesses.

Numa previsão estatal poder-se-ia prever a redução de produção de tractores, mas como o monopólio no ano anterior tinha realizado lucros por esse motivo no lugar de reduzir a produção aumenta-a.

Os revisionistas modernos consideram a propriedade estatal e a programação estatal burguesa elementos socialistas no seio do capitalismo.

Acaso a propriedade estatal é um elemento socialista?

Sem dúvida que não, porque é criada pela oligarquia financeira para defender os seus interesses.

Se porventura a propriedade estatal fosse um elemento socialista então a propriedade estatal no feudalismo devia de ser um elemento socialista; segundo esta lógica anti-científica, os elementos do socialismo surgiram do seio do sistema esclavagista porque também neste sistema havia propriedade estatal.

O carácter privado da propriedade estatal monopolista está relacionado com o facto dessa propriedade surgir e se desenvolver paralelamente à propriedade capitalista em geral, conservando e aprofundando o carácter privado da apropriação. Por outro lado, o sujeito desta propriedade é o Estado o qual é instrumento da oligarquia financeira.

O capitalismo não poderá assegurar de nenhuma forma uma planificação social porque para isso é preciso a propriedade socialista sobre os meios de produção e a ditadura do proletariado.

Com aquelas afirmações, os revisionistas esforçam-se por embelezar o capitalismo, por salvá-lo e por eternizá-lo.

Quanto a todas estas teorias dos revisionistas, a actual crise económica desmascarou-as mostrando que o capitalismo agudiza cada vez mais as contradições.

3. A CRIAÇÃO DOS MONOPÓLIOS INTERNACIONAIS

A criação dos monopólios internacionais ou, como é vulgarmente

chamado, a **integração imperialista** é uma forma internacional do capitalismo monopolista de Estado.

O capitalismo monopolista de Estado ao nível internacional apresenta-se na forma de uma união monopolista inter-estatal.

Exemplos típicos: o **Mercado Comum e o COMECON** e outras organizações internacionais.

O Mercado Comum

A ideia da criação do Mercado Comum surgiu nas vésperas da I Guerra Mundial. Na realidade o Mercado Comum formou-se após a II Guerra Mundial.

O acordo da formação do Mercado Comum realizou-se no ano de 1957, em Dezembro, em Roma, por isso é considerado o acordo de Roma.

O acordo entrou em vigor no ano de 1958. Durante este período fizeram-se as preparações iniciais para os acordos. Inicialmente participaram os Estados da França, Alemanha Federal, Itália, Holanda, Bélgica, e Luxemburgo. Os EUA fizeram força para a criação do Mercado Comum. O objectivo era que o bloco agressivo militar da NATO tivesse uma base económica.

Os EUA queriam opor-se à Inglaterra. Uma vez que a Inglaterra tinha criado na Europa uma organização internacional que se chamava "Associação do Comércio Livre".

O conteúdo político do Mercado Comum

A burguesia monopolista europeia une numa única força o seu potencial económico e militar a nível internacional para oprimir em conjunto a classe operária, os movimentos revolucionários das massas trabalhadoras, o socialismo nos países onde se edifica e os movimentos de libertação nacional.

Alsthom, um dos fundadores do Mercado Comum, declarou que, "nós não nos relacionamos com a economia, nós somos políticos, tratamos a política".

Lénine prevendo o processo de integração imperialista acentuava que existe a possibilidade de se criar os EU da Europa, mas para quê?

Só para oprimir em conjunto o movimento operário, a classe operária, o socialismo e os movimentos revolucionários em todo o mundo.

Esta obra de Lénine que tem por título "A palavra de ordem dos Estados Unidos da Europa" contém duas descobertas:

1. Descobriu a lei do desenvolvimento desigual económico e político do capitalismo na sua fase superior: o imperialismo.
2. O processo da integração imperialista.

Lenine previa também que as uniões inter-imperialistas não fazem desaparecer as contradições mas pelo contrário aprofundam-nas muito mais.

O Mercado Comum, segundo o acordo de Roma, prevê a união aduaneira, a livre circulação de mercadorias dentro dos países, o livre movimento da mão-de-obra, uma política unificada de preços com os outros países que

não são membros do Mercado Comum, uma política agrícola comum chamada a "Europa verde", uma política comum industrial, um parlamento comum europeu e posteriormente também um governo comum e um exército comum, o qual já existe que é a NATO.

Acaso se solucionam as contradições económicas entre eles, no Mercado Comum?

Os factos demonstram que não. Por exemplo: há 2 anos a Itália exportava grande número de frigoríficos para a França; tinham capacidade de concorrência e isto prejudicava os monopólios franceses; então o Estado, visto que não podia limitar a entrada de mercadorias italianas, neste caso os frigoríficos, ajudou de forma financeira com grandes quantidades de dinheiro os monopólios franceses, os quais aperfeiçoavam a tecnologia aumentando desta forma a capacidade da concorrência francesa.

Um novo elemento que aqui surge é que paralelamente à concorrência entre os monopólios agudiza-se a concorrência entre os Estados.

O mercado comum durante um certo tempo foi dirigido politicamente pela França, principalmente por De Gaulle. Vendo estas tendências de De Gaulle, os EUA forçaram a entrada da Inglaterra no Mercado Comum; a França empregou o veto por 10 anos impedindo assim a entrada da Inglaterra.

A Alemanha Ocidental, um país que havia perdido a guerra apesar de não ser a força política principal era o país mais desenvolvido industrialmente.

Exemplo: no ano de 1975, a França produzia 5,1°/o da produção mundial capitalista excluindo a URSS e seus vassalos, a Alemanha Ocidental produzia 8,2°/o da produção no mundo capitalista.

A imprensa ocidental nos anos sessenta denominava a Alemanha Ocidental como uma lebre política e um elefante económico.

A Alemanha Ocidental pedia que a Inglaterra entrasse para o Mercado Comum porque pretendia infiltrar-se nas ex-colónias inglesas. A Alemanha Ocidental estava interessada na entrada da Inglaterra para rivalizar com a França, quer dizer, a Inglaterra-França rivalizavam pela hegemonia e a Alemanha Ocidental fortalecia as suas posições. A França económicamente não aceitava, pois por detrás da Inglaterra estava o Commun Welth (aliança da Inglaterra com as ex-colónias inglesas). A França fornecia ao Mercado Comum uma grande maioria de produtos agrícolas. A Inglaterra entrando para o Mercado Comum tinha atrás de si o Canadá e a Austrália, países exportadores de artigos agrícolas e gado.

É assim que no Mercado Comum entraria o "Dopping" canadiense e australiano que desta forma prejudicaria a França. Por isso a França usava o veto, pois segundo o acordo de Roma se um Estado vetar a entrada de outro este já não pode entrar.

Nos anos de 1968 a 1971 em França, sucederam distúrbios, **criou-se uma situação revolucionária**, as posições monopolistas francesas estremeceram e por isso ela pediu a ajuda da burguesia internacional e em primeiro lugar dos EUA; economicamente o franco-moeda desvalorizou-se bastante.

Como resultado de tudo isto, a França viu-se obrigada a aceitar a entrada da Inglaterra no Mercado Comum. Juntamente com a Inglaterra entraram a Irlanda e a Dinamarca. De seis passou para nove o Mercado Comum.

Dentro do Mercado Comum há grupos de forças, há contradições. Ao mesmo tempo, o Mercado Comum como uma potência imperialista tem contradições com outros Estados imperialistas que não se incluem nesta união.

É importante acentuar que apesar das contradições que há, particularmente no terreno económico, o Mercado Comum é manipulado pelos EUA.

Os defensores da Teoria dos Três Mundos antes denominavam o Mercado Comum como uma fonte de guerra, "desmascaravam" o seu conteúdo; posteriormente estabeleceram relações diplomáticas com ele (Mercado Comum) e reconheceram-no como uma força política e económica independente. No terreno político vêem o Mercado Comum como um factor de paz porque sègundo eles o Mercado Comum contrapõe-se ao social-imperialismo soviético; daqui sai a conclusão anti-marxista de apoiar os governos burgueses destes países e o problema das revoluções fica para as calendas gregas.

O Comecon

O Comecon foi criado em 1947 com objectivos internacionalistas. A União Soviética ajudava os países menos desenvolvidos mediante o COMECON. Após a tomada do poder pela camarilha kruchovista, gradualmente o COMECON foi modificando o seu conteúdo, as relações de colaboração e ajuda fraternal transformaram-se em relações de imposição do próprio chauvinismo grande-russo. As consequências desta degeneração recaem em primeiro lugar sobre os povos da Europa Oriental.

O COMECON é uma união imperialista, manipulada pelo social-imperialismo soviético. O social-imperialismo soviético transformou durante estes 20 anos a economia dos países da Europa Oriental numa parte integrante da economia soviética. Os chamados planos que se constroem nos países revisionistas antes de serem aprovados nos seus países são aprovados pelo plano estatal soviético (GOSPLAN).

A União Soviética impôs a estes países a chamada propriedade internacional, a qual é chamada "propriedade comum entre os países" mas de facto é dominada pelo social-imperialismo soviético. Desta forma criaram-se trusts internacionais, o trust interquímico, o intermetal, o oleoducto "amizade", o parque comum de wagons, o trust para os produtos electrónicos que se chama inter-sputnik e outros. O que sucedeu durante estes 20 anos com a economia dos países do COMECON? Mediante a divisão internacional do

trabalho, a União Soviética obrigou estes países a um desenvolvimento unilateral. Desta forma e como resultado disto, a União Soviética impôs a sua ditadura a estes países, tanto para o mercado quando compra mercadorias como quando vende. Como regra a União Soviética abastece estes países com matérias-primas mas a preços maiores do que os do mercado mundial.

Países como a Alemanha Oriental, Checoslováquia, com tradições industriais, trabalhando actualmente para o mercado soviético tiveram um desenvolvimento unilateral. A Bulgária no quadro do COMECON "especializou-se na fruticultura". A Mongólia está "especializada na ganadaria". A Hungria, um país rico em minério de ferro, com tradições na fundição de aço actualmente funde 3 milhões de toneladas de minério de ferro. Segundo as estatísticas hungaras, no ano de 1980 a Hungria terá necessidade de 7 milhões de toneladas de aço. Os soviéticos impuseram aos húngaros que não fizessem investimentos neste terreno porque não seria rentável para eles. Com os capitais dos demais países revisionistas, incluindo a Hungria, constrói-se na União Soviética um grande trust para a fundição do aço. A União Soviética compromete-se a abastecê-los apesar de eles próprios terem feito investimentos na União Soviética. Quais os argumentos dos soviéticos para estas suas posições? No território da União Soviética está mais garantido este trust em caso de uma agressão.

Na União Soviética estão-se construindo centenas de empresas com base nos investimentos dos outros estados. Na União Soviética, trabalha mão-de-obra da Europa Oriental — búlgaros, alemães, polacos, etc. Estes trabalham nos sectores que não são preferidos pelos operários soviéticos, tal como acontece nos países do Mercado Comum. Por exemplo dezenas de milhares de operários búlgaros trabalham na Sibéria como lenhadores.

Como já dissemos mais atrás, a União Soviética continua a elaborar todas estas formas para unir todos estes estados sob a sua alçada. Basta que a União Soviética corte o abastecimento de energia eléctrica ou do petróleo e todos estes países industrializados param completamente a sua indústria.

Por exemplo, quando se agudizaram as contradições entre a Checoslováquia e a União Soviética, a União Soviética, como medida de antecipação fechou o oleoduto; então a Checoslováquia dirigiu-se ao Ocidente, principalmente à Alemanha Ocidental. A União Soviética vendo que a Checoslováquia passava para o Ocidente, ocupou-a militarmente.

Na economia destes países, criou-se uma tal situação que sem os laços com a União Soviética não se pode fazer o ciclo da produção e da reprodução normal. A União Soviética corta as matérias-primas e o ciclo da produção não funciona, ou, pelo contrário, se não lhe compra as mercadorias cria dificuldades a estes países. Por exemplo, a Alemanha Oriental está especializada na produção de tornos, fresadoras e outros equipamentos de alta precisão para os países participantes no COMECON. Tomando um grande desenvolvimento estes ramos particulares, os outros ramos ficam sem se desenvolver na mesma

[illegible]ção. No caso da União Soviética não comprar estes produtos, a economia deste país é colocada perante sérias dificuldades.

A União Soviética informou os países do COMECON que até os anos de [illegible] o preço do petróleo será aumentado até 30°/o e os países do COMECON são obrigados a comprá-lo.

Entre os países do COMECON criou-se também um banco internacional que é manipulado pelo social-imperialismo soviético. O rublo apesar de [illegible]almente não ser convertível em ouro, serve como moeda conjunta. Isto dá a possibilidade aos sociais-imperialistas soviéticos de fazer recair uma parte da sua própria inflação sobre as costas dos outros países do COMECON.

Entre os países do COMECON há contradições, as quais no conteúdo são do tipo imperialista. Em muitos casos estas contradições solucionam-se temporariamente mediante a força das armas (por exemplo a Checoslováquia). A União Soviética tem o seu próprio exército em todos os países e de facto estes países estão ocupados. Também na Albânia os russos quiseram construir uma base marítima em Vlora, e queriam torná-la na maior base do Mediterrâneo. Mas o PTA, que havia compreendido os objectivos do social-imperialismo soviético não aceitou tal proposta.

Como conclusão:

O COMECON é uma união do tipo imperialista que é controlada completamente pelo social-imperialismo soviético, que serve como base económica do Pacto de Varsóvia, que tem as mesmas tendências e os mesmos objectivos que a OTAN.

4. O CAPITALISMO MONOPOLISTA DE ESTADO E A REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Lénine assinalou que o capitalismo monopolista de Estado é um degrau, na escala histórica, e que não existe nenhum outro degrau intermediário até ao socialismo (nas condições do capitalismo monopolista de Estado continuamos no imperialismo, não o devemos esquecer).

O capitalismo monopolista de Estado é a mais completa preparação material do socialismo. Coloca-se um problema fundamental: que atitude deve ter a classe operária em relação às estatizações burguesas? Aqui não se tratam de nacionalizações — aqui muda o carácter. Há duas contradições, uma anti-imperialista que se deve apoiar e outra entre o capital e o trabalho, e face a esta deve-se ter outra posição.

Os revisionistas modernos assinalam que mediante a estatização burguesa, criam-se elementos de socialismo, surge o socialismo no meio do capitalismo. Por isso dizem à classe operária que o seu objectivo principal de luta devem ser as estatizações. Por outro lado, dizem que se deve lutar para ter a maioria no Parlamento. É verdade que as massas populares vêem com

bons olhos estas medidas, pois têm aspirações ao socialismo e muitas vezes levantam-se para que se façam estatizações. A burguesia, como já assinalámos, em nome dos interesses dos monopólios, para evitar uma situação revolucionária, para extinguir a onda revolucionária, leva a cabo estatizações parciais. Mas o Estado nunca poderá estatizar toda a economia, porque o Estado é um instrumento dos monopólios. Os marxistas-leninistas devem esclarecer as massas trabalhadoras que o capitalismo monopolista de Estado assim como a propriedade estatal não muda a natureza do capitalismo, que o capitalismo monopolista de Estado constitui uma grande concentração de capital nas mãos da oligarquia financeira, acompanhada da concentração política; deve-se esclarecer que as estatizações têm carácter de classe, são feitas pela burguesia para a burguesia.

O capitalismo monopolista de Estado é um processo objectivo na história do desenvolvimento do capitalismo. No tempo de Lénine os oportunistas Kaustsky, Hilferding e outros assinalavam que os monopólios estabelecem uma economia organizada e planificada e nesta base chamavam a classe operária a apoiar a criação dos monopólios. Desmascarando estes pontos de vista, Lénine assinalava que, nas condições do domínio dos monopólios, continuamos no capitalismo. As contradições nesta etapa mais elevada do capitalismo, agudizam-se a um ponto mais elevado. Sobretudo, assinalava Lénine, agudiza-se a contradição entre a burguesia e o proletariado, nas condições do capitalismo monopolista de Estado, nas condições das estatizações burguesas. A contradição entre a burguesia e o proletariado eleva-se a um nível mais alto pois, agora, contra o proletariado como classe organizada, está o Estado. Por isso, abandonar o esclarecimento sobre o carácter de classe das estatizações burguesas leva a confusão ao seio da classe operária.

À classe operária devemos chamá-la a levantar-se contra o sistema capitalista, contra todas as formas de propriedade capitalista privada, contra todas as formas de exploração que emanem desta. Para a classe operária não deve haver palavras de ordem, tais como fazem os revisionistas, de apoiar ou não apoiar as estatizações burguesas. Porque as estatizações no fim de contas são burguesas. Traçar desta forma a palavra de ordem, como dizia Lénine, é lutar pela parte e renunciar ao todo, lutar pelo momento e renunciar à perspectiva, quer dizer ver as árvores e não ver a floresta.

Qual deve ser a palavra de ordem da classe operária?

Que se levante na luta de classes, sem nenhuma ilusão, **contra a burguesia, contra o capitalismo** e contra todas as formas das suas manifestações **e que sobre as suas ruínas,** com o Partido Marxista-Leninista à cabeça, construa o socialismo.

XI

Alguns problemas actuais da crise do sistema capitalista

1. A ESSÊNCIA DO CAPITALISMO MONOPOLISTA DE ESTADO

O capitalismo monopolista de Estado pressupõe a submissão do aparelho Estatal aos monopólios, com o objectivo de lhes assegurar lucros máximos, para manter sob a opressão e a exploração a classe operária e as amplas massas trabalhadoras, para oprimir e explorar os povos dos países coloniais dependentes e semi-dependentes.

Qual é a base objectiva do aparecimento do capitalismo monopolista de Estado?

É a de servir a actividade das leis do modo capitalista de produção, servir a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção capitalistas.

O desenvolvimento das forças produtivas entra em contradição com os estreitos limites da propriedade privada capitalista.

Surge a necessidade **objectiva de extensão do limite da propriedade privada capitalista e nesta base surge a propriedade de Estado.**

O capitalismo monopolista de Estado tem como significado político, a **luta organizada da oligarquia financeira, a qual submete o Estado ao imperialismo para oprimir a classe operária e as massas trabalhadoras.**

Em relação ao capitalismo monopolista de Estado, é **importante** termos em conta, o momento da submissão do Estado pelos monopólios.

Os revisionistas contemporâneos, com os soviéticos à cabeça, **afirmam que o capitalismo monopolista de Estado é a união da força do Estado com o poder dos monopólios;** esta afirmação era-lhes necessária para argumentar a via pacífica ao socialismo, para negar a necessidade da revolução socialista.

Na concepção revisionista sobre o capitalismo monopolista de Estado, este e os monopólios pressupõem-se como forças independentes, **daqui tiram a conclusão de que o Estado poderá colaborar com os monopólios e também contrapor-se a eles,** o que é **impossível pois o Estado, segundo Engels, é o comité executivo da classe no poder.**

Afirmar que o Estado no imperialismo se pode contrapor aos interesses dos monopólios da oligarquia financeira é tentar apresentar o Estado acima das classes. A essência é servir a burguesia, porque com estas afirmações os **revisionistas esforçam-se em convencer a classe operária que no quadro do sistema capitalista poderão realizar-se os interesses últimos do proletariado.**

Marx, desmascarando na sua obra "Crítica ao programa de Gotha" os pontos de vista oportunistas de Lassalle, rechaçava a concepção sobre o chamado Estado livre, quer dizer o Estado acima das classes.

Engels desmascarava as afirmações oportunistas segundo as quais qualquer nacionalização se apresentava com conteúdo socialista. Engels, declarava que no quadro do capitalismo não se pode fazer nacionalizações de carácter socialista, ironizava sobre os anti-marxistas e acentuava que em caso das nacionalizações terem carácter socialista então Metternik e Napoleão ao aplicarem o monopólio estatal sobre o tabaco, deviam-se considerar os fundadores do socialismo científico.

2. A FORMA DE SUBMISSÃO DO ESTADO AOS MONOPÓLIOS

A submissão do Estado pelos monopólios faz-se através dos seguintes caminhos:

a) **Pela criação da propriedade de Estado;**
b) **Pela chamada "regulamentação" e "programação" da economia capitalista;**
c) **Pela criação dos monopólios internacionais ou como se chama vulgarmente pela integração imperialista.**

A criação da propriedade de Estado

A propriedade de Estado existiu em todos os sistemas económicos sociais, onde houve Estado e classes.

A propriedade de Estado existiu no esclavagismo e no feudalismo, **mas no imperialismo a propriedade de Estado é condicionada por dois factores:**
— pela existência da propriedade monopolista privada;

— pela dominação do Estado, o qual se torna no instrumento da oligarquia financeira.

A propriedade de Estado **reflete** o nível mais elevado da concentração da produção e do capital no quadro do sistema capitalista da apropriação privada. A propriedade de **Estado monopolista surgiu** como fenómeno característico após a I Grande Guerra mundial mas a particularidade desta característica desenvolveu-se depois da II Guerra Mundial.

Conhecem-se três caminhos para a criação da propriedade estatal monopolista:
— mediante a estatização burguesa
— mediante a construção de empresas estatais pelo próprio Estado.
— um outro caminho **intermédio** é a criação das empresas conjuntas (mistas) entre o Estado e os monopólios.

Na Inglaterra, após a II Guerra Mundial o Estado estatizou as minas de hulha, que estavam em vésperas de falência. Os monopólios receberam em troca grandes indemnizações e depois investiram nos ramos mais importantes. Quer dizer, uma tal medida serviu os monopólios para o seu posterior enriquecimento.

Este processo foi seguido também na França, Itália e outros Estados.

Nos EUA principalmente, **foi seguido o caminho das construções de empresas estatais; na Alemanha Federal** seguiu-se o caminho da **criação das empresas mistas.**

Com a passagem do tempo, estes fenómenos encontram-se em todos os países, mesmo nos EUA. Faz-se a estatização, criam-se empresas mistas, etc...

A propriedade estatal ocupa cerca de 25 a 35°/o da produção social (isto refere-se aos países imperialistas) nos EUA, Inglaterra, França, Japão, Canadá, Itália, etc...

A URSS tem uma particularidade específica, é um capitalismo de tipo particular. Esta particularidade vem do facto de a URSS **antes ter sido um país socialista e assim que regressou ao capitalismo não o fez com base nos monopólios, mas sobre a base da degeneração da propriedade social socialista;** deve-se ter em conta esta particularidade.

No ano de 1964 **pôs-se em aplicação a reforma económica** a qual na **essência** colocou à disposição do novo poder político, da nova burguesia, a base económica.

Qual é a essência da reforma económica?

Nos artigos da reforma assinala-se que o lucro constitui o principal índice económico. Em lugar da lei da planificação proporcional da economia, existe o mercado da oferta e da procura. Em lugar da lei económica fundamental do socialismo que é a satisfação sempre em aumento das necessidades das massas trabalhadoras, existe a lei do lucro máximo.

A empresa transforma-se em unidade independente. A própria empresa deve encontrar a força de trabalho, a matéria prima, o mercado e após

consumir o capital fundamental dado inicialmente pelo Estado deve ela própria assegurar os meios de produção.

Na URSS vende-se e compra-se livremente os meios de produção o que não é característica do socialismo. Baseando-nos nas estatísticas soviéticas de 1977 resulta que a rentabilidade do nível da economia nacional tem a tendência para baixar.

Se tomarmos o ano de 1960 como 100°/o veremos que em 1961 caiu para 99°/o; em 1965 para 98°/o enquanto que em 1966 desceu para 96°/o. O rendimento por rublo investido também tem a tendência de baixar. Descentralizaram-se os fundos do Estado.

No tempo de Stáline (1940) o orçamento do Estado era de 17,4 mil milhões de rublos, que se dividia em:

1. Orçamento Federativo de todas as Repúblicas – 13,2 mil milhões de rublos;
2. Orçamento das Repúblicas – 4,2 mil milhões de rublos.

Em 1975 o orçamento foi aumentado, passando para 214,5 mil milhões de rublos.

O orçamento Federativo, que se emprega em despesas militares, ocupava 109 mil milhões, enquanto o orçamento das Repúblicas ocupava 104,8 mil milhões de rublos.

Os impostos sobre a população aumentam, alcançando cerca de 20 mil milhões de rublos em 1977, enquanto em 1975 era de 18,4 mil milhões. No tempo de Stáline (1940) eram apenas de 900 milhões de rublos.

Como resultado da degenerescência da economia na URSS ao transformar-se em economia capitalista, surgem os mesmos fenómenos que são característicos do capitalismo.

Exemplo: o desemprego, a inflação, a alta de preços e a crise económica.

A URSS luta pela expansão no plano internacional.

Sobre a base da degenerescência económica actuam também as características económicas fundamentais do imperialismo.

No imperialismo temos como base conómica os monopólios, assim a base económica na URSS serve o capitalismo de Estado.

A URSS exporta e importa capital.

A URSS luta pela divisão económica do mundo;

O COMECON serve como instrumento para isso.

A URSS participa nas sociedades multinacionais com os passes revisionistas, participa na divisão territorial do mundo e sobre isto há muitos exemplos: os acontecimentos no Egipto, em Angola, etc..., a frota soviética no mar Índico, no Atlântico, etc...

Isto demonstra que a URSS luta pela divisão do mundo.

Na África (Marrocos, Tunísia) a URSS abriu as suas próprias agências para venda de máquinas agrícolas.

Em Marrocos há uma sociedade soviética "Mari Export".

Na Etiópia outra sociedade da URSS "EFSO".

Como regra, participa o Estado desses países, não o capital privado. A URSS apresenta isto como ajuda internacionalista destinada a fortalecer a independência desses países.

Na Índia há dezenas dessas sociedades.

A chamada "regulamentação" e "programação" da economia capitalista

Neste ponto trata-se de desmascarar os pontos de vista revisionistas sobre a chamada "regulamentação" e "programação" estatal da economia.

O Estado intervém na economia a favor dos monopólios. Por meio das leis que o Estado promulga defende o poder económico e político da oligarquia financeira.

O Estado, em tempo de guerra, garante aos monopólios mão-de-obra barata, proibe as greves, congela salários. Há casos em que proibe os capitalistas individuais de elevar um pouco os salários dos operários; naturalmente quando estes lutam por esse direito obrigam os capitalistas a ceder.

O Estado aumenta o consumo estatal, gasta grandes somas de dinheiro para comprar aos monopólios os produtos excedentes, os quais não encontram mercado interno e nesta base cresce a expansão estatal.

O Estado faz grandes pedidos de armamento aos monopólios.

A percentagem de lucro dos ramos industriais de armamento é a mais elevada; isto faz crescer o lucro dos monopólios.

O Estado redistribui os fundos do Estado a favor dos monopólios.

Exemplo: em França foi estatizada a indústria energética (ramo hidro-eléctrica). Desta estatização aproveitaram os monopólios, porque o Estado vende a energia eléctrica aos monopólios por um preço muito baixo e a diferença é paga pelos simples consumidores.

A venda da energia eléctrica aos monopólios a preços baixos, reduz os gastos da produção, aumenta o lucro; é este o procedimento.

O Estado frequentemente vende as empresas estatais aos monopólios.

Exemplo: nos EUA para a construção dos reactores nucleares gastaram-se 13 mil milhões de dólares do Estado.

Após vários anos, quando estes entraram em completa função, o Estado vendeu-os aos monopólios a preços baixos.

Depois de terminar a luta imperialista, o Estado vende aos monopólios empresas inteiras que produzem armamentos e estas vendas fazem-se a preços muito baixos.

Assim sucedeu nos EUA após a guerra da Coreia e da guerra do Vietname.

Como o capitalismo se caracteriza pela anarquia e pela concorrência, e isto prejudica os monopólios, o Estado faz sucessivas tentativas, naturalmente

sem nenhuma esperança, para enfrentar as consequências das crises económicas.

Nos países capitalistas desenvolvidos após a II guerra mundial e especialmente após os anos 50 a estatística, os inquéritos, a programação e as previsões tomaram uma grande expansão.

Como se realizam estas previsões?

Na França há um comissariado estatal que se chama "a programação"; esta instituição divulga inquéritos aos capitalistas e recebe alguns dados aproximados sobre a quantidade de produção. Na base destes inquéritos acumulados, o Estado faz as previsões.

O que é que sucede de facto?

Os monopólios não tomam em conta as previsões estatais quando eles verificam que essas previsões afectam os seus interesses.

Numa previsão estatal poder-se-ia prever a redução de produção de tractores, mas como o monopólio no ano anterior tinha realizado lucros por esse motivo no lugar de reduzir a produção aumenta-a.

Os revisionistas modernos consideram a propriedade estatal e a programação estatal burguesa elementos socialistas no seio do capitalismo.

Acaso a propriedade estatal é um elemento socialista?

Sem dúvida que não, porque é criada pela oligarquia financeira para defender os seus interesses.

Se porventura a propriedade estatal fosse um elemento socialista então a propriedade estatal no feudalismo devia de ser um elemento socialista; segundo esta lógica anti-científica, os elementos do socialismo surgiram do seio do sistema esclavagista porque também neste sistema havia propriedade estatal.

O carácter privado da propriedade estatal monopolista está relacionado com o facto dessa propriedade surgir e se desenvolver paralelamente à propriedade capitalista em geral, conservando e aprofundando o carácter privado da apropriação. Por outro lado, o sujeito desta propriedade é o Estado o qual é instrumento da oligarquia financeira.

O capitalismo não poderá assegurar de nenhuma forma uma planificação social porque para isso é preciso a propriedade socialista sobre os meios de produção e a ditadura do proletariado.

Com aquelas afirmações, os revisionistas esforçam-se por embelezar o capitalismo, por salvá-lo e por eternizá-lo.

Quanto a todas estas teorias dos revisionistas, a actual crise económica desmascarou-as mostrando que o capitalismo agudiza cada vez mais as contradições.

3. A CRIAÇÃO DOS MONOPÓLIOS INTERNACIONAIS

A criação dos monopólios internacionais ou, como é vulgarmente chamado, a **integração imperialista** é uma forma internacional do capitalismo monopolista de Estado.

O capitalismo monopolista de Estado ao nível internacional apresenta-se na forma de uma união monopolista inter-estatal.

Exemplos típicos: o **Mercado Comum e o COMECON** e outras organizações internacionais.

O Mercado Comum

A ideia da criação do Mercado Comum surgiu nas vésperas da I Guerra Mundial. Na realidade o Mercado Comum formou-se após a II Guerra Mundial.

O acordo da formação do Mercado Comum realizou-se no ano de 1957, em Dezembro, em Roma, por isso é considerado o acordo de Roma.

O acordo entrou em vigor no ano de 1958. Durante este período fizeram-se as preparações iniciais para os acordos. Inicialmente participaram os Estados da França, Alemanha Federal, Itália, Holanda, Bélgica, e Luxemburgo. Os EUA fizeram força para a criação do Mercado Comum. O objectivo era que o bloco agressivo militar da NATO tivesse uma base económica.

Os EUA queriam opor-se à Inglaterra. Uma vez que a Inglaterra tinha criado na Europa uma organização internacional que se chamava "Associação do Comércio Livre".

O conteúdo político do Mercado Comum

A burguesia monopolista europeia une numa única força o seu potencial económico e militar a nível internacional para oprimir em conjunto a classe operária, os movimentos revolucionários das massas trabalhadoras, o socialismo nos países onde se edifica e os movimentos de libertação nacional.

Alsthom, um dos fundadores do Mercado Comum, declarou que, "nós não nos relacionamos com a economia, nós somos políticos, tratamos a política".

Lénine prevendo o processo de integração imperialista acentuava que existe a possibilidade de se criar os EU da Europa, mas para quê?

Só para oprimir em conjunto o movimento operário, a classe operária, o socialismo e os movimentos revolucionários em todo o mundo.

Esta obra de Lénine que tem por título "A palavra de ordem dos Estados Unidos da Europa" contém duas descobertas:

1. Descobriu a lei do desenvolvimento desigual económico e político do capitalismo na sua fase superior: o imperialismo.
2. O processo da integração imperialista.

Lenine previa também que as uniões inter-imperialistas não fazem desaparecer as contradições mas pelo contrário aprofundam-nas muito mais.

O Mercado Comum, segundo o acordo de Roma, prevê a união aduaneira, a livre circulação de mercadorias dentro dos países, o livre movimento da mão-de-obra, uma política unificada de preços com os outros países que

não são membros do Mercado Comum, uma política agrícola comum chamada a "Europa verde", uma política comum industrial, um parlamento comum europeu e posteriormente também um governo comum e um exército comum, o qual já existe que é a NATO.

Acaso se solucionam as contradições económicas entre eles, no Mercado Comum?

Os factos demonstram que não. Por exemplo: há 2 anos a Itália exportava grande número de frigoríficos para a França; tinham capacidade de concorrência e isto prejudicava os monopólios franceses; então o Estado, visto que não podia limitar a entrada de mercadorias italianas, neste caso os frigoríficos, ajudou de forma financeira com grandes quantidades de dinheiro os monopólios franceses, os quais aperfeiçoavam a tecnologia aumentando desta forma a capacidade da concorrência francesa.

Um novo elemento que aqui surge é que paralelamente à concorrência entre os monopólios agudiza-se a concorrência entre os Estados.

O mercado comum durante um certo tempo foi dirigido politicamente pela França, principalmente por De Gaulle. Vendo estas tendências de De Gaulle, os EUA forçaram a entrada da Inglaterra no Mercado Comum; a França empregou o veto por 10 anos impedindo assim a entrada da Inglaterra.

A Alemanha Ocidental, um país que havia perdido a guerra apesar de não ser a força política principal era o país mais desenvolvido industrialmente.

Exemplo: no ano de 1975, a França produzia 5,1°/o da produção mundial capitalista excluindo a URSS e seus vassalos, a Alemanha Ocidental produzia 8,2°/o da produção no mundo capitalista.

A imprensa ocidental nos anos sessenta denominava a Alemanha Ocidental como uma lebre política e um elefante económico.

A Alemanha Ocidental pedia que a Inglaterra entrasse para o Mercado Comum porque pretendia infiltrar-se nas ex-colónias inglesas. A Alemanha Ocidental estava interessada na entrada da Inglaterra para rivalizar com a França, quer dizer, a Inglaterra-França rivalizavam pela hegemonia e a Alemanha Ocidental fortalecia as suas posições. A França económicamente não aceitava, pois por detrás da Inglaterra estava o Commun Welth (aliança da Inglaterra com as ex-colónias inglesas). A França fornecia ao Mercado Comum uma grande maioria de produtos agrícolas. A Inglaterra entrando para o Mercado Comum tinha atrás de si o Canadá e a Austrália, países exportadores de artigos agrícolas e gado.

É assim que no Mercado Comum entraria o "Dopping" canadiense e australiano que desta forma prejudicaria a França. Por isso a França usava o veto, pois segundo o acordo de Roma se um Estado vetar a entrada de outro este já não pode entrar.

Nos anos de 1968 a 1971 em França, sucederam distúrbios, **criou-se uma situação revolucionária**, as posições monopolistas francesas estremeceram

e por isso ela pediu a ajuda da burguesia internacional e em primeiro lugar dos EUA; economicamente o franco-moeda desvalorizou-se bastante.

Como resultado de tudo isto, a França viu-se obrigada a aceitar a entrada da Inglaterra no Mercado Comum. Juntamente com a Inglaterra entraram a Irlanda e a Dinamarca. De seis passou para nove o Mercado Comum.

Dentro do Mercado Comum há grupos de forças, há contradições. Ao mesmo tempo, o Mercado Comum como uma potência imperialista tem contradições com outros Estados imperialistas que não se incluem nesta união.

É importante acentuar que apesar das contradições que há, particularmente no terreno económico, o Mercado Comum é manipulado pelos EUA.

Os defensores da Teoria dos Três Mundos antes denominavam o Mercado Comum como uma fonte de guerra, "desmascaravam" o seu conteúdo; posteriormente estabeleceram relações diplomáticas com ele (Mercado Comum) e reconheceram-no como uma força política e económica independente. No terreno político vêem o Mercado Comum como um factor de paz porque sègundo eles o Mercado Comum contrapõe-se ao social-imperialismo soviético; daqui sai a conclusão anti-marxista de apoiar os governos burgueses destes países e o problema das revoluções fica para as calendas gregas.

O Comecon

O Comecon foi criado em 1947 com objectivos internacionalistas. A União Soviética ajudava os países menos desenvolvidos mediante o COMECON. Após a tomada do poder pela camarilha kruchovista, gradualmente o COMECON foi modificando o seu conteúdo, as relações de colaboração e ajuda fraternal transformaram-se em relações de imposição do próprio chauvinismo grande-russo. As consequências desta degeneração recaem em primeiro lugar sobre os povos da Europa Oriental.

O COMECON é uma união imperialista, manipulada pelo social--imperialismo soviético. O social-imperialismo soviético transformou durante estes 20 anos a economia dos países da Europa Oriental numa parte integrante da economia soviética. Os chamados planos que se constroem nos países revisionistas antes de serem aprovados nos seus países são aprovados pelo plano estatal soviético (GOSPLAN).

A União Soviética impôs a estes países a chamada propriedade internacional, a qual é chamada "propriedade comum entre os países" mas de facto é dominada pelo social-imperialismo soviético. Desta forma criaram-se trusts internacionais, o trust interquímico, ò intermetal, o oleoducto "amizade", o parque comum de wagons, o trust para os produtos electrónicos que se chama inter-sputnik e outros. O que sucedeu durante estes 20 anos com a economia dos países do COMECON? Mediante a divisão internacional do

trabalho, a União Soviética obrigou estes países a um desenvolvimento unilateral. Desta forma e como resultado disto, a União Soviética impôs a sua ditadura a estes países, tanto para o mercado quando compra mercadorias como quando vende. Como regra a União Soviética abastece estes países com matérias-primas mas a preços maiores do que os do mercado mundial.

Países como a Alemanha Oriental, Checoslováquia, com tradições industriais, trabalhando actualmente para o mercado soviético tiveram um desenvolvimento unilateral. A Bulgária no quadro do COMECON "especializou-se na fruticultura". A Mongólia está "especializada na ganadaria". A Hungria, um país rico em minério de ferro, com tradições na fundição de aço actualmente funde 3 milhões de toneladas de minério de ferro. Segundo as estatísticas hungaras, no ano de 1980 a Hungria terá necessidade de 7 milhões de toneladas de aço. Os soviéticos impuseram aos húngaros que não fizessem investimentos neste terreno porque não seria rentável para eles. Com os capitais dos demais países revisionistas, incluindo a Hungria, constrói-se na União Soviética um grande trust para a fundição do aço. A União Soviética compromete-se a abastecê-los apesar de eles próprios terem feito investimentos na União Soviética. Quais os argumentos dos soviéticos para estas suas posições? No território da União Soviética está mais garantido este trust em caso de uma agressão.

Na União Soviética estão-se construindo centenas de empresas com base nos investimentos dos outros estados. Na União Soviética, trabalha mão--de-obra da Europa Oriental – búlgaros, alemães, polacos, etc. Estes trabalham nos sectores que não são preferidos pelos operários soviéticos, tal como acontece nos países do Mercado Comum. Por exemplo dezenas de milhares de operários búlgaros trabalham na Sibéria como lenhadores.

Como já dissemos mais atrás, a União Soviética continua a elaborar todas estas formas para unir todos estes estados sob a sua alçada. Basta que a União Soviética corte o abastecimento de energia eléctrica ou do petróleo e todos estes países industrializados param completamente a sua indústria.

Por exemplo, quando se agudizaram as contradições entre a Checoslováquia e a União Soviética, a União Soviética, como medida de antecipação fechou o oleoduto; então a Checoslováquia dirigiu-se ao Ocidente, principalmente à Alemanha Ocidental. A União Soviética vendo que a Checoslováquia passava para o Ocidente, ocupou-a militarmente.

Na economia destes países, criou-se uma tal situação que sem os laços com a União Soviética não se pode fazer o ciclo da produção e da reprodução normal. A União Soviética corta as matérias-primas e o ciclo da produção não funciona, ou, pelo contrário, se não lhe compra as mercadorias cria dificuldades a estes países. Por exemplo, a Alemanha Oriental está especializada na produção de tornos, fresadoras e outros equipamentos de alta precisão para os países participantes no COMECON. Tomando um grande desenvolvimento estes ramos particulares, os outros ramos ficam sem se desenvolver na mesma

proporção. No caso da União Soviética não comprar estes produtos, a economia deste país é colocada perante sérias dificuldades.

A União Soviética informou os países do COMECON que até os anos de 1980 o preço do petróleo será aumentado até 30°/o e os países do COMECON são obrigados a comprá-lo.

Entre os países do COMECON criou-se também um banco internacional. O rublo apesar de que é manipulado pelo social-imperialismo soviético. Isto precisamente não ser convertível em ouro, serve como moeda conjunta. Isto dá a possibilidade aos sociais-imperialistas soviéticos de fazer recair uma parte da sua própria inflação sobre as costas dos outros países do COMECON.

Entre os países do COMECON há contradições, as quais no conteúdo são do tipo imperialista. Em muitos casos estas contradições solucionam-se temporariamente mediante a força das armas (por exemplo a Checoslováquia). A União Soviética tem o seu próprio exército em todos os países e de facto estes países estão ocupados. Também na Albânia os russos quiseram construir uma base marítima em Vlora, e queriam torná-la na maior base do Mediterrâneo. Mas o PTA, que havia compreendido os objectivos do social-imperialismo soviético não aceitou tal proposta.

Como conclusão:

O COMECON é uma união do tipo imperialista que é controlada completamente pelo social-imperialismo soviético, que serve como base económica do Pacto de Varsóvia, que tem as mesmas tendências e os mesmos objectivos que a OTAN.

4. O CAPITALISMO MONOPOLISTA DE ESTADO E A REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Lénine assinalou que o capitalismo monopolista de Estado é um degrau, na escala histórica, e que não existe nenhum outro degrau intermediário até ao socialismo (nas condições do capitalismo monopolista de Estado continuamos no imperialismo, não o devemos esquecer).

O capitalismo monopolista de Estado é a mais completa preparação material do socialismo. Coloca-se um problema fundamental: que atitude deve ter a classe operária em relação às estatizações burguesas? Aqui não se tratam de nacionalizações – aqui muda o carácter. Há duas contradições, uma anti-imperialista que se deve apoiar e outra entre o capital e o trabalho, e face a esta deve-se ter outra posição.

Os revisionistas modernos assinalam que mediante a estatização burguesa, criam-se elementos de socialismo, surge o socialismo no meio do capitalismo. Por isso dizem à classe operária que o seu objectivo principal de luta devem ser as estatizações. Por outro lado, dizem que se deve lutar para ter a maioria no Parlamento. É verdade que as massas populares vêem com

bons olhos estas medidas, pois têm aspirações ao socialismo e muitas vezes levantam-se para que se façam estatizações. A burguesia, como já assinalámos, em nome dos interesses dos monopólios, para evitar uma situação revolucionária, para extinguir a onda revolucionária, leva a cabo estatizações parciais. Mas o Estado nunca poderá estatizar toda a economia, porque o Estado é um instrumento dos monopólios. Os marxistas-leninistas devem esclarecer as massas trabalhadoras que o capitalismo monopolista de Estado assim como a propriedade estatal não muda a natureza do capitalismo, que o capitalismo monopolista de Estado constitui uma grande concentração de capital nas mãos da oligarquia financeira, acompanhada da concentração política; deve-se esclarecer que as estatizações têm carácter de classe, são feitas pela burguesia para a burguesia.

O capitalismo monopolista de Estado é um processo objectivo na história do desenvolvimento do capitalismo. No tempo de Lénine os oportunistas Kaustsky, Hilferding e outros assinalavam que os monopólios estabelecem uma economia organizada e planificada e nesta base chamavam a classe operária a apoiar a criação dos monopólios. Desmascarando estes pontos de vista, Lénine assinalava que, nas condições do domínio dos monopólios, continuamos no capitalismo. As contradições nesta etapa mais elevada do capitalismo, agudizam-se a um ponto mais elevado. Sobretudo, assinalava Lénine, agudiza-se a contradição entre a burguesia e o proletariado, nas condições do capitalismo monopolista de Estado, nas condições das estatizações burguesas. A contradição entre a burguesia e o proletariado eleva-se a um nível mais alto pois, agora, contra o proletariado como classe organizada, está o Estado. Por isso, abandonar o esclarecimento sobre o carácter de classe das estatizações burguesas leva a confusão ao seio da classe operária.

À classe operária devemos chamá-la a levantar-se contra o sistema capitalista, contra todas as formas de propriedade capitalista privada, contra todas as formas de exploração que emanem desta. Para a classe operária não deve haver palavras de ordem, tais como fazem os revisionistas, de apoiar ou não apoiar as estatizações burguesas. Porque as estatizações no fim de contas são burguesas. Traçar desta forma a palavra de ordem, como dizia Lénine, é lutar pela parte e renunciar ao todo, lutar pelo momento e renunciar à perspectiva, quer dizer ver as árvores e não ver a floresta.

Qual deve ser a palavra de ordem da classe operária?

Que se levante na luta de classes, sem nenhuma ilusão, **contra a burguesia, contra o capitalismo** e contra todas as formas das suas manifestações **e que sobre as suas ruínas,** com o Partido Marxista-Leninista à cabeça, construa o socialismo.

XI

Alguns problemas actuais da crise do sistema capitalista

1. O ASPECTO TEÓRICO

A crise económica

As crises económicas provocam o abalo do capitalismo. Desde o final do século XVIII que isso acontece e continua a acontecer nos nossos dias. Com uma diferença, é que, de crise em crise, as consequências destruidoras para o capitalismo tornam-se cada vez maiores. As crises têm a sua base na contradição fundamental do capitalismo: entre o carácter social da produção e a forma privada capitalista da apropriação. Esta é a causa das crises. A análise das crises foi feita por Marx no Capital e por Engels no Anti-Dühring.

Com o desenvolvimento do capitalismo, aprofunda-se a divisão do trabalho social, surgem novos ramos de produção, concentra-se a produção nas grandes empresas. O produto do trabalho é fruto de um número cada vez maior de operários. (Se anteriormente perguntassemos ao produtor, disse Engels, quem produzia estes sapatos, o produtor responderia que era ele, mas se hoje perguntamos a um operário quem produziu esta máquina, ele responderá, nós os operários.) Nas grandes empresas concentra-se a mão-de-obra (a força de trabalho) e a produção passa a ter um carácter social. Mas o carácter social da produção não se coaduna com o carácter da propriedade, porque a propriedade continua a ser privada e capitalista como dantes, os meios de produção transformam-se cada vez mais em capital e a apropriação torna-se cada vez mais privada.

A contradição fundamental existe continuamente no capitalismo, enquanto que as crises são periódicas. Qual é a causa directa das crises?

As causas directas das crises são três contradições formuladas por Engels no Anti-Dühring.

1. A contradição entre organização relativa a nivel da empresa e a anarquia da produção a nivel da economia em geral.

Os capitalistas têm a possibilidade de organizar a produção nas suas empresas, mas eles trabalham para um mercado desconhecido. Nesta base eles produzem mais do que pode absorver o mercado e surge a sobreprodução.

2. A tendência para o aumento sem limites da produção com o objectivo de assegurar lucros máximos **e o atraso do poder de compra.** Os capitalistas para ganharem, aperfeiçoam a técnica, aumentam a produção, lançam no mercado cada vez mais mercadorias, mas do outro lado, os salários dos operários não crescem, os preços aumentam, os impostos sobem, o poder de compra diminui, cria-se a sobreprodução.

3. A contradição entre o Trabalho e o Capital ou entre a Burguesia e o Proletariado. O capital concentra-se nas mãos dos capitalistas, a riqueza nacional também; as massas trabalhadoras proletarizam-se, empobrecem, o que leva também à sobreprodução. O capital concentra-se nas mãos dos capitalistas, o proletariado só tem as mãos para trabalhar.

Conclusão: Quais as causas das crises?

1. As crises são companheiros de viagem permanentes do capitalismo, emanam da própria natureza do capitalismo. Para que não haja crises não deve haver capitalismo.
2. As crises demonstram que o capitalismo como sistema económico-social é incapaz, é impotente para explorar e organizar de uma forma racional as forças produtivas, necessita-se de um sistema mais elevado para organizá-lo — sistema esse que é o socialismo.
3. As crises expressam a contradição entre a burguesia e o proletariado; no período das crises a situação da classe operária piora, vê-se ainda mais claramente o carácter reaccionário do sistema capitalista.
4. Mas apesar disso não quer dizer que com as crises, o capitalismo se liquide por si mesmo — como os oportunistas afirmam — para que se derrube o capitalismo é necessária a revolução proletária.

Como se manifestam as crises

Na economia capitalista as crises desenvolvem-se de forma cíclica, mediante 4 fases:

1ª fase: a crise
2ª fase: a depressão económica
3ª fase: a reanimação económica
4ª fase: o florescimento económico
e estas repetem-se, umas atrás das outras.

Quando a economia se encontra na situação de florescimento, os comerciantes compram mercadorias por grosso e vendem-nas a retalho.

Os industriais aumentam a produção, os bancos dão crédito e superficialmente tudo parece caminhar perfeitamente. Inesperadamente, os comerciantes começam a sentir que a venda das mercadorias começa a tornar-se difícil. Dado que os comerciantes encheram os seus depósitos com mercadorias reduzem as encomendas aos industriais. Os industriais vêem-se obrigados a reduzir a produção, a redução da produção é acompanhada com a redução da mão-de-obra, e isto por sua vez, reduz o poder de compra; os comerciantes reduzem novamente as encomendas aos industriais e assim passa-se do florescimento à crise. A crise inicialmente manifesta-se na circulação, mas a causa está na produção.

A crise caracteriza-se por diversas particularidades:

- pela falência em massa das diversas empresas capitalistas;
- pelo aumento do desemprego;
- pela redução de salários;
- pela desvalorização das acções;
- pela crise monetária;
- a economia volta ao nível de vários anos atrás devido à redução da produção.

Apesar disso a sociedade precisa de viver, e por isso consome. Passa-se da crise à depressão, a economia encontra-se na situação de estagnação, a actividade dos capitalistas é bastante reduzida. Inicia-se a preparação para sair da depressão e passar à reanimação. Como se processa este passo? Como se sai da situação de estagnação da crise para enfrentar a luta da concorrência? Os capitalistas procuram entre outras coisas, reduzir os gastos da produção, se não o fizessem entrariam em falência. Para alcançar tal objectivo eles vêem-se obrigados a introduzir técnica avançada e destruir a antiga, no caso de não encontrarem mercados para vendê-la. Dado que todos os capitalistas procuram fazer o mesmo, a técnica avançada é introduzida a nível da sociedade, passando-se assim da depressão à reanimação. Quando a técnica avançada trabalha a pleno rendimento, então estamos na fase do florescimento. A produção aumenta ao máximo no mercado, o poder de compra das massas atrasa-se e inicia-se uma nova crise.

2. A CRISE ACTUAL

A actual crise teve início no ano de 1974 e continua actualmente. É uma crise mundial, pois atinge todos os países.

As características desta crise são:

- as falências em massa (empresas que faliram referentes a 1975: EUA — 11 500; Alemanha Federal — 2 500 e em 1977 — 10 000; Inglaterra — 7 500; Japão — 12 000; França — 14 781);

- As quedas dos ritmos de produção;
- A redução absoluta da produção;
- A inflação crónica;
- A não exploração das capacidades produtivas;
- O desemprego maciço;
- O aumento de preços;
- Os déficits comerciais;
- Assim como também uma redução absoluta das exportações e importações a nível mundial.

A crise económica atingiu também os países revisionistas.

Qual a particularidade desta crise (1974) que a diferencia das anteriores crises?

a) a crise económica está entrelaçada com a crise energética
b) a crise económica está entrelaçada com a crise de divisas
c) nas condições da crise do sistema capitalista há uma agudização ao máximo de todas as suas contradições.

A inflação

Uma das características que chama a atenção é a inflação. Na aparência inflação é: o Estado coloca na circulação dinheiro que não tem um valor correspondente. Cria-se desta forma a impressão que a inflação é um problema de circulação monetária; mas isto não é verdade, visto que a inflação tem a sua própria base objectiva na produção, na agudização das suas contradições, como resultado dos gastos não produtivos que se fazem nos Estados capitalistas, particularmente para a produção de armas. Na economia criam-se grandes déficites, os quais se refletem no orçamento do Estado. O Estado, como instrumento da burguesia monopolista, militariza a economia, impulsiona-a e para isso assegura aos monopólios lucros máximos, comprando as armas a preços elevados. O Estado aumenta os impostos sobre a população mas não o pode fazer ilimitadamente. Por isso emite papel moeda (dinheiro) a mais e por este modo resolve os déficites estatais. A moeda perde o seu valor real pois o seu proprietário tem agora uma moeda com um valor mais pequeno. A inflação no seu próprio fundamento é a redistribuição dos fundos nacionais a favor dos monopólios. Como consequência as massas trabalhadoras empobrecem e o seu salário baixa.

A inflação é acompanhada pela desvalorização da moeda, a qual é o acto oficial da queda do peso específico do ouro no papel moeda. A desvalorização é o reconhecimento oficial da inflação.

A inflação é acompanhada pelo aumento dos preços, particularmente dos artigos de consumo.

A inflação recai também sobre os pequenos produtores e sobre os pequenos empregados do Estado.

O que dizem os ideólogos burgueses? Eles declaram que os causadores da inflação são os proletários devido às suas exigências de aumentos de salários. Desta forma a propaganda burguesa procura introduzir a divisão entre a classe operária e o campesinato trabalhador, os pequenos produtores, etc.

Marx, ao analisar este problema, demonstrou que o aumento de salários dos operários não provoca o aumento dos preços, mas sim a redução do lucro dos capitalistas. Mas como os capitalistas não se podem conciliar com a redução dos lucros, para compensar estes aumentos, por mais pequenos que sejam, aumentam os preços. Os causadores da inflação são pois os capitalistas.

As crises monetárias

A crise monetária está relacionada com a agudização das contradições inter-imperialistas. Na base da crise monetária está o dólar dos EUA. Depois da II Guerra Mundial, os Estados Unidos da América, concentraram uma maior quantidade de ouro. Os países da Europa Ocidental tinham necessidade após a guerra, de reconstruir a sua economia e por isso foi inundada pelo dólar. O dólar transformou-se em moeda mundial. Como resultado da política agressiva das guerras imperialistas, os EUA de 1946 a 1973 gastaram um trilião e 500 000 milhões de dólares. Tais gastos de guerra colossais debilitaram as posições do dólar, criaram déficites na balança de pagamentos e no orçamento do Estado. Os Estados Unidos da América, estando numa posição privilegiada, utilizaram a inflação internacional, quer dizer, exportaram para fora dos Estados Unidos mais dólares do que as necessidades reais, descarregando assim uma parte das suas dificuldades económicas sobre os seus rivais. Nas transacções internacionais utilizaram dólares realmente desvalorizados, mas que oficialmente conservavam o valor anterior. Os países imperialistas da Europa Ocidental e o Japão após a sua reconstrução, começaram a rivalizar no mercado mundial para conseguir mercados e esferas de influência e fizeram regressar aos Estados Unidos esses dólares procurando convertê-los em ouro, o que foi chamado "a febre do ouro". Nos Estados Unidos acumulam-se assim grandes quantidades de dólares ultrapassando de longe as necessidades da circulação. Os Estados Unidos viram-se assim obrigados a desvalorizar o dólar.

O dólar foi desvalorizado duas vezes; uma vez 7°/o e outra vez 10°/o. Após a queda do dólar dá-se uma série de desvalorizações das moedas dos outros países destinadas a enfrentar a expansão americana no mercado mundial como consequência da desvalorização do dólar. A desvalorização do dólar no mercado mundial foi acompanhada com a redução dos preços das mercadorias norte-americanas prejudicando as posições dos demais estados imperialistas. Por isso foi desvalorizado o franco francês, a lira italiana, o marco alemão, etc. Todo o sistema monetário capitalista entrou numa crise que tem a sua própria base na agudização das contradições inter-imperialistas.

A crise energética

No fim do ano de 1972 os países capitalistas e revisionistas viram-se a braços com a crise energética. Na base da crise energética está a propriedade privada capitalista sobre os meios de produção que provoca a anarquia da produção. Os monopólios correndo atrás dos lucros máximos fizeram investimentos dos seus capitais nos ramos da economia onde a taxa de lucro é mais elevada e por consequência certos ramos particulares da economia ficaram sem se desenvolver. Por exemplo, a Europa Ocidental é rica em reservas de carvão de pedra (hulha), e ao mesmo tempo tem poucas reservas de petróleo. No entanto, aumentou muito o consumo do petróleo e reduziu o consumo da hulha. Aos monopólios interessa-lhes mais o petróleo dos países em vias de desenvolvimento do que a exploração da hulha dentro do país. Por isso o Estado estatizou as minas de hulha na Inglaterra e na França. Os Estados Unidos apesar de terem grandes recursos de petróleo aumentaram a importação de petróleo. Os gastos da produção de petróleo nos países em vias de desenvolvimento são mais baixos. Por exemplo, enquanto nos Estados Unidos da América os gastos de produção por uma tonelada de petróleo são por média 10,57 dólares, na Arábia Saudita são 0,70 dólares, na Venezuela esses gastos são por média 4,34 dólares, na Líbia 1,05 dólares, no Irão 0,49 dólares, no Iraque 0,35 dólares a tonelada.

Os países imperialistas acusam os países em vias de desenvolvimento de serem os causadores do aumento de preços. Os factos demonstram o contrário. Assim, por exemplo, o preço do petróleo no ano de 1975 em comparação com o ano de 1974 cresceu 10,4°/o enquanto que o preço dos produtos industriais aumentou "**somente**" 32°/o...

O social-imperialismo esforçou-se por aproveitar a situação criada pela crise energética, duplicando os preços das matérias-primas. Segundo os dados estatísticos de 1975, somente pelas manipulações nos preços do petróleo, os social-imperialistas soviéticos tiveram um lucro de 735 milhões de dólares e a Polónia em contrapartida teve um déficite de 55 milhões de dólares. Por esse motivo também houve déficites na Hungria, na Checoslováquia e outros países revisionistas. Tal como os EUA, apesar de possuir grandes reservas de petróleo e de gaz natural, a União Soviética compra gaz natural e petróleo ao Irão. Por esta forma, o social-imperialismo procura ditar a sua vontade aos países da Europa Oriental e até a alguns países da Europa Ocidental. A estes últimos vende-lhes o petróleo a preços mais reduzidos do que vende aos países membros do Comecon.

Como conclusão — No fundamento da crise energética está:

1. o desenvolvimento desigual e anárquico do capitalismo
2. a agudização das contradições do imperialismo e do social-imperialismo de um lado, e os países em vias de desenvolvimento e os povos há pouco libertados por outro lado.

XII

As 4 grandes batalhas do marxismo-leninismo contra as ideias e práticas antiproletárias

INTRODUÇÃO

O marxismo-leninismo desenvolveu quatro grandes batalhas contra o oportunismo e o revisionismo. A primeira grande batalha foi desenvolvida por Marx e Engels contra as ideias e práticas anti-proletárias. A segunda batalha a nível internacional desenvolveu-a Lenine contra os oportunistas da II Internacional; esta batalha terminou com a vitória do leninismo contra o oportunismo, com a vitória da revolução de Outubro na URSS, com a vitória da criação de novos Partidos Comunistas e a construção da III Internacional ou seja o Komintern. A terceira batalha contra o oportunismo e o revisionismo desenvolveu-a Stáline contra o trotskismo, bukarinismo e demais correntes oportunistas; também esta batalha terminou com a vitória do marxismo-leninismo contra os oportunistas, terminou com a vitória do Socialismo na URSS, com a vitória da II Guerra Mundial pela URSS, com a consolidação e fortalecimento do Movimento Comunista Internacional e sobretudo com a vitória do Movimento Comunista Internacional que foi a criação do campo socialista.

Actualmente o autêntico Movimento Comunista Internacional está desenvolvendo a quarta grande batalha, contra o revisionismo moderno e outras manifestações de oportunismo. Esta luta continua e é uma luta difícil e prolongada mas que terminará inevitavelmente com a vitória do marxismo-leninismo sobre o oportunismo e o revisionismo.

1. A PRIMEIRA GRANDE BATALHA DE MARX E ENGELS

A primeira grande batalha vai de 1844 a 1895 e tem o seu ponto mais alto em 1871 na Comuna de Paris. Esta batalha foi desenvolvida e dirigida por Marx e Engels.

O Marxismo desde que surgiu nos anos 40-50 do século passado, como disse Lénine, abriu o caminho na luta contra os seus inimigos dentro ou fora das suas fileiras. No início, o Marxismo foi uma corrente muito débil no movimento operário internacional. Neste movimento operário predominavam as correntes pseudo-socialistas, reformistas, como foram as correntes do socialismo pequeno-burguês, tais como: Proudhonismo, trade-unionismo, Lassalismo, Bakuninismo e outras. O estudo das correntes que lutavam abertamente contra o Marxismo e tentavam dar ao movimento operário uma direcção totalmente reformista, tem muita importância actualmente, pelo motivo de que muitos revisionistas se apoiam principalmente nos pontos de vista destas correntes socialistas pequeno-burguesas. Não foi casualmente que o camarada Enver no VII Congresso do PTA denominou Marchais como um novo Proudhon, porque Marchais, assim como Proudhon no seu tempo, procura criar uma sociedade socialista no quadro do sistema capitalista mediante as reformas.

Marx e Engels não foram só grandes teóricos do Movimento Operário, mas foram também homens de acção revolucionária. Inclusivé eles fizeram-se grandes ideólogos mediante a luta revolucionária que desenvolviam contra os inimigos da classe operária. Desenvolveram uma aguda luta de princípios contra as correntes socialistas pequeno-burguesas que dividiam a unidade da classe operária. A destruição das correntes socialistas pequeno-burguesas, era considerada por Marx e Engels naquele tempo como uma necessidade para alcançar o caminho da unidade da classe operária e para a vitória do marxismo nas fileiras da classe operária. Como forma de alcançar este objectivo, para realizar esta estratégia, eles criaram a I Internacional em Londres, no ano de 1864. Como disse Engels: "Esta organização internacional da classe operária tinha como **objectivos — em primeiro lugar**: alcançar a unidade da classe operária para desenvolver o movimento revolucionário da classe operária; em **segundo lugar**: desenvolver a organização da classe operária ao nível nacional e em particular com a criação dos partidos políticos da classe operária.

A I Internacional

A actividade da I Internacional é um modelo da luta aguda de princípios que os marxistas, com Marx e Engels à cabeça, desenvolveram contra os inimigos do marxismo em condições muito difíceis, quando os marxistas ainda constituíam uma minoria e a sua influência na classe operária era ainda muito reduzida. Assim, a actividade da I Internacional demonstra a combinação dos princípios com a maleabilidade. Enquanto que o movimento operário estava num estádio inferior, a classe

operária ainda não conhecia o marxismo e estava sob a influência do reformismo. Para ganhar a classe operária, Marx considerou necessário a colaboração, na luta contra o capitalismo, com as correntes socialistas pequeno-burguesas, numa única organização internacional. Mas Marx não absolutizava a unidade; pelo contrário, Marx exigia uma unidade revolucionária, uma unidade que servisse os interesses fundamentais da classe operária. Por isso, a atitude elástica de Marx foi parte inseparável da sua atitude de princípios. Lutando para ganhar a classe operária, Marx e Engels desenvolveram uma aguda luta de princípios contra os dirigentes das correntes socialistas-pequeno-burguesas reformistas. Isto demonstra-o o facto de que os documentos da I Internacional continham as ideias fundamentais do Manifesto do Partido Comunista. Naturalmente nestes documentos não se mencionava, naquele tempo, a ditadura do proletariado, a Revolução Proletária, e o Partido Comunista. Isto não é um esquecimento casual, não é uma conciliação de princípios, porque de facto, apesar de que estes nomes não se empregassem, as ideias do Partido, da Revolução, da Ditadura do Proletariado, existiam nestes documentos. Por exemplo: em lugar de mencionar o Partido Comunista, no manifesto constituinte que era o programa da Internacional e nos estatutos, ao mencionar-se que a classe operária tem a quantidade, mas necessita da qualidade, compreende-se que é o Partido.

Porque é que Marx manteve esta posição?

Isto foi ditado pelas condições concretas. O facto da grande maioria da classe operária naquele tempo estar sob a influência do reformismo, a terminologia do Partido Comunista, de Ditadura do Proletariado e Revolução Proletária, eram estranhas para a classe operária. Por isso Marx, conservando o conteúdo, mudou somente a forma, para unir a classe operária na luta contra o capitalismo.

Assim no programa não se infiltraram os pontos de vista dos socialistas pequeno-burgueses reformistas e a classe operária pela primeira vez tinha um programa comum revolucionário. Aqui vê-se a combinação dos princípios com a elasticidade. O próprio Marx dizia: devemos ser prudentes na forma e severos no conteúdo.

Marx não empregou o Manifesto do Partido Comunista que escreveu em 1848, como programa da Internacional porque o manifesto era um programa para a parte mais avançada da classe operária — os comunistas. Naquele tempo e naquelas condições era necessário um programa compreensível para a classe operária, o qual no conteúdo fosse como o Manifesto do Partido Comunista, mas na forma fosse diferente.

Os oportunistas e revisionistas esforçam-se por falsificar a actividade da I Internacional e de forma particular a actividade de Marx, apresentando a vida da I Internacional como um modelo de coexistência do Marxismo com as outras correntes pseudo-socialistas, como uma aceitação por parte de Marx dos diversos tipos de socialismo. A própria actividade da I Internacional demonstra que Marx nunca aceitou a coexistência ideológica com outros tipos

de socialismo pequeno-burguês. Marx no ano de 1867, ou seja três anos depois da criação da I Internacional, pôs fim à influência do Proudhonismo no seio da classe operária e na Internacional.

Marx não conciliava com a actividade cisionista dos dirigentes do socialismo pequeno-burguês que não se submetiam ao centralismo democrático, princípio sobre o qual foi construída a Internacional. Marx punha em primeiro lugar a luta para alcançar a unidade e não a unidade pela unidade. Quando se tratava da defesa dos interesses da classe operária, Marx era severo e não fazia nenhuma concessão. Por exemplo, Bakunine, um dos cabecilhas socialistas pequeno-burgueses, anarquistas, o qual se esforçava por cindir a Internacional e apoderar-se da sua direcção, foi expulso no ano de 1872 do seio da Internacional como um cisionista.

Precisamente esta contínua luta de princípios fez com que o Proudhonismo e o Bakuninismo fossem destruídos como correntes ideológicas enquanto o Lassalismo e o trade-unionismo ficaram bastante debilitados. O Marxismo foi cada vez mais divulgado no seio da classe operária e gradualmente começou a ser uma corrente predominante da classe operária nos fins do século passado. Este era também o objectivo de Marx. O Marxismo é a ideologia da classe operária, é a arma espiritual que a mobiliza e a faz consciente, para se organizar como classe e para as actividades revolucionárias.

E assim aconteceu de facto.

O que foi a Comuna de Paris vista nesta perspectiva?

Como o próprio Marx disse, ela foi o produto espiritual da I Internacional. Os operários de Paris lançaram-se na Revolução Proletária sob a influência do Marxismo e instauraram pela primeira vez a Ditadura do Proletariado.

A luta de Marx, Engels e outros companheiros levou pela primeira vez à criação de partidos políticos da classe operária a nível nacional. Em 1869, por exemplo, criou-se na Alemanha o primeiro partido político da classe operária, o Partido Social-Democrata Alemão ou Partido de Eizenach.

A criação dos partidos operários

A criação dos partidos da classe operária foi uma grande vitória para a classe. Mas o fortalecimento destes partidos, a sua consolidação como Partidos Marxistas Revolucionários, fez-se mediante uma grande luta de classes não só contra os inimigos externos, mas especialmente contra os inimigos camuflados que se encontravam dentro das fileiras do Partido. É o caso de todo o tipo de oportunistas e particularmente dos revisionistas que são inimigos muito perigosos pois levantam a bandeira do marxismo, fazem-se passar por marxistas, mas na realidade não são outra coisa senão defensores da ideologia burguesa, não só no seio da classe operária como dentro do Partido.

Manifestações de oportunismo apareceram pela primeira vez no Partido Alemão, do qual eram membros Marx e Engels. Os dirigentes deste Partido (Bebel, etc.) em oposição com os interesses da classe operária, mantiveram

uma atitude oportunista acerca do problema da unidade. Eles aceitaram a proposta de outra organização reformista que actuava no seio da classe operária com o nome de organização Lassaliana, renunciando aos princípios básicos marxistas sobre os quais haviam construído o Partido. Com esta atitude conciliadora, Marx não estava de acordo e numa crítica enviada aos dirigentes do Partido, a qual é conhecida sob o nome de "Crítica ao Programa de Gotha", analisa o afastamento da direcção do Partido dos princípios e o deslizar para o oportunismo. Qual é a essência da crítica de Marx?

A essência está em, como disse Marx, não se poder fazer comércio com os princípios. Foi isso o que fizeram os dirigentes do Partido: a ditadura do proletariado foi substituída pela tese do "estado livre", a "ajuda estatal", a "sociedade dos produtores"; a Revolução Proletária foi substituída pelas "reformas sociais"; em lugar da palavra de ordem de Marx "Proletários de todos os países uni-vos" foi posta outra, pacifista, sobre a "fraternidade internacional dos povos". Em relação à luta de classes, esta era considerada como uma luta que se desenvolve só no quadro nacional e o campesinato era considerado como uma classe reaccionária. Por tudo isto Marx manifestou-se contra o Programa de Gotha e não conciliou com a atitude oportunista da direcção do Partido.

Pela primeira vez, com esta obra de grande importância, Marx fala acerca do Estado do período transitório do capitalismo ao comunismo, dizendo que entre o capitalismo e o comunismo encontra-se um completo período histórico e o Estado deste período não é outra coisa senão o Estado da ditadura revolucionária do proletariado. Assim, Marx repudiava o ponto de vista expresso no Programa de que o Estado burguês poderia converter-se em "Estado Livre". Nenhum Estado pode ser livre, pois o Estado é um órgão nas mãos de uma classe para dominar outra classe. A classe operária não necessita do Estado para dar a liberdade a todas as classes, mas sim para assegurar a liberdade, a democracia para a maioria e oprimir a minoria – as ex-classes exploradoras e os seus resíduos. Se se fala em completa liberdade, o Estado já não é necessário. Isto só é possível no comunismo. Mas durante todo o período da passagem do capitalismo ao comunismo, como disse Marx, e não ao socialismo, como dizem os revisionistas, o Estado não é livre, mas tem um carácter de classe. É o Estado da classe operária e não pode ser o Estado de todo o povo, como propagam os revisionistas soviéticos, nem pode ser o Estado de todas as classes como propagam os revisionistas italianos, franceses, espanhóis e outros.

Os dirigentes do Partido Alemão daquele tempo esconderam ao Partido esta crítica que lhes fez Marx. Esta crítica foi publicada por Engels 15 anos depois (1891). Porque a publicou Engels? Para repudiar as falsificações que se faziam de Marx, como se ele tivesse conciliado com o Lassallismo ou que era partidário do parlamentarismo burguês.

A união destas duas organizações alemãs da classe operária criou a impressão de que o Partido se ampliou e fortaleceu, mas a história demons-

trou que a união destes dois partidos, numa base reformista, levou posteriormente à degeneração do Partido. Por isso podemos tirar esta conclusão: **o principal não é a quantidade mas sim a qualidade dos membros do Partido.** Marx e Engels ficaram sós, mas nunca renunciaram aos princípios, nem renunciaram aos interesses da classe operária, porque eles estavam convencidos da justeza da sua doutrina. Uma outra conclusão se pode tirar: os marxistas devem em primeiro lugar lutar pela unidade na base dos princípios e devem ter sempre presente o ensinamento de Marx de não comercializar com os princípios independentemente das dificuldades e sacrifícios que se encontrem pelo caminho.

O Partido Alemão cresceu em número mas debilitou-se em relação ao seu espírito revolucionário, porque toda a sua actividade era dedicada à luta parlamentar isto é, à luta legal. Quando a reacção golpeou o Partido, este não estava preparado para trabalhar em condições clandestinas, por isso não estava em situação de passar da legalidade à clandestinidade.

O revisionismo

A história do movimento comunista internacional demonstra que nos momentos de viragem, apresenta-se o maior perigo para o aparecimento desta ou daquela variante de oportunismo.

Precisamente num momento de viragem manifestou-se uma nova variante de oportunismo no Partido Alemão: o revisionismo; quer dizer, a revisão do marxismo ou a crítica à doutrina de Marx. No seio do Partido, havia alguns dirigentes de origem intelectual, pequeno-burguesa, que, aterrorizados pela pressão da burguesia, capitularam e em lugar de continuar a luta contra o capitalismo pelo caminho revolucionário, revêem o marxismo. Pretendem que a classe operária não siga um caminho na base dos ensinamentos do marxismo. **Bernstein**, que foi o seu maior arauto, é conhecido como o pai do revisionismo.

Bernstein exigia que o partido não conservasse o carácter unilateral, mas que fosse um partido multilateral em relação à sua composição. Assim, poderiam ingressar no Partido todas as pessoas que alimentassem carinho pela humanidade e particularmente pessoas "cultas", pois a classe operária, segundo Bernstein, sendo uma classe que se ocupava com o trabalho não estava em situação de assimilar a cultura, era uma classe ignorante. Em segundo lugar, ele dizia que a classe operária não devia seguir o caminho da revolução, o caminho da luta sangrenta, mas sim o caminho da lei e das reformas. Bernstein dizia ainda que se a classe operária se lança na luta de barricadas, o Partido deve-se unir com o governo contra os operários para levantarem as barricadas porque violaram as leis. A máxima de Bernstein era: "o movimento é tudo, o fim não é nada". Para ele, os fins a atingir não interessavam, o que lhe interessavam era as reformas.

Algumas conclusões sobre a luta que desenvolveram Marx e Engels contra algumas manifestações revisionistas de Bernstein:

1. Marx numa carta, chamada "Carta-circular", que enviou à direcção do Partido, punha o acento no facto de que o Partido não devia conciliar com os pontos de vista revisionistas; porque se concilia, o Partido perderá o espírito revolucionário, quer dizer, entra em degenerescência. Marx e Engels defendiam a expulsão dos revisionistas do Partido, caso contrário, eles, apesar de serem só duas pessoas, declarariam abertamente que nada os ligava ao Partido.
2. O Partido da classe operária é o partido da revolução proletária, da ditadura do proletariado. O Partido é o partido da classe operária não só pela ideologia mas também pela sua composição de classe. No Partido, dizia Marx, podem ingressar também elementos de outras classes, mas com duas condições:
   a) não como representantes das classes ou camadas donde provêm, mas sim abraçando a ideologia e os interesses da classe operária;
   b) renunciando a todos os pontos de vista da sua ex-classe e abraçando a ideologia da classe operária. O Partido não é uma salada de classes, mas sim o Partido da classe operária. Por isso uma das questões principais do Partido é a sua composição de classe.

Engels dizia: "É melhor um operário honrado no Partido que dez desertores lassallianos", quer dizer que o que tem importância é a qualidade e não a quantidade.

O esquerdismo

Devemos ter sempre presente, que para sermos autênticos marxistas, devemos lutar também contra o sectarismo. O Partido Comunista não se deve encerrar numa seita, deve ser uma organização ligada às massas, em todos os lugares. Após a morte de Marx, no ano de 1883, a luta contra o oportunismo e o revisionismo foi dirigida por Engels. Engels lutou tanto contra o oportunismo de direita como contra o sectarismo, que quer dizer a separação dos comunistas das massas.

O oportunismo começou a divulgar-se não só no Partido Social-Democrata Alemão, mas também no francês, austríaco, inglês e outros: o sectarismo existia no Partido da classe operária nos EUA.

O sectarismo manifestava-se de duas maneiras:

a) a organização da classe operária nos EUA que se chamava, os "cavaleiros do trabalho", era uma organização formada por grupos separados da classe operária. Isto era devido a que no seu programa faltavam as exigências de carácter democrático, separando-se das massas e da sua luta concreta. Nessa época a luta era a luta pela democracia ligada à luta pelo socialismo;

b) este grupo copiava de forma mecânica a experiência do movimento operário da Europa, caindo assim no dogmatismo, quer dizer, não

aplicava os ensinamentos do marxismo às condições concretas dos EUA que eram mais atrasadas do que as da Europa.

No Partido Comunista Francês, Engels lutou contra os pontos de vista oportunistas em relação à atitude para com o campesinato. Esta atitude oportunista consistia no facto de que o Partido tinha posto no seu Programa a luta pela defesa da pequena propriedade contra a grande propriedade. Isto é uma utopia nas condições de capitalismo, pois sabe-se que a grande propriedade absorve a pequena propriedade. É além do mais uma utopia reaccionária, porque isto não depende das pessoas nem dos desejos do Partido. O Programa deve ser científico e objectivo, quer dizer o Programa deve acentuar que nas condições de capitalismo é inevitável que a pequena propriedade seja absorvida pela grande e o caminho da salvação do campesinato não é declarar a eternização da pequena propriedade, mas sim a aliança com a classe operária para fazer a revolução, para a destruição da grande propriedade que é a verdadeira causa da miséria do campesinato, para instaurar a ditadura da classe operária. Mediante a colectivização da agricultura, nas condições de ditadura do proletariado, o campesinato entra no caminho do socialismo que é o caminho do bem-estar e felicidade.

Os oportunistas esforçavam-se por se apoderarem da direcção do movimento operário internacional. Para isso, eles procuraram criar uma segunda internacional oportunista. Engels era pela criação de uma Internacional Comunista e não de uma organização do tipo da I Internacional e para não deixar que os oportunistas se apoderassem da direcção do movimento operário internacional criou no ano de 1889, em Paris, a II Internacional. Celebraram-se dois congressos: um dos oportunistas e outro dos marxistas.

Enquanto Engels viveu, a Internacional estava em correctas posições revolucionárias. Após a sua morte o oportunismo começou a ganhar cada vez mais posições no seio dos Partidos Social-Democratas, transformando-se num fenómeno internacional.

2. A SEGUNDA GRANDE BATALHA. A BATALHA DE LÉNINE.

A 2ª Grande Batalha do marxismo-leninismo contra as ideias e práticas anti-proletárias, foi desenvolvida por Lénine e durou até ao aparecimento da III Internacional Comunista.

A II Internacional e os partidos social-democratas cairam nas mãos dos oportunistas. A luta contra a II Internacional, desenvolveu-a Lénine e a ele pertence o mérito histórico de ter descoberto e definido a essência do oportunismo, as circunstâncias históricas do surgimento do revisionismo, os seus pontos ideológicos, as raízes de classe e a gnoseologia.

Qual é a essência do oportunismo

Lénine, disse que a essência do oportunismo é a conciliação e a colaboração de classes, a submissão dos interesses fundamentais do proletariado aos interesses da burguesia, ou seja, sacrificar os interesses finais aos interesses momentâneos.

Desta essência do oportunismo resulta quem são os oportunistas e o que é o oportunismo.

O oportunismo, disse Lénine, é uma manifestação da ideologia burguesa nas fileiras dos Partidos Comunistas. Quem são os oportunistas? São aqueles que se convertem em defensores e divulgadores da ideologia burguesa nas fileiras do Partido e da classe operária. Lénine considera o oportunismo como um tumor e os oportunistas como cães de guarda do capitalismo.

Qual é a característica principal dos oportunistas?

A característica fundamental que se destaca nos oportunistas é a instabilidade, a vacilação e a indecisão.

O oportunismo manifesta-se das mais diversas maneiras. Para efeito de estudo, divide-se em oportunismo de direita — revisionismo, e oportunismo de "esquerda" com várias formas: sectarismo, dogmatismo, anarco-sindicalismo, aventureirismo, trotskismo, anarquismo, etc.

Existe também uma forma particular, o centrismo, ou oportunismo que se senta entre duas cadeiras, como lhe chamou Lénine. Independentemente da forma como se manifesta o oportunismo de direita ou de "esquerda", Lénine considerava que eles são os dois lados da mesma moeda.

Qual é a importância que tem a distinção da forma de oportunismo? É de grande importância para se poder definir o inimigo principal do marxismo e ao mesmo tempo onde se deve concentrar o golpe principal. Assim, desde o tempo de Lénine até hoje, o perigo principal continuamente foi o revisionismo. No entanto, o oportunismo de "esquerda", que se manifesta hoje na forma de neo-trotskismo, anarquismo, nas correntes extra-parlamentares, etc., também é um perigo para o marxismo-leninismo.

As condições históricas do aparecimento do oportunismo

Lenine colocou este problema: "o aparecimento do oportunismo é uma coisa casual? " "Acaso se liga só com a traição das pessoas? " "Acaso se liga com as condições particulares deste ou daquele país? ".

Respondendo a estas perguntas, Lénine acenta

Respondendo a estas perguntas, Lénine acentuava que o aparecimento do oportunismo não é uma coisa casual, não está relacionada com a traição de uma pessoa, não é resultado das condições particulares deste ou daquele país. Em primeiro lugar, e **objectivamente**, o oportunismo **é o produto social de**

uma determinada época histórica e das condições específicas dessa época. Concretamente, o oportunismo é produto do imperialismo, é o resultado da pressão tanto da base económica, como da superestrutura do sistema capitalista, do imperialismo, sobre os Partidos Comunistas e a classe operária.

Como compreender isto?

Imperialismo quer dizer domínio dos monopólios. O monopólio domina não só dentro do país, mas oprime e domina os povos de outros países do mundo. Assim a burguesia monopolista assegura lucros fabulosos, disse Lénine, ou super-lucros. Como resultado cria uma potente base económica que lhe dá a possibilidade de gastar algumas migalhas para corromper uma parte da classe operária e dos seus dirigentes. Dá-lhes então salários mais altos, mediante os diversos postos que lhes dá na direcção da economia, administração, estado, etc. Sabe-se que, da classe operária, a burguesia tirou primeiros-ministros, por exemplo, Willy Brandt, assim como ministros, etc., os quais corrompendo-se materialmente, corrompem-se também política e ideologicamente, quer dizer, a base económica do oportunismo é o super-lucro.

Surge a pergunta: "**Porque é que a burguesia corrompe uma parte da classe operária?** "; também isto não é casual mas é ditado por causas objectivas. Concretamente no imperialismo, a classe operária tornou-se uma classe muito poderosa e organizada. Em comparação com a burguesia é muito forte. A burguesia sabe que não tem forças para enfrentar a classe operária. Por isso, para conservar o sistema burguês, a burguesia vê-se obrigada a empregar outros métodos. Um desses métodos é o de minar por dentro o movimento operário e comunista. Nestas ocasiões, o papel da quinta coluna ou de "cavalo de Tróia" desempenha-o o oportunismo, o qual, com a sua actividade, divide a classe operária, debilita a sua actividade revolucionária, afasta-a do caminho da revolução, leva-a pelo caminho das ilusões e das reformas, sabotando o movimento revolucionário, dando desta maneira uma inestimável ajuda ao sistema burguês.

Qual é a conclusão que se tira?

Enquanto existir o imperialismo existirá sempre, também, o perigo e a possibilidade do surgimento do revisionismo, desta ou daquela forma. Por isso, a tarefa dos Partidos Comunistas, é não perder nunca a vigilância, descobrir a tempo e golpear sem piedade toda a manifestação de oportunismo para não lhe permitir que cresça e se fortaleça, para que não se desenvolva numa corrente ideológica dentro do Partido, o que é muito perigoso, pois pode levar à dominação do oportunismo dentro do Partido. Por isso, o PTA, assim como os clássicos do marxismo-leninismo, estão contra a existência de duas linhas dentro do Partido.

A teoria de existência de duas linhas dentro do Partido é oportunista, porque na realidade defender duas linhas no Partido quer dizer aceitar dentro do Partido a colaboração do marxismo-leninismo com o oportunismo, no fim de contas, quer dizer defender o oportunismo.

A segunda conclusão é o ensinamento de Lénine segundo o qual sem lutar contra o oportunismo não se pode lutar contra o imperialismo. Todo aquele que separa a luta contra o oportunismo da luta contra o imperialismo engana e trai a classe operária.

Fontes ideológicas do oportunismo

Lénine na sua obra "Que Fazer? " assinala que há duas ideologias — a burguesa e a proletária. Os pontos de vista dos oportunistas não são outra coisa, disse Lénine, senão pontos de vista dos ideólogos burgueses, pacifistas, humanistas, etc. É também aí que vamos encontrar a fonte dos pontos de vista dos oportunistas. Estes pontos de vista manifestaram-se no seio do marxismo camuflando-se com fraseologia marxista.

As raizes de classe do oportunismo

Quais são as raizes de classe do oportunismo?

São duas:

a) "a aristocracia operária e burocracia operária".

b) a pequena burguesia.

Porque é que a pequena burguesia serve como raiz de classe ao oportunismo?

A pequena burguesia tem uma dupla natureza; é proprietária de meios de produção e como tal está com o capitalismo, mas é também trabalhadora, é explorada e oprimida pelo capitalismo e como tal é aliada da classe operária contra o capitalismo.

Assim como disse Marx, a pequena burguesia é a própria contradição porque tem os dois lados.

Dizia ainda Marx:

"*O* **pequeno burguês** *numa sociedade avançada e como consequência necessária da sua situação social, torna-se por um lado socialista, por outro lado economicista, quer dizer, ele fica pasmado diante da magnificiência da grande burguesia e simpatiza com as dores do povo. Ele é* **simultaneamente burguês e povo.** *(...) Um tal pequeno-burguês divinisa a* **contradição**, *porque a contradição é o fundo do seu ser."*

(Karl Marx, in "Carta a Amenkov", 18-9-1846)

Precisamente esta dupla natureza define a psicologia do pequeno-burguês que se caracteriza pela indecisão e vacilação, de revolucionário a submisso, de individualismo, ao fechar na sua própria concha, pela falta de disciplina e organização.

Nas condições do capitalismo, milhões de pequeno-burgueses do campo e da cidade arruinaram-se de forma inevitável pela concorrência da grande propriedade capitalista e ingressaram nas fileiras da classe operária. Como

consequência, estes novos recrutas, como diz Lénine, infectam a classe operária com a sua psicologia. É pois uma camada que, juntamente com a aristocracia e a burocracia operária, alimenta o oportunismo no seio da classe operária e do Partido.

Geralmente a aristocracia e a burocracia operária constituem a base principal para o aparecimento do revisionismo, enquanto que as camadas pequeno-burguesas convertem-se em base para o oportunismo de "esquerda".

Como conclusão:

Enquanto existir a base económica do oportunismo, enquanto existirem as raízes de classe, ideológicas, existirá sempre a possibilidade do surgimento e infiltração do oportunismo. É precisamente por esta razão que o oportunismo não é uma coisa casual. O oportunismo surge em determinadas condições, ou seja, **as pessoas não nascem nem oportunistas nem traidoras**, elas fazem-se oportunistas em determinadas condições históricas. Por isso tem muita importância a têmpera ideológica e revolucionária dos comunistas, com o objectivo de que eles resistam à pressão da ideologia burguesa de todo o sistema capitalista e permaneçam sempre em posições revolucionárias. O que subestima, por pouco que seja, a têmpera revolucionária diária e a têmpera ideológica passa de marxista a oportunista.

Raízes gnoseológicas ou do conhecimento

Quando se fala das raizes gnoseológicas referimo-nos ao problema do conhecimento mais completo da realidade objectiva tal como ela é; à explicação desta realidade partindo da própria realidade e não das ideias de alguém. Os oportunistas na explicação da realidade partem de lados particulares da realidade, isto é, não tomam o todo. Esta unilateralidade absolutizam-na, elevam-na a teoria. Por exemplo: do sistema capitalista os oportunistas vêem somente a democracia e deixam de lado a parte principal — a opressão e a violência que se exerce sobre a classe operária, quer dizer, não vêem a democracia burguesa como democracia para a minoria e opressão para a maioria, vêem-na como democracia para todos, absolutizam-na.

3. A TERCEIRA GRANDE BATALHA, A BATALHA DE STALINE

A luta de Stáline e do Komintern contra o trotskismo e o Bukarinismo constitui a **terceira grande batalha do marxismo-leninismo contra o oportunismo e o revisionismo**, contra as ideias e práticas anti-proletárias.

O trotskismo e o bukarinismo são duas correntes oportunistas que se manifestaram antes de tudo no PCUS e noutros Partidos Comunistas, particularmente depois da morte de Lénine, como correntes ideológicas anti-marxistas.

Qual é a essência destas duas correntes?

Como se sabe, Lénine descobriu a lei do desenvolvimento desigual dos países capitalistas na fase do imperialismo e a partir daqui elaborou a teoria da possibilidade da vitória do socialismo num ou em vários países.

Depois da vitória da Revolução de Outubro na URSS surgiu o problema: "Acaso poderia edificar a URSS o socialismo apoiando-se nas próprias forças estando cercada por países capitalistas e imperialistas? "

O Partido Bolchevique, com Stáline à cabeça, mantendo-se fiel a Lénine, dizia que o socialismo poderia triunfar num único país. Contra esta linha leninista levantaram-se Trotsky e Bukarine. Os trotskistas elaboraram a teoria da "Revolução Permanente", segundo a qual, na URSS, nas condições concretas desse tempo não se poderia edificar o socialismo. O socialismo, segundo Trotsky, poderia triunfar na URSS só depois da revolução ter triunfado nos países desenvolvidos industriais.

Porque não podia vencer a URSS, segundo Trotsky?

É que, segundo Trotsky, o campesinato que constituía a grande maioria do país era considerado como classe reaccionária. Como consequência, dentro do país dizia Trotsky, a classe operária não tem aliados, não tem onde apoiar-se, não tem sequer aliados externos onde se apoie porque, segundo Trotsky, a revolução no ocidente só poderia desencadear-se dentro de 30 a 50 anos.

Qual é a conclusão que se tira da teoria de Trotsky?

Não tendo a classe operária aliados internos e externos, não estava em condições de manter o poder nem de construir o socialismo, quer dizer, devia capitular. Devia esperar até se fazer a revolução mundial para assegurar, segundo Trotsky, a ajuda estatal do proletariado desses países, para edificar o socialismo na URSS. Assim, Trotsky, especulava com palavras de ordem ultra-esquerdistas, pretendia sacrificar a Revolução de Outubro para o bem da revolução mundial. Por isso, o trotskismo, pela forma, é considerado oportunista de "esquerda". Ele lançava a palavra de ordem da revolução mundial permanente pura, quer dizer, da classe operária sem o campesinato. A destruição ideológica do trotskismo estava relacionada com a vitória do socialismo na URSS e a nível mundial.

O bukarinismo era uma corrente oportunista de direita, anti-leninista. Bukarine lançou a teoria da integração pacífica dos elementos capitalistas da cidade e do campo no socialismo. Segundo ele, o socialismo poderia construir-se, não mediante o desenvolvimento da luta de classes, mas sim com a debilitação e a extinção da luta de classes. Para ele, os kulaks e os capitalistas da cidade integrar-se-iam no socialismo. O poder soviético não os devia combater mas sim ajudar. Esta foi, uma teoria anti-leninista que propagava a edificação do socialismo, mediante a colaboração e a conciliação de classes.

Nenhuma classe, dizia Stáline, desapareceu ou desaparecerá da cena da história voluntariamente. Por isso, a tarefa do Partido Bolchevique era o desenvolvimento consequente da luta de classes, a qual desenvolve-se de forma objectiva, de forma inevitável, entre o caminho capitalista e o socialista, até à completa vitória do comunismo a nível mundial.

XIII

A 4ª grande batalha contra o revisionismo moderno

INTRODUÇÃO

A 4ª grande batalha do marxismo-leninismo contra as ideias e práticas anti-proletárias tem sido desenvolvida contra o revisionismo moderno.

O revisionismo moderno é representado por algumas correntes principais, tais como: jugoslavo, kruchovista, italiano, francês, espanhol ou pelo eurocomunismo como se auto-intitulam, assim como pela **manifestação do novo oportunismo que em essência é também uma corrente revisionista.**

A principal corrente do revisionismo moderno foi e é o revisionismo soviético. As primeiras manifestações do revisionismo moderno apareceram imediatamente após a II Guerra Mundial. A primeira manifestação do revisionismo moderno é o revisionismo browderiano que tomou o nome do ex-presidente do PC dos EUA. Browder propagava que o norte-americanismo, ou seja, a forma de vida norte-americana é o comunismo do século XX, por isso ele estava contra a luta de classes, contra a existência de um Partido Comunista, por isso divulgou um decreto para a liquidação do Partido e a criação de uma organização iluminista. Em geral, Browder assinala que o período pós-II Guerra Mundial era o período no qual todos os países capitalistas desenvolvidos poderiam passar ao socialismo mediante a via pacífica, mediante o desenvolvimento da democracia burguesa.

Apesar de no seu tempo o browderismo ter sido combatido e desmascarado, o movimento comunista internacional não lhe dedicou um cuidado

particular, por isso ele divulgou-se também noutros partidos comunistas, como: Chile, Itália, Austrália, etc.

A primeira manifestação de revisionismo moderno num país socialista é o revisionismo jugoslavo. Mas o revisionismo moderno transformou-se numa corrente internacional só depois da camarilha revisionista ter usurpado o poder na URSS.

1. AS CONDIÇÕES HISTÓRICAS DO APARECIMENTO DO REVISIONISMO MODERNO

Condições objectivas

Ao analisar o revisionismo devemo-nos ater aos ensinamentos de Lenine que diz: o surgimento do revisionismo não é uma coisa casual, mas está relacionado com determinadas condições objectivas históricas, condições que actuando sobre o movimento comunista internacional ou sobre os partidos comunistas, em particular, dão como produto as diversas manifestações do oportunismo.

O revisionismo moderno, assinala o camarada Enver Hoxha, é o resultado de um conjunto de factores objectivos e subjectivos, internos e externos.

Os factores objectivos que influiram no aparecimento do revisionismo moderno são vários.

1. a existência após a II Guerra Mundial, nos países capitalistas desenvolvidos, de uma conjuntura económica relativamente próspera;
2. a existência de um período relativamente pacífico;
3. a extensão do capitalismo monopolista de Estado a novos sectores;
4. o desenvolvimento da revolução técnico-científica;
5. o desenvolvimento fora do comum dos sectores não-produtivos;
6. o desenvolvimento da burocracia sindical e da aristocracia operária;
7. a transformação do colonialismo em neo-colonialismo;
8. a mudança da correlação de forças a favor do socialismo em detrimento do capitalismo.

A existência destas condições históricas converteram-se numa base objectiva para o aparecimento das ilusões em relação ao sistema capitalista e face à posição dos partidos comunistas e da classe operária face ao sistema capitalista.

São precisamente estas ilusões que são o produto destas condições que se convertem na base sobre a qual se fundamentam os pontos de vista e as teorias revisionistas. Por exemplo: sobre a base da extensão a novos sectores do capitalismo monopolista de estado, formou-se a teoria anti-marxista, revisionista, que considera o capitalismo monopolista de estado como um elemento do socialismo. A existência destas condições não levou de forma espontânea ao aparecimento do revisionismo moderno e especialmente à

degeneração dos partidos comunistas; estas condições criam somente a possibilidade ou o perigo do aparecimento e divulgação do revisionismo.

Condições subjectivas

Existem várias causas ou condições subjectivas que permitiram o aparecimento do revisionismo moderno. Entre elas podemos destacar:

1. a posição do Partido face à questão do poder político;
2. a questão da hegemonia do proletariado na luta antifascista e na revolução;
3. o desarmamento da resistência;
4. o legalismo burguês e a luta parlamentar;
5. a composição de classe dos Partidos;
6. a questão da passagem pacífica ao socialismo;
7. a questão da qualidade ou da quantidade nos recrutamentos para o Partido.

O aparecimento ou não do revisionismo neste ou naquele partido, depende em primeiro lugar e sobretudo da atitude do próprio partido para com estas condições objectivas e subjectivas e da compreensão e aplicação com fidelidade dos ensinamentos do marxismo-leninismo.

O aparecimento do revisionismo e a sua chegada à cabeça dos partidos comunistas da Europa Ocidental, antes de tudo, deve-se procurar na atitude e no trabalho destes próprios partidos.

Muitos destes partidos, como o da Itália, França, Bélgica. etc., foram partidos que participaram na resistência contra o fascismo, inclusivé os comunistas foram dos combatentes mais decididos, o que fez com que a sua autoridade viesse crescendo; mas desde este período manifestam-se opiniões e atitudes incorrectas nestes partidos.

As direcções destes partidos não colocavam o problema da direcção da resistência pelos comunistas, mas só o problema da colaboração com os outros partidos políticos.

Além disso, o problema do poder de estado, que é o problema fundamental de toda a luta política, foi esquecido; pelo contrário, passou-se a atitudes oportunistas sobre este problema. Por exemplo: Togliatti que tinha regressado a Itália de Moscovo em 1943, no ano seguinte, em 1944, declarava que o Partido Comunista depois da II Guerra Mundial respeitaria a Constituição.

Após a II Guerra Mundial, os partidos comunistas saíram com uma grande autoridade e com uma força armada, enquanto que as forças fascistas e os seus apoiantes sofreram fracassos; como resultado disso o poder burguês tinha-se debilitado bastante.

Nestas condições, a burguesia viu-se obrigada a fazer uma série de concessões às massas trabalhadoras; foram proclamadas constituições que, pela forma, eram bastante democráticas; permitiu-se a legalidade dos partidos

comunistas e a sua participação nas eleições parlamentares, inclusivé que estivessem no governo.

Em vez de aproveitarem estas condições favoráveis para a organização e desenvolvimento da revolução, os dirigentes dos partidos começavam a cair em posições de cretinismo parlamentar, quer dizer, a acreditar que se poderia chegar ao socialismo mediante o parlamentarismo burguês, considerando-o a forma de luta política superior, negando assim a necessidade da revolução proletária que o marxismo considera como forma de luta superior da luta de classes. Os dirigentes dos partidos italiano, francês, belga, etc., identificavam a luta pela democracia com a luta pelo socialismo. Como resultado o movimento revolucionário nestes países começou a seguir o caminho do revisionismo e os partidos comunistas gradualmente transformaram-se de partidos da revolução em partidos das reformas sociais.

Isto observou-se também na composição de classe destes partidos. Pondo como objectivo a luta parlamentar estes partidos aceitavam nas suas fileiras um grande número de elementos, particularmente **pequeno-burgueses e intelectuais, debilitando** muito **o nível ideológico** dos partidos e especialmente a aplicação das normas de partido. Assim, por exemplo: o Partido Comunista Italiano em 1944 tinha 8 000 membros enquanto que em 1946 chegou a um milhão e meio. Neste sentido influi também o aumento da classe operária com elementos pequeno-burgueses. Metade da classe operária depois da II Guerra Mundial era composta por elementos pequeno-burgueses os quais constituíam uma base para o aparecimento do revisionismo e do oportunismo.

O aparecimento do revisionismo moderno na URSS e a sua ida para o poder foi um enorme reforço para os elementos revisionistas nos Partidos Comunistas, os quais só esperavam o momento para sair abertamente contra o marxismo-leninismo. E assim sucedeu na verdade imediatamente após o XX Congresso do PCUS em 1956; surgiu o Togliattismo como uma corrente ideológica antimarxista.

2. AS CONDIÇÕES E AS CAUSAS DO APARECIMENTO DO REVISIONISMO NA URSS

Também aqui o PTA pensa que na análise do aparecimento do revisionismo se deve tomar em conta tanto os factores objectivos como os subjectivos, tanto os factores internos como os externos.

Condições externas

O revisionismo kruchovista é produto da pressão imperialista de fora e da influência burguesa interna. No que se refere à pressão do imperialismo de fora, depois da II Guerra Mundial a autoridade da URSS cresceu imenso assim como cresceu o seu

potencial económico e militar; a revolução socialista triunfou também numa série de países da Europa Oriental. **Uma grande vitória para as forças do socialismo foi a vitória da revolução na China.**

Neste período fortaleceu-se muito o movimento de libertação nacional assim como o movimento comunista e operário internacional; por outro lado as forças do imperialismo e da reacção debilitaram-se na Alemanha, Itália e Japão que sairam destruídos da II Guerra Mundial, enquanto que a França, Inglaterra e outros países sairam debilitados desta guerra; só os EUA sairam com posições mais fortes. Também o início da destruição do colonialismo mundial, era um factor para o enfraquecimento das forças do imperialismo e da reacção.

Em geral verifica-se uma mudança favorável às forças da revolução e do socialismo, e desfavorável às forças do imperialismo e da reacção. É precisamente esta razão objectiva que obriga o imperialismo norte-americano a colocar-se à cabeça da luta contra o socialismo e o comunismo para salvar o sistema capitalista; para isso empregou dois métodos de luta. No início deu importância à pressão militar; não foi casualmente que os Estados-Unidos lançaram a bomba atómica em Nagasaki e Hiroshima em Agosto de 1945.

A chantagem atómica contra a URSS começou a converter-se numa política oficial dos EUA contra a URSS e os outros países socialistas. À volta destes países começou a criar-se o bloqueio económico e militar. Os EUA criaram cerca de 300 bases militares em todo o mundo e especialmente em redor da URSS.

Toda esta pressão tinha por objectivo atemorizar e submeter os países socialistas. Enquanto Staline era vivo, o Partido Bolchevique seguia uma justa linha de luta dente por dente contra o imperialismo; a pressão deste não causou grandes e sérias brechas. Evidentemente na URSS e noutros países perante esta pressão muitos elementos capitularam, mas em geral o Partido permaneceu em posições correctas.

Condições objectivas internas

Entre as condições e causas internas do aparecimento do revisionismo na URSS, existem as que são de carácter objectivo e as que são de carácter subjectivo. Naturalmente a pressão do imperialismo por fora, disse o camarada Enver Hoxha, entrelaça-se com a influência burguesa interna e actua particularmente mediante a frente interna. Também dentro do país existem condições objectivas que influem sobre o Partido Comunista e a classe operária, como são os resíduos das ex-classes exploradoras e a sua ideologia, os seus modos estranhos de vida, comportamento, costumes, herdados do passado, assim como existem também condições que se relacionam com o desenvolvimento da economia; existe particularmente o direito burguês sem a burguesia, o problema da distribuição dos bens materiais. Assim, o entrelaçamento das condições externas com as

internas de carácter objectivo, criam uma base, a qual constitui um perigo real para o surgimento do revisionismo e para a degeneração do socialismo.

Em relação com as condições históricas do aparecimento do revisionismo na URSS, observemos quais foram os factores objectivos internos da URSS que levaram a esse aparecimento.

Em primeiro lugar, sabe-se que durante a II Guerra Mundial uma grande parte do **território** da URSS foi **ocupado** pelos fascistas alemães. Neste território **foi reinstaurado o sistema capitalista**. A reinstauração da propriedade privada trouxe como consequência o reavivar da psicologia pequeno-burguesa. Com o fim da guerra, apesar de todo o trabalho do Partido Bolchevique, os sentimentos pequeno-burgueses foram bastante fortes e deve-se dizer que a psicologia pequeno-burguesa é uma base para o surgimento do oportunismo.

Em segundo lugar a vitória da URSS sobre a Alemanha foi um grande êxito, e como disse Staline, **os êxitos e vitórias têm também o seu lado negativo.** Precisamente este grande êxito alcançado pela URSS teve como consequência as manifestações de orgulho, o embriagar-se com os êxitos, a não valorização necessária da educação ideológica, a redução da vigilância revolucionária. Apesar de Staline ter lutado enquanto viveu contra estas manifestações, elas não foram combatidas até ao fim, a própria vitória alcançada e os êxitos obtidos foram uma base para a sua divulgação.

Em terceiro lugar a URSS foi o país que sofreu os maiores danos humanos e materiais durante a II Guerra Mundial. Estas perdas criaram no povo soviético os sentimentos de **ódio contra a guerra**, o qual era justo mas mais tarde manifestaram-se os sentimentos de **ódio contra todo o tipo de guerra**, incluindo também a luta revolucionária. Quer dizer, divulgaram-se os sentimentos do pacifismo. Foram estas circunstâncias que se criaram objectivamente, depois da morte de Staline, que foram aproveitadas pelos elementos oportunistas como Kruchov, Mikoyan, Brejnev, que se encontravam camuflados no Partido Bolchevique e, assim como o declarou o próprio Brejnev, esperavam só o momento para actuar no seio do Partido Comunista.

Em quarto lugar na URSS, apesar da recomendação de Lénine de que as **diferenças salariais** não deviam ultrapassar o limite de 1 a 4, essas diferenças eram bastante maiores. Lembremo-nos que, por exemplo na Albânia, essas diferenças vão apenas de 1 a 2 ou 2,5. Tais diferenças salariais entre os quadros e os operários e camponeses criaram uma base objectiva para o aparecimento duma casta privilegiada que procura assegurar a manutenção desses privilégios.

Causas internas subjectivas

Apesar disso a causa principal da chegada ao poder dos revisionistas, da sua chegada à cabeça do Partido Bolchevique e posteriormente da degeneração do socialismo na URSS, é resultado, em primeiro lugar, das debilidades e deficiências que existiam no Partido Bolchevique.

O camarada Enver Hoxha no seu artigo "A classe operária nos países revisionistas deve descer ao campo de batalha e reinstaurar a ditadura do proletariado", assinala que as causas principais da chegada dos revisionistas à cabeça do Partido Bolchevique devem-se buscar nas deficiências e erros do próprio Partido Bolchevique.

A educação marxista-leninista no Partido Bolchevique não se fez sempre e em todas as etapas com o mesmo ritmo e a mesma profundidade; teve erros e vazios, apesar de Staline e o Partido Bolchevique colocarem correctamente e com força o problema da educação marxista-leninista. Isto sucedeu sobretudo no período depois da II Guerra Mundial e especialmente depois da chegada de Kruchov à cabeça do Partido Bolchevique em 1953.

Quais são pois as causas subjectivas internas?

Em primeiro lugar na educação marxista-leninista inclui-se demais uma elite, enquanto que é subestimada a educação dos comunistas, da classe operária e das massas trabalhadoras. Isto teve duas consequências: **nos quadros inspirou os sentimentos intelectualistas,** do democratismo e do orgulho, enquanto que **na massa** dos comunistas e da classe operária **inspirou o sentimento do indiferentismo e do apoliticismo.** Particularmente isto levou à criação da concepção revisionista **"quem sabe é a direcção".** Como consequência da criação desta concepção durante a usurpação do poder pelos kruchovistas, a classe operária ficou passiva porque não estava preparada ideologicamente para reagir contra a traição revisionista.

Em segundo lugar, a **educação** marxista-leninista **teve debilidades no conteúdo**; teve uma separação da teoria com a prática. **A educação teve mais o carácter escolástico, livresco e académico,** não se relacionava como devia com a vida e a prática revolucionária. Isto teve como consequência que a escola soviética não preparava como devia revolucionários para a vida e para a prática revolucionária, mas pessoas que corriam atrás dos diplomas, dos postos e dos escritórios. A educação não estava em condições de lutar e limpar as debilidades, deficiências e manifestações estranhas que se manifestavam nos quadros e nas pessoas.

Em terceiro lugar foi a queda no **economicismo**. A classe operária e os comunistas soviéticos começaram a dedicar mais atenção ao problema da produção, não valorizando como deviam os problemas políticos e ideológicos. Estas deficiências e debilidades no Partido Bolchevique e na classe operária, explicam o facto de que os comunistas e, especialmente a classe operária, permaneceram indiferentes face à traição revisionista. Esquecia-se que a força motriz da sociedade socialista também é a luta de classes.

Em quarto lugar foi a não aplicação do centralismo democrático dentro do Partido Bolchevique.

Para além do problema da educação comunista, houve deficiências e

debilidades na compreensão ideológica e na aplicação de forma revolucionária **dos princípios e normas da vida interna no Partido.** Isto, o camarada **Enver Hoxha considera-o mortal** para um Partido Comunista.

Enquanto esteve **vivo**, Lenine, no Partido Bolchevique **as normas eram justas; no tempo de Staline eram também justas, mas na prática começaram a deturpar-se e a não se aplicar correctamente,** particularmente pelos oportunistas e elementos hostis camuflados no seio do Partido, e depois tal prática anti marxista-leninista generalizou-se aos demais comunistas. Isto foi expresso na atitude do Partido Bolchevique para com o grupo revisionista de Kruchov. Os dirigentes do Partido não compreenderam correctamente, nem aplicaram de forma revolucionária, o grande problema da unidade no Partido Bolchevique, como um dos princípios fundamentais da edificação e vida do Partido. Eles compreenderam e aplicaram a unidade não como unidade revolucionária, mas como unidade pela unidade, como unidade de "camaradas".

Uma das debilidades na compreensão ideológica e de pôr em prática os princípios e normas revolucionárias, é o problema do vínculo da direcção do Partido com a base e do Partido com a classe operária e as demais massas. Assim como disse Staline, a força do Partido está nos seus vínculos com a classe e as massas. Os dirigentes soviéticos na sua luta contra o grupo de Kruchov, separavam-se da base do Partido, da classe operária e das massas, actuando num estreito círculo fechado; na sua luta não chamavam o Partido nem a classe operária, pelo contrário, demonstravam-se, disse o camarada Enver Hoxha, apáticos e covardes. Desta posição antimarxista e anti-revolucionária da direcção do Partido Bolchevique aproveitou-se o grupo de Kruchov para usurpar, mediante o golpe, a direcção do Partido e do Estado.

Em quinto lugar uma das outras condições de carácter subjectivo está relacionada com o **o problema da luta contra o burocratismo** o tecnocratismo, o intelectualismo e o liberalismo.

Os quadros soviéticos fizeram a revolução de Outubro e lutaram com abnegação para a edificação do socialismo na URSS, mas com a passagem do tempo, especialmente com a implantação da estabilidade e tranquilidade, numa parte dos quadros da URSS, começaram a manifestar-se algumas posições não revolucionárias, e especialmente em relação ao problema da atitude face à classe operária e às massas. Com a assimilação da educação e da cultura, com a assimilação de uma grande experiência nos quadros soviéticos, começou a criar-se a opinião de que "são eles que fazem tanto o sol como a lua", o que levou à **separação dos quadros das massas;** quer dizer, à sua **burocratização. Considerando-se acima das massas, estes quadros começaram a pretender também privilégios,** a correr atrás dos postos, da comodidade pessoal. Estes elementos converteram-se na base social dentro do país, sobre a qual surgiu e se apoiou o grupo revisionista de Kruchov. Estes elementos com a chegada de Kruchov ao poder formaram a casta de burocratas e tecnocratas que, com a degeneração da URSS, formam a nova classe burguesa, classe que tem como representante a própria política do Partido degenerado da URSS.

Em sexto lugar, uma das causas da chegada do revisionismo ao poder é o facto de que **o exército soviético,** gradualmente e cada vez mais, **começou a separar-se da direcção do Partido Bolchevique** e a colocar-se sob a direcção de uma casta de marechais e generais que têm como objectivo o golpe de estado e o bonapartismo, como foi Jukov, Malinovski, Kruchov, etc., os quais se converteram em instrumentos do grupo de Kruchov para empregar o exército soviético, para a tomada do poder mediante o golpe de estado e para realizar a contra-revolução na URSS, para a sua degeneração e reinstauração do capitalismo.

XIV

A luta do PTA contra o revisionismo Jugoslavo

O Partido do Trabalho da Albânia começou a luta contra o revisionismo a nível internacional desde o primeiro ano da sua formação.

Em primeiro lugar começou a luta contra as **primeiras manifestações de uma corrente revisionista**, que foi o **revisionismo jugoslavo**, desde o ano de 1942. O PTA e o PCJ, que dirigiam a luta do povo albanês e do povo jugoslavo, contra o inimigo comum, dois países vizinhos, vincularam-se estreitamente um com o outro. Mas desde o início, o PTA constatou que a direcção do PCJ, nas relações com o PTA, não actuava na base dos princípios e das regras do marxismo-leninismo, mas tentava impor ao PTA, os seus próprios pontos de vista e opiniões.

Além disso, tentava transformar o PTA numa parte do PCJ. Para este fim, desde o período da luta de libertação nacional, a direcção do PCJ, começou a intervir nos assuntos internos do PTA, pensando que o PTA era um partido novo e sem experiência e poderia submetê-lo, de forma a que este obedecesse à direcção jugoslava.

Mas o PTA e particularmente o camarada Enver Hoxha, no que diz respeito aos pontos de vista jugoslavos, começou a resistir às pressões da direcção jugoslava e a combater os seus pontos de vista e as posições erradas. Para submeter o PTA, a direcção jugoslava começou por acusar a direcção do PTA, que tinha à cabeça o camarada Enver Hoxha, de não seguir um caminho marxista-leninista.

Assim no ano de 1943, um dos principais dirigentes do PCJ, D. Tempo, acusou o PTA de atitudes oportunistas e mais tarde por posições sectárias. Um ano mais tarde novamente este dirigente que mantinha relações com o PTA acusou o PTA de posições nacionalistas e chauvinistas, nas relações e na atitude do PTA com os albaneses que se encontravam no território jugoslavo de Kacova e Methy. De facto o PTA guiado pelos sentimentos do internacionalismo proletário, sob o pedido do PCJ enviou em ajuda do povo jugoslavo, começando desde Maio de 1942, cerca de 20 mil guerrilheiros albaneses lutaram ao lado do exército de libertação jugoslavo para a libertação dos povos jugoslavos. Mais de 600 guerrilheiros albaneses deram a vida para a libertação dos povos da Jugoslávia.

A intervenção jugoslava nos assuntos do PTA e da Albânia chegou ao seu ponto culminante nas vésperas da libertação. No segundo pleno do Comité Central do PCA que se reuniu em Outubro de 1944 em Buat, o enviado do PCJ, organizou pelas costas da direcção do PCA, com elementos oportunistas no seio do PCA, Koçi Xoxe, Pandi Kristo e outros, um golpe com o objectivo de derrubar a são direcção do PCA e particularmente o camarada Enver Hoxha, sob a falsa acusação de que a direcção do PCA havia seguido um caminho errado e sectário. Como se verificou mais tarde, esta actividade anti-marxista da direcção jugoslava não foi casual. Na realidade, assim como o assinalou o camarada Enver Hoxha, a direcção do PCJ não estava constantemente em posições correctas marxistas-leninistas, pelo contrário na sua direcção estiveram continuamente elementos oportunistas e traidores. Desde a sua fundação em 1921 até 1936, na direcção do PCJ mudaram-se dez secretários gerais, uma parte dos quais foram agentes comuns da polícia secreta. No Partido predominava o fraccionismo e a cisão. O próprio Tito considerou que o PCJ era um Partido que tinha uma autoridade débil no Komintern, por causa do cisionismo e fraccionismo. Desde 1925 o Komintern e Stáline criticaram os pontos de vista oportunistas e anti-marxistas da direcção do PCJ em relação ao problema nacional. Em 1937 à cabeça do PCJ chegou Tito, o qual tinha acentuadas tendências oportunistas e foi agente da Inglaterra. Com o início da luta de libertação nacional da Jugoslávia o PCJ, põe-se à frente da luta, mas na direcção do Partido havia um grupo, com Tito à cabeça, que estava ao serviço do imperialismo inglês. A direcção jugoslava aproveitou a luta do povo jugoslavo para aumentar o seu próprio prestígio, para camuflar-se como comunista e para fortalecer as suas próprias posições no PCJ, assim como também para liquidar uma boa parte de verdadeiros comunistas. A direcção do PCJ, desde o início da luta começou a manifestar as suas atitudes e pontos de vista anti-marxistas, a servir o imperialismo inglês. Assim em Julho de 1943 a direcção jugoslava lançou a proposta para a criação de um grande Estado-Maior dos Balcãs e propôs ao PC Albanês e ao PC Grego para criar um Estado-Maior conjunto com o objectivo de pôr o exército albanês e grego debaixo da direcção do Estado-Maior jugoslavo. De facto esta ideia havia sido inspirada pelo imperialismo inglês, o qual fazia todo o

possível para intervir nos Balcãs, para destruir o potente movimento, particularmente na Jugoslávia, Albânia e Grécia. Como instrumento, o imperialismo inglês empregava o grupo nacionalista de Tito. Tito mantinha estreitos vínculos, directamente com Churchill, inclusivé Tito encontrou-se várias vezes com Churchill no Mediterrâneo. Para junto do Estado-Maior de Tito, Churchill enviou o seu filho e vários dos seus melhores especialistas militares e políticos. Desde o início do período da luta a direcção jugoslava não fazia diferenciação da guerra que fazia a União Soviética por um lado, com a guerra que fazia a Inglaterra e os Estados Unidos da América, por isso Tito intencionalmente colocava-as no mesmo plano, criando assim ilusões durante a luta sobre o imperialismo anglo-americano. Depois da II Guerra Mundial a direcção jugoslava foi empregue pelo imperialismo não só para obstar à construção do socialismo na Jugoslávia mas também como 5ª coluna ou como cavalo de Tróia para minar por dentro o MCI e particularmente o campo socialista.

A actividade anti-marxista, cisionista, da direcção jugoslava, mais do que em todas as partes, observou-se nas intervenções contra a Albânia, aproveitando-se das relações estabelecidas com o PTA e a Albânia. Sob a etiqueta de um país socialista e de um Partido Comunista, criou um grupo fraccionista na direcção do PTA, interveio de uma forma brutal nos assuntos internos da Albânia e esforçou-se por impor ao PTA a sua linha anti-marxista; nas relações económicas impôs à Albânia acordos e tratados de tipo colonial. Exigiam que a Albânia ficasse um país atrasado, agrícola, pretendendo que no que diz respeito a artigos industriais seria abastecida pela Jugoslávia.

Para submeter o PTA, a direcção jugoslava e pessoalmente Tito, mediante duas cartas, acusou duas vezes o PTA e a sua direcção. Uma vez dizendo que na Albânia se tinha criado uma frente anti-jugoslava e uma outra vez, através de posições autárquicas, os jugoslavos lançaram a proposta de que a Albânia se convertesse numa 7ª República socialista da Jugoslávia. Desde que o PTA rechaçou esta proposta a Jugoslávia criou uma falsa questão de que a Albânia ia ser atacada pela Grécia, e pediram oficialmente para enviar algumas divisões jugoslavas para a Albânia, com o objectivo de ocupar militarmente a Albânia. O camarada Enver Hoxha e o PTA opuseram-se a esta proposta. A sua intervenção tornou-se tão flagrante que no 8º Pleno do Comité Central do PTA no ano de 1947, o qual foi considerado como o pleno negro, os apoiantes da linha revisionista jugoslava, tendo à cabeça Koçi Xoxe, lograram impor ao PTA a linha revisionista jugoslava, mas o camarada Enver Hoxha permaneceu à cabeça do Partido. Depois que o PTA se informou também das cartas que Stáline enviara à direcção jugoslava no que diz respeito aos seus erros e ao seu afastamento do marxismo-leninismo, tornou-se completamente claro que o PCJ seguia objectivos anti-marxistas, chauvinistas, contra o PTA.

Em Junho do ano de 1948 o Bureau de Informação desmascarou abertàmente a direcção do PCJ pelo seu afastamento do marxismo-leninismo

e pela sua colaboração com o imperialismo. Esta foi a primeira manifestação do revisionismo moderno.

Noutra resolução no ano de 1949 o Bureau de Informação condenava a Jugoslávia como um país em que o capitalismo estava a ser restaurado, sendo a direcção da Jugoslávia considerada como colaboradora e agente do imperialismo. Enquanto viveu Stáline, o movimento comunista internacional tinha uma atitude única, frente ao revisionismo jugoslavo e por este motivo o revisionismo jugoslavo foi isolado.

A seguir à morte de Stáline, Kruchov e os seus colaboradores, o primeiro passo que deram para porem em prática a sua linha contra-revolucionária na cena internacional, foi acercarem-se da camarilha de Tito. Kruchov de forma arbitrária anulou as decisões do Bureau de Informação e empreendeu os primeiros passos para a reabilitação da camarilha de Tito. Em Maio de 1955 Kruchov à cabeça de uma delegação do Partido e do governo soviético foi a Belgrado, tendo declarado publicamente que o Partido Jugoslavo e Tito haviam sido condenados injustamente por Stáline. Além disso declarou novamente a Jugoslávia um país socialista e o Partido Jugoslavo, como um partido marxista-leninista. Dois dias antes de ir a Belgrado, Kruchov enviou uma carta ao PTA, na qual o informava que ia a Belgrado. O PTA em resposta expressou a sua opinião assinalando que o PTA não estava de acordo com a reabilitação do PCJ, porque o PTA em oposição ao PCUS tinha a convicção que a direcção do PCJ, assim como o havia definido o Bureau de Informação e Stáline, era uma direcção anti-marxista e a Jugoslávia um país que havia restaurado o capitalismo. O PTA não estava de acordo com a atitude arbitrária da direcção do PCUS, para anular de uma forma arbitrária as decisões do Bureau de Informação, violando assim os princípios e as normas leninistas que regem as relações entre os partidos marxistas-leninistas.

O PTA foi dos únicos partidos que permaneceu fiel às decisões do Bureau de Informação e desenvolveu até hoje uma luta consequente de princípios contra o revisionismo jugoslavo.

Aos revisionistas soviéticos, a reabilitação dos revisionistas jugoslavos, era-lhes necessária por duas razões:

1. Para os ter como aliados na luta contra o marxismo-leninismo
2. Para os empregar como ponte de comunicação com o imperialismo norte-americano e desta forma se poder vincular com o mesmo.

A atitude de Kruchov deu a possibilidade aos revisionistas jugoslavos de se reavivarem na arena internacional e de desenvolverem uma febril actividade anti-marxista e contra-revolucionária. Os revisionistas jugoslavos em colaboração com o imperialismo norte-americano converteram-se no apoio principal da contra-revolução que estalou na Hungria em 1956. De forma análoga actuaram também na Albânia, os elementos oportunistas no seio do Partido por directrizes directas de Tito. Estes elementos organizaram na Conferência do Partido na região de Tirana em Abril de 1956, um ataque contra a direcção do PTA, com o objectivo de que o PTA, assim como os outros partidos

comunistas, reanalizassem a sua linha e aceitassem a linha revisionista do XX Congresso do PCUS. Apesar disso o PTA permaneceu fiel ao marxismo-leninismo. Destruíu os apoiantes do titismo e os do kruchovismo, dentro do PTA, fortalecendo assim a unidade marxista-leninista nas suas fileiras. Esta atitude deu-lhe a possibilidade de lutar de forma consequente contra o revisionismo contemporâneo.

No ano de 1958 no seu VII Congresso os revisionistas jugoslavos aprovaram o seu novo programa, no qual sistematizaram as teorias e os seus pontos de vista revisionistas. Este programa serviu como lei para todo o revisionismo moderno naquele tempo.

O PTA não só desmascarou politicamente o revisionismo jugoslavo, mas também de forma particular dedicou importância à luta ideológica para descobrir o conteúdo anti-marxista das teorias e pontos de vista dos revisionistas jugoslavos.

1. **Em primeiro lugar** o PTA desmascarou os pontos de vista anti-marxistas dos revisionistas jugoslavos **em relação ao Partido e ao seu papel dirigente.** Segundo os revisionistas jugoslavos o Partido Comunista não deve ter o papel dirigente na revolução proletária, pois nas actuais condições, segundo eles, o processo de passagem ao socialismo poderá ser dirigido também por outros partidos políticos, sejam eles partidos da classe operária, partidos da social-democracia ou partidos socialistas, etc., e inclusivé os sindicatos. Segundo eles, isto tornou-se possível porque todo o mundo se está integrando de forma pacífica no socialismo.

Em 1976 Tito, num dos seus discursos, declarou que a Jugoslávia tem o mérito de ter divulgado o socialismo em África.

Além disso, os revisionistas jugoslavos negam também o papel do Partido na edificação do socialismo, pois, segundo eles, o Partido não deve ter o papel dirigente e organizador em toda a vida do país; não deve dirigir nem o Estado nem a economia, nem deve tratar do problema dos quadros, mas sim que deve ser simplesmente uma organização que impulsiona ideologicamente as massas trabalhadoras no processo de edificação do socialismo. Um tal partido, os revisionistas declaram-no como um partido de tipo novo, pondo-se segundo eles contra o partido de tipo clássico. Como resultado destes pontos de vista anti-marxistas o PCJ degenerou num partido burguês.

2. **Em segundo lugar é a posição em relação ao Estado da ditadura do proletariado.** Os revisionistas jugoslavos estão contra o Estado da ditadura do proletariado. Para eles, o Estado e o socialismo são duas concepções inconciliáveis entre si. Por isso, segundo eles, o Estado da ditadura do proletariado deve extinguir-se e eliminar-se imediatamente depois da vitória da revolução proletária, porque senão cair-se-ia de forma inevitável na burocratização, transformando-se o Estado num organismo que se contrapõe às massas trabalhadoras, negando a democracia das massas. Os revisionistas jugoslavos põem o sinal de igualdade entre o Estado de ditadura do proletariado e o capita-

lismo monopolista de Estado, considerando ambos como duas formas antigas de socialismo.

3. **Os revisionistas jugoslavos** levantando-se contra a teoria e a prática do socialismo científico, **desenvolveram a teoria do socialismo específico,** segundo o qual o socialismo não se pode construir segundo algumas leis gerais do marxismo-leninismo, mas segundo as condições de cada país. Desta forma, eles elaboraram o chamado socialismo auto-gestionário, o qual propagam como o único socialismo, que se apoia nos ensinamentos de Marx e Lénine, enquanto que o socialismo construído na União Soviética no tempo de Estáline, o socialismo construído na Albânia, declaram-no como socialismo burocrático, que deturpou os ensinamentos de Marx e Lénine. **Qual é a essência deste "socialismo"?** O socialismo, segundo eles, deve-se construir não concentrando os meios de produção nas mãos do Estado, quer dizer, da classe operária, como classe dominante e dirigente, e dirigindo a economia total e a vida do país de forma centralizada e planificada, mas sim deve-se descentralizar os meios de produção dando esses meios de produção, quer dizer as fábricas, as minas, os transportes, etc., para autogestão aos diversos grupos operários e trabalhadores. A classe operária teria era de renunciar ao seu papel dirigente no Estado Socialista. Assim, dizem eles, aplica-se na realidade a autêntica democracia da classe operária e das massas trabalhadoras e os trabalhadores convertem-se em verdadeiros proprietários dos meios de produção.

Na realidade, Marx e Engels desde o Manifesto do Partido Comunista assinalaram que a classe operária depois de se tornar em classe dominante, concentra os meios de produção nas mãos do Estado da ditadura do proletariado, cria a propriedade de Estado, propriedade de todo o povo, como forma superior da propriedade socialista. É a concentração dos meios de produção nas mãos do Estado que cria a autêntica igualdade real para todos os trabalhadores face aos meios de produção. Pelo contrário a divisão da propriedade de Estado em propriedade de grupos particulares de operários cria uma base para o aparecimento das relações capitalistas de produção e para o aparecimento das leis que actuam na sociedade capitalista. Assim, por exemplo, a base de toda a produção das empresas jugoslavas está no princípio do lucro e não no princípio socialista do cumprimento das necessidades das massas trabalhadoras. A divisão da propriedade faz desaparecer a centralização e a planificação, ressuscita a acção das leis da anarquia e da concorrência.

A reinstauração das relações da economia capitalista na Jugoslávia expressam-se antes de tudo na distribuição dos bens materiais. Engels disse que as relações económicas antes de tudo se expressam na forma de interesses. Na Jugoslávia a remuneração entre o salário do director da empresa e o salário médio de um trabalhador é, oficialmente, de 1 para 20 a 1 para 40, segundo Tito.

Apesar de oficialmente e juridicamente as fábricas, as minas, os transportes, etc., serem declarados como propriedade dos operários, segundo Tito, nestes últimos anos muitos directores e outros dirigentes da Economia e do Estado jugoslavo transformaram-se em multimilionários e têm depositado divisas nos bancos do estrangeiro. Assim só formalmente a classe operária é proprietária dos meios de produção, porque na realidade os proprietários são os que se apropriam desta propriedade. Do outro lado a classe operária estando dividida, vê apenas os estreitos interesses do grupo e não actua como uma classe que desempenha o papel hegemónico, assim como o desempenha a classe operária na Albânia.

Na realidade, os pontos de vista do revisionismo jugoslavo sobre o socialismo autogestionário não são outra coisa senão uma cópia dos pontos de vista dos fundadores do anarquismo, Proudhon e Bakunine, os quais propagavam que se devia entregar as fábricas aos operários e estavam contra qualquer Estado, mesmo contra o Estado Socialista.

Como conclusão: os revisionistas jugoslavos são na actualidade os maiores defensores dos pontos de vista dos anarquistas. Aplicam na prática os pontos de vista de Proudhon e dos seus seguidores. Os revisionistas jugoslavos empregam a sua teoria da auto-gestaõ operária, para justificar ideologicamente a reinstauração do capitalismo na Jugoslávia. A Jugoslávia actualmente é um país capitalista no qual actuam as leis do sistema capitalista. Vejamos:

a) **Na Jugoslávia** como em todos os países capitalistas **existe um desemprego muito grande.** Oficialmente, hoje, na Jugoslávia encontram-se 700 000 desempregados. Foi assim que cerca de 1,5 milhão de operários jugoslavos emigraram para os países capitalistas desenvolvidos.

b) **A Jugoslávia,** começando em 1960, assim como o mundo capitalista, **foi atingida por três crises económicas** resultantes do facto da sua economia se encontrar debaixo do inteiro controlo dos monopólios norte-americanos, ingleses, franceses, alemães e outros.

c) **A Jugoslávia recebeu** cerca de 12 mil milhões de dólares de **empréstimos do imperialismo** americano e dos imperialistas de outros países, declarando que por meio destes empréstimos está construindo o socialismo.

d) **Na Jugoslávia,** especialmente no campo, mas também na cidade, **existe a propriedade privada** na sua forma clássica: 90°/o das terras jugoslavas são propriedade privada, existindo somente algumas cooperativas agrícolas do tipo capitalista.

e) Nas aldeias jugoslavas reconhece-se por lei o **direito da venda, do aluguer da terra e da compra de mão-de-obra.**

f) Também na cidade se reconhece por lei o direito de cidadania, para a criação das empresas económicas nas quais se pode empregar mão-de-obra até cinco pessoas, apesar de que de facto há empresas nas quais trabalham dezenas de operários.

g) Uma consequência da reinstauração do capitalismo é também a

agudização do problema nacional na Jugoslávia. A Jugoslávia é uma federação composta por seis repúblicas e algumas nacionalidades. Como resultado da reinstauração do capitalismo, existe um desigual desenvolvimento nas diversas repúblicas e nacionalidades. Na Jugoslávia, disse o camarada Enver Hoxha, dominam dois grupos burgueses: um é o grupo burguês da Croata-Eslovaco com Tito à cabeça e o outro é o grupo burguês Sérvio. Estes grupos burgueses estão em aguda rivalidade pelo poder, dentro e fora do país. Cada um deles apoia-se numa das superpotências: o grupo Croata-Eslovaco, com Tito à cabeça, tem o apoio do imperialismo norte-americano, enquanto que o grupo Sérvio tem o apoio do social-imperialismo soviético. Contudo deve-se dizer que Tito, que tem o apoio do imperialismo norte-americano, colabora com o social-imperialismo soviético e isto é demonstrado pela visita que Tito fez recentemente à União Soviética (Agosto de 1977).

4. Também no plano político **a Jugoslávia seguiu uma política totalmente antimarxista e pró-imperialista,** apesar de oficialmente declarar seguir uma política de não-alinhamento.

Assim, como declarou o camarada Enver Hoxha no VII Congresso — o revisionismo jugoslavo continua a ser uma das principais correntes do revisionismo moderno:

a) porque serve aos outros revisionistas, concepções e práticas acabadas, anti-marxistas.
b) porque com a sua demagogia de política de não-alinhados, traz um grande prejuízo à luta dos povos que lutam contra o imperialismo e o social-imperialismo.
c) porque aproveitando as divergências que têm com os revisionistas soviéticos, esforça-se por criar a impressão de que luta contra a política hegemónica do social-imperialismo soviético a partir das posições do marxismo-leninismo.

O PTA, seguindo a política de boa vizinhança com a Jugoslávia, como declarou o camarada Enver Hoxha no VII Congresso, continua a luta ideológica para o desmascaramento definitivo do revisionismo jugoslavo.

A luta do PTA contra o revisionismo jugoslavo tem não só importância para o PTA, mas também para todas as forças marxistas-leninistas, para desenvolver uma luta frontal e consequente contra todos os revisionistas modernos, uma das correntes do qual é o revisionismo jugoslavo. As características do revisionismo jugoslavo, mais claramente do que em qualquer coisa, observam-se na atitude em relação ao PTA e à Albânia.

XV

A luta do PTA contra o revisionismo Kruchevista

A luta que o PTA desenvolveu contra o revisionismo jugoslavo foi uma grande escola para o Partido e permitiu-lhe reconhecer imediatamente a manifestação de revisionismo que surgiu na URSS imediatamente após a morte de Stáline.

O PTA colocou-se abertamente contra o revisionismo kruchovista em 1960, pela primeira vez, na Conferência de Bucareste e posteriormente na Conferência de Moscovo. Mas a resistência do PTA contra o revisionismo kruchovista, no que lhe era dado conhecer deste, começou em 1953.

Os revisionistas, depois de terem usurpado a direcção do Partido e do Estado, para consolidarem as suas posições dentro do país, empreenderam uma campanha de liberalização sob o pretexto da luta contra o culto da personalidade.

O objectivo dos revisionistas kruchovistas foi substituir a linha marxista-leninista do Partido Bolchevique pela sua linha revisionista. Externamente os revisionistas kruchovistas começaram a organizar a campanha pela reabilitação do revisionismo jugoslavo. Com isto, tinham em vista dois fins:

1. converter os revisionistas jugoslavos em aliados na luta contra o marxismo-leninismo, aproveitando-se da sua experiência em relação à degeneração do Partido e da ditadura do proletariado.
2. utilizá-los como ponte de ligação para o estreitamento com o imperialismo americano.

Os revisionistas kruchovistas tentaram obrigar as direcções dos outros Partidos a seguirem o seu caminho, e, de facto, na maioria dos Partidos Comunistas, conseguiram impor a sua vontade devido à maioria das direcções não estarem em posições revolucionárias.

O PTA sem conhecer os objectivos que pretendiam os revisionistas kruchovistas, mas porque se guiava pelo marxismo-leninismo, conseguiu detectar no seu devido tempo que os processos empreendidos pela direcção kruchovista não eram marxistas-leninistas e lutou, resistindo a todas as suas pressões. Também no PTA houve partidários da linha revisionista kruchovista como Bedry Spahyr e Tuke Yacova, mas o PTA sustentou uma atitude diametralmente oposta à dos outros partidos. Enquanto na Polónia tomava a cabeça do Partido o conhecido revisionista Gomulka, na Hungria Imre Nagy, etc., o PTA expulsou das suas fileiras os defensores de Kruchov e opôs-se assim de forma clara aos esforços dos revisionistas para que também na Albânia começasse o processo de "liberalização".

O PTA, em Maio de 1955, numa carta que enviou ao CC do PC da URSS, em resposta a uma outra enviada ao PTA, expressava abertamente a sua oposição face à atitude de Kruchov em relação à sua visita à Jugoslávia para a reabilitação da camarilha de Tito e expressava ao mesmo tempo a convicção de que a decisão do Bureau de Informação era justa, mantendo-se o PTA fiel a tal decisão.

Uma questão chave na luta contra o revisionismo kruchovista constitui o XX Congresso celebrado em Fevereiro de 1956. Neste Congresso os revisionistas kruchovistas substituíram a linha marxista-leninista do Partido Bolchevique por uma linha antimarxista, contra-revolucionária. Aí apresentaram as teses revisionistas sobre o caminho pacífico e a coexistência pacífica, empreenderam oficialmente a luta contra a obra de Stáline, reabilitaram a camarilha de Tito e aprovaram a linha de aproximação e colaboração com a social-democracia.

Esta linha, Kruchov procurou impô-la a todo o MCI.

O PTA levantou-se imediatamente e de forma adequada contra esta linha revisionista. Em Abril de 1956, na Conferência do Partido da região de Tirana, derrotou os apoiantes da linha revisionista kruchovista do XX Congresso.

No seu discurso nesta Conferência, o camarada Enver Hoxha assinalou: "O PTA não se guia por moldes, por isso não podemos aceitar de forma cega a linha do XX Congresso". Em Maio de 1956 no seu III Congresso o PTA fustigou as pressões da delegação soviética, tendo à cabeça Pobpeylov. Este dizia que o PTA devia reexaminar a sua linha e reabilitar os oportunistas que tinham sido condenados, como Koçi Xoxe, Bedry Spahyr, Tuke Yakova e outros. Na resolução do III Congresso do PTA realça-se que a linha do Partido tinha sido correcta, e que a linha do XX Congresso trouxera uma grande confusão ao MCI, criando um terreno adequado ao reavivar do revisionismo e

que o ataque a Stáline deu ao imperialismo e à reacção armas para intensificar a luta contra o socialismo e em primeiro lugar contra a URSS.

O MCI e o campo socialista encontravam-se perante um grande perigo, que se manifestou na contra-revolução na Hungria e na Polónia. Nestas condições, para o PTA, tornava-se cada vez mais claro que a direcção soviética com Kruchov à cabeça mantinha atitudes oportunistas. Na reunião do Bureau Político em 1956 o camarada Enver Hoxha acentuou que a direcção soviética mantinha posições oportunistas, colocando-se então a questão: devemos seguir pelo caminho de Lénine e Stáline ou seguir cegamente a direcção da URSS? Eu penso, disse o camarada Enver Hoxha, que nós devemos defender os princípios e não fazer nem um milímetro de concessão, ainda que fiquemos sós. O PTA decidiu comunicar abertamente à direcção soviética os seus pontos de vista; por outro lado, o camarada Enver Hoxha pôs o problema: devemos aparecer abertamente contra a direcção da URSS? Não, disse o camarada Enver Hoxha, porque isso daria armas ao imperialismo e à reacção internacional para lutar contra o Partido Bolchevique e contra a URSS, quando o problema que se coloca é defendê-los. O PTA nesta altura não estava certo sobre se a direcção soviética seguia um caminho antimarxista de modo consciente ou se apenas mantinha algumas posições oportunistas de forma inconsciente e que perante a ajuda e crítica camarada se poderia corrigir.

O PTA enviou a Moscovo o camarada Enver Hoxha que apresentou os pontos de vista do Partido à direcção soviética, particularmente em relação ao revisionismo jugoslavo, à atitude face a Stáline, em relação à unidade do MCI e do campo socialista. Kruchov e a direcção soviética não gostaram, pois eram revisionistas. Para fazer pressão sobre o PTA, Kruchov interrompeu de forma arbitrária as conversações declarando que o PTA queria voltar ao tempo de Stáline. O PTA não se calou; depois do regresso da delegação de Moscovo, primeiro num comício organizado numa fábrica, depois noutro organizado em Tirana, o camarada Enver declarou publicamente que nada poderia fazer com que o PTA se afastasse da sua correcta linha marxista-leninista.

Até 1960, as relações entre o PTA e o PC da URSS mantiveram-se amigáveis, apesar das divergências sobre os diversos problemas da estratégia e da táctica do MCI. O PTA apareceu abertamente com a sua crítica ao revisionismo kruchoviano em Junho de 1960 em Bucareste. E porquê nesta data? Porque, em Bucareste, o PTA convenceu-se completamente que a camarilha de Kruchov seguia objectivos anti-socialistas e antimarxistas, o que foi demonstrado pela organização do golpe de Bucareste que tinha por objectivo expulsar o PCC e a China do MCI e do campo socialista. O PTA levantou-se em defesa do marxismo-leninismo, em defesa dos princípios e normas que regem as relações entre os Partidos marxistas-leninistas. A delegação do PTA, com Hysni Kapo à cabeça, por directiva do CC e do camarada Enver, criticou abertamente a posição de Kruchov e pediu com persistência que não se tomasse nenhuma decisão e que o problema das

divergências devia ser analisado pela reunião dos Partidos que se ia celebrar em Moscovo em Novembro. O período de Junho a Novembro de 1960 é um período de aguda luta contra o revisionismo kruchovista. A direcção kruchovista fez todo o possível para impedir o PTA de falar abertamente. Com este fim exerceu pressões económicas, engendrou agentes no seio da direcção do PTA, activando-os contra as posições do Partido. Foi o caso de Liri Belishova, secretária do CC e do Bureau Político, e de Koço Tasko, que era o presidente da comissão de controlo e revisão do CC. O PTA destroçou as pressões e os agentes do revisionismo soviético de forma unânime, e decidiu desmascarar publicamente e no seio do MCI o grupo revisionista de Kruchov e os seus seguidores. Então o camarada Enver declarou que iriam a Moscovo apenas com uma bandeira, a do marxismo-leninismo. No seu discurso de 16 de Novembro de 1960, na reunião de Moscovo que tinha iniciado os seus trabalhos a 10 de Novembro, o camarada Enver desmascarou com argumentos todas as teorias antimarxistas dos revisionistas kruchovistas, e com factos exactos demonstrou a sua actividade cisionista e contra-revolucionária, dentro e fora da URSS.

Tal posição foi apoiada por alguns dos Partidos presentes. De 81 partidos presentes, 8 falaram abertamente contra Kruchov, e muitos outros mantiveram uma posição centrista. Assim, pela primeira vez na reunião de Moscovo apareceram claramente duas linhas diametralmente opostas no MCI — a linha marxista-leninista e a linha revisionista. Depois da reunião de Moscovo os revisionistas kruchovistas seguiram uma política chantagista de grande potência contra o PTA e a Albânia para os tentar fazer curvar. Começaram gradualmente a cortar as ajudas económicas, a retirar os seus especialistas da Albânia, expulsaram os estudantes albaneses da URSS, roubaram materiais da base militar de Vlora, esforçaram-se por criar incidentes para intervirem militarmente, etc. Mas o PTA estava decidido e enfrentava toda a chantagem e pressão; por isso no XXII Congresso do PC da URSS em Outubro de 1961, os revisionistas atacaram aberta e publicamente o PTA, sob o pretexto de que os dirigentes albaneses se tinham vendido ao imperialismo. Neste Congresso, aprovaram também o programa do seu partido, no qual eram incluídas todas as teses e pontos de vista revisionistas como os de "Partido de todo o povo", "Estado de todo o povo", etc. Este programa serviu e serve como lema do revisionismo moderno; por isso o camarada Enver afirmou no VII Congresso do PTA que as teses e programa do XX e XXII Congressos da URSS serviram e servem hoje como base e fonte para todas as teorias e pontos de vista de todas as correntes do revisionismo moderno.

O PTA, em condições extraordinariamente difíceis, mas sem olhar a dificuldades e sacrifícios e pondo acima de tudo a causa da revolução mundial e do socialismo, e a defesa do marxismo-leninismo, declarou publicamente numa resolução do seu CC que lutaria resolutamente contra o revisionismo kruchovista até à sua completa destruição. Nesta altura, os revisionistas

romperam as relações diplomáticas e estatais, o que nenhum Estado capitalista tinha feito.

Nesta situação particularmente difícil o camarada Enver declarou publicamente em nome do Partido e do povo "nós os albaneses até ervas comeremos, mas não nos ajoelharemos."

Aberta a polémica a nível internacional, o PTA desmascarou os objectivos estratégicos do revisionismo kruchovista, acentuando que eles queriam destruir o MCI e substituí-lo por um movimento oportunista, igual à social-democracia, que tentavam destruir o campo socialista e substituí-lo por uma comunidade de países sob as suas ordens, e que tentavam substituir o marxismo-leninismo pelo revisionismo. A luta do PTA e demais partidos contra o revisionismo kruchovista levou ao seu desmascaramento, e como consequência ao seu enfraquecimento.

A luta ideológica contra o revisionismo e pela defesa do marxismo-leninismo, trouxe uma maior demarcação no seio do MCI; começaram-se a criar os primeiros grupos e partidos marxistas-leninistas.

O revisionismo kruchovista entrou no seu período de crise geral e por isso apresentaram a proposta para cessar a polémica, com o objectivo de ganhar tempo na luta contra o marxismo-leninismo.

O PTA, tendo bem clara a táctica dos revisionistas, prosseguiu consequentemente a luta contra o revisionismo kruchovista.

Perante a difícil situação em que se encontravam e para continuar com a sua linha, os revisionistas tiveram que sacrificar o seu mestre Kruchov, que com a sua táctica tinha desacreditado o revisionismo moderno. A nova direcção, com Brejnev à cabeça, esforçou-se por aproveitar o derrube de Kruchov para dar a impressão de que havia feito uma viragem em relação ao caminho seguido por Kruchov. Este foi um momento muito delicado que exigiu grande maturidade marxista-leninista para poder valorizar correctamente e manter uma atitude justa sobre a nova direcção soviética. O PTA não teve nenhuma ilusão sobre a nova direcção, declarou imediatamente que ela era a continuadora de Kruchov, apenas com uma táctica diferente. Para afirmar isto o PTA baseava-se na actuação da nova direcção e não nas suas palavras.

Na actividade da nova direcção soviética via-se claramente a sua posição antimarxista e contra-revolucionária, os seus dirigentes prosseguiam a linha kruchovista de degeneração da União Soviética, para fazer dela um país capitalista-imperialista e uma superpotência.

Esta linha imperialista da URSS verificou-se claramente e expressou-se oficialmente na agressão em Agosto de 1968 contra a Checoslováquia. Para justificar tal agressão, Brejnev apareceu com a chamada teoria da soberania limitada, segundo a qual os interesses da comunidade socialista são os mais elevados interesses, e que os interesses de cada país particular dependem desta. Por este motivo a soberania de qualquer país socialista não é mais um assunto interno desse país, mas um assunto de todos; isto quer dizer que a

URSS a pretexto de defender os interesses da comunidade socialista reconhece a si mesma o direito de intervir militarmente neste ou naquele país. Como consequência, os países desta comunidade (que também degeneraram em países capitalistas) têm uma soberania limitada.

O PTA desmascarou todas as tácticas dos revisionistas e continua a fazê-lo. No VII Congresso acentuou mais uma vez que o revisionismo kruchovista constitui ainda a corrente principal e mais perigosa do revisionismo moderno. Por isso a continuação da polémica é considerada pelo PTA como uma tarefa imperativa.

O revisionismo kruchovista emprega o seu potencial económico e militar para divulgar os seus pontos de vista antimarxistas e por outro lado, apesar de já ter sido desmascarado, continua a fazer grande demagogia, empregando a autoridade do Partido de Lénine e do Estado Soviético, conseguindo ainda enganar uma parte considerável da classe operária que vê ainda a URSS como o grande Estado proletário e socialista que existia no tempo de Lénine e Stáline.

Por último, o combate ao revisionismo kruchovista é imperioso pois ele constitui uma base de apoio e inspiração a todas as outras correntes do revisionismo moderno.

XVI

O partido e o seu papel dirigente na revolução e na edificação do Socialismo

1. O PARTIDO E O SEU PAPEL DIRIGENTE

A ideia do Partido da classe operária foi elaborada pela primeira vez por Marx e Engels no "Manifesto do Partido Comunista" e depois aprofundada noutras obras. Marx e Engels não só elaboraram e aprofundaram a teoria do Partido, como lutaram pela construção de Partidos sob o exemplo da I Internacional.

A ideia mestra de Marx era a de que a classe operária para desempenhar o seu papel político, isto é a sua missão de classe, deve necessariamente criar o seu próprio Partido, em oposição aos partidos das classes exploradoras; ele definiu-o como uma condição objectiva para a preparação e vitória da revolução e para a construção da sociedade sem classes.

Eles definiram também os princípios acerca de quem deve participar no Partido. Segundo eles, no Partido deviam participar as pessoas mais resolutas e mais conscientes, que defendem até ao fim os interesses da classe operária e que conhecem as leis do desenvolvimento da sociedade e da luta de classes.

Estas ideias estão condensadas no primeiro documento – o Manifesto do Partido Comunista – e foram detalhadas posteriormente noutras obras. Uma elaboração mais completa sobre a doutrina do Partido encontramo-la mais tarde em Lénine.

Lénine elaborou a teoria do Partido de acordo com as novas condições da luta de classes do proletariado, quando a preparação e a direcção da revolução se converteu num problema imediato.

Lénine elaborou as bases ideológicas do Partido principalmente na sua obra "Que Fazer? "; depois elaborou as suas bases organizativas na obra "Um Passo em Frente, Dois à Retaguarda"; mais tarde na sua obra "As Duas Tácticas da Social-Democracia na Revolução Democrática" elaborou as bases tácticas e por último elaborou as bases filosóficas do Partido em "Materialismo e Empirocriticismo".

Lénine tem ainda outras obras sobre o Partido mas estas são as principais, nelas foram definidas as bases ideológicas, organizativas, tácticas e estratégicas do Partido.

É importante compreender desde já, o que significa o papel dirigente do Partido, tal como foi definido por Lénine nestas obras principais, ou seja, que o Partido é o estado-maior teórico e o estado-maior político da classe operária.

O que é o Estado-Maior Teórico

Lénine definiu o Partido de Novo Tipo ou partido revolucionário de novo tipo, como sendo:

Em primeiro lugar, o estado-maior teórico, ou seja, o destacamento mais consciente, a parte mais consciente da classe operária **armada com a teoria revolucionária**, a qual lhe confere duas grandes qualidades:

a) armado com a teoria revolucionária o Partido está em condições de elaborar o seu programa revolucionário, de elaborar a sua linha política, que inclui a estratégia e a táctica, de acordo com as condições concretas da luta de classes;

b) armado com a teoria revolucionária o Partido está em condições de tornar a classe operária consciente do seu programa, quer dizer, consciente acerca dos seus objectivos estratégicos, e ao mesmo tempo de elaborar os caminhos, os métodos e os meios para alcançar o objectivo estratégico e lançar as massas nas acções revolucionárias.

Marx disse que só o Partido da classe operária poderá transformar a classe operária de "classe em si" em "classe para si" (quer dizer, de classe inconsciente em classe consciente).

O que é o Estado-Maior Político

Lénine, acerca deste assunto, disse que o Partido é o chefe político que está em situação e é capaz de coordenar e dirigir para um único objectivo, todos os outros destacamentos da classe operária, quer dizer, as demais organizações, como são os Sindicatos, as organizações da juventude, as organizações da Frente, a organização das mulheres e outras organizações de massas.

Em síntese, o Partido dirige a luta de classes do proletariado na base da

ciência dirigente e a partir dela delineia a estratégia e a táctica revolucionárias baseadas no marxismo-leninismo.

Toda a experiência histórica demonstra que a expressão mais concentrada da luta de classes em geral é a luta política; a classe operária tem no seu Partido o destacamento de vanguarda que dirige esta luta.

Isto já não é novo, mas em torno deste problema, sobre o conteúdo da luta do proletariado, tem havido uma luta acesa, tem havido divergências entre os revolucionários e os oportunistas, entre os marxistas-leninistas e os revisionistas.

Na obra "Que Fazer? " em que são definidas as bases ideológicas do Partido, em luta contra os ideólogos da II Internacional e contra os oportunistas da Rússia, conhecidos pelo carácter das suas teses "economicistas", Lénine assinalou que a base ideológica mais importante, é a de que o proletariado deve desenvolver em primeiro lugar e principalmente a luta política, **para a tomada do poder.**

Os oportunistas e os revisionistas da época, não colocavam em primeiro lugar a luta política, mas sim a luta económica; não se trata de sobrestimar a luta política e subestimar a luta económica, o problema é o de compreender correctamente a importância e o papel de uma e de outra.

Naturalmente a luta económica é o campo inicial da luta de classes, pois que a luta começa por reivindicações salariais; surgem os sindicatos nos quais se antevêem as futuras tarefas revolucionárias. Marx disse que o proletariado deve desenvolver esta luta e não renunciar a ela, pois de contrário debilitaria a capacidade para iniciar uma luta ainda mais ampla, quer dizer a luta política. **Mas a luta política é a tarefa principal e superior.**

Porquê?

Em primeiro lugar, porque enquanto a luta económica defende os interesses diários e por vezes parciais da classe operária dentro do sistema, a luta política, pelo contrário, é muito mais ampla e radical, defende os interesses fundamentais de toda a classe operária, porque tem como objectivo a tomada do poder, o derrubamento do sistema da burguesia e a instauração da ditadura do proletariado.

Bernstein, pai do revisionismo, dizia que "o movimento é tudo, o fim não é nada"; esta é na essência a teoria da espontaneidade, que abandona a classe operária à luta por melhores salários, pela redução de horas de trabalho e esquece o principal, ou seja, esquece a luta pela tomada do poder, quando é sabido que o problema fundamental da revolução é o problema do poder.

Os marxistas-leninistas não negaram nunca a luta económica, mas colocam em primeiro lugar a luta política, porque a luta económica não soluciona o problema do poder, quer dizer não leva a classe operária ao poder, melhora um pouco a sua situação mas não a soluciona, enquanto que a luta política não só resolve o problema do poder, como a sua conquista pela classe operária, resolve ao mesmo tempo os problemas económicos fundamentais.

Em segundo lugar, a luta económica fornece uma consciência a nível

profissional (trade-unionista), quer dizer dá a compreensão dos interesses profissionais e momentâneos, enquanto que a luta política dá, sob a direcção do Partido, uma verdadeira consciência de classe ao proletariado; quer dizer, é através da luta política, que o proletariado compreende os seus interesses fundamentais como classe, a sua missão histórica e as suas tarefas revolucionárias.

Em terceiro lugar, a luta económica não exige necessáriamente a criação do Partido político da classe operária, enquanto que a luta política o exige necessariamente.

Hoje a tendência do revisionismo, a respeito da luta de classes, é para absolutizar a luta económica e deixar de lado ou negar a luta política para a tomada do poder; ora este é o problema ideológico fundamental do Partido revolucionário de novo tipo, marxista-leninista, de onde decorrem todos os demais.

A revolução pode ter carácter de libertação nacional, democrático-burguês ou qualquer outro, mas o objectivo final da luta da classe operária é a tomada do poder e a ditadura do proletariado.

Relacionado com a necessidade do Partido da classe operária para dirigir a luta política, está um outro problema ideológico importante: o de armar continuamente a classe operária com a teoria revolucionária.

Para além da luta política e da luta económica que já mencionámos, há também a luta ideológica que é função da luta política.

Em síntese, o Partido dirige a luta política, económica e ideológica. A mais importante é a luta política, e o seu ponto mais alto a insurreição armada. Estes são os fundamentos ideológicos do Partido revolucionário de novo tipo.

As bases organizativas

Para além dos fundamentos ideológicos o Partido tem também fundamentos organizativos. Por fundamentos organizativos entendemos os princípios sobre os quais se constrói e funciona o Partido.

Quer dizer, para além dos fundamentos ideológicos e políticos, para além de ter uma linha política, estratégia e táctica, o Partido é edificado sobre princípios organizativos revolucionários.

Por isso, quando avaliamos um partido, um grupo ou organização, devemo-nos perguntar sobre que bases ideológicas está construído o Partido, por que linha política, estratégia e táctica se conduz e sobre que bases organizativas está construído o Partido, Grupo ou Organização.

Independentemente das condições em que é criado o Partido, ele deve possuir as características organizativas que foram elaboradas por Lénine e sistematizadas por Stáline na obra "Questões do Leninismo", capítulo "O Partido", as quais têm carácter universal. São elas:

1. O Partido deve ser o destacamento de vanguarda, ou seja, a parte da classe operária que está à cabeça do movimento operário.
2. O Partido é um destacamento organizado e a forma mais elevada de organização da classe operária, em comparação com todos os demais.
3. O Partido deve ser a encarnação da ligação do socialismo científico com o movimento operário, o que quer dizer que deve estar estreitamente ligado às massas.
4. O Partido deve ser o Partido do poder, quer dizer, deve lutar para a tomada do poder e para a instauração da ditadura do proletariado.
5. O Partido deve ter unidade férrea nas suas fileiras, para que não caia na conciliação com correntes ideológicas ou políticas contrárias ao Partido, ou se crie alguma fracção no Partido. Quer isto dizer que, a unidade é ideológica, política e organizativa, e não são permitidas duas linhas no Partido.
6. O Partido deve ser inconciliável com qualquer manifestação de oportunismo e revisionismo.
7. O Partido deve considerar-se como um destacamento ou brigada de choque do Movimento Comunista Internacional.

Estas são as características organizativas do Partido.

2. OS CAMINHOS DA REVOLUCIONARIZAÇÃO DO PARTIDO

O PTA criou-se sobre fundamentos marxistas-leninistas e foi construído nas condições da luta antifascista de libertação nacional.

Como lutou o PTA para assumir o seu papel dirigente? Como lutou pela sua revolucionarização?

Como assegurou o PTA o seu papel dirigente?

O principal problema para o Partido Comunista Albanês, desde a sua formação, foi o da elevação ideológica e o da ligação às massas. No início o PCA era pequeno, a Albânia era um país de estrutura social pequeno-burguesa e isso reflectia-se também na composição do Partido. Em 1941, ano da fundação do Partido, a sua composição era de 8°/o de operários, 7°/o de camponeses, 16°/o de artesãos e o restante eram diversos sectores da intelectualidade, estudantil e outros; estas percentagens mudaram gradualmente e a percentagem dos operários foi crescendo no Partido.

Nestas condições, ou seja, existindo no Partido marxista-leninista um grande número de militantes provenientes da pequena burguesia, a aplicação dum programa revolucionário é complexa. No Partido existiam poucos operários no início; dos grupos comunistas elegeram-se os melhores elementos, os mais decididos e revolucionários, para o Partido. Apesar disso, a questão da

educação ideológica assumia uma grande importância, quer devido à composição social, quer devido ao baixo nível ideológico existente.

Assim adquiria uma importância particular a elevação do nível ideológico e por isso foi o primeiro cuidado do Partido; mas nesta tarefa o PCA encontrou muitas dificuldades, já que no Partido existiam desde o início elementos que divulgavam pontos de vista antimarxistas, trotskistas.

A primeira questão, era compreender o papel dirigente da classe operária e da aliança operário-camponesa; devia ser feita a união do povo albanês numa frente comum, mas a base desta união tinha de ser a aliança operário-camponesa.

Os elementos trotskistas negavam esta aliança, com o argumento da classe operária ser numericamente pequena na Albânia, além de não ser uma classe operária industrial; por outro lado, o campesinato seria uma força contra-revolucionária, seria reaccionário, e por isso desprezavam-no.

Punha-se a questão: "Já que a classe operária é pequena e o campesinato é reaccionário, o que fazer então? "

Os trotskistas respondiam a esta questão: "devemos esperar que cresça a classe operária e ela constitua a maioria da população". (Esta é uma teoria da II Internacional que diz que a classe operária deve constituir a maioria e só depois se põe o problema da revolução). Deste modo os trotskistas defendiam que a ocupação fascista italiana na Albânia ia facilitar o crescimento da classe operária (já que a Itália fascista, país industrializado, iria investir na Albânia e assim a classe operária cresceria).

Estes pontos de vista opunham-se aos ensinamentos do marxismo-leninismo e à realidade albanesa.

Ensina-nos o marxismo-leninismo que o papel da classe operária não depende da sua quantidade numérica relativamente à população geral mas, pela sua própria posição económica, política e social, ela tem o papel hegemónico e dirigente, o que já não acontece com o campesinato, independentemente do espírito revolucionário que revelava o campesinato albanês.

Uma outra questão divergente era a chamada "teoria dos quadros" divulgada pelos trotskistas e antimarxistas, e que significava que "devemos antes de mais preparar os quadros política e ideologicamente, devemos defendê-los e não sacrificá-los; não deveremos expô-los na luta a fim de os preparar para a futura revolução socialista.

Ora estes pontos de vista não provinham duma apreciação do carácter da revolução na Albânia.

Qualquer corrente política que não defina correctamente o carácter da revolução, as suas contradições nas condições concretas do país, os seus diversos factores objectivos e subjectivos na correlação de forças existente, não definirá correctamente nem os objectivos estratégicos, nem as formas tácticas de luta, como não definirá correctamente as forças motrizes da revolução; isto diz-nos e demonstra-o a experiência do movimento de libertação nacional antifascista da Albânia.

Por isso o PCA lutava por que todos os seus membros compreendessem exactamente a linha do Partido e repudiassem conscientemente os pontos de vista errados dos inimigos do Partido.

Esta foi uma das mais importantes conclusões que retirou o Partido no seu primeiro activo de Abril de 1942, seis meses após a sua formação.

O problema da educação ideológica surgiu como problema número 1. Certamente as vias para a preparação ideológica dos quadros são diversas, mas em essência o Partido colocava-se em oposição à chamada teoria dos quadros difundida pelos elementos antimarxistas e lançou o espírito de que a "têmpera ideológica se forja na luta e mediante o estudo, no decorrer da actividade revolucionária; quer a luta quer o estudo são indispensáveis e há uma ligação dialéctica entre eles"; era o significado do símbolo do Partido, "numa mão o livro, na outra a espingarda".

Apesar das difíceis condições de luta o Partido desenvolveu um intenso trabalho ideológico, mas sem se desligar nunca da acção. Há uma citação do camarada Enver Hoxha, de 42, que diz: "sem actividade revolucionária não poderemos ter um partido revolucionário, a acção e a luta é que forjam o Partido".

No discurso comemorativo do 25º aniversário da fundação da escola do Partido o camarada Enver disse: "Nós comunistas albaneses apreendemos a filosofia de Marx através da prática revolucionária".

Para além das obras teóricas que no início eram muito limitadas, era dada uma atenção particular ao estudo dos panfletos, dos comunicados e dos artigos da imprensa clandestina, em que de forma simples e clara se propagandeavam não só os êxitos da libertação como também a experiência revolucionária que o Partido gradualmente acumulava ao longo da luta de libertação nacional.

A segunda tarefa importante do Partido foi o seu grande trabalho político, ideológico e organizativo com as massas.

Esta tarefa vai desde as formas mais simples de ligação com as massas e tem como objectivo torná-las conscientes da linha e do programa do Partido para que se lancem na luta. Realça-se isto não só porque a ligação do Partido com as massas é em si um problema fundamental, mas para além disso o PCA era numericamente pequeno e herdara dos grupos laços muito débeis com as massas.

A ligação mais forte do Partido com as massas é a ligação organizada e isto ficou expresso com a criação da Frente de Libertação Nacional e das demais organizações de massas.

O terceiro problema importante para o contínuo fortalecimento do Partido e a sua revolucionarização foi o contínuo fortalecimento da unidade do Partido. Independentemente da aguda luta travada pelo PCA para liquidar os elementos fraccionistas, trotskistas e antimarxistas (e estes foram em geral liquidados em fins de 43), o perigo persistia. Ele é devido à forte pressão ideológica dos inimigos externos e internos. Houve nas fileiras do Partido

manifestações de oportunismo e de sectarismo que foram continuamente combatidas e repudiadas.

Havia, por exemplo, elementos de base que na prática negavam o papel dirigente do Partido, sob o argumento de existir a Frente Antifascista de Libertação Nacional e se escusavam de propagandear o Partido.

Outros punham a questão: para que necessitamos da Frente, se existe o Partido?

Ambos estes pontos de vista eram oportunistas e sectários, eram prejudiciais e se se deixassem desenvolver acabariam ou liquidando o Partido ou separando-o das massas.

Estas foram algumas das manifestações erradas que se expressaram, mas que não chegaram a transformar-se em corrente política nem ideológica, porque foram combatidas desde início, e assim não se ampliaram nem desenvolveram.

Um quarto problema está ligado ao cuidado que o Partido pôs nos sectores mais importantes da sua actividade. Para desempenhar o papel dirigente e inseparável das massas, o Partido volta-se para a Frente e outras organizações de massas, no Exército Popular ou na retaguarda.

Em conclusão, independentemente das diversas alianças que se podem criar, o Partido da classe operária tem de ter sempre o seu papel dirigente: ou seja, ele não pode dividir o seu papel dirigente com outros partidos. Se ele divide esse papel dirigente, ele divide também o poder e como é sabido, para além do Partido político da classe operária nenhum outro partido pode defender radicalmente os interesses da classe operária e das demais massas trabalhadoras.

A criação de qualquer frente (em que há união da classe operária com outras forças políticas) contém este perigo à partida, mas para que esta possibilidade não seja realidade é necessário que o Partido conserve sempre a sua personalidade e independência, a sua ideologia, o seu programa e os seus princípios organizativos.

Por isso o problema do fortalecimento e da defesa do papel dirigente do Partido é um dos problemas fundamentais, concretamente na Frente, no Exército e nas organizações de massas.

O PTA conservou e fortaleceu continuamente o seu papel dirigente; também o Exército de Libertação Nacional que foi criado durante a luta e se fortaleceu continuamente, foi criado pelo Partido como um exército político antes de mais; isto significa que a política tinha o comando e não a espingarda; doutro modo o exército não realizaria os seus objectivos e sairia derrotado.

Um quinto problema é o da aplicação e defesa das normas do Partido na sua vida interna, e que são:

– o centralismo democrático;
– a democracia interna;
– a crítica e a autocrítica;
– o princípio da colegialidade;
– a aplicação da linha de massas e outros.

O PTA e a crítica ao revisionismo

Precisamos de conhecer profundamente os pontos de vista revisionistas que negam o papel dirigente do Partido, para os desmascararmos e elevarmos o seu papel, a sua linha política e os seus princípios.

Há quem defenda que não é necessário o Partido para atingir o comunismo; bastariam, por exemplo, os sindicatos. Tem aqui origem a defesa do pluralismo partidário, ou seja, o considerar o partido da classe operária como semelhante aos outros partidos, negando a necessidade do Partido estar à cabeça: "quantos mais partidos mais democracia" e "quanto mais se desenvolver a democracia mais fácil será atingir o socialismo e o comunismo".

Ora nós sabemos que qualquer partido político, independentemente do seu nome, representa sempre os interesses de uma classe determinada. Os partidos denominados social-democrata, democrata-cristão e outros não representam os interesses da classe operária, mas sim os interesses da burguesia, das diversas camadas burguesas e isto é demonstrado por toda a política actual.

Lénine disse que a questão não é só da composição do Partido pois pode acontecer que nele existam poucos operários, mas é o de quem o dirige, que programa tem, qual a linha e como luta na prática.

Existem ainda os pontos de vista propagados pelos revisionistas jugoslavos de que o Partido deve ser somente um factor ideológico, educativo, mas de forma alguma deve dirigir a economia ou outras actividades, porque isso desvirtuaria a democracia das massas. A defesa da "auto-gestão" e da "democracia directa" não é senão a negação do papel dirigente do Partido. Sob a aparência de ser a classe operária a mandar, nega-se afinal o papel dirigente do Partido da classe operária.

A tese dos revisionistas kruchovistas sobre o "partido de todo o povo" também não é outra coisa senão a negação do carácter proletário e do papel dirigente do Partido.

Ainda uma outra tese, é a defesa dum sistema de vários partidos da classe operária nas condições do socialismo, ou seja, para além do Partido da classe operária poderiam existir mais partidos em sistema socialista.

Sobre isto **o PTA diz que até que se construa a base material e económica do socialismo, não se exclui a existência de vários partidos**, pois que eles representam e defendem os interesses das diversas classes. Mas **com a construção da base económica material do socialismo a continuação da existência de outros partidos não seria mais do que a tentativa de reforçar e reorganizar as antigas classes derrubadas**, já que a luta entre os diversos partidos é a expressão das classes que eles representam.

Antes de chegar ao poder o Partido da classe operária não pode impedir

a existência de outros partidos, mas é fundamental que, para qualquer aliança que se faça com outros partidos, o Partido garanta o seu papel dirigente em relação aos outros; deve aplicar a táctica da unidade e luta, o que significa que, para atingirem objectivos comuns, pode haver aliança, mas que qualquer vacilação ou compromisso que surja a partir dessas organizações ou partidos, têm de ser energicamente combatidas.

Isto pode parecer contraditório mas na essência é dialéctico: o Partido tem de conservar sempre a sua independência ideológica, política e organizativa.

XVII

A necessidade da organização do partido na base dos princípios e das normas proletárias

É necessário que o Partido seja um destacamento organizado na base dos princípios e das normas marxistas. O reconhecimento do grande papel que desempenha a organização do Partido para os destinos da revolução e do socialismo é uma das particularidades destacadas pelo partido marxista-leninista de novo tipo. Falando sobre este problema, Lénine assinalava que a unidade do programa e da táctica é a condição necessária, mas não suficiente, para a unidade do partido e para a centralização do seu trabalho. Para a unidade do partido e para a sua centralização é necessária também a unidade de organização. É precisamente a organização que torna o proletariado capaz de realizar a sua missão histórica-universal. É isso que significa o partido ser o destacamento organizado da classe operária.

Desde que foi criado o partido de novo tipo, marxista-leninista, manifestaram-se pontos de vista antimarxistas, oportunistas e revisionistas que negaram a necessidade e a importância do partido. Lénine lutou contra o oportunismo menchevique russo, o qual defendia que o programa e a táctica é que são importantes ao passo que a organização não tinha nenhuma importância. Os mencheviques, representados por Martov, Axelrod e outros, no II Congresso do Partido Social-Democrata Russo, opuseram-se a Lénine sobre o 1º parágrafo dos estatutos; o 1º parágrafo dos estatutos do POSDR defenia que "membro do Partido é aquele que aceita o programa e luta pela sua realização, participa numa das organizações de base do Partido e ajuda materialmente o Partido", precisamente os mencheviques para atacarem a organização do Partido, especialmente a obrigação de participar numa das

organizações de base do Partido, negavam esta condição. Para eles só tinha importância o programa e a táctica e na discussão com Lénine só aceitavam o Programa, a ajuda material e não aceitavam a participação numa organização de base.

É na célula precisamente que o comunista começa a armar-se com a estratégia e a táctica do Partido, é aí que se educa, é aí que é controlado pela actividade que realiza, quer dizer, que pode realizar o seu papel de vanguarda. Um Partido que não aceita esta condição, não é um Partido leninista mas sim um Partido amorfo, um Partido desorganizado. Esta posição menchevique permitia que participassem no Partido todos os que quisessem não havendo controlo da parte do Partido. Este ponto de vista oportunista manifesta-se por outras formas actualmente nos partidos revisionistas onde podem ser membros do Partido todos aqueles que votem pelo deputado comunista que vai participar no Parlamento, ou por exemplo aquele que participe numa greve ou aquele que ajuda materialmente o Partido.

Quer Lénine no seu tempo, quer actualmente os autênticos marxistas-leninistas mantêm uma correcta posição a este respeito.

Lenine dizia:

"Dizer que o programa é mais importante que a táctica e que a táctica é mais importante que a organização é verdadeiramente o mesmo que dizer: o alfabeto é mais importante que a etimologia e este mais importante que a sintaxe."

A respeito da organização do Partido há um outro ponto de divergência, desdè a época de Lénine e que consiste em se opor ao princípio fundamental da organização do Partido — o centralismo democrático; toda a organização do Partido se apoia precisamente neste princípio dirigente que concentra a direcção do Partido num centro único e que permite a participação de todos os membros do Partido na elaboração e na aplicação da linha do Partido, do seu programa e da sua táctica. Este princípio tem uma importância tal que, tanto os oportunistas daquele tempo como os revisionistas de hoje, o atacam para desorganizar e destruir o Partido da classe operária. Os mencheviques em lugar de centralismo, defendiam o autonomismo; também hoje diversos revisionistas exigem a independência e a autonomia dos comités do Partido, nas regiões ou províncias, em relação ao centro (quer dizer ao Comité Central). Tanto no passado como no presente, estas teses visam a desorganização do Partido para que a parte não se submeta ao todo ou seja a minoria à maioria, para que se debilite e seja liquidada a disciplina, para que a organização se substitua e se transforme no anarquismo; quer dizer para que não haja organização. Todos estes pontos de vista, tanto Lénine como Stáline no seu tempo, como os autênticos marxistas-leninistas de hoje, os repudiam como pontos de vista conciliadores, antimarxistas, que têm por objectivo a liquidação do Partido da classe operária, a ruptura da sua unidade e a criação de fracções no seu seio.

Contra a organização, foi também a luta que os oportunistas e os revisionistas de todos os tempos dirigiram contra os estatutos do Partido, que é a lei fundamental do Partido marxista-leninista.

Nos Estatutos está condensado o programa do Partido, os princípios e as normas da construção da vida e da actividade do Partido, e uma vez aprovado pelo Congresso do Partido torna-se obrigatório para todo o Partido, para os comunistas, para as organizações e os comités do Partido. Quais são as características do Partido marxista-leninista de novo tipo que o diferenciam de todos os outros Partidos?

Qual a experiência do PTA a este respeito?

Estas características foram formuladas por Lénine na sua obra "Um passo em frente, dois atrás", e desenvolvidos depois por Stáline nas "Questões do leninismo" no capítulo "O Partido".

O Partido é o destacamento de vanguarda da classe operária

O Partido não é toda a classe, mas sim a parte mais avançada da classe, a sua vanguarda, é a parte mais avançada do ponto de vista teórico.

Enquanto existir Partido, até ao comunismo, a sua missão é a de elevar a classe ao seu nível; uma vez elevada toda a classe ao nível do Partido então extingue-se também a sua missão como Partido, com a construção da sociedade sem classes. Isto é indispensável, o Partido não pode dissolver-se na classe. A classe do proletariado é formada por diversas camadas que surgiram com o desenvolvimento do capitalismo, e a que afluem constantemente elementos das camadas pequeno-burguesas. Dissolvido na classe, o Partido deixaria de ser destacamento de vanguarda da classe e não poderia realizar o papel dirigente na revolução e na edificação do socialismo até ao comunismo; o papel do Partido não é ficar na cauda do movimento espontâneo operário, mas o de dirigir o movimento, o de prever o desenvolvimento dos acontecimentos, o de combinar os interesses e perspectivas futuras da classe operária com as do presente conduzir a revolução de uma etapa à outra, até à vitória. Esta capacidade do Partido é-lhe conferida pela teoria marxista-leninista e a partir dela o Partido elabora a linha e conduz a classe.

Esta característica — de destacamento de vanguarda da classe operária — encontra a sua expressão nos princípios e normas da organização, da vida e actividade do Partido; é o caso do princípio do papel dirigente e inseparável do Partido na revolução e na edificação do socialismo e do comunismo, do princípio do ingresso individual no Partido, das normas do Partido em relação à candidatura para ingresso no Partido, as exigências para o incremento constante do papel de vanguarda do comunista, assim como as tarefas para a contínua elevação teórica dos comunistas. O PTA sempre lutou por cumprir com esta característica, cumprindo com rigor estas normas e princípios, na aplicação às suas condições concretas.

Concretamente o PTA tanto durante a luta como depois da revolução, assegurou o seu papel dirigente e não permitiu dividir esta direcção com

outras organizações (Balli Kombetar e Legallitetti) assim como condenou todos os pontos de vista burocráticos, tecnocráticos que entravavam o papel dirigente do Partido.

O PTA aplicou o princípio do ingresso individual conservando desta forma a qualidade das suas fileiras e nunca descurou a qualidade em favor da quantidade.

Também as normas relacionadas com a candidatura no Partido se têm aperfeiçoado continuamente, com a sua própria experiência. O PTA usou tempos de estágio de seis meses, depois de um ano, e actualmente de 2 a 3 anos.

Por último o PTA dedicou uma particular atenção à educação marxista-leninista dos seus membros. Desde a luta que se colocava perante os comunistas a tarefa de, paralelamente à espingarda, dominarem também a teoria. Esta tarefa está expressa na tese do camarada Enver Hoxha, por ocasião do 25 aniversário da fundação da escola do Partido, que diz: "os comunistas devem estar armados com dois tipos de armas, com a arma ideológica que é o marxismo-leninismo e com a arma de fogo". As formas e os meios para a educação que o PTA pôs à disposição dos comunistas são múltiplos e variados: há a escola superior do Partido, os cursos do Partido nas regiões e nas unidades militares; além disso todos os comunistas participam na organização de educação do Partido, com um programa anual aprovado pelo Comité Central do Partido.

A sexta-feira à tarde é a sexta-feira comunista, quer dizer de educação comunista para todos os membros; todas as sextas-feiras se fazem seminários, estudo individual, consultas com os propagandistas e tudo isto é dirigido e guiado pela organização do Partido na empresa, na cooperativa, na unidade militar e em todas as partes onde haja organização do Partido.

O Partido é o destacamento organizado da classe operária

O Partido não é uma soma aritmética, mas um sistema único de organizações desde a base até ao centro. Esta característica realiza-se através dos princípios e das normas organizativas do Partido, como são o princípio do centralismo democrático, a democracia interna do Partido, a disciplina, a crítica e a auto-crítica e outras. O princípio fundamental de organização é o centralismo democrático, que exige: todos os organismos do Partido são eleitos desde a base até ao topo de forma democrática, todos os organismos do Partido eleitos estão obrigados a dar contas periodicamente às organizações que os elegeram, todos os organismos inferiores estão obrigados a aplicar as decisões dos organismos superiores e por último a minoria deve submeter-se à maioria. A aplicação das exigências deste princípio faz do Partido um destacamento organizado capaz de realizar o seu papel dirigente e enfrentar todos os ataques dos inimigos internos e externos.

O PTA aplicou este princípio e as suas normas em toda a sua vida.

Desde a sua fundação o PTA aplicou a eleição dos organismos do Partido, desde o secretário da organização base até ao Comité Central, nas eleições dos organismos do Partido aplicou a democracia interna, participando amplamente na discussão dos candidatos pelas amplas massas dos comunistas. Aplicou também o voto secreto nas eleições e teve sempre como objectivo a eleição dos melhores elementos para organismos dirigentes do Partido. O PTA, por exemplo, para a eleição de um membro do Comité regional do Partido, escuta a opinião das organizações base do Partido para além dos delegados que estão na conferência e na lista de candidatos inscreve o dobro, quer dizer um número maior do que deve ser eleito, de forma a que se aplique mais amplamente a democracia; no que se refere aos organismos eleitos do Partido prestarem contas à massa do Partido, o PTA aplica formas como: as conferências do Partido, aonde o Bureau dá contas ao plenário, activos do Partido, ou diversas reuniões aonde participam também as massas sem partido para escutar as contas dadas pelos organismos do Partido; tudo isto ajuda na educação dos próprios membros dos organismos dirigentes do Partido, ao desenvolvimento e ao aprofundamento da democracia interna do Partido e ao fortalecimento e revolucionarização da vida do Partido. O PTA também exige com rigor que os organismos inferiores apliquem as decisões dos organismos superiores; neste sentido o Partido aplica amplamente o controlo directo da classe operária sob a direcção do Partido. No que se refere à submissão da minoria à maioria o PTA exigiu e exige que este princípio seja aplicado com rigor porque está relacionado com a própria organização do Partido, com a sua disciplina, de modo a não permitir o surgimento de grupos ou de fracções. Ao mesmo tempo, o PTA exige que depois de se afirmar na prática a justeza das decisões, a minoria que se opôs faça a sua autocrítica. Um outro princípio que está relacionado com esta característica é a disciplina do Partido, a qual é consciente e como consequência férrea; a disciplina do Partido marxista-leninista é férrea porque se apoia na democracia do Partido, na livre discussão de opiniões dentro do Partido, no ingresso voluntário no Partido, em pôr o interesse geral da revolução sobre o interesse pessoal. Assim é consciente e forte porque é igual para todos os comunistas; no Partido da classe operária não há duas disciplinas, há uma só disciplina, como também os membros do Partido são iguais, tanto para os direitos como para os deveres. Os clássicos do marxismo-leninismo realçaram muito a importância da disciplina. O PTA chama constantemente a atenção para a aplicação deste princípio. Escrevendo sobre este problema Lénine acentuava "que aquele que debilitar por pouco que seja a disciplina do Partido, especialmente nas condições da ditadura do proletariado ajuda, querendo ou não, a burguesia". Em relação com a disciplina, o PTA desenvolveu uma acesa luta contra os pontos de vista e as manifestações estranhas, liberais e oportunistas que tentaram a desagregação da disciplina, ou o seu enfraquecimento. O PTA exigiu que todos os comunistas lutassem contra essas manifestações dentro de si mesmos e contra as que se manifestam nos camaradas. Para o fortalecimento da disciplina o PTA

fez um grande trabalho educativo por meio das formas de educação e por medidas disciplinares previstas nos estatutos para aqueles que rompem a disciplina. Assim, por exemplo o PTA tem algumas medidas disciplinares e de carácter educativo tais como: observação por escrito nos seus documentos (carta de membro); observação dura e grave para um erro maior; a destituição das funções de dirigente (baixa de escalão); o regresso de membro a candidato do Partido e expulsão do Partido. Um outro princípio que está relacionado com a organização do Partido é a crítica e a autocrítica. A crítica e a autocrítica não é somente um princípio de organização do Partido, mas é também uma lei do desenvolvimento do Partido e um meio da educação do Partido. A crítica e a autocrítica num Partido marxista-leninista deve ser de princípio, aberta, sincera, sem vacilações, audaz, deve ser da base ao topo, do topo à base e no seio dos organismos. A crítica e a autocrítica foram também desenvolvidas pelos clássicos. Stáline chamou repetidas vezes a atenção sobre elas. Lénine disse que:

> *"A atitude de um partido político perante os seus erros é um dos critérios mais importantes e seguros para julgar se esse partido é sério e se cumpre realmente as suas obrigações para com a sua classe e para com as massas. Reconhecer abertamente o seu erro, descobrir-lhe as causas, analizar a situação que lhe deu origem, examinar atentamente os meios de corrigir esse erro, eis a marca de um partido sério, o que se chama, para ele, cumprir as suas obrigações, educar e instruir a classe, e depois as massas."*
>
> *(Lénine in "O esquerdismo, doença infantil do comunismo", O.C. tomo 31).*

O próprio Stáline assinalava que temos necessidade da crítica e autocrítica, da mesma forma que temos necessidade de ar e de luz para respirar e viver. Na organização do Partido existem também outros importantes princípios e normas, os quais é necessário conhecer e aplicar de forma revolucionária. Os Partidos marxistas-leninistas diferenciam-se dos partidos burgueses, social-democratas e revisionistas precisamente porque na sua vida e actividade aplicam as normas marxistas-leninistas. Os revisionistas modernos, especialmente aqueles que estão no poder, especulam com a fraseologia marxista-leninista, sobre os princípios e as normas de organização dos seus partidos, mas de facto os princípios e as normas destes partidos conservam somente a aparência exterior marxista-leninista; no seu conteúdo elas são burguesas e revisionistas. Esses princípios e normas servem-lhes como alavanca para realizarem o seu domínio sobre a classe operária e as massas trabalhadoras. Por exemplo, os revisionistas soviéticos, alemães e outros fazem um grande barulho sobre o fortalecimento da disciplina nos seus partidos, empregando também citações de Lenine mas de facto servem-lhes para o fortalecimento do poder da nova burguesia que usurpou o poder, serve à realização da sua linha antimarxista, antiproletária, burguesa e imperialista.

O Partido é a forma mais elevada de organização do proletariado

O proletariado tem também outras organizações para além do Partido. Já dissemos na primeira característica, que nem toda a classe pode ingressar no Partido. O Partido, quer dizer a forma mais elevada de organização e é por este motivo que reune no seu seio os elementos mais progressistas da classe, porque é a melhor escola de educação e de preparação dos quadros que dirigem as demais organizações da classe e por último é somente o Partido que é capaz de centralizar, de concentrar, de dirigir e de coordenar a actividade de todas as outras organizações do proletariado. Apoiando-se nesta característica, o PTA, imediatamente após a sua fundação, criou organizações de massas tais como a juventude comunista e a juventude antifascista da Albânia; actualmente existem a União da Juventude do Trabalho da Albânia, a organização da Frente, a organização das Mulheres Antifascistas e desde a libertação, as Uniões Profissionais (os Sindicatos). Esta organização política das massas foi acompanhada durante a luta, pelo PTA, pela organização militar de grupos de guerrilheiros urbanos, destacamentos, batalhões, brigadas, divisões e corpos de armas do exército guerrilheiro voluntário antifascista de libertação nacional. A organização política e militar das massas foi indispensável por parte do Partido para realizar em primeiro lugar a preparação política e ideológica das massas e para a realização da insurreição geral armada, para a expulsão do fascismo e a instauração do poder popular que tinha como conteúdo a ditadura do proletariado. Esta organização de massas, foi mantida e ampliada pelo PTA depois da libertação e estas organizações servem como importantes alavancas para a ligação do Partido com as massas, para a educação das massas, para a sua mobilização na revolução, para a realização das tarefas que emanam do programa do Partido e mediante estas organizações o PTA assegura a participação das massas no governo do país.

O Partido é a unidade de vontade

Esta característica expressa-se como o grande princípio da unidade do Partido. A unidade no Partido é unidade ideológica, é unidade política, é unidade organizativa, é unidade de pensamento e acção, é unidade de combate, unidade de revolucionários e na base desta unidade está a ideologia marxista-leninista, está a linha única do Partido, os princípios e as normas marxistas-leninistas da organização do Partido. Por isso, uma tal unidade, com tais bases, é a fonte da força do Partido, é uma barreira intransponível para os inimigos do Partido. A unidade no Partido é uma unidade relativa que exige continuamente incremento e contínuo fortalecimento, ela desenvolve-se na base da luta de classes no interior do Partido e fora dele, a nível nacional e internacional, contra os inimigos que se escondem nas fileiras do Partido, contra os elementos hostis fora do Partido, contra o imperialismo e o revisionismo e contra as con-

cepções e manifestações das ideologias burguesas e revisionistas que perduram nos próprios comunistas. Esta luta de classes que se desenvolve no seio do Partido não é luta entre duas linhas contrárias, mas a luta para defender e aplicar a única linha marxista-leninista do Partido. A luta de classes dentro do Partido para a defesa e o fortalecimento da sua unidade não é a luta entre duas linhas, de contrário estaríamos a aceitar dentro do Partido a burguesia; o marxismo-leninismo ensina-nos que o Partido da classe operária expressa e defende os interesses do proletariado e a todos aqueles que ingressem no Partido exige-se-lhes como condição a renúncia à ideologia da classe ou das camadas não proletárias de onde eles provenham. Quer dizer, neste sentido o Partido não é arena de classes, aonde os representantes das diversas classes expressam e defendam o interesse das classes donde provêm. Este é o Partido da classe operária e dos interesses das demais massas trabalhadoras que concordam com os interesses da classe operária, quer dizer, com os interesses da revolução, do socialismo e do comunismo.

O PTA desde a sua fundação realizou constantemente uma aguda luta contra todos os elementos inimigos e hostis, contra todos os pontos de vista antipartido e contra todos os pontos de vista e concepções burguesas e revisionistas que se manifestaram contra a ideologia marxista-leninista, contra a sua única linha marxista-leninista. O PTA não permitiu que os pontos de vista e os elementos antipartido se transformassem em corrente, em grupos ou fracções antipartido, acompanhando a luta ideológica com medidas organizativas. Por isso, todos os elementos que se opuseram à linha do Partido, não houve vacilações em expulsá-los das suas fileiras e conforme os casos empregou até a violência da ditadura do proletariado, as leis do Estado, assim como para com todos os inimigos provados. Esta luta que o PTA travou para a defesa e o fortalecimento da sua unidade foi, como assinalou o camarada Enver Hoxha no VII Congresso do PTA, um dos principais factores para que o PTA realize hoje de forma plena o papel hegemónico da classe operária e enfrente os ataques de todos os inimigos, foi um dos principais factores para o alcance dos grandiosos êxitos conseguidos na Albânia.

O Partido como instrumento da ditadura do proletariado

Como se sabe o problema principal de todas as revoluções é o problema do poder. Assim o problema principal da revolução socialista é a ditadura do proletariado. O proletariado só poderá resolver este problema sob a direcção do Partido marxista-leninista. Neste sentido o Partido é necessário à classe para estabelecer o seu domínio político, quer dizer, não se poderia falar de ditadura do proletariado sem o Partido marxista-leninista. Lénine disse que a ditadura do proletariado só é possível mediante o Partido Comunista marxista-leninista. Stáline disse que o Partido no sistema de ditadura do proletariado joga o papel dirigente e é o coração e o cérebro deste sistema. Estes ensinamentos dos clássicos têm uma grande importância actualmente

para repudiar todos os pontos de vista dos revisionistas modernos, dos kruchovistas, titistas, italianos, franceses e outros. Dizem eles que a ditadura do proletariado se poderá realizar com outros partidos, como é a forma soviética do Estado e o Partido de todo o povo; ou o compromisso histórico de Berlinguer para a instauração de um poder onde participam todos os partidos ou o ponto de vista de Marchais que diz que se poderá chegar ao socialismo conjuntamente com os burgueses, a polícia, os fascistas e outros. O PTA aplicou os ensinamentos marxistas-leninistas nas condições concretas, assegurando continuamente o seu papel dirigente no sistema da ditadura do proletariado, repudiou e criticou todos os pontos de vista que debilitavam e que queriam separar a direcção do Partido no sistema de ditadura do proletariado. Tais pontos de vista são também os pontos de vista tecnocratas que dizem que o Partido deve tratar da ideologia, mas o Estado deve tratar da economia, enquanto que está demonstrado que no sistema da ditadura do proletariado a direcção do Partido é a direcção suprema, inseparável, completa e multilateral. O Partido dirige toda a vida e a actividade do Estado, das organizações políticas e sociais, do exército, da economia, da cultura, da saúde, da educação etc.

O carácter internacionalista do Partido

O objectivo final de todos os comunistas, de todos os Partido marxistas-leninistas no mundo, é a vitória do comunismo em todo o mundo, por isso também na sua bandeira está escrita a palavra de ordem de Marx e Engels contida no Manifesto Comunista – "Proletários de todos os países, uní-vos!".

O PTA assim como todos os demais Partidos marxistas-leninistas reconhecem só um internacionalismo, que expressa os interesses do proletariado mundial, que é a vitória do comunismo em todo o mundo. Por isso no VII Congresso do PTA o camarada Enver Hoxha repudiou o ponto de vista revisionista de vários internacionalismos, porque um tal ponto de vista serve só a potências imperialistas, chauvinistas, como é o social-imperialismo soviético. Assim o PTA é pelo internacionalismo militante que como disse Lénine ajuda na causa comum do proletariado e à vitória da revolução. Partindo deste importante princípio que é uma característica destacada do Partido de novo tipo, o PTA, durante toda a sua vida lutou, trabalhou, apoiou e ajudou todos os movimentos da classe operária e das massas trabalhadoras em todos os países do mundo que lutam contra o imperialismo americano, contra o social-imperialismo soviético, contra os demais imperialismos, contra a burguesia e a reacção dos diversos países. O PTA ajudou e apoiou de forma particular os Partidos marxistas-leninistas irmãos na sua luta contra o imperialismo, contra o social-imperialismo, e a burguesia dos seus países, para preparar e desenvolver as revoluções nos seus países. Nesta ajuda e apoio, o

PTA aplicou e aplica as normas e os princípios marxistas-leninistas nas relações com todos os Partidos irmãos marxistas-leninistas, considerando-se igual a todos os demais Partidos e considera o apoio e a ajuda como uma obrigação internacionalista. Por estes motivos, tal como acentuou o camarada Enver Hoxha no VII Congresso do PTA: "o PTA é pelas relações, conversações e intercâmbio de opiniões por todas as formas quer bilaterais, quer multilaterais."

XVIII

A ligação do partido às massas

A ligação do Partido às massas

O marxismo-leninismo ensina-nos que o povo é o criador da história, que são as massas trabalhadoras quem realiza a revolução, e constroem o socialismo. São as massas que produzem os bens materiais, e é da classe operária e das restantes massas trabalhadoras que surge o próprio Partido. O papel das massas é decisivo na criação da história, na realização da revolução, na criação dos bens materiais. A valorização que se dá ou não ao papel das massas é também a linha de demarcação onde se diferenciam os marxistas-leninistas dos oportunistas, os materialistas dos idealistas; todos os que valorizam correctamente o papel das massas são aqueles que estão firmes nas posições materialistas, são marxistas-leninistas, enquanto todos os que substimam o papel decisivo das massas ou o negam são oportunistas e idealistas, pois põem em primeiro lugar o papel do indivíduo ou de pessoas particulares. O marxismo-leninismo reconhece o papel do indivíduo, mas põe sempre este em correcta relação com o papel das massas; o papel primário e fundamental pertence sempre às massas, o papel do indivíduo reflete-se somente nas ocasiões em que concorda e serve os interesses das massas. As massas são a força que realiza a revolução, que leva por diante de forma progressiva o desenvolvimento da sociedade. A outra força que desempenha papel decisivo no que se refere à direcção da luta progressiva, à revolução das massas é o Partido Marxista-Leninista. Sem esta força diri-

gente as próprias massas não poderiam realizar o seu papel decisivo na realização da revolução, na edificação do socialismo até chegar ao comunismo. Quer dizer, é o Partido que as torna conscientes, as organiza e as dirige na revolução e na edificação do socialismo.

Ambas as forças, Partido e massas, tomadas em separado e desligadas uma da outra não poderão realizar nenhuma tarefa progressista revolucionária. Assim como as massas não podem fazer nada sem o Partido, porque ficam como um aglomerado desorganizado, que como movimento permanece espontâneo dentro do sistema capitalista e é incapaz de compreender a verdadeira causa da opressão e exploração, é incapaz de encontrar os caminhos e os meios para derrubar o sistema burguês. Também o próprio Partido sem as massas não é capaz de fazer coisa alguma, porque, como dizia Lénine, o Partido é uma gota de água no centro do oceano e que a revolução socialista não é uma revolução de quadros, mas sim uma revolução das amplas massas, oprimidas e exploradas. Assim o próprio Partido sem as massas está destinado a burocratizar-se, a degenerar num partido burguês e revisionista. Daqui surge a indispensabilidade dos estreitos vínculos do Partido com as massas, como um princípio, como uma característica destacada do Partido de novo tipo marxista-leninista.

Mais concretamente, o que quer dizer o Partido ligar-se com as massas?

a) O Partido deve conhecer os interesses das massas, a sua actividade produtiva, social e política, a sua experiência, a sua situação objectiva e isto só se alcança fundindo-se intimamente a um tal nível os comunistas com as massas.

b) Elaborar as opiniões das massas, a experiência das massas e ir novamente às massas e mobilizá-las para pôr em prática as palavras de ordem do Partido, quer dizer a linha do Partido que surgiu das massas e que depois de ter sido elaborada vai novamente às massas. Na Albânia diz-se "das massas para as massas".

c) O Partido não deve permanecer na retaguarda das massas, mas dirigi-las, elevá-las gradualmente ao seu nível, convencê-las com paciência da sua linha, porque o próprio nível das massas é heterógeneo pois há camadas mais avançadas, intermédias e atrasadas; por isso deve trabalhar com paciência de forma a convencê-las da sua linha.

d) O Partido deve conservar relações de princípio correctas com a classe e as massas. Estas relações entre o Partido, a classe e as massas devem ser relações de confiança mútua, como considerava Lénine. Estas relações entre o Partido, a classe e as massas exigem que o Partido elabore uma correcta linha, que expresse os interesses das massas. Quando o Partido faz um trabalho intensivo para convencer as massas da justeza da sua linha, quando não emprega nas relações com a classe e as massas o método autoritário, mas sim métodos de persuasão, e por último quando o Partido não assume direitos "ilimitados" e arbitrários o que significaria que o Partido actuava em oposição com a linha, em oposição com as normas e os princípios do Partido, em oposição com os interesses da classe e das massas e, nas condições de ditadura do proletariado, em oposição com as leis do Estado que expressam os interesses da classe e das massas.

e) O Partido deve aplicar em toda a sua actividade dirigente a linha de massas, o que quer dizer: atrair a opinião das massas para todos os problemas de linha do Partido (no terreno político, ideológico, económico, cultural e em todos os outros terrenos da construção socialista). A linha de massas significa ainda informar as massas sobre a actividade do Partido, dos organismos e organizações de base do Partido, dos comunistas e dos seus quadros, de forma a que as massas julguem sobre a justeza da actividade dirigente do Partido e que não sejam apanhadas nunca de surpresa. O problema é que as massas estejam preparadas e as massas preparam-se quando elas estão informadas sobre a linha do Partido, sobre a actividade dos quadros comunistas e não os deixando cair em erros; por último a linha de massas consiste em que o Partido não só deve informar as massas, mas deve dar contas e ser controlado pelas massas. Isto está relacionado também com a defesa do Partido da degeneração do burocratismo e do liberalismo e ao mesmo tempo impulsiona o papel das massas na elaboração e na aplicação da linha do Partido. Esta é a compreensão marxista-leninista da ligação do Partido com as massas.

O PTA lutou para pôr em prática estas características do Partido de novo tipo; por isso o Partido empregou várias formas para se ligar às massas. As mais importantes formas são: a ligação com as massas mediante as organizações de massas, por meio das cartas que o povo enviava ao Partido e ao Estado, através da imprensa do Partido, tanto a central como a local, mediante os comunicados, os panfletos e por último entre os vínculos individuais que tinham os membros do Partido com as amplas massas trabalhadoras; desta forma o PTA acumulou uma experiência de muito valor para a aplicação da linha de massas. Não há problema importante, de importância política, ideológica, económica, militar, etc, em que o Partido não oiça a opinião das massas, não dê informação às massas e por último dá contas às massas e é controlado por elas. (O controlo operário e camponês são exemplos disso).

A ligação do Partido com as massas através da organização das massas

Esta é a forma mais elevada das ligações do Partido com as massas pelo motivo de que as massas aqui estão organizadas; deste modo a linha do Partido é-lhes levada mais facilmente e recolhe-se as suas opiniões de forma organizada. Aqui faz-se a

educação das massas, a sua mobilização e participação no governo do país nas condições de ditadura do proletariado. É condição indispensável para que as organizações de massas desempenhem o seu papel como alavancas, ou seja como correias de transmissão de ligação do Partido com as massas, que assegurem e fortaleçam o papel dirigente do Partido nas organizações de massas. As organizações de massas criam-se e actuam com base nos seguintes princípios:

a) assegurando o papel dirigente do Partido;
b) pela democracia;
c) pela persuasão.

Sem dúvida a experiência do PTA sobre as organizações de massas tem as suas próprias particularidades, apesar disso os princípios gerais podem servir também aos outros partidos. A particularidade está em que na Albânia, antes da formação do Partido, não houve organizações ou partidos políticos à escala nacional, havia algumas organizações locais como associações de trabalhadores, associações de artesãos, associações de aprendizes, mas as organizações políticas a nível nacional criaram-se só depois da formação do Partido; as organizações políticas criadas eram organizações revolucionárias dirigidas pelo Partido Comunista da Albânia. As organizações que se criaram depois da formação do Partido foram:

A União da Juventude Comunista da Albânia que se criou a 23 de Novembro de 1941 ou seja duas semanas depois da criação do PCA. Nesta organização participavam os jovens mais revolucionários que tinham dado provas na luta contra o fascismo e que estavam dispostos a fazer todos os sacrifícios pela luta do povo albanês, pela libertação da Albânia. Esta organização foi uma organização clandestina assim como foi o próprio Partido Comunista da Albânia. Era uma organização rigorosa na admissão dos seus membros mas era combativa, revolucionária, auxiliar do Partido. Os secretários do Comité Central e dos Comités provinciais da organização da juventude eram ao mesmo tempo membros da direcção do Partido e esta organização era dirigida directamente pelo Partido. Com a extensão da luta antifascista de libertação nacional, a participação da juventude foi ainda maior, desta forma surgiu a necessidade da criação de uma organização mais ampla da juventude antifascista e em fins de Março de 1943 formou-se a União da Juventude Antifascista da Albânia que era dirigida pelo Partido mediante a Juventude Comunista. Por exemplo, o Secretário da Juventude Comunista era ao mesmo tempo Secretário da União da Juventude Antifascista da Albânia. Ambas as organizações desempenharam um papel muito importante durante a luta para a mobilização da juventude para a luta, e de 70 000 guerrilheiros, 50 000 foram jovens participantes da União da Juventude Comunista e da União da Juventude Antifascista da Albânia. Além dessas duas organizações da juventude, durante a luta, o Partido criou para os mais novos sob a direcção da organização da Juventude a organização dos Pioneiros com o nome de "Rapazes unidos pelas ideias comunistas", "DEBATIK"; também esta organização desempenhou um importante papel durante a luta na divulgação dos panfletos, dos comunicados, nas comunicações, na informação, até na sabotagem com meios simples. A organização da juventude e dos pioneiros conservaram-se também depois da libertação, unificando as duas organizações da juventude numa única, no ano de 1949, na organização da UNIÃO DA JUVENTUDE DO TRABALHO DA ALBÂNIA (BRPSh). Durante este período a União da Juventude desempenhou um importante papel na educação revolucionária da jovem geração, na organização e mobilização da Juventude na edificação do socialismo, na defesa da pátria e na luta contra o cerco, bloqueio e pressão imperialista e revisionista, para fazer uma vida simples e revolucionária e para não permitir a burocratização e a degeneração da ditadura do proletariado. Na Albânia a juventude é uma grande força de choque que o Partido emprega para a realização do seu programa revolucionário. O camarada Enver Hoxha diz "NÃO HÁ OBRA NA ALBÂNIA NA QUAL NÃO SE TENHA DERRAMADO O SANGUE E O SUOR DA JUVENTUDE". A luta para a educação e a têmpera da juventude é um dos sectores mais importantes do trabalho do Partido, porque à juventude pertence o futuro; para levar a revolução até ao fim é necessário entregar a torcha limpa nas mãos da futura geração. O problema da juventude é muito importante para a Albânia onde o Partido está no poder, mas também para os demais partidos que lutam para a preparação e a realização da revolução. A luta ideológica que se desenvolve hoje entre a ideologia marxista-leninista e a ideologia burguesa revisionista atinge o ponto mais agudo quando se coloca o problema da juventude. A burguesia emprega as mais variadas formas para corromper, degenerar e separar a juventude da revolução.

Uma outra organização que o Partido criou depois da sua fundação foi a Frente Antifascista de Libertação Nacional. A directiva para a criação da Frente foi dada em Fevereiro do ano de 1942 e ela foi criada por iniciativa do Partido Comunista da Albânia, em 16 de Setembro de 1942 na aldeia de Peza. Foram criados no início os Conselhos Antifascistas de Libertação Nacional, nas aldeias, nos bairros das cidades, a nível de comarca, de região, até 16 de Setembro. A política do Partido para a criação desta organização foi: ingressavam nesta organização todos aqueles que estavam de acordo com a luta contra o fascismo sem distinção de convicção política, região, ideias e religião; neste sentido esta era uma ampla organização do povo e das demais forças progressistas da burguesia que estavam de acordo com a luta contra o fascismo. Apesar disso a organização de Frente criou-se na Albânia como União do Povo, tendo por base a aliança operário-camponesa. Isto aconteceu porque, com o desenvolvimento da luta da Revolução Popular na Albânia, fez-se também a demarcação de classes, não participaram na Frente todos os elementos das classes exploradoras que se opuseram à Frente, os quais organizaram o Balli Kombetar e Legalitteti que estavam ao serviço do ocupante fascista. A particularidade da Frente Antifascista de Libertação Na-

cional da Albânia foi realizar durante a luta duas funções simultâneas: a função política, quer dizer, a união do povo em torno do PCA e, também, nas zonas libertadas pelas forças guerrilheiras, os conselhos antifascistas de libertação nacional substituíram o antigo poder pelo novo poder popular, com as funções de novo poder do povo. Os conselhos nos territórios libertados não eram outra coisa senão o poder do povo, em lugar da polícia empregavam o povo armado, administravam a zona, realizavam reformas a favor do povo e reconstruíam casas, estradas, pontes destruídas pela guerra. Ambas as funções, realizadas pelos conselhos, permaneceram até Outubro de 1944, altura em que foi criado o governo democrático provisório. Desde então a Frente realizava funções de organização política e de união política do povo sob a direcção do Partido. Também depois da libertação a Frente permaneceu como organização de massas, mudando o nome para "Frente Democrática da Albânia". Depois da libertação a Frente realizou e realiza importantes tarefas políticas, económicas, culturais e sociais, etc., especialmente desempenhou e desempenha um importante papel no terreno político, na união política do povo, no fortalecimento da ditadura do proletariado. As campanhas eleitorais para o poder popular são organizadas pela própria Frente Democrática da Albânia sob a direcção do Partido; todos os candidatos para os órgãos do poder, desde os mais inferiores, até à Assembleia Popular são candidatos da Frente Democrática da Albânia; também nos demais terrenos sociais e culturais desempenhou e desempenha um importante papel, especialmente na luta contra as crenças obscurantistas religiosas, os costumes atrasados e por uma vida com mais cultura.

Uma outra organização criada pelo Partido durante a luta de libertação foi a União das Mulheres Antifascistas da Albânia que se criou nos fins de Março do ano de 1943. Na criação desta organização o Partido baseou-se nestes considerandos: metade da população é composta por mulheres e por isso era necessário a sua participação na luta de libertação nacional e social; partindo das condições concretas da Albânia em que a mulher estava muito atrasada sob todos os pontos de vista, especialmente subjugada pelos costumes obscurantistas otomanos (a Albânia esteve 500 anos debaixo da sua dominação; a mulher estava proibida de sair dos quatro muros da casa, e quando saía devia estar tapada com um véu na cara). Precisamente nestas condições, o PTA teve que fazer um grande trabalho para ganhar a mulher para a luta. A mulher era impedida não somente pela propaganda burguesa e fascista mas também por estes costumes obscurantistas e atrasados. Apesar disso o PTA superou também estas dificuldades e as mulheres da Albânia organizadas na União das Mulheres Antifascistas da Albânia converteram-se numa grande força da luta de libertação nacional. As mulheres transformaram as suas casas em bases para a luta de libertação nacional para os militantes clandestinos, as mulheres infundiram uma grande inspiração para que os seus filhos e filhas fossem à guerrilha e deram até uma grande contribuição material, enviando para os guerrilheiros vestuário, calçado, pão, alimentos,

etc. As mulheres participaram em numerosas manifestações e acções e junto com os seus maridos, filhos e filhas participaram directamente na luta; participaram mais de 6 000 mulheres nas fileiras do exército de libertação nacional, o que é um número avultado para aquele tempo e nas condições da Albânia. Esta organização manteve-se também depois da luta de libertação nacional, mudando o nome para União das Mulheres da Albânia. Esta organização realizou e realiza importantes tarefas na educação e mobilização das mulheres na luta pela edificação do socialismo e pela defesa da pátria. A organização das mulheres desempenhou e desempenha um grande papel na luta pela emancipação da mulher albanesa; neste sentido grandes vitórias se conseguiram na emancipação no terreno económico e político da mulher. Quase metade das forças que trabalham são mulheres. Há sectores, como a indústria ligeira, a educação, a saúde, nos quais as mulheres constituem a maioria dos trabalhadores. Também no terreno político obtiveram importantes êxitos, cerca de 30°/o dos efectivos do Partido são mulheres, cerca de 40°/o dos empregados do poder estatal são mulheres e até na Assembleia Popular há mulheres; há centenas e milhares de quadros no Partido, no poder, na economia que são mulheres. Também no terreno das relações familiares se fizeram importantes mudanças na emancipação da mulher; apesar disso, neste terreno, permanece a tarefa de fazer uma luta ainda maior contra os resíduos do passado que fazem diferenciações entre homens e mulheres, assim como também na criação de condições materiais para libertar a mulher dos numerosos trabalhos domésticos e na educação das crianças.

As Uniões Profissionais (sindicatos) são as organizações mais importantes. A ORGANIZAÇÃO DAS UNIÕES PROFISSIONAIS DA ALBÂNIA, foi criada no ano de 1945 no mês de Outubro. As causas da criação tão tardia é porque na Albânia não havia uma classe operária industrial. Ela existia mas num pequeno número e composta por um pequeno número de proletários. A Albânia tinha só dois centros industriais que eram Kuchova, actualmente a cidade de Stáline, centro petrolífero, e Selinizna que era uma mina de asfalto natural; a classe operária albanesa era composta por operários sasonais e por operários semi-proletários. Depois da libertação, com as nacionalizações que se fizeram, aumentou o número da classe operária na Albânia. As Uniões Profissionais desempenharam e desempenham um importante papel como escolas do comunismo, da educação ideológica da classe operária, para compreender e aplicar na prática o seu papel hegemónico na ditadura do proletariado; além disso as Uniões Profissionais desempenham um importante papel na educação de ensinamentos técnicos profissionais e culturais da classe operária, no desenvolvimento da revolução técnico-científica, para o progresso técnico, para o incremento da produção, do rendimento, etc.

Em relação ao fortalecimento do trabalho nas Uniões Profissionais, o Partido deve centrar-se em duas questões principais:

1. Para que as Uniões Profissionais lutem contra as manifestações de economicismo, lutem contra a sua transformação em apêndice do aparelho

estatal económico e realizem a função principal como escolas do comunismo.
2. O trabalho político e ideológico que desenvolvem com a classe operária, devem-no relacionar estreitamente com os problemas da edificação socialista, com todos os problemas que preocupam a própria classe operária.

As Uniões Profissionais têm um papel importante no impulso e no apoio que devem dar ao controlo directo da classe operária sob a direcção do Partido, em todas as partes e sobre todas as coisas, sem vacilações e de forma decisiva; tudo isto deve servir ao fortalecimento e à revolucionarização da ditadura do proletariado.

Quais os pontos de vista dos revisionistas sobre as organizações de massas, e ao mesmo tempo, como se desmascaram?

1. Um deles é a independência destas organizações face ao Partido marxista-leninista da classe operária. Este ponto de vista é anti-marxista porque afasta estas organizações do Partido Comunista marxista-leninista, da política e da ideologia proletária e põe-nas sob a influência e dependência dos partidos burgueses, da sua ideologia e política. Hoje na sociedade fora da política e da ideologia não podem estar nem as organizações, nem os indivíduos particulares. Lénine acentuava que: ou ideologia proletária ou ideologia burguesa, caminho intermédio não há.
2. As organizações de massas e especialmente as Uniões Profissionais nos países onde no poder estão os revisionistas foram levadas pelo caminho da degeneração e do economicismo. Assim, por exemplo, as Uniões Profissionais na União Soviética e nos outros países revisionistas transformaram-se em apêndices do aparelho estatal económico. As organizações de mulheres transformaram-se em organizações de moda, de cosméticos e afastaram-se do caminho da construção do socialismo. Enquanto que o objectivo ou os ideais da Juventude Soviética são as exigências de "ter um carro, uma vivenda e uma mulher". Como se vê, estas organizações degeneraram em organizações burguesas e revisionistas.

Algumas conclusões sobre este tema:

1. O Partido Marxista-Leninista deve valorizar sempre o papel decisivo das massas e nesta base realizar uma correcta política para com as massas de modo a que a linha do Partido não fique como linha própria, mas que se converta em linha de massas.
2. O Partido Marxista-Leninista faria um erro político, ideológico e organizativo no caso de não valorizar o papel hegemónico da classe operária, em primeiro lugar, o papel da juventude e o papel da mulher na revolução, para a construção do socialismo até ao comunismo. Neste sentido é importante também encontrar as formas adequadas para a organização das amplas massas trabalhadoras.
3. Para os Partidos Marxistas-Leninistas nas condições de capitalismo, onde existem diversas organizações de operários, da juventude, das mulheres, do campesinato e das demais massas trabalhadoras e onde uma boa parte está sob a influência dos partidos socialistas, social-democratas, revisionistas, burgueses e outros é necessário infiltrar-se nestas organizações para ganhar a sua base, quer dizer, as massas dos operários, da juventude, das mulheres, para assegurar a direcção do Partido Marxista-Leninista nestas organizações e mudar a direcção delas para as transformar em autênticas organizações revolucionárias de amplas massas trabalhadoras.
4. Por último os Partidos Marxistas-Leninistas têm necessidade de, através destas organizações, combinar o trabalho clandestino com o trabalho legal, como condição para enfrentar qualquer golpe de surpresa da burguesia e do fascismo e para estarem sempre estreitamente vinculados com as massas.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia aconselhada para uma melhor compreensão e assimilação de cada um dos temas.

CAPÍTULO I

Karl Marx, *Teses sobre Feuerbach.*
F. Engels
- *Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã.*
- *Anti-Duhring,* Primeira Parte.

Lénine
- *Materialismo e empiriocriticismo,* sub-capítulo IV do II capítulo.
- *As 3 fontes e as 3 partes integrantes do marxismo.*

Stáline, *Materialismo dialéctico e materialismo histórico.*
Enver Hoxha
- *Relatório ao VII Congresso do PTA,* páginas 24-25, 37-41, 50-51, 61-62, 72-74, 124-129.
- *Discursos 1967-1968,* páginas 107-110.
- *Informe ao V Congresso do PTA,* capítulo III.

CAPÍTULO II

F. Engels, *Anti-Duhring,* I parte, capítulos IX, X e XI.
Lénine
- *Discurso no III Congresso do KONSOMOL.*
- *O que são os "amigos do povo",* primeiras 10 páginas.

Karl Marx, Prefácio à "Contribuição à crítica da economia política, de 1859.
Enver Hoxha
- *Informe ao VII Congresso do PTA,* páginas 15-31, 102-114, 129-138, 169-184, 191-204.
- *A nossa política é uma política de princípios.*

CAPÍTULO III

F. Engels, *Anti-Duhring,* capítulo XIII, I parte.
Stáline, *Materialismo dialéctico e materialismo histórico,* I parte, alínea d).
Lénine, *O que são os "amigos do povo",* primeiras 10 páginas.

CAPÍTULO IV

Karl Marx
- *Manifesto do Partido Comunista,* capítulo I.
- *Carta a Weydemeyer.*

F. Engels
- *Anti-Duhring,* II parte, capítulos II e III.
- *A origem da família, da propriedade privada e do Estado,* capítulo IX.

Lénine
- *Uma grande iniciativa.*
- *Sobre a compreensão liberal e marxista da luta de classes.*
- *Karl Marx.*

Stáline, *Balanço do primeiro plano quinquenal,* capítulo VII.

Enver Hoxha
- *Relatório ao VII Congresso do PTA,* páginas 7-9, 11-13, 24-26, 67-76, 84-87, 97-114, 122-124, 139-148, 200-201.
- *A nossa política é uma política de princípios.*
- *25 anos de luta vitoriosa no caminho do socialismo.*

CAPÍTULO V

Karl Marx
- *Manifesto do Partido Comunista.*
- *18 do Brumário de Luís Bonaparte.*

F. Engels, *Anti-Duhring,* II parte, capítulos II, III, IV.

Lénine
- *O Estado e a Revolução.*
- *O marxismo e a insurreição.*
- *Marxismo e reformismo.*

Enver Hoxha
- *O controlo da classe operária.*
- *A nossa política é uma política de princípios.*
- *Relatório ao VII Congresso do PTA,* páginas 111-117, 139-140, 143-145, 200-201.

CAPÍTULO VI

Karl Marx
- *Manifesto do Partido Comunista,* capítulos I e II.
- *Crítica ao Programa de Gotha.*
- *Carta a Weydemeyer.*

Lénine
- *A revolução proletária e o renegado Kautsky.*
- *O Estado e a Revolução.*

Stáline
- *Princípios do leninismo,* capítulo IV.
- *Questões do leninismo,* capítulos IV e V.

Enver Hoxha, *Relatório ao VII Congresso do PTA,* páginas 17-25, 185-217, 143-146.

CAPÍTULO VII

Karl Marx, *Manifesto do Partido Comunista,* capítulo III, ponto 4.

Lénine
- *Duas tácticas da social-democracia russa.*
- *Doença infantil do comunismo.*
- *Karl Marx,* última parte.

Stáline
- *Princípios do leninismo,* capítulo VII.
- *A Revolução de Outubro e a táctica dos comunistas russos.*

Enver Hoxha, *Informe ao II Congresso do PTA,* capítulo V.

CAPÍTULO VIII

Karl Marx
- *O Capital,* II, III, IV e VI secções.
- *Salário, preço e lucro.*

F. Engels, *Anti-Duhring,* II parte, capítulos VII e VIII.

Manual de Economia Política, capítulo VII, edição de 1955.

CAPÍTULO IX

Lénine, *O imperialismo, estádio supremo do capitalismo.*

Manual de Economia Política, capítulo XVIII.

CAPÍTULO X

Lénine, *O imperialismo, estádio supremo do capitalismo.*

Manual de Economia Política, capítulo XX.

CAPÍTULO XI

Enver Hoxha, *Relatório ao VII Congresso do PTA*, capítulo V.

CAPÍTULO XII

Karl Marx
- *Manifesto do Partido Comunista*, capítulo III.
- *Crítica ao Programa de Gotha.*
- *Miséria da Filosofia.*

F. Engels
- *Socialismo utópico e socialismo científico.*
- *Crítica ao Programa de Erfurt.*
- *Anti-Duhring.*

Lénine
- *A revolução proletária e o renegado Kautsky.*
- *Marxismo e revisionismo.*
- *Doença infantil do comunismo.*

Stáline
- *A revolução de Outubro e a táctica dos comunistas russos.*
- *Questões do leninismo.*
- *O desvio de direita no PC(b) da URSS.*
- *Questões de política agrária na URSS.*

História do PC(b) da URSS, capítulos X e XI.

CAPÍTULO XIII

Enver Hoxha
- *A classe operária dos países revisionistas deve baixar ao campo de batalha e reinstaurar a ditadura do proletariado.*
- *Relatório ao VII Congresso do PTA* páginas 70-75, 97-111, 124-126.

CAPÍTULO XIV

Enver Hoxha
- *Informe ao I Congresso do PTA, capítulo III.*
- *Relatório ao VII Congresso do PTA*, páginas 15-29, 151-154, 194-196.

Mehmet Shehu, *Informe ao VI Congresso do PTA*, páginas 126-190.

CAPÍTULO XV

Enver Hoxha
- *Tomo XIX*, páginas 231-300, 303-357.
- *Relatório ao VII Congresso do PTA*, páginas 139-218.

CAPÍTULOS XVI, XVII E XVIII

Lénine
- *Que fazer?*
- *Um passo em frente, dois passos atrás.*
- *O esquerdismo, doença infantil do comunismo.*
- *As tarefas da União da Juventude.*

Karl Marx e F. Engels, *Manifesto do Partido Comunista.*

Stáline
- *Princípios do leninismo*, capítulo VIII.
- *Questões do leninismo*, capítulo V.

Enver Hoxha
- *Relatório ao VII Congresso do PTA*, páginas 75-85, 98-110.
- *O controlo da classe operária.*
- *Discurso no caminho de ferro da juventude.*
- *Os revisionistas no caminho da degeneração social-democrata.*

“Sem teoria revolucionária, não pode haver movimento revolucionário.”

Lénine

“Sobretudo os dirigentes deverão instruir-se cada vez mais em todas as questões teóricas, desembaraçar-se cada vez mais da influência da fraseologia tradicional, própria da velha concepção do mundo, e ter sempre presente que o socialismo, desde que se tornou uma ciência, exige ser tratado como tal, quer dizer, estudado.”

Engels